BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

A LEITURA

MAGAZINE LITTERARIO

5-1-0

R.96

NEMROD & COMPANHIA

VIII

(Continuação)

O pae e a filha ficaram em frente um do outro, desviando os olhares. Ella, assustada com o que se atrevera a dizer. Elle, embaraçado pelo que tivera o desgosto de ouvir. Instintivamente, continuaram o seu caminho, a passos miudos, como se esperassem que o movimento lhes diminuise o mal estar. Mas não podiam fugir á situação: esta dominava-os e era excessivamente perigosa para não os arrastar até ás suas extremas consequencias.

Nuno tomou novamente a palavra, com ar sombrio :

— Minha filha, o que acabas de dizer magoou-me muito, realmente... Desconheces os meus sentimentos para contigo... Julgaste-me capaz de te sacrificar a exigencias inconfessaveis...

— Desde que conhece M.^{me} del Peral, meu pae, exclamou Esther, já não é o mesmo para mim. Ella mudou-lhe o coração, apoderou-se-lhe do espirito, e destruiu toda a confiança entre nós. Censura-me por eu julgar que cede á vontade d'ella offerecendo-me M. de Brucken para marido? Como não hei de pensar isso? É evidente, salta aos olhos, e a ingerencia d'essa mulher n'este projecto de casamento é sufficiente para tornal-o accetavel.

— E porque?

— Porque? Ainda m'ò pergunta? Chegou a esse ponto a sua cegueira? E M.^{me} del Peral exerce tanto imperio em meu pae que tudo o que vem d'ella lhe parece bello, excellente e moral?

Esperou um instante, com a esperança de que uma palavra de Nuno, pondo fim á discussão, lhe poupasse a dôr de exprimir o seu pensamento, que julgava offensivo. Elle, porém, calou-se, de cabeça baixa, n'uma obstinação de quem tomou já o seu partido. Então, exasperada, erguendo a cabeça, com voz firme:

— Suppoz, então, disse ella, que eu me deixaria casar, á vista de toda a gente, pela amante de meu pae?

Nuno, d'essa vez, cobrou animo. Tocavam-lhe no que elle tinha de mais sensível, e, com a garganta opprimida pela commoção, a voz ainda mais aspera do que de costume, respondeu:

— Minha filha, eu tenciono casar com M.^{me} del Peral. Depois do que acabas de dizer, é um dever declarar-t'ò

— Porque não m'ò disse mais cedo? Ter-me-hia obrigado, não digo a não a odiar, mas, pelo menos, a respeit-a.

— Filha ingrata, exclamou Nuno, fôra de si, ahí está a recompensa do carinho de que sempre te tenho dado provas! És implacavel para as minhas fraquezas, feres-me no coração, sabes que o fazes, e nada te detem. Aquella mulher encantadora, trátal-a com amisade emquanto ella me é indifferente, detéstal-a logo que a amo. O que fez ella para merecer os teus ultrajes? Porque, ha seis mezes que és atroz para M.^{me} del Peral. Á sua amabilidade respondes com um procedimento injurioso; em troca da sua affeição, porque ella é tua amiga, manifestas-lhe uma hostilidade continua. Julgas dar uma grande prova de austeridade, não a dás senão de má educação. O que significa semelhante rigorismo? Onde viste pratical-o? Quando a sociedade fecha os olhos, discretamente, tu não podias imital-a? Não devias

ter visto. Procedeste mal, comprehendendo cousas que tudo te prohibia de comprehender. E acabas o que começaste, faltando ao respeito a teu pae. A tua conducta é indigna, offendeste-me e ha de custar-me bastante a perdoar-te.

— Entre M.^{me} del Peral e eu, não me admira que não hesitasse, replicou Esther com amargura. Já o esperava.

— Já o esperavas? interrompeu Nuno. O que queres dizer com isso? Ordeno-te que te expliques. A tua attitude é muito singular, ha uns tempos para cá... Ahi deve haver intriga, por força... Andas apaixonada por algum bonifrate. Mas previno-te de que não te casas sem o meu consentimento... E se tentasses impor-me algum fidalgoote arruinado, algum caçador de dotes, eu poria termo a isso!

— Meu pae!

— Sim, defender-te-hia de ti mesma. Tu vês o que se passa no coração dos outros, mas eu tambem leio no teu. E, um christão, nunca, percebes?

Esther ergueu os olhos para seu pae. As feições de Nuno estavam dilatadas pela colera, os beiços crispavam-se-lhe, ameaçadores, os olhos brilhavam-lhe sob as espessas sobrancelhas. O odio secular da sua raça perseguida transparecia-lhe no rosto, com a idéa de vêr sua filha pertencer a um descendente dos perseguidores. Ella estendeu a mão e, em tom glacial:

— Descance, meu pae, nunca me casarei.

Ao mesmo tempo, o constrangimento que supportava havia uma hora, aniquilou-a, e, soltando um gemido surdo, desatou a soluçar. Á vista das lagrimas d'aquella a quem amava tanto, apesar das suas recriminações e das suas ameaças, Nuno sentiu-se transtornado. Tomou sua filha nos braços e, falando-lhe com meiguice:

— Então! o que é isso? Tu não me dizes tudo. Sabes como sou teu amigo. Ha uma hora que trocamos phrases horriveis e nos martyrisamos como doidos. Minha querida Esther, tem confiança em teu pae. O que é preciso fazer

para socegares? Exiges que M.^{me} del Peral se vá embora? Pois sim, ir-se-ha, regressará a Paris. Não posso fazer-te maior sacrificio. Comtudo, não hesitarei. É uma tal dôr para mim vêr-te triste, com o olhar cheio de censuras! Mas não me impedirás de casar com ella, não é verdade? Não queres causar-me um desgosto tão grande? Porque, na minha idade, não encontrava outra affeição tão certa, tão profunda!... Não digas o contrario!... Oh! bem sei o que pensas!... Pensas que ella me não ama... que é interesse... Juro-te que não é assim! Nunca me acceitou nada, e imaginas bem que, se ella quizesse, seria extremamente rica... É uma perfeição, e gosta de ti. O seu unico pesar é a maneira como tu a trataes. Oh! que feliz que eu podia ser, se tu quizesesses! Vêl-as a ambas em boa harmonia, ao meu lado, que sonho! Por que meio será possível realisalo? Dize, não receies pedir-me seja o que fôr. Estou prompto a conceder-te o que desejaes... Oh! minha Esthersinha, minha querida filha, a felicidade de teu pae depende só de ti... Uma palavra, dize uma unica palavra de bondade e de indulgencia e nada mais tenho a desejar...

— Meu pae, case com M.^{me} del Peral, visto que confia n'ella. Hei de respeitar sempre a sua vontade...

— Oh! Esther, é bem frio, isso que dizes!... Mas, emfim, agradeço-te; sim, agradeço-te de todo o coração.

Ella chorava ouvindo-o, e sentia que n'esse momento tudo mudava na sua existencia, que começava uma nova situação, cheia de inquietações e de imprevisto, em que teria de lutar e soffrer, tanto na victoria como na derrota. Descobria M.^{me} del Peral mais astuciosa do que ella pensara e mais terrivel, exercendo em seu pae uma influencia quasi impossivel de contrabalançar. Essa mulher ia tomar em casa, primeiro, o lugar de sua mãe, depois, o seu. A candidatura de Brucken tinha sido inventada para se desembaraçarem d'ella. Dando a filha de Nuno a um dos seus protegidos, Manuela dispunha de um poder absoluto. E era por essa razão que ella apresentara Huberto,

fazendo-o conquistar as boas graças de Selim. Devia representar o papel de um aliado indispensavel, disposto, com antecedencia, a acceitar tudo, emquanto que outro genro podia fazer opposição e preparar a ruina da combinação matrimonial. Esther via claramente os fios da rede habilmente tecida por Manuela, e achava-se no centro d'essa rede, presa nas malhas, reduzida á impotencia, a não ser que um golpe violento rasgasse a rede e a livrasse. Mas, como havia de ferir? E onde? Em toda a parte encontrava seu pae, e era no coração d'este que os golpes acertavam.

Elle deixava-a reflectir, caminhando vagarosamente ao seu lado, observando-a de revez e verificando que a sua commoção ia serenando, que as lagrimas deixavam de correr. Chegavam ao sitio do jardim de onde tinham partido, ao começar esta conversa. Selim parou defronte da balaustrada do terraço, ao pé da escada, de cada lado da qual se erguiam repuchos dentro de bacias de marmore e, apertando-lhe affectuosamente a mão:

— Já passou, esse grande desgosto? Vaes agora ser razoavel?

— Pois eu não o sou, meu pae?

— És, sim. És uma boa filhinha. Não queres affligir-me e agradeço-t'o infinitamente... Hei de pagar-te isto, tem a certeza, e ha outra pessoa que tambem te fica reconhecida... Ella estima-te muito! já t'o disse e não podes evitar que t'o prove...

Soffreu os teus maus modos e soffrel-os-ha ainda... Has de acabar por julgal-a melhor... E, como és boa e intelligente, tratal-a-has como ella merece ser tratada.

Esther ouvia, impassivel. Não disse nada. Desejava sinceramente acreditar o que Nuno lhe dizia. Dava muito para ter confiança na honestidade e na rectidão de Manuela. Mas, no intimo da sua alma erguia-se um protesto que a obrigava a temer a condessa e a julgal-a ainda mais perigosa do que lhe parecera até esse dia. Nuno, perante o silencio absorto de Esther, pensou que ella hesitava, que ia ceder,

e que acabaria por convencer-a com um pequeno retorno offensivo.

— Então! E o pobre Brucken?... disse elle.

Esther estremeceu tão vivamente, que elle comprehendeu logo que se enganara, e, para evitar nova recusa definitiva, apressou-se a dizer:

— Não! não respondas. Reflecte .. Addia a tua decisão... Examina Huberto... E, dentro em oito dias, ou mesmo quinze, farei o que quizeres .. Mas, ao menos, dar-me-has uma prova de boa vontade... Está combinado?

Ella abraçou-o com ternura, porque o amava, apesar dos seus desvarios e das suas fraquezas. Dos olhos brotaram-lhe novas lagrimas, e, sentindo que ia outra vez rebentar em soluços, fez um gesto que Nuno pode tomar por consentimento, e, correndo, refugiou-se em casa.

IX

No seu jardim florido de rosas trepadeiras, o marquez de Pont-Croix, com uma tesoura na mão, passeava, um dia, cerca das onze horas da manhã, quando, ao longo do muro que costeava a estrada, os passos de um cavallo lhe fizeram erguer a cabeça. Defronte do portão da Commenda parara uma amazona, e, debaixo do chapelinho d'esta brilhavam os olhos pretos de M.^{me} del Peral. Estacou, admirado, quando ella, erguendo o seu *stick*, bateu com o cabo na campainha e gritou, com voz alegre:

— Abra, se faz favor!

— O que! é a condessa? disse Clemente.

— Sim, marquez, sou eu, disse ella rindo. Pelo menos, é o que parece.

Celestino correu apressado a abrir o portão.

A condessa entrou a cavallo, e parando defronte da escada de pedra:

— Quer ter a bondade de offerecer a sua mão ao meu pé? disse ella.

Antes que fizesse um movimento, o marquez agarrara-a pela cintura, depondo-a em cima da areia do jardim. Celestino levou o cavallo.

— Ainda tem um bom pulso! disse ella, endireitando a saia do vestido. Ah! ficou muito admirado por me vêr aqui: eu não lhe tinha promettido visital-o?...

— Não estou admirado, condessa, disse Clemente com serenidade, estou extasiado.

— Pois não parece. Enthusiasme-se um bocadinho, se quer que o acredite... E estou muito disposta a isso, affianço-lhe.

Percorriam assim o jardim, graeejando, ella batendo nas ervas com a ponta do *stick*, elle, pensando: — Que diabo vem ella cá fazer?

— Tem umas bonitas flôres, marquez. É o senhor que as cultiva?

— Não: limito-me a colhel-as, disse Clemente. Ao mesmo tempo offerecia-lhe um *chrysanthema* cór de rosa, enorme e desgrenhado.

— Que amabilidade! Isto vale um ramo inteiro!

Pôl-o no corpete e, olhando para o jardim que descia suavemente para o Marne, bem desenhado, elegante, mysterioso com as suas alamedas circulares, disse;

— É encantadora, a sua morada. Comprehendo que se dê aqui bem. A casa tambem é muito agradável, parece um *cottage* inglez... Por dentro, está bem de vêr, que é a mesma cousa?

— Vou mostrar-lh'a.

— Isso é que eu quero. Vim para vêr tudo.

Subiram a escada, e, quando iam a entrar no vestibulo, a cadella preta e branca, sahindo bruscamente da sala, precipitou-se, ladrando furiosamente. Clemente quiz fazel-a calar, mas o animal, com o pello eriçado, o olhar feroz, andava á roda de Manuela, rosnando.

— A sua cadella é má? perguntou a condessa estendendo a luva a Meta, não sem cautela.

— Não comprehendo a sua hostilidade: é quasi sempre muito amavel.

— É que eu não tive a fortuna de lhe agradar, disse Manuela com um sorriso contrafeito.

Clemente abriu uma porta e enxotou o animal. A condessa e elle entraram na sala, muito severa com o seu tecto de carvalho, os seus contadores á Henrique II, e as suas paredes forradas de tapeçarias antigas. Por uma larga porta, ornada com um reposteiro de seda apanhado á italiana, via-se o quarto de dormir, muito claro, com os seus moveis Luiz XVI com filetes de cobre, e os seus espelhos de moldura dourada. Um perfume delicado, em que o chypre se misturava a um ligeiro aroma de tabaco turco, fluctuava no ar, elegante e discreto. Os tapetes eram espessos e macios. N'esse interior garrido, e serio ao mesmo tempo, reinava completo silencio. M.^{me} del Peral olhou em torno com satisfação:

— Bem se vê que é a sua casa, e, esteja em que situação estiver, o senhor sabe dar ás cousas que o rodeiam a fôrma e o estylo que mais lhe conveem. Se me trouxessem aqui, com os olhos tapados, e depois, destapando-m'os, me perguntassem onde estava, respondia logo que estava em sua casa.

— Porque via o meu retrato na parede, disse Clemente, rindo.

— Não! seriamente. O senhor tem um gosto seu, e, quem o conhece, encontra-o em tudo o que lhe diz respeito... Rico ou arruinado, ha de ser sempre fidalgo... Isso é de nascença, não se pôde adquirir.

Atirou o *stick* para cima de uma mesa, aproximou-se de um velho espelho de Veneza, e tirou o chapéu; depois, sentando-se n'uma poltrona, olhou para tudo o que a rodeava, com ar maravilhado:

— Gosto de estar aqui... Remoça-me isto...

— Porque, precisa ser remoçada?

— Sabe que tenho vinte e seis annos?

— Sei, mas custa-me a acreditar.

— É verdade, pareço mais nova . . Mas, venha para aqui, para o pé de mim.

Puxou-o para um banquinho, junto das suas saias, e, recostando-se na poltrona e olhando para elle de alto, o que dava aos seus olhos um brilho cujo poder conhecia:

— Ha desoito mezes, pelo menos, que nos não vemos como agora, sós um com o outro, podendo falar livremente . . . Durante esse tempo teve . . . alguma vez, um minuto de saudade? . . .

— Um minuto, condessa? Horas e mezes! A mudança para mim era completa! . . . E, a não ser que possuisse uma alma estoica, o que se não dava commigo . . .

— Vamos, não se faça desentendido, Clemente, disse a encantadora mulher com um sorriso; sabe perfeitamente que não me refiro á sua ruina, mas á nossa separação . . . Eu nunca o esqueci.

— Comtudo, não foi por falta de consolações . . .

— É que eram insufficientes, de certo . . .

— Isso confunde-me!

— Tornou-se então muito modesto na sua thebaida?

— Não imagina como a solidão nos torna desconfiados.

O bonito pé de Manuela, calçado n'uma fina bota de polimento, agitou-se com impaciencia. O seu olhar, fixo no tecto, parecia contar os pingentes de um lustre de cristal de rocha, cujas facetas reflectiam a luz em jactos de fogo. Clemente, muito intrigado, pensava: O que quer ella? O que vem buscar aqui? Tem um fim qualquer, com certeza. Não é mulher que proceda sem motivo, e, se está sentada na minha sala, recordando o passado com um coquetismo singular, é por alguma razão, seja qual fôr. Vejamos começar a partida e joguemos com cuidado.

Um toque de sineta arrancou M.^{mo} del Peral á sua meditação; ergueu-se com vivacidade e disse:

— Provavelmente estão chamando para o almoço? Deve ser, é meio dia menos um quarto...

Dizendo isto, não parecia disposta a ir buscar o chapéu, e olhava para um quadro da parede, com ares de quem não tinha vontade de se ir embora.

— Chego muito tarde à Chevrolière, acrescentou.

— Pois então não vá, fique para almoçar comigo.

Era isto que ella desejava, de certo, porque o rosto illuminou-se-lhe, e, estendendo as mãos a Clemente:

— O que! quer que eu fique? Como é amavel! Elles agora já não me esperam... Visto que me convida, aceiteo.

— Vae passar mal...

— É provavel! O senhor antigamente não tinha um bom cosinheiro?

— Ainda o tenho.

— N'esse caso estou descançada.

Entraram na casa de jantar onde o almoço estava servido com esmero, sobre uma mesa quadrada: toalha de linho bordada, baixella de prata scintillante, flôres n'uma jardineira de crystal e fructas admiraveis em pratos antigos da China. M.^{me} del Peral tirou de cima do aparador um prato, um copo, um garfo e uma faca, e puxando por uma cadeira, sentou-se ao lado de Clemente.

Celestino, entrando com um prato coberto, ficou estupefacto vendo a amazona installada. Correu a buscar pão e um guardanapo, e tornando-se immediatamente impassivel, como creado bem ensinado, começou a servir.

M.^{me} del Peral não tinha pretensões a sustentar-se de orvalho e de ar puro; possuia um solido appetite e fazia honra ao almoço. Os seus bonitos dentes funccionavam admiravelmente e não se assustava com um copo de *sauterne*. Apesar da sua desconfiança, o marquez não podia deixar de sentir-se encantado com a presença d'aquella bonita mulher, de olhos brilhantes, labios finos, seio opulento, e radiante de bom humor. Pensava que nada subs-

titue na existencia esses pequenos seres, e que, ainda que se possua uma triple couraça de philosophia, a solidão, afinal, é uma triste cousa, á qual é difficil habituarmo-nos. Com as faces rosadas, o olhar animado, muito expansiva, Manuela falava, mas não falava ao acaso. A pouco e pouco o circulo da sua argumentação estreitava, e ella aproximava-se do fim que ali a conduzira:

— Esta propriedade, decididamente, é muito agradável e não tem comparação com a Chevrolière... Gostava mil vezes mais de morar aqui... N'aquelle grande palacio, está-se perdida. Em sua casa, sente-se a gente á vontade. Sim, comprehendo que a conservasse... É verdade que a visinhança da sua antiga propriedade deve ser-lhe penosa, muitas vezes... Ha encontros, contactos frequentes que lhe recordam o passado... Não se deve disparar um tiro de espingarda fóra dos seus limites, sem que o marquez estremeça, lembrando-se de que, outr'ora era quem mandava ali, onde hoje governa outro... No dia da abertura pensei muito no meu amigo e lastimei-o de todo o coração.

— Obrigado, disse Clemente: essa delicadeza de sentimentos não me admira, já lh'a conhecia.

— Além d'isso, esta situação não é falsa unicamente para o senhor; affianço-lhe que o novo proprietario tem deplorado muitas vezes os embaraços que a sua installação suscitou...

— Permitta-me que não o lamente, insinuou o marquez.

— Oh! não procuro enternecer-o, replicou Manuela alegremente. Recapitulo só as difficuldades que resultam d'esta especie de antagonismo creado pela visinhança... O senhor tambem as conhece, até melhor do que eu, e estou convencida de que soffre com ellas.

Calou se e espraizou o olhar pela paisagem que se avistava pela grande janella da sala. Um barco, sirgado por dois cavallos, subia o Marne, desenhando no ceu o esguio vulto do seu mastro. Do pequeno tubo da chaminé que en-

cimava a camara sahia um ligeiro rolo de fumo, e o homem do leme, curvado sobre a cana, mantinha-o contra a corrente. As chicotadas do carroceiro, excitando a parelha, resoavam como tiros de espingarda, e, no ceu, um bando de corvos pairava muito alto, sob os raios de sol.

Clemente, fitando M.^{me} del Peral, pensava:

— Que interesse tem ella em mostrar-me os inconvenientes da minha propriedade?... Depois de a ter exaltado, deprecia-a, como um alquilador quando vae offerecer. Será enviada por Nuno?

M.^{me} del Peral continuou, com ar scismador:

— Na Chevrolière aborreço-me; aqui, divertir-me-hia muito. Se alguma vez quizer desfazer-se da sua propriedade, avise-me: compro-lh'a eu.

Clemente sorriu. Detestava enigmas e gostava de penetrar o sentido exacto das cousas. Manuela conduzia-o, havia uma hora, por um caminho cujo fim elle não podia descobrir. Agora sabia onde ella queria leval-o: comprehendia, tudo se tornava claro. Divertiu-se com isso:

— Não precisa do meu casinholo, minha querida; é senhora do palacio e não tarda que seja dona...

As faces de Manuela ruborisaram-se, e, extendendo os beiços:

— Quem sabe?... disse ella. M.^{elle} Nuno, até aqui tão meiga e tão boa, está agora terrivel e oppõe-se a todos os projectos de seu pae... regeitou com desprezo a candidatura de Brucken...

— Sim? Prova que não é tola!

— E estou certa de que me faz uma opposição surda, mas feroz... Eu não tenho character para consentir que ella me maltrate. Terei, portanto, de não tornar a pôr os pés em casa do pae?... Já vê como o seu pavilhão me convinha, n'esse caso.

Elle fez um tregeito de amúo e, em tom natural:

— Ora vamos, condessa, o que pareceria eu se a installasse na Commenda para afrontar M.^{elle} Nuno?

— Parecia um bom amigo, que não esquece as afeições antigas, e sobre tudo...

— O que?... Ainda parecia outra cousa?

— É verdade, e, se o conheço bem, é isso que mais o interessa.

— Diga, diga! Está-me excitando a curiosidade de um modo extraordinario!

— Pois bem! daria uma prova evidente de que não ha connivencia secreta entre o senhor e M.^{elle} Nuno...

D'essa vez, Clemente ergueu-se, um tanto pallido e retorquiu :

— Querida condessa, obsequiava-me muito se me deixasse em paz com esse sr. Nuno, essa M.^{elle} Nuno e toda a familia Nuno. Não conheço essa gente nem quero conhecê-la. O acaso fez-me encontrar a menina em questão, e pareceu-me dotada de sentimentos louvaveis, mas não penso n'ella e ficar-lhe-hia muito reconhecido se ella quizesse deixar de pensar em mim... D'ahi a vender a minha casa para dar, não sei a quem, provas não sei de que, ha uma grande distancia, e como estou aqui bem, comprehende perfeitamente que me deixe estar.

— E se disserem que o senhor tem a culpa de essa teimosa recusar o noivo que o pae lhe destinava?

— Importo-me bem com isso! De mais, com que pretexto hão de dizel-o?

— Ora, meu caro! já dizem que ella está doida por si... E o pae desconfia que a pequena pensa em fazer-se catholica para casar com o senhor!

— Que diabo! gritou Clemente. Casar comigo? Pedirme-ha licença, ao menos, ou desposar-me-ha á força? O que fiz eu á posteridade de Abrahão, de Isaac e de Jacob?... Mas eu não quero essa rapariga! Acho-a feia, com o seu perfil de carneiro!...

— Não diga tolices! É encantadora!...

— Em todo o caso, é asquerosamente rica!

— Queixe-se, se lhe parece!

— Mas a senhora parece que também acredita na realidade d'essas historias estupidas?

— Meu caro Clemente, eu estou certa de que o senhor não pensa em M.^{elle} Esther, disse M.^{me} del Peral com subita gravidade. Mas também estou certa de que ella pensa no senhor. Já lh'o disse uma vez, gracejando, em casa dos Préfont; hoje repito-lh'o muito sériamente. O meu amigo, sem o saber, é auxiliar de M.^{elle} Nuno na resistencia que ella oppõe á vontade do pae; e como eu sei que esta situação não deve agradar-lhe, previno-o offerecendo-lhe um meio de pôr termo a essa intriga, na parte que lhe diz respeito. Compro-lhe a Commenda pelo preço que quizer...

— E o sr. Nuno é que paga.

— Quem dá o dinheiro e fica sendo proprietaria é M.^{me} del Peral. O marquez de Pont-Croix compra, na Solonia, com o dinheiro que receber, uma propriedade dez vezes maior, e vive ahi principescamente, com a satisfação de ter contribuido para socegar uma familia e ter prestado um serviço a uma amiga. Não é um bello programma?

— Magnifico! mas eu posso obter esse resultado sem tantas alterações. A minha presença aqui incommoda o meu visinho: partirei para a Escocia, onde tenho parentes que desejam vêr-me.

— Mas volta...

— Ah! exige que desapareça?

— Se Esther sabe que deve tornar a vê-lo, obstinar-se ha na sua recusa. Emfim, Brucken, desesperado, pôde querer tornal-o responsavel por isso.

— Ah! minha querida, agora acabou de resolver-me, disse Clemente rindo. O que! pois queria que fugisse de Brucken? Nem a condessa o acreditava! Vamos! Esta farça tem durado bastante! falemos sério. Os Nuno que se entendam uns com os outros! A condessa del Peral é bastante formosa para não ter nada a recear d'essas questões de familia. Emquanto a Brucken, conheço-lhe a prudencia: não insiste senão em caso de força maior... E então en-

carrego-me eu de dar-lhe explicações! Agora, como não sou um pantomimeiro, afianço-lhe que partirei no fim do mez, por um tempo indefinido... Olhe, lord Mellivan-Grey offerece-se para me levar a Ceylão, no seu yacht... Talvez dê uma volta á roda do mundo... Depois de embarcar, não se sabe ao certo... Ha as tempestades e os typhos, os tigres quando se desembarca, os piratas na costa da China, a febre amarella... eu sei lá? Bem vê que lhe dou esperanças!... E, no fim de um anno, se voltar, encontro aqui tudo na devida ordem: a imprudente Esther casada, e Manuela pertencendo á classe das madrastas, o que será ridiculo! um copo de vinho de Constancia, condessa, para beber a todas estas felicidades!

Estavam defronte um do outro, elle de pé, encostado á mesa, ella um pouco reclinada na cadeira, fitando-o não sem uma certa satisfação admirativa. Não fazia o que ella queria que fizesse, mas nem por isso o estimava menos. Estava farta de obediencias servis, de dedicações rasteiras. Não lhe desagradava encontrar um character que lhe oppunha alguma resistencia. Sentia-se estimulada. Levou aos labios o copo onde scintillava o vinho côr de topazio, e esvasiou-o lentamente, Depois ergueu-se, e, approximando-se de Clemente que estava ao pé da janella, poz-lhe a mão no hombro com familiaridade, e deixou-se ficar encostada a elle a contemplar o panorama das collinas, que se sobrepunham, na margem opposta do Marne, até aos limites do horisonte, perdendo-se n'uma leve bruma de um cinzento prateado.

Em torno d'elles reinava profundo silencio, e o tic-tac do grande relógio da parede, dir-se-hia o ecco das pulsações do coração de ambos. O panno do fato da amazona unia-se ao panno do jaquetão do marquez. Entre Manuela e Clemente estabelecia-se uma extranha communicação de fluido. Pareceu a um que a mão do outro lhe escaldava o hombro. A formosa portugueza tinha nas faces um ardor que nem o jantar nem a conversação tinham podido cau-

sar-lhe. A sua garganta, branca e roliça como a de uma rola amorosa, deixou escapar um suspiro, e, sem que Pónt-Croix o quizesse nem soubesse como isso acontecera, M.^{me} del Peral achou-se entre os seus braços, com os lábios quasi chegados aos d'elle. Não tinha mais que leva-la: ella entregava-se. N'esse momento critico, um relampago atravessou o espirito de Clemente. Pensou: É o ultimo acto da comedia que veiu representar. Quer obrigar-me a vender a Commenda. Sabe que, depois de me ter concedido tudo, não poderei recusar-lhe cousa alguma. E é d'ella a Commenda.

Recuperou o sangue frio e, sem largar M.^{me} del Peral, passando-lhe o braço em torno da cintura, em vez de abrir a porta da sala, abriu a janella da casa de jantar. Ahi, Manuela suspirou, ergueu as palpebras e, desprendendo-se languidamente do braço que a sustinha, encostou-se ao parapeito, dizendo com voz alterada:

— O que foi? Parece-me que perdi, por um instante, a noção do que me rodeava...

— Quasi nada, condessa, disse Clemente com serenidade. Uma ligeira vertigem que o ar dissipou immediatamente.

Ella endireitou-se, fazendo sobresahir o peito roliço moldado no corpete de panno preto, e, com os olhos meio cerrados, dirigiu-lhe um olhar cujo effeito habitual conhecia. Mas d'essa vez não se produziu o effeito. E, vendo que todas os sortilegios eram inuteis, a formosa tentadora disse:

— Vamos, são horas de partir: já me demorei bastante aqui.

— Está arrependida?

— Nunca me arrepenho, disse ella com um sorriso ironico, nem lamento cousa nenhuma, a não ser ter contado com um prazer e não poder obtel-o.

A allusão era tão directa, a censura tão clara e a situação tão nova para Clemente, que elle ficou interdicto. M.^{me} del Peral, passando por deante d'elle, entrou na sala, pegou no chapéu, e, quando ia pôl-o, um bonito olhar diri-

gido a Pont-Croix pareceu dizer-lhe: Não se arrepende? Ainda é tempo de retroceder. O marquez, porém, não se mostrara ajusado quando era tão difficil sê-lo, para não perseverar no seu intento. Offereceu o stick a Manuela, e, precedendo-o no vestibulo, deu ordem para trazerem o cavallo que estava na cavallariça. Desceram vagarosamente e em silencio, até ao jardim. O que podiam elles dizer? Tinham esgotado os assumptos ardentes, e não eram pessoas que se entretivessem com phrases banaes. Como Celestino trouxesse o cavallo de M.^{me} del Peral, Clemente ajudou-a a montar. Acompanhou-a até ao portão de ferro, e, extendendo-lhe a mão:

— Obrigado, minha formosa dama, pela sua amavel visita. Veio trazer aqui luz e alegria para muito tempo...

— Obrigada pelo seu bom acolhimento, meu caro amigo. Tinham-me affirmado que vivia aqui como um verdadeiro cartuxo. Agora já não duvido.

Sorriu mais uma vez; depois, tocando nos ilhaes do cavallo, partiu a trote largo. Clemente ficou um momento na estrada, seguindo-a com a vista: em seguida, abanando a cabeça:

— Tratou-me como a um collegial: rancor de mulher que vae como entrou.

Voltou para casa, calçou umas botas altas, pegou na espingarda, assobiou á cadella e, para mudar o rumo aos seus pensamentos, embrenhou-se no bosque.

M.^{me} del Peral, entretanto, esporeava repetidas vezes o cavallo. Não ia de bom humor, e a bocca do animal sentia-se d'isso. Pensava: Decididamente não é facil de dirigir, o senhor Clemente. Viu logo o meu jogo, e está desconfiado. Emfim, se elle partir, é o que se quer. Poderemos attribuir á sua ausencia os motivos mais vantajosos para nós. Ora, se elle é muito esperto, é tambem muito leal. Declarou que se ia embora, vae. Afinal, talvez fosse uma tolice não o ter casado com a filha de Nuno... Com certeza que não seria um genro mais recalcitrante que Bru-

cken... E que differença entre elle e esse idiota, que não pensa senão em amar-me, em vez de fazer a côrte a Esther!... Sim, mas Clemente não era capaz de casar com uma judia. Era sincero quando o affirmava. E a respeito de conversão, Nuno oppôr-se-hia a isso com todas as suas forças. Por consequencia, o unico que pôde servir, é Brucken!... Mas é preciso moderar-o, tornal-o prudente... romper com elle, mesmo... collocar-o entre o amor e o interesse... Era capaz de preferir o amor!... Eu tratarei de mettel-o a bom caminho.

Manuela, entrando no bosque, seguia uma linha verdejante á beira do rio, a qual ia ter a um *chalet* que servira de ponto de reunião de caçadores. Erguido sobre uma fiada de tijollos, entrava-se n'elle por uma escada de madeira, rustica. Cercava-o uma galeria, e o tecto de colmo descia para um abrigo por cima d'esse balcão circular. Um guarda querendo garantir da chuva os feixes de lenha da sua provisão, empilhara-os debaixo da escada e da galeria. Essa casinha estava abandonada, as janellas conservavam-se fechadas. Uma porta dava para a alameda, que ia ter á Chevrolière, a outra para uma ponte que atravessava o rio. Era, no centro de uma matta de faias enormes e de pinheiros gigantes, um lugar inteiramente solitario, pouco frequentado pelos guardas porque a caça não se dava bem sob as faias muito claras, pouco frequentado pelos roubadores de lenha porque os troncos centenarios d'essas arvores não offerecem ponto de depredação.

Desde que uma noute, a chegada imprevista de Nuno a casa de M.^{me} del Peral, quando lá estava Brucken, fizera julgar as entrevistas na Chevrolière excessivamente perigosas, era n'esse *chalet* abandonado que se realisavam as entrevistas de Manuela e Huberto. A condessa, boa caminhante, ia para lá a pé, atravez do parque, certa de que não a encontrariam. Huberto, de espingarda ao hombro, ia por outro caminho. No *chalet*, ainda mobilado, que servia de logar de descanso e de meditação, estavam em segurança.

Não havia a mais leve humidade na sala com o tecto de madeira, Luiz XVI, e o fogão encimado por um espelho de tremó. Um perfume de tempos antigos, como que a poeira das cousas mortas, fluctuava no ar. Reinava uma sombra propicia, n'essa casa, e Manuela sentia-se ahi bem.

N'esse dia, chegou pela ponte de madeira. Atravessou-a, fazendo resoar o sobrado sob as patas do cavallo; depois, á entrada do *chalet*, apeou-se com ligeireza e levou o cavallo pela redea para uma especie de celleiro aberto sob o massiço de pedra. Quando ia subindo a escada, abriu-se a porta e Huberto, tomando M.^{me} del Péral nos braços, levou-a para a sombra do pavilhão,

Logo que elles desappareceram, a cem passos do *chalet*, por detraz de uma faixa enorme, avançou uma cabeça, e um homem adeantou-se com precaução debaixo das arvores. Era Strehley, o guarda chefe despedido por recommendação de Huberto. Trazia uma espingarda a tiracollo, mas a caça que elle espreitava não exigia arma. Deu uma grande volta para não se aproximar do pavilhão; em seguida, dirigindo-se para o rio, cuja ponte não atravessou, desceu a uma portagem formando represa, por cima de cujas pedras a agua limpida saltava em borbotões. Ia de cabeça baixa, absorto, e o seu rosto vermelho de inglez borrachão crispava-se como sob o esforço de uma idéa. Parou um instante, olhou para os lados do pavilhão, e, batendo o pé, começou a rir silenciosamente. Depois continuou o seu caminho. Achava-se mesmo por baixo da cascata, quando umas pégadas na praia lhe attrahiram a attenção. Aproximou-se instinctivamente e distinguiu uma corda, escondida debaixo das ervas. Puxou por ella e arrastou um feixe de lenha que estava immerso na agua a dois metros de profundidade.

No interior do feixe sentia-se uma especie de reboço, e, de repente, começaram a sahir caranguejos de todos os lados, correndo por cima da relva, com as patas desgeitosas. O guarda deixou cahir na praia o feixe de le-

nha, e, dirigindo um olhar rapido em torno, viu brilhar, na outra margem do rio, por detraz de uma moita, uns olhos que o fitavam. Pegando na espingarda com vivacidade e apontando a espingarda na direcção do matagal, fez ouvir um assobio prolongado.

As folhas agitaram-se immediatamente e a physionomia grosseira e ameaçadora de Rabassou appareceu ao guarda chefe:

— Não dispare, com a breca! disse elle. Já não é permitido descansar um bocado na floresta?

— Eu bem sabia que te obrigava logo a apparecer, disse o guarda. Este feixe de lenha é teu?

— Meu?... Porque?...

— Porque foste apanhado junto d'elle.

— Viu-me lá mexer?

— Escondeste-te quando me sentiste os passos.

— Que provas tem d'isso?

— Já sabes que te entrego á justiça.

— Ouça cá, o senhor tem graça, a mostrar-se zeloso depois de o porem na rua!...

— Tu e os canalhas dos teus collegas é que teem a culpa do que me succede.

— Eu digo-te algumas injurias, inglez do diabo?... Lá porque encontras um gato morto dentro de um feixe de lenha...

— Como sabes tu que é um gato, se não o puzeste lá?...

— Olhem que esperteza! Porque se lhe vê o rabo! Pódes guardal-os, os caranguejos que se apanham assim!... São bons para um comilão como tu!... Não, o feixe de lenha não é meu, e, se estou aqui, é porque tenho vontade: ando a passear... E depois, esta margem do rio não te pertence... Não tens nada a dizer. Atravessa a agua, se és capaz, para te dar cabo do canastro... Ficavas melhor ali dentro do que o gato morto.

Excitado pelas suas proprias phrases, Rabassou, tornando-se livido, começou a apanhar pedras e a atiral-as á

agua, salpicando o guarda, o qual perdeu o sangue frio e se poz a praguejar furiosamente em inglez, dizendo:

— Bem! vou pôr no meu processo que me insultaste e me fizeste ameaças.

— Põe! gritou Rabassou. Mas não passes ao alcance da minha mão, ou esgano-te! Os ladrões como tu é que arruinam uma aldeia!...

Vendo Strehley afastar-se, levando o feixe da lenha, Rabassou redobrou as injurias. Dois lenhadores, attrahidos do corte proximo pelos seus clamores, appareceram á entrada do bosque, sendo tomados pelo guarda como testemunhas dos ultrages e das ameaças do caçador furtivo. Este, sempre na outra margem, perseguia o inimigo com os seus gritos. Afinal deixou de avistal-o. Os lenhadores voltaram para o seu trabalho. Elle ficou só. Então a cólera desapareceu-lhe como por encanto. Tornou-se muito sereno e um riso silencioso franziu-lhe os labios. Avançou por cima das pedras que tolhiam a corrente, atravessou o rio, e, entrando na matta que Strehley costeara para se retirar, murmurou:

— Esse idiota! Se tivesse visto bem o que o rodeava, tinha-me apanhado melhor do que aos caranguejos...

N'uma extensão de duzentos metros, ao desembocar da floresta para a planicie, Rabassou collocara na vespera uma bateria de trinta laços. Era para os examinar que rondava ali quando a passagem do guarda o detivera. A armadilha dos caranguejos era apenas um acepipe. A peça de resistencia estava n'outro ponto. Eis a razão porque elle, sem motivo, aturdira Strehley com os seus gritos. Em um instante, tirou dos laços collocados em excellentes corrediças, duas lebres e dois coelhos, que desapareceram nos bolsos da sua larga blusa. Tornou a estender as redes, endireitou as que estavam desarranjadas; depois, passando para a outra margem, dirigiu-se para Précigny atravez do bosque.

X

Depois de jantar, deixando os seus hospedes entretidos a jogar uma partida de bilhar, Selim entrára no seu gabinete afim de despachar uma volumosa correspondencia que um homem de confiança trazia de Paris todas as noutes, n'um sacco de marroquim, e tornava a levar, lida e annotada, no comboyo das onze horas. Fumava charutos de tabaco do Oriente, lendo as suas cartas de negocios e, com mão rapida, com uma concisão que indicava uma clareza de espirito admiravel, escrevia á margem, a lapis, uma phrase que devia servir de substancia á resposta dos seus escripturarios.

Havia uma hora que abria sobrescriptos, percorria contas, quando o creado entrou com uma salva sobre a qual estava um bocado de papel em que se via, em letra grossa e pesada, esta direcção: «Ao sr. Conde Nuno, no seu palacio. Urgente.» Selim olhou de revez para o creado. Não gostava que o estorvassem no seu trabalho, da mesma maneira que nos seus prazeres. Tinha de acabar a sua tarefa ás dez horas e meia, o que não era muito. Disse com voz rude:

— O que ha de novo?

— Senhor conde, é uma carta que trouxeram agora lá de baixo, das cosinhas, e que traz esta menção: «Urgente...»

— Algum mendigo... Pois você entra aqui por uma cousa tão insignificante? Ponha isso ahi e vá-se embora...

O creado poz a carta n'um canto da secretaria e retirou-se. Nuno continuou a sua leitura, mas aquella folha de papel dobrada, fechada por uma ignobil obréa, e que transpirava affronta, preocupava-o, sem elle querer, chamavalle a attenção. Largou uma correspondencia de Inglaterra muito interessante, para lêr esse bilhete repugnante que o fascinava, abriu-o rapidamente e leu estas linhas que lhe causaram um calafrio:

«Senhor conde.

«Emquanto o senhor trata dos seus negocios, enganamo. M.^{me} D... em quem o senhor conde deposita toda a confiansa, paccia no bosque e divertece com um hamigo do senhor conde. Se o senhor quizer çaber ao serto, basta que vegie durante alguns dias o pavilhaum de casa abor-da do rio. Depreça vera do que çaum capases as peçoas em quem depozita confiansa.

X.»

Esta carta infame, esta denuncia odiosa, esta orthographia nauseabunda, tudo isto causou áscio a Nuno: esteve quasi a rasgar o papel e a deital-o fóra; depois tornou a lêr. No seu espirito estabelecia-se uma correlação flagrante entre as insinuações do seu guarda-chefe, quando o despedira, e a accusação anonyma que lhe sujava as mãos e o pensamento. Isto era a repetição d'aquillo. Não acreditára na advertencia verbal, voltavam á carga com a escripta; uma cólera terrivel rugiu-lhe no cerebro. Se Strehley fosse o culpado... Quiz certificar-se e, tocando a campainha com mão tremula:

— Mandem chamar Strehley.

Percorreu o gabinete a passos largos com a cabeça em fogo, animando-se de instante a instante e alimentando uma d'essas cóleras de boieiro a que se entregava algumas vezes e nas quaes a baixeza da sua origem primitiva transparecia na brutalidade dos gestos e na grosseria dos termos. Comtudo, teve bastante poder em si mesmo para se lembrar da correspondencia. Dirigiu um olhar ao relógio, viu que já não dispunha senão de uma hora antes da partida do empregado e, dominando a agitação, tornou a sentar-se á secretaria, e continuou a lêr e a anotar as cartas. O guarda não devia ter pressa de vir, porque davam onze horas quando o creado appareceu dizendo:

— Strehley está ás ordens do sr. conde.

Nuno mettu as cartas na mala, fechou-a, e estendeu-a ao creado :

— Dê a correspondencia a Samuel e mande entrar Strehley.

O sangue tornava a subir-lhe á cabeça. Foi a uma mesa, deitou agua n'um copo, bebeu-a, e, ao ruido da porta fechando-se, voltou-se: o guarda estava defronte d'elle. Contemplou-o, sombrio, ameaçador, odiento, sem dizer uma palavra, observando-lhe a physionomia astuta, os olhos que se desviavam, o constrangimento insolente de attitude; depois, bruscamente, agarrando no papel anonymo que estava em cima da secretaria, avançou para o guarda, collocou-lh'o debaixo dos olhos, segurando-o com a mão tremula, e disse:

— Foi você, seu patife, que escreveu isto?

O guarda pagou audacia com audacia, pegou na carta e leu-a; depois dobrando-a e pondo-a em cima do fogão:

— Não, senhor conde, não fui eu; mas a pessoa que deu estas informações sabe o que diz...

— Então você confirma-a? exclamou Nuno furiosamente.

— Se o senhor conde não quer, disse o guarda com um sorriso insultante, para mim é o mesmo!

— Quero que me diga a verdade, miseravel!

— Para quê! Antes de eu ter falado já o sr. conde me está injuriando...

Selim passou a mão pela testa banhada em suor; soltou um suspiro que parecia um rugido e, sentando-se, para readquirir alguma dignidade:

— Eu pago-lhe: diga-me tudo o que possa saber...

— Não preciso que me paguem para isso, mas peço ao sr. conde que me guarde segredo...

— Sim, sim, fale...

— Pois bem, senhor conde, é exacto que, ha algum tempo, sobre tudo nos dias em que o senhor conde vae a Paris, M. de Brucken e M.^{me} del Peral teem entrevistas no pavilhão da floresta...

— Já os viu alguma vez?

— Agora ha bocado foi uma d'ellas.

— Quanto tempo lá estiveram? perguntou Nuno com voz alterada.

— Não posso dizel-o: não esperei que sahisses.

— Brucken e a condessa! murmurou Selim.

— Sim, sr. conde, confirmou o guarda. Afinal, talvez seja unicamente para conversarem.

O banqueiro dirigiu-lhe um olhar tão feroz, que Strehley não accrescentou uma palavra. Os dois homens estiveram um momento silenciosos. Nuno, afinal, erguendo-se:

(Continúa).

Georges OHNET.

PONCIO PILATOS

(Lenda Polaca)

Debaixo da sombra d'um alfofogueiro, afim de a salvar do ardente sol de Jerusalem, havia collocado Cayo Cinna a cadeirinha adornada de jacintos e flôres de macieira, na qual languescia sua esposa Antêa. Sentou-se ao seu lado, acariciou-lhe as mãos de alabastro e perguntou-lhe com doçura :

— Encontras-te bem, aqui, minha amada?

— Sim, muito bem, respondeu em voz quasi imperceptivel.

E fechou os olhos como se quizera dormir. O silencio era apenas interrompido pelo canto dos salta-montes sobre as pedras.

Passado um momento, Antêa abriu os olhos.

— É certo, Cayo, que appareceu no paiz um philosopho que dá saude aos enfermos?

— Aqui chamam-lhe propheta, replicou Cayo; ouvi falar d'elle e pensei trazer-t'ó aqui; mas dizem-me que é um impostor, que blasphema do Templo e da religião estabelecida; que um antigo cliente, o Procurador, o condemnou á morte e que hoje mesmo sera crucificado.

Antêa abaixou a cabeça.

— O tempo te curará, disse Cayo docemente, emquanto uma nuvem obscurecia a sua frente.

— O tempo, replicou ella lentamente, está ao serviço da morte e não ao da vida.

Novo silencio. Cayo contemplava sua esposa, que breve seria um punhado de cinza encerrado n'um *columbario*; e o antigo joven, dissoluto e libertino, que escandalisára Roma, se é que Roma se escandalisava, disse interiormente:

— Morrerei com ella.

Sentiu-se ruido de passos. Antêa agitou-se, o peito arfava-lhe e julgou sentir uma cohorte de seres invisiveis, que se approximavam d'ella, precedendo um esqueleto de olhos de vidro. Cayo tomou-lhe carinhosamente as mãos.

— Antêa, não temas; eu ouço tambem passos. Deve ser Poncio Pilatos.

Chegava, com effeito, o Procurador, homem velho, de rosto redondo e rapado, audaz, grave e cauteloso, seguido de dois escravos.

— Deus te guarde, nobre Cayo, e a ti divina Antêa. Ao frio da noite succede o calor do dia, que vos desejo feliz, e que Antêa floresça como os jacinthos e flôres de macieira que perfumam o seu leito.

— A paz seja contigo, respondeu Cayo.

Sentou-se Pilatos n'uma pedra e observou, estremecido, Antêa a quem logo disse:

— O isolamento fomenta a tristeza e a enfermidade; raras vezes nos assaltam temores no meio do bulicio; vou dar-te um conselho. Por desgraca não estamos em Antiochia ou Cesarea; não temos jogos publicos, e se intentasemos abrir um circo o povo destruil-o-hia. Estes fanaticos só sabem dizer: «Lei e Prophetas.» Etribilho invariavel, que me faz preferir os Scithas a Jerusalem.

— Que conselho nos queres dar? — perguntou Cayo.

— Tendes rasão. Afasto-me do meu objecto, por causa das minhas preocupações. Dizia eu que entre o bulicio

não ha temores phantasticos. Pois bem ; em breve podeis gosar d'um .espectaculo. Aqui havemos de nos contentar com pouco ; e o principal é que Antêa passe distrahida as horas da tarde. Hoje morrem tres homens na cruz, o que é sempre uma distracção. Além disso, por motivo da Paschoa, chegam de todas as partes extravagantes mendigos, muito curiosos para se verem. Darei ordens para que tenhaes logar junto da cruz ; espero que os condemnados darão um bom bocado. Um d'elles é um homem extraordinario, que se proclama «Filho de Deus». É dôce como uma pomba, e nada fez que mereça a morte.

— E tu o condemnas a ser crucificado ?

— Que fazer ? Quero evitar complicações e não exasperar o enxame de vespas que zunem em roda do Templo. Eram capazes de denunciar-me a Roma. Por outra parte, não se trata de nenhum cidadão romano.

— Nem por isso soffrerá menos o desgraçado.

O Procurador não respondeu. Pouco depois, como que falando consigo mesmo, proseguiu :

— Uma cousa não posso supportar : a exaggeração. Só esta palavra me põe de mau humor para todo o dia. O justo meio, eis o bom senso e a meta a que devemós aspirar. E em parte alguma se conhece menos do que aqui, o que me exaspera, me irrita e me põe fóra de mim. Não ha aqui aquelle descanso nem da parte dos homens, nem da parte da natureza. E se não vêde : estamos na primavera, as noites são frias e o dia tão quente, que com difficuldade passamos pelas pedras calcinadas dos caminhos. Estou aqui, porque não posso entrar n'outra parte. Mas volto ao meu proposito. Dizia-vos eu : «ide vêr os crucificados.» Estou convencido de que esse Nazareno morrerá valorosamente ; mandei que o açoitassem para vêr se por este meio o livrava da pena de morte, porque não sou cruel. Deram-lhe rudes golpes, e elle foi paciente como um cordeiro, abençoava os homens ; corria o sangue até ao chão ; elle levantava os olhos para o céu e orava. É o ho-

mem mais admiravel que nunca em minha vida vi. Minha mulher não me deixava respirar por causa d'elle, dizendo-me desde pela manhã até á noite: «Não te intromettas nos negocios d'esse justo». Certamente era o que eu desejava, e descí duas vezes ao Pretorio para vêr se o conseguia; arenguei aos grandes sacerdotes, a esses leprosos fanatizados, mas elles, unanimemente, levantando a cabeça e rangendo os dentes, respondiam-me: «Crucifica-o! Crucifica-o!»

— E tu accedeste? disse Cayo.

— Porque não? Haveria tumultos na cidade, e eu estou aqui para manter a ordem. As difficuldades irritam-me os nervos, e sinto-me cansado; mas quando emprehendo uma cousa justa hei de leval-a ao fim, sem me deter em sacrificar um homem ao bem geral, sobre tudo se esse homem é desconhecido e de quem ninguem se importa. É uma desgraça para elle, não ser cidadão romano.

— O sol não allumia só Roma, murmurou Antêa.

— Divina Antêa, replicou o Procurador, poderia responder-te que o poder romano se estende até aos mais longinquos horisontes, por isso tudo se ha de sacrificar aos seus interesses, já que as revoluções quebrantam aquelle poder. Rogo-te, pois, que não me peças indulgencia. Cayo te dirá que isso é impossivel, pois uma vez dada a sentença, só o imperador a pode revogar. E ainda que o quizesse, não o poderia fazer. Não é verdade, Cayo?

— Assim é.

Estas palavras feriram visivelmente Antêa, a qual, em voz sumida e como que reflexionada, disse:

— E quando se reconhecer que foi condemnado um innocente?

— Ninguem é innocente, respondeu Pilatos; sem duvida que esse Nazareno não commetteu crime algum; por isso, como Procurador, lavei as mãos depois de o condemnar; mas como homem reprovo o seu ensino. Interroguei-o detidamente a fim de o conhecer a fundo, e estou conven-

cido de que propaga idéas nunca ouvidas, nem admissíveis. Antes de tudo, o mundo deve repousar sobre os grandes fundamentos da razão, sem que ninguém, e eu muito menos, possa negar a necessidade da virtude. Os mesmos estoicos se limitavam a ensinar-nos que era necessario acceitar a adversidade com animo sereno, sem exigirem que nos privassemos de tudo, do superfluo do mesmo modo que do necessario. Escuta, Cayo, tu és sensato; permite, pois, que te pergunte: que pensarias de mim se me visses dar a minha casa a um d'esses desgraçados maltrapilhos que tomam o sol á porta de Jafa? Pois taes são os conselhos d'esse exaltado! Ensina, além d'isso, que devemos amar a todos os homens sem distincção alguma, ao judeu, ao romano, ao egypcio, a todos sem excepção. Declaro que semelhantes extravagancias me revoltam. No mesmo momento em que jogam com a vida d'esse homem, elle procede como se nada fôra com elle. Intitula-se o *Filho de Deus*, que intenta alluir os fundamentos da sociedade e subverter as multidões. Proceda cada um como quizer, com tanto que não agite os espiritos. Se não creio nos deuses, isso é com a minha consciencia; mas reconheço a necessidade d'uma religião para freio do povo. Por outra parte, a morte deve ser pouco temivel para esse inovador, porque elle affirma que resuscitará.

Cayo e Antêa trocaram um olhar de admiração.

— Resuscitará?

— Nem mais, nem menos; ao terceiro dia. Assim o dizem os seus discipulos. Quanto a elle, esqueci-me de o interrogar sobre esse ponto. Pouco importa. Ainda que não resuscite, pouco perde, já que, segundo elle diz, a verdadeira felicidade, a vida eterna, só começa depois da morte. As profundidades do seu *hadês* (inferno) são mais brilhantes do que o nosso mundo illuminado pelo sol radiante, e quem mais soffre cá na terra, mais seguramente gosará das claridades sobrenaturaes; sendo, todavia, necessario amar, amar, amar sempre!

— Que doutrina tão singular, suspirou Antêa.

— E os judeus obrigam-te a sacrificar esse homem? — repetiu Cayo.

— Sim; e não é de extranhar o odio no espirito d'aquella nação. Só o odio pode crucificar o amor.

Antêa levou á frente a sua mão tremula.

— E elle está convencido de que se pode viver e ser feliz além da campa?

— Sim; e, graças a essa crença, não o intimida a morte de cruz.

— Que dôce é pensar em tudo isto, Cayo!

Depois perguntou Antêa.

— D'onde veio a esse homem semelhante revelação?

— Affirma, disse o Procurador, que lhe veio de seu Pae, e Pae de todos os homens, que é para os judeus o que Jupiter é para nós, com a differença de que o Deus do Nazareno é unico e misericordioso.

— Como seria bom acreditar em tudo isso! exclamou Antêa.

Cayo abriu os labios, como para falar; mas a conferencia não continuou, se bem que Poncio Pilatos continuava interiormente as suas reflexões sobre as doutrinas incompreensíveis que acabava de expôr.

Afinal, levantou-se para se despedir.

Antêa levantou-se tambem.

— Cayo, vamos vêr esse Nazareno.

— Pois então já, accrescentou Pilatos, que o cortejo já desfila.

.....

No dia seguinte não se repetiram as visões horriveis que atormentavam a enferma, e Antêa distrahiu-se com a chegada de seu pae, o philosopho Timon, que, inquieto com o que seu genro lhe escreveu, veio da Alexandria para ver, talvez pela ultima vez, a sua querida filha...

Era a hora do meio dia, do segundo dia. Antêa abriu os olhos, e sobresaltada e com voz tremula disse:

— Cayo, dá-me a mão.

Cayo estremeceu, e o sangue affluiu-lhe ao coração. Era o momento critico, o das horriveis visões que atormentavam sua mulher.

Esta fixava os olhos n'um ponto invisivel.

— Vês, disse ella, aquella luz além, que cresce, que ondêa no ar, que treme e que despede fogo?

— Não olhes Antêa, exclamou Cayo.

Mas, oh! milagre! O semblante da joven esposa não revelava terror algum: entreabriam-se os seus labios, era intenso o seu olhar e uma luz divina a tinha transfigurado.

— A columna de luz, disse ella, vem para mim. Vejo-o! É Elle, o Nazareno! Sorri... oh! dôce! oh! misericordioso! Inclina-se para mim, como uma mãe, estende-me as mãos... Cayo. Elle traz-me a saude... ouço que me chama...

Cayo, extremamente pallido, acrescentou:

— Sigamo-lo para onde quer que Elle nos chame.

.....

Pouco depois appareceu Poncio Pilatos. Conhecia-se-lhe no rosto que o preocupava alguma d'essas noticias de sensação, que elle, homem rasoavel, appellidava loucas invenções, proprias para pasto da credulidade publica.

Algo distante ainda dos nossos interlocutores, enxugou a fronte banhada de suor e exclamou:

— Vêde o que agora se diz: affirmam que resuscitou...

FIM

LUMEN

Primeira narração

RESURRECTIO PRÆTERITI

I

Quærens — Mestre, segui attentamente as tuas explicações. Mas, então, a Terra brilha, de longe, como uma estrella? Comtudo, ella não é luminosa.

Lumen — Reflecte no espaço a luz que recebe do Sol. Quanto maior é a distancia mais ella se assemelha a uma estrella, pois toda a luz espalhada pelo Sol sobre a sua superficie de tres mil leguas de largura, se vae condensando em um disco cada vez mais pequeno. Vista da Lua, parece tão brilhante como a lua cheia e quatorze vezes mais vasta. Observada do planeta Venus, parece tão brilhante como Jupiter, visto da Terra. Vista do planeta Marte, é a estrella da manhã e da tarde, tendo phases, exactamente como Venus. Assim, posto que não seja luminosa de si mesma, brilha ao longe como a Lua e como os planetas por causa da luz que recebe do Sol e que reflecte no espaço. Ora, da mesma forma que os acontecimentos de Neptuno teem um atrazo de quatro horas, vistos da Ter

ra, os da Terra teem o mesmo atrazo, vistos da orbita de Neptuno. Por consequencia, de Capella, a Terra é vista com setenta e dois annos de atrazo.

Quærens — Posto que essas explicações sejam extraordinarias e novas para mim, comprehendo agora perfeitamente, como, estando na estrella Capella, não vias a Terra como ella era em outubro de 1864, data da tua morte, mas como era em janeiro de 1793, visto que a luz leva setenta e um annos e oito mezes a atravessar o abysmo que separa a Terra d'essa estrella. E comprehendo, com a mesma lucidez, que isso não era visão, nem um phenomeno de memoria, nem um caso maravilhoso ou sobrenatural; que era um factó actual, positivo, natural e incontestavel; e que, effectivamente, o que já se tinha passado ha muito tempo na Terra, era um factó presente para o observador situado a essa distancia. Mas, permite-me que te faça uma pergunta. Para, indo da Terra, presenceares esse factó, foi necessario, com certeza, transpôres a distancia que separa o nosso mundo de Capella, com uma velocidade muito maior do que a da propria luz.

Lumen — Já te fallei d'esse assumpto, dizendo-te que eu julgava ter percorrido essa distancia com a velocidade do pensamento, e que no proprio dia da minha morte me achei no systema d'essa estrella — que admirava e contemplava tanto durante a minha permanencia no globo terrestre.

Quærens — Ah! mestre, realmente, mesmo explicando-a assim, essa visão não deixa de ser admiravel. É um phenomeno bem extraordinario. esse de ver presentemente o *passado-presente*, de não o ver mesmo, senão d'essa maneira maravilhosa e de se achar na impossibilidade de ver os astros como elles são no momento em que se examinam; vel-os só como eram algum tempo antes!

Lumen — A admiração legitima que sentes ao contemplar esta verdade, meu amigo, não é mais do que o preludeo, atrevo-me a dizel-o, da que vaes sentir agora. Sem duvi-

da, á primeira vista, parece muito extraordinario, que, afastando-se bastante no espaço, se possa contemplar os acontecimentos das epocas passadas. Mas não é ainda essa a extravagancia positiva e extraordinaria que tenho para te communicar e que vae parecer-te ainda mais imaginaria, se quizeres ouvir a continuação d'esse dia que se seguiu á minha morte.

Quærens — Fala, peço-te, estou ancioso por te ouvir.

III

Lumen — Desviando o olhar das scenas crueis da Revolução, senti-me attrahido para uma habitação, de um estylo já antigo, que ficava defronte da Igreja de Nossa Senhora, e occupando o lugar onde se construiu agora o adro. Defronte da porta principal estava um grupo de cinco pessoas. Estavam recostadas em bancos de madeira, com as cabeças descobertas, apesar de estarem ao sol.

Como d'ahi a pouco se levantaram e andaram de um lado para o outro, reconheci em uma das pessoas meu pae, muito novo, como nunca me lembro de o ter visto, minha mãe, mais nova ainda, e um dos meus primos, que morreu no mesmo anno que meu pae, ha quarenta annos, pouco mais ou menos. É difficil, á primeira vista, reconhecer as pessoas, porque em lugar de se verem de frente, não se vêem senão de cima, como de um andar superior. Não fiquei pouco surprehendido com este spectaculo. Lembrei-me então de ter ouvido dizer, quando era novo, que meus paes moravam, antes do meu nascimento, na praça de Nossa Senhora.

Profundamente admirado, senti a vista fatigada e deixei de distinguir tudo, como se Paris fosse de repente coberto de nuvens. Julguei ser arrebatado por um turbilhão. Além d'isso, como comprehendes, eu já não tinha a noção do tempo.

Quando tornei a vêr distinctamente os objectos, reparei

n'um rancho de creanças que iam correndo pela praça do Panthéon. Pareceu-me que vinham da escola, porque levavam todos, os seus cadernos e os seus livros, e pareciam voltar para as casas respectivas, saltando e gesticulando. Entre elles iam dois que me chamaram a atenção porque pareciam irritados por alguma discussão, e começaram a entregar-se a um combate particular. Um terceiro adiantou-se para os separar; mas recebeu uma pancada n'um hombro e cahiu por terra... No mesmo instante vi uma mulher correr para a creança. Era minha mãe.

Ah! nunca, nunca nos meus setenta e dois annos de existencia terrestre, entre todos os perigos, todas as luctas, todos os golpes imprevistos, todas as singularidades que atravessaram esta existencia, entre todos os acontecimentos, todas as surpresas, todos os acasos da vida, nunca senti uma commoção egual áquella, quando n'essa creança reconheci... *eu proprio!*

Quærens — Tu?

Lumen — Sim, eu! Com os meus cabellos louros e anne-
lados dos seis annos, o meu cabeção, bordado pelas mãos d'essa mãe que correra a levantar-me, a minha blusa azul celeste, e os meus punhos sempre amarrotados. Era eu, a mesma creança de quem viste a imagem já desvanecida na pequena miniatura do meu fogão. Minha mãe correu para mim, levantou-me, ralhando com os meus camaradas e levou-me pela mão até a casa, situada, n'esse tempo, na entrada actual da rua d'Ulm. Atravessou a casa comigo e levou-me para um jardim onde estava uma sociedade numerosa.

Quærens — Mestre, perdoa-me esta reflexão. Confesso-te que me parece impossivel que pudesses ver-te a ti mesmo! Não podes ser duas pessoas. Logo que tinhas setenta e dois annos, a tua infancia tinha desaparecido, estava acabada havia muito tempo. Não podias ver o que não existia. Pelo menos, não posso comprehender que, sendo velho, te visses a ti proprio na idade actual da infancia.

Lumen — Qual é a razão que te impede de admittires este ponto como admittiste os precedentes?

Quærens — É que ninguem se pôde ver duplicado, creança e velho ao mesmo tempo!

Lumen — Não estás reflectindo completamente, meu amigo. Compreendeste bem o facto geral para o admittires; mas não observaste sufficientemente que este ultimo facto particular faz parte do primeiro. Admittes que o aspecto da Terra leve setenta e dois annos a chegar até onde eu estava, não é verdade? Que os acontecimentos não sejam vistos de lá senão com esse intervallo de tempo para a sua actualidade? Em uma palavra, que eu visse o mundo como elle era na epoca da minha infancia. Admittes, tambem, que, vendo as ruas d'esse tempo, visse as creanças que corriam n'ellas. Admittes isto?

Quærens — Perfeitamente.

Lumen — Muito bem! então, logo que eu via aquelle grupo de creanças e fazia parte d'elle, porque não havia de verme a mim tão bem como aos outros?

Quærens — Mas tu já lá não estás, n'esse grupo.

Lumen — Mas não te lembras de que esse grupo tambem já não existe? Eu via-o como elle existia no instante em que partiu o raio luminoso que chegou aonde eu estava. E, logo que distinguia as quinze ou dezoito creanças que o formavam, não havia razão alguma para que a creança que era eu desaparecesse, pelo facto de ser eu quem a observasse. Outros observadores vel-o-hiam em companhia dos seus camaradas. Por que motivo haveria excepção para mim, quando fosse eu que observasse? Via-os todos e vi-me a mim no meio d'elles.

Quærens — Não tinha comprehendido bem. É evidente, decerto, que, vendo um grupo de creanças do qual fazias parte, não podias deixar de te ver tão bem como vias as outras.

Lumen — Comprehendes agora a commoção que me devia causar semelhante espectáculo? Aquella creança era eu,

em carne e osso, segundo a expressão vulgar e significativa. Era eu na idade de seis annos. Via-me, tão bem como me viam as pessoas que estavam no jardim brincando comigo. Não era um phenomeno, una visão, um espectro, nma reminiscencia, uma imagem; era a realidade, era positivamente a minha pessoa, os meus pensamentos, e o meu corpo. Estava ali, debaixo do meu olhar. Se eu tivesse os outros sentidos tão perfeitos como a vista, parece-me que teria podido ouvir-me ou acariciar-me. Saltava no jardim e corria á roda do lago que estava cercado por uma grade. Algum tempo depois, meu avô sentou-me nos joelhos e fez-me ler n'um grande livro.

Não! Não posso descrever-te estas impressões. Deixo-te o trabalho de as imaginares, se te identificaste bem com a realidade physica d'este facto, e limito-me a declarar que nunca a minha alma sentiu uma surpresa semelhante áquella.

Atormentava-me, principalmente, uma reflexão. Eu dizia: este rapazinho sou eu. Está vivo. Ha de crescer e viver ainda sessenta e seis annos. Sou eu incontestavelmente. E, por outro lado, eu que estou aqui, com setenta e dois annos terrestres, que penso e vejo estas cousas, sou eu tambem, tanto como esta creança. Portanto, *eis-me dois*. Ali, na terra, e aqui no espaço. Duas pessoas completas e comtudo bem distinctas. Se n'este logar estivessem outros observadores poderiam ver esta creança no jardim, como eu a vejo; e ver-me tambem aqui. *Eis-me dois*. É incontestavel. A minha alma está n'esta creança, e está tambem aqui; é a mesma alma, a minha unica alma; e, comtudo, anima dois seres. Que extraordinaria realidade!

E não posso dizer que me engano, que estou illudido, seduzido por um erro optico. Pela natureza e pela sciencia, vejo-me ao mesmo tempo creança e velho, na Terra e aqui. . . lá, despreoccupado e alegre, aqui pensativo e comovido.

Quærens. — Realmente é extraordinario!

Lumen. — E positivo. Vê se encontras na criação inteira um paradoxo mais formidável do que este?

Que accrescentarei agora á minha narração?

Segui-me assim, crescendo na grande cidade parisiense. Vi-me em 1804, entrando para o collegio e fazendo serviço militar no momento em que o Primeiro Consul se coroava com a dignidade imperial. Reconheci a fronte dominadora e pensativa de Napoleão, um dia em que elle passava uma revista no Campo de Marte. Não me lembro de o ter visto durante a minha vida e estava satisfeito vendo-o passar no meu campo actual de observação. Em 1810, tornei-me a vêr na promoção da escola polytechnica, conversando com o melhor dos meus condiscípulos, Francisco Arago, que pertencia já ao Instituto e substituiu Monge na Escola, por causa do jesuitismo de Binet, de quem o imperador se queixára. D'esta maneira vi-me nos annos mais brilhantes da minha adolescencia, projectando viagens de exploração scientifica, em companhia de Arago e de Humboldt, viagens que só este ousou emprender. Depois, vi-me, mais tarde, atravessando rapidamente o bosquesinho do antigo Luxemburgo, a rua do Este, a alameda do jardim da rua de S. Jacques, e vendo correr a minha formosa Eivlys para me receber debaixo dos lilazes em flôr. Doces horas silenciosas, confidencias do coração, silencios da alma, transportes de amor, correspondencias da noute, apparestes á minha vista surprehendida, não como uma recordação remota e obscura, mas na vossa absoluta actualidade!

Assisti de novo ao combate dos Alliados na collina de Montmartre, á sua entrada na capital, á queda da estatua da praça Vendome, arrastada pelas ruas no meio de gritos de alegria, ao acampamento dos inglezes e dos prussianos nos Campos Elyseos, á devastação do Louvre, á viagem de Gand, á entrada de Luiz XVIII. Vi fluctuar a bandeira da ilha d'Elba, e, mais tarde, quando procurava no Atlantico a ilha solitaria onde a aguia estava encadeada, com as

azas quebradas, a rotação do globo fez-me vêr Santa Helena onde estava o imperador meditando encostado a um sycomoro.

Assim foram passando os annos em frente dos meus olhos. Á medida que ia seguindo a minha pessoa, no meu casamento, nas minhas empresas, na minha vida de relações, nas minhas viagens, nos meus estudos, etc., ia assistindo ao desenvolvimento da historia contemporanea. Á restauração de Luiz XVIII succedeu o governo ephemero de Carlos X. Vi as barricadas dos dias de julho de 1830, e perto do throno do duque d'Orleans vi apparecer a columna da Bastilha. Passaram rapidamente estes dezoito annos. Poude vêr-me no Luxemburgo, na época em que se abriu aquella magnifica avenida de que eu gostava tanto, e que um decreto recente ameaçava. Tornei a vêr Arago no Observatorio e a multidão que se apinhava ás portas do novo amphitheatro. Reconheci a Sorbonna, de Cousin e de Guizot. Senti opprimir-se-me o coração vendo passar o enterro de minha mãe, senhora austera e talvez de severidade excessiva nas suas opiniões, mas que eu sempre estimei ternamente, como sabes. A pequena revolução de 48 não me surprehendeu menos do que quando a presenciei pela primeira vez. Reconheci, no largo da Bolsa, Lamoricière, fallecido no anno passado, e nos Campos Elysios, Cavaignac, que desapareceu ha cinco ou seis annos. No dia 2 de dezembro estava observando na minha morada celeste como tinha estado na torre solitaria, e assim decorreram successivamente os acontecimentos que já me tinham impressionado em vida e outros que eu desconhecia completamente.

Quærens. — Esses acontecimentos passaram rapidamente em frente do teu olhar?

Lumen. — Não posso dizer a medida certa do tempo; mas todo este panorama retrospectivo passou, com certeza, em menos de um dia... em algumas horas, talvez.

Quærens. — Então já não comprehendo! Perdoa a um ve-

lho amigo esta interrupção indiscreta; mas, pelo que eu tinha imaginado, parece-me que eram os proprios acontecimentos que estavas vendo e não um simulacro. Unicamente, por causa do tempo necessario para o trajecto da luz, esses acontecimentos eram todos atrasados. Se, portanto, viste deslizar sob os teus olhos 72 annos terrestres, devias ter empregado n'essa contemplação 72 annos, e não algumas horas. Se o anno de 1793 te apparecia em 1864, este não devia, por consequencia, apparecer-te senão em 1936.

Lumen. — A tua objecção tem fundamento e prova-me que comprehendeste perfeitamente a theoria d'este facto. Gostei que a formulasses. Vou-te explicar como não foi necessario esperar 72 annos para tornar a vêr a minha vida, e como pelo impulso de uma força inconsciente, a vi, realmente, em menos de um dia.

Continuando a seguir a minha existencia, cheguei aos ultimos annos, notaveis pela transformação radical que houve em Paris; vi os nossos ultimos amigos e tu, Quærens; minha filha e os seus filhinhos encantadores; a minha familia e todos os meus conhecimentos; finalmente, vi-me deitado no meu leito de morte e assisti á ultima scena.

Tinha vindo outra vez á Terra.

Attrahida pela contemplação que a absorvia, a minha alma esquecera depressa a montanha dos velhos e Capella. Como, ás vezes em sonhos, voava para o alvo dos seus olhares. Ao principio não dei por tal, tanto a extraordinaria visão captivava as minhas faculdades. Não posso dizer-te qual é a lei ou o poder que faz com que as almas se transportem com tanta rapidez de um sitio para outro; mas a verdade é que eu *voltára d Terra*, em menos de um dia, e que entrei no meu quarto mesmo na occasião do enterro.

Como n'esta viagem de regresso ia ao encontro dos raios luminosos, diminuia sem cessar a distancia que me separava da Terra, a luz tinha, de cada vez, menos caminho que percorrer e restringia assim a successão dos factos. No

meio do caminho, os raios luminosos chegavam á minha vista com um atraso de 36 annos apenas, e já não me mostravam a Terra ha 72 annos, mas ha 36. A tres quartos do caminho, os aspectos tinham um atraso de 18 annos. No meio do ultimo quarto, via-os 9 annos depois de se terem passado, e assim successivamente, de maneira que toda a minha existencia se condensou em menos de um dia, em consequencia do regresso rapido da minha alma, que ia ao encontro dos raios luminosos.

Quærens. — Essa combinação não é menos extraordinaria do que a outra!

Lumen. — As minhas palavras fizeram-te chegar ao espirito alguma outra objecção?

Quærens. — Confesso que esta era a ultima, ou que, pelo menos, me preoccupou tanto que não me deixou formular outras.

Lumen. — Far-te-hei notar que ha, comtudo, outra, astronomica, e vou dizer-t'a para não conservares nenhuma duvida. Esta depende do movimento da Terra. Não só o movimento diurno do globo devia ter-me impedido de observar bem a successão dos factos, mas como este movimento era excessivamente acelerado por causa da rapidez da minha viagem e 72 annos passavam-se n'um dia, era para admirar que eu não desse por tal. Mas, como não vi senão um numero relativamente pequeno de paisagens, de panoramas e de factos, é provavel que, no regresso ao nosso planeta, me conservasse alguns instantes isolado por cima dos pontos que me interessaram successivamente. Seja o que fôr, tive de me submeter á evidencia e convencer-me de que assistira sem custo á successão rapida dos acontecimentos do seculo e da minha propria existencia.

Quærens — Eu tambem tinha reparado n'essa difficuldade, e resolvi-a pensando que tinhas girado no espaço, da mesma maneira que um balão, arrastado pela rotaçào do globo. É verdade que a rapidez extraordinaria, com que

deverias ser arrebatado, causa vertigens: limitava-me, contudo, a esta hypothese, pensando nas tuas palavras, que os espiritos percorrem o espaço com a velocidade e a ligeireza do pensamento; e, notando que a tua vista, como a tua aproximação inconsciente da Terra, eram devidas á intensidade de attenção que concentravas no ponto do globo onde te vias, não é inadmissivel que te conservasses constantemente por cima d'esse ponto.

Lumen — A esse respeito não affirmo nada porque estava inconsciente. Não vi todos os acontecimentos da minha vida; vi só os principaes, que, encadeados por sua ordem, formaram o conjuncto da minha existencia. Podem ter-se apresentado todos no mesmo raio visual. O que sei é que a attenção indizivel que me ligava imperiosamente á Terra, fazia o effeito de uma cadeia que attrahisse para ella, ou d'essa força, ainda mysteriosa, da attracção dos astros, em consequencia da qual os astros mais pequenos cahiriam directamente sobre os mais importantes, se não fossem detidos nas suas orbitas pela força centrifuga.

Quærens — Pensando n'esse effeito da concentração do pensamento em um só ponto e da attracção real que senti para o mesmo ponto, parece-me que é essa a móla principal do mechanismo dos sonhos.

Lumen — Disseste a verdade, meu amigo, e posso affirmar-t'ó eu, que durante tantos annos fiz dos sonhos o assumpto especial das minhas observações e dos meus estudos. Quando a alma, livre das attenções, das preoccupações e das tendencias corporaes, vê em sonhos um objecto que a encanta e para o qual se sente attrahida, tudo desaparece á roda d'esse objecto; elle fica só e torna-se o centro de um mundo de creações; a alma possui-o inteiramente e sem reserva, contempla-o, apodera-se d'elle, fal-o seu; o universo inteiro apaga-se da memoria para deixar um dominio absoluto ao objecto da contemplação da alma, e, como me aconteceu durante o meu regresso subito para a Terra, já não se vê senão este objecto, acom-

panhado de idéas e imagens que elle produz e faz apparecer successivamente.

Quærens — A tua viagem rapida a Capella, assim como o teu regresso não menos rapido á Terra, tinham, então, por causa esta lei psychologica; e andaste mais livremente ainda do que em sonhos, porque a tua alma já não estava embaraçada pelo mechanismo organico. Lembro-me de que nas nossas conversas passadas me falavas muitas vezes a respeito da força de vontade. Assim, tinhas voltado ao teu leito de morto antes de se sepultarem os teus despojos mortaes.

Lumen — Tinha voltado, e abençoava as saudades sinceras da minha familia, acalmava a dôr da amisade, esforçava-me por inspirar a meus filhos a certeza de que aquelle involucro mortal já não era eu, que habitava agora a esphera dos espiritos, o espaço celeste, infinito e inexplorado.

Assisti ao enterro e reparei n'aquelles que se tinham intitulado meus amigos, e que, por uma occupação de mediocre importancia, não tiveram o trabalho de conduzir os meus restos á sua ultima morada. Ouvi as conversas variadas dos que seguiam o meu caixão, e, posto que n'esta região de paz não sejamos avidos de louvores, eu sentia-me feliz, contudo, por reconhecer que tinha ficado em todos os pensamentos uma boa recordação da minha passagem pela Terra.

Quando a pedra do jazigo cahiu e separou a terra dos mortos da terra dos vivos, disse um ultimo adeus ao meu pobre corpo adormecido, e, como o sol descia no seu leito de purpura com franjas de ouro, fiquei na atmosphera até ser noite fechada, absorto na admiração dos formosos espectaculos que se vêem nas regiões aereas. A aurora boreal desenrolava uma fita prateada por cima do seu pôlo, de Cassiopêa choviam estrellas cadentes, e a lua cheia elevava-se com lentidão no oriente como um mundo novo sabindo das ondas. Vi Capella scintillante, contemplando-me

com o seu olhar tão puro e tão vivo, e distingui as corôas que a rodeavam, principes celestes de uma divindade. Então esqueci novamente a Terra, a Lua, o systema planetario, o Sol, os cometas, para obedecer sem reserva á extraordinaria attracção da formosa estrella, e senti-me arrebatado para ella pela acção do meu desejo com uma rapidez maior do que a das flechas electricas. Passado algum tempo, do qual não pude verificar a duração, cheguei ao mesmo anel e á mesma montanha onde tinha estado na vespera, e vi os velhos occupados a seguir a historia da Terra com 71 annos e oito mezes de atraso. Estavam vendo os acontecimentos da cidade de Lyão, em 23 de Janeiro de 1793.

Confessar-te-hei qual era a causa mysteriosa da attracção que eu sentia para Capella? Ó maravilha! ha na criação laços invenciveis que não se quebram como os laços mortaes; ha correspondencias intimas entre as almas apesar da separação das distancias. Quando chegou a noite d'esse segundo dia, quando a lua côr de esmeralda se engastou em um dos anneis de ouro, (é esta a medida sideral do tempo) surprehendi-me n'uma alameda solitaria, envolvido em flôres e perfumes. Caminhava, meditando, havia alguns momentos, quando vejo a meu lado... a minha formosa Eivlys. Tinha passado a mocidade, como na epoca da sua morte, e apesar do seu novo aspecto, reconheciam-se-lhe os indicios do expansão e de bondade que uma vida de sentimento lhe inscrevera na fronte e lhe fixára no olhar. Não me detenho a descrever-te a alegria do nosso encontro; não é aqui o lugar proprio para isso, e talvez um dia nos seja permittido falar a respeito das affeições ultra-terrestres que succedem ás nossas. Quero apenas reunir este facto ao assumpto d'esta these, accrescentando que procurámos logo a Terra com o olhar, a Terra, a nossa patria adoptiva, onde tinhamos passado tantos dias de paz e de felicidade. Gostavamos de dirigir o olhar para esse ponto luminoso, onde a nossa condicção actual

nos deixava ver um mundo; gostavamos de reunir o passado das nossas recordações ao presente que chegava até onde nós estávamos nas azas da luz; e, no extase em que nos mergulhava uma singularidade tão nova para nós, procuravamos com ardor ver reaparecer os acontecimentos da nossa mocidade. Foi assim que vimos na actualidade os annos do nosso primeiro amor, o pavilhão do convento, o jardim perfumado, os passeios nos arredores de Paris, tão frescos e tão deliciosos, e as nossas viagens solitarias pelo meio dos campos. Para observarmos isto tudo era sufficiente caminharmos juntos no espaço em direcção á Terra até ás regiões onde estes aspectos, levados na luz, eram photographados.

Revelei-te, meu amigo, a observação extraordinaria que te tinha promettido. Chegou a aurora, e a estrella de Lucifer já empallidece no firmamento rosado. Volto para as constellações...

Quærens — Uma palavra apenas, ó Lumen, antes de me deixares. Visto que os aspectos terrestres não se transmitem no espaço senão successivamente, pode haver um presente perpetuo para as vistas collocadas gradualmente n'esse espaço, até a um ponto, limitado unicamente pelo poder da vista espirital.

Lumen — Sim, meu amigo. Colloquemos, por exemplo, um observador tão distante da Terra como está a lua: verá os factos terrestres um segundo e meio depois d'elles se produzirem. Colloquemos outro a uma distancia dupla; os factos terão para este um atraso de tres segundos. Um terceiro collocado ao dobro d'esta distancia, vel-os-ha seis segundos depois. A uma distancia duplicada da precedente, outro observador, vél-os-ha com um atraso de onze segundos. E assim successivamente. Na distancia do Sol já ha oito minutos e treze segundos de atrazo. Em alguns planetas ha muitas horas, como já sabemos. Mais longe chega-se a dias inteiros. Mais longe ainda, a mezes, a annos. Na estrella alpha do Centauro não se vêem os factos

terrestres senão tres annos e oito mezes depois de prodizidos. Ha estrellas tão distantes que a luz leva uns poucos de seculos para chegar lá, e até muitos milhares d'annos... Ha mesmo nebulosas onde a luz não chega senão depois de uma viagem de muitos milhões d'annos...

Quærens — De maneira que, para presenciar um factio historico ou geologico dos tempos passados, era sufficiente, para esses olhares penetrantes, afastarem-se convenientemente. Não se poderia d'essa maneira ver o diluvio, o paraizo terrestre, Adão e...

Lumen — Já te disse, meu velho amigo, que a chegada do sol ao hemispherio obriga os espiritos a fugirem. Em outra conversa examinaremos melhor este assumpto de que te apresentei hoje o esboço geral e que é fertil em horisontes novos. As estrellas chamam-me e já desappareceram. Adeus, Quærens, adeus.

Segunda narração

REFLUUM TEMPORIS

I

Quærens — As revelações interrompidas pela aurora, ó Lumen! deixaram a minha alma anciosa por sondar mais profundamente esse mysterio extraordinario. Como a creança que vê uma fructa deliciosa deseja cravar n'ella os dentes cheios de cubiça, e depois de a provar deseja ainda mais: assim a minha curiosidade procura novos gozos nos paradoxos da natureza. Será indiscrição demasiado temeraria fazer-te algumas perguntas complementares, que os meus amigos me communicaram no dia em que lhes participei

a nossa correspondencia? e posso pedir-te que continues a narração das tuas impressões ultra-terrestres?

Lumen — Não, meu amigo, não posso satisfazer essa curiosidade. Ainda que a tua alma esteja perfeitamente disposta para receber bem as minhas palavras, estou persuadido, comtudo, de que as particularidades do meu assumpto não te impressionaram todas igualmente, e não tiveram todas para ti a evidencia da realidade. Accusaram a minha narração de mystica. Ninguém comprehendeu perfeitamente que não ha aqui romance nem phantasia, que ha uma verdade scientifica, um factu physico, demonstravel e demonstrado, indiscutivel, e que é tão positivo como a queda de um aerolitho ou o movimento de uma bala de canhão. A razão que vos impediu, a ti e aos teus amigos, de comprehender bem a realidade do factu foi a de esse factu se passar fóra da Terra, em uma região extranha aos vossos sentidos terrestres. É natural que não comprehendesseis. (Perdoa a minha franqueza, mas no mundo espirital é-se franco: até os pensamentos são visiveis.) Não podeis comprehender senão o que pertence ao mundo das vossas impressões. E como estaes dispostos a julgar *absolutas* as vossas idéas a respeito do tempo e do espaço, apesar de serem *relativas*, tendes o entendimento cerrado ás verdades que residem fóra da vossa esphera e que não correspondem ás vossas faculdades organicas terrestres. Assim, meu amigo, não te prestaria serviço algum continuando a descripção das minhas observações extra-terrestres.

Quærens — Não é, acredita-me, por espirito de simples curiosidade, ó Lumen! que ousou evocar-te do seio do mundo invisivel, onde as almas superiores devem gosar indiziveis prazeres. Mas eu comprehendi melhor do que dizes a grandeza do problema, e é inspirado por uma avidez estudiosa que procuro aspectos ainda mais novos do que os precedentes, ou antes, mais arrojados e mais incompreensiveis. Á força de reflectir cheguei a acreditar que o

que nós sabemos não é *nada* e o que não sabemos é *tudo*. Estou, portanto, disposto a ouvir-te. Deixa-me tomar parte nas tuas impressões, supplico-te...

Lumen — Realmente, meu amigo, ou não estás bastante disposto a ouvir-as ou estás em excesso. No primeiro caso não as comprehenderias. No segundo, como estavas extremamente credulo, não lhes apreciarias o valor. Portanto, volto...

Quærens — Querido companheiro dos meus dias terrestres!...

Lumen — Finalmente, os casos que te descreveria hoje são mais extraordinarios ainda do que os precedentes.

Quærens — Estou como Tantalos no meio do lago, como os espiritos do vigessimo quarto canto do Purgatorio, como os braços extendidos para as maçãs odoríferas das Hesperides, como o desejo de Eva...

Lumen — Algum tempo depois de partir da Terra, os olhos da minha alma dirigiam-se melancolicamente para esta patria, quando um exame attento ácerca da intersecção do 45° grau de latitude boreal e do 35° grau de longitude, me mostrou um triangulo de terra firme por cima do mar Negro, em cujas margens, do lado de oeste, alguns dos meus pobres irmãos terrestres se matavam uns aos outros, cheios de furor. Puz-me a pensar na barbaridade d'essa instituição *gloriosa* da Guerra, que dura ainda, e vi que n'aquelle canto da Crimea succumbiam 800:000 homens ignorando o motivo d'aquella matança.

A Europa cobriu-se de nuvens.

Eu não estava então em Capella, mas no espaço, entre esta estrella e a Terra, a metade da distancia de Vega, e dirigia-me para uma pequena nebulosa que se distingue da tua patria á esquerda do astro precedente. Comtudo, o meu pensamento voltava de quando em quando á Terra. Pouco depois da observação precedente, dirigi o olhar para Paris e fiquei surprehendido vendo uma insurreição do povo. Examinando com mais attenção, vi barricadas nos

passeios, ao pé do *Hotel de ville*, nas ruas principaes, e os cidadãos dando tiros uns nos outros. A primeira idéa que me occorreu foi que estava contemplando uma revolução nova e que Napoleão III cahira do throno. Mas, por uma correspondencia secreta das almas, a minha vista foi attrahida para uma barricada do arrabalde de Santo Antonio, na qual vi extendido o arcebispo Diniz Augusto Affre, que eu tinha conhecido durante a minha vida. Os seus olhos apagados olhavam sem vêr para o céu onde eu estava; tinha na mão um ramo verde. Tinha eu, portanto, debaixo dos olhos os dias de 1848, e particularmente o de 25. Passaram-se alguns momentos — algumas horas, talvez — durante as quaes as minhas idéas e a minha razão procuravam explicar este facto: Vêr 1848 *depois* de 1854, quando a minha vista, novamente attrahida para a Terra, descobriu uma distribuição de bandeiras tricolores em um grande largo da cidade de Lyão. Procurando distinguir o personagem official que fazia aquella distribuição, consegui reconhecer, entre os uniformes, o moço duque de Orleans, e lembrei-me que depois da subida de Luiz Fillipe ao throno, aquelle principe tinha sido enviado para serenar as agitações da capital da industria franceza. Por consequencia, *depois* de 1854 e 1848 estava vendo um facto passado no anno de 1831. D'ahi a algum tempo dirigi o olhar para Paris n'um dia de festejos publicos. Um rei de ventre proeminente e faces rubicundas, dentro de um coche magnifico, atravessava n'aquelle momento a Ponte-Nova. Estava um tempo esplendido. Algumas dezenas de raparigas vestidas de branco estavam, como que pousadas, fazendo lebrar um cesto de lilazes brancos, no terrapleno da ponte. Animaes extravagantes, de côres vistosas, corriam por cima das casas. Era evidentemente a entrada dos Bourbons em França.

Não teria comprehendido esta ultima particularidade se não me recordasse de que se tinham atirado ao ar muitos balões em fórmula de animaes. Vistos do céu pareciam correr desastradamente por cima dos telhados.

Tornar a vêr um acontecimento já passado, isso tinha eu comprehendido, explicando o facto pelas leis da luz. Mas tornar a vêr os acontecimentos na ordem inversa da verdadeira, é o que me parecia verdadeiramente phantastico, o que (pensava eu) me teria levado para a divagação se eu procurasse explicar semelhante impossibilidade.

Comtudo, não podia negar os factos que estava vendo com os meus olhos; procurei então a hypothese que me poderia explicar aquella singularidade.

A primeira hypothese era esta: é, com certeza a Terra que estou vendo, e, por um destino cujo segredo só Deus conhece, a historia de França está passando pelas mesmas phases que atravessou; depois de attingir uma certa elevação que acaba de brilhar em frente do povo maravilhado, volta para a sua origem, por meio de uma oscillação que póde existir na humanidade como nas variações da agulha magnetica, como nos movimentos dos astros. Os personagens que d'aqui me parecem o duque de Orleans e Luiz XVIII, são talvez outros principes que estão repetindo exactamente o que fizeram os primeiros.

Esta hypothese, comtudo, pareceu-me excessivamente extraordinaria e passei a uma theoria mais racional:

Havendo uma grande multidão de estrellas e de planetas, que gravitavam á roda de cada uma d'ellas, alguma probabilidade haverá de encontrar no espaço um mundo perfeitamente igual á Terra?

O calculo das probabilidades responde a esta pergunta. Quanto maior fôr o numero dos mundos, mais probabilidades haverá de que as forças da natureza produzissem uma organização semelhante á da Terra. Ora, o numero real dos mundos excede toda a numeração humana escripta ou possivel de se escrever. Se nós comprehendessemos o infinito, ser-me-hia talvez permittido dizer que este numero é infinito.

Conclui, então, que ha muitas probabilidades a favor da existencia de um ou mais mundos inteiramente eguaes á

Terra, á superficie dos quaes se vejam os mesmos acontecimentos, e que sejam habitados pelas mesmas especies vegetaes e animaes, pela mesma humanidade, os mesmos homens, as mesmas familias, tudo equal.

Pensei, em segundo logar, se aquelle mundo, analogo á Terra, não poderia fazer *symetria* com este globo. Isto pertencia á geometria e á theoria metaphysica das imagens. Cheguei á convicção de que era *possivel* que o mundo em questão fosse semelhante á Terra, mas passando-se os acontecimentos em sentido contrario. Quando te vês em um espelho, observas que o anel da tua mão direita passa para o annular da mão esquerda, o que modifica o symbolo; se fechaes o olho direito, a imagem fecha o olho esquerdo; se extenderes o braço direito, no espelho extends o braço esquerdo. Será impossivel que na infinidade dos astros exista um mundo exactamente contrario ao mundo terrestre? Com certeza que, em uma *infinidade* de mundos, o impossivel seria não haver nenhum, e ha talvez milhares d'elles. A natureza deve ter-se repetido, reproduzido e até representar a criação por todas as fórmas. Pensava, portanto, que o mundo onde se passavam aquellas cousas não era a Terra, mas um globo semelhante cuja historia seguia precisamente o caminho inverso da nossa.

Quærens — Tambem me tinha occorrido essa idéa; mas não podias convencer-te do facto e averiguares se era a Terra ou outro astro que estavas vendo, examinando a sua posição astronomica?

Lumen — Foi o que fiz immediatamente, e esse exame confirmou a minha idéa. O astro onde eu acabava de vêr quatro factos analogos a quatro factos terrestres, mas em sentido inverso, não me pareceu occupar a posição primiva. A pequena constellação do Altar estava invisivel, e no lado do céu onde a Terra me apparecera no meu primeiro episodio, havia um polygono irregular de estrellas desconhecidas. Adquiri assim a certeza de que não era a Terra que estava vendo. Já não havia pretexto para a menor du-

vida; tinha agora para campo de exploração um mundo tanto mais curioso que, não sendo a Terra, apresentava, em ordem inversa, um quadro da historia do globo terrestre.

Alguns casos pareciam-me não ter outros que lhes correspondessem na Terra; mas, em geral, a coincidência era muito notavel, e como o desprezo que me inspira a guerra me tinha feito esperar que esse flagello não devia existir nos outros mundos, surprehendeu-me a maior parte dos acontecimentos que presenciei, por serem quasi sempre combates ou preparativos para elles.

Depois de nma batalha que me pareceu muito semelhante á de Waterloo, vi a batalha das Pyramides. Um personagem correspondente a Napoleão imperador tornára-se primeiro consul, e vi a Revolução succeder ao Consulado. Algum tempo depois notei que a praça do castello de Versailles estava coberta de carruagens de lucto, e n'um atalho descoberto da Ville-d'Avray reconheci o andar vagaroso do botânico João-Jacques-Rousseau, que estava, decerto, philosophando a respeito da morte de Luiz XV. O facto que me impressionou mais foi, logo em seguida, uma das festas de gala no começo do reinado de Luiz XV, dignas da Regencia, onde o thesouro de França deslisava em perolas formosissimas pelos dedos de tres ou quatro cortezãs adoradas. Vi Voltaire de barrete de algodão no seu parque de Ferney, e mais tarde Bossuet passeando no pequeno terraço do seu palacio episcopal de Meaux, perto da collina que é hoje atravessada pelo caminho de ferro, mas onde não se via então o menor vestigio d'essa industria. Na mesma successão de acontecimentos via as estradas cobertas de diligencias e no mar grandes navios á vela. O vapor não existia, nem as machinas que elle faz mover. O telegrapho tinha desaparecido, e assim todas as applicações da electricidade. Os balões que eu tinha visto de vez em quando no meu campo de observação estavam acabados e o ultimo que vi foi o globo informe elevado em Annonay pelos ir-

mãos Montgolfier, na presença dos Estados geraes. A face do mundo estava já transformada. Paris, Lyão, Marselha, o Havre, e Versailles estavam outros. As primeiras tinham perdido o seu grande movimento. A ultima tinha ganho um brilho extraordinario. Eu nunca tinha formado senão uma idéa vaga do esplendor real das festas de Versailles; estava satisfeito por assistir a ellas, e sentia-me profundamente impressionado vendo Luiz XIV em pessoa, no magnifico terraço de Oeste, rodeada de mil cortezãos cobertos de fitas; era de tarde, os ultimos raios de um sol ardente batiam na fachada real; alguns pares amorosos desciam gravemente os degraus da escadaria de marmore, ou encaminhavam-se para as alamedas silenciosas e sombrias.

Eu contemplava a França, ou pelo menos a região do mundo desconhecido que representava este paiz, porque mesmo quando se está longe, muito longe da patria, pensa-se n'ella constantemente, e dirige-se para lá o pensamento, com alegria. Não julgues que as almas desencarnadas são desdenhosas, frias, livres de recordações; n'esse caso as suas existencias seriam bem tristes. Não; nós conservamos a faculdade de nos recordarmos e o nosso coração não é absorvido na vida do espirito. Foi, portanto, com um sentimento de alegria intima, que podes apreciar, que vi desenvolver-se toda a historia de França como se as suas phases se dessem em sentido inverso. Depois da unificação do povo vi a soberania de um potentado. Mazarino, Richelieu, Luiz XIII e Henrique IV appareceram-me em S. Germano. Os Bourbons e os Guizes começaram as suas escaramuças; pareceu-me distinguir o S. Bartholomeu. Tambem vi alguns factos particulares da historia das nossas provincias; por exemplo, a feitiçaria de Chaumont que tive occasião de observar defronte da igreja de S. João, e a matança de protestantes em Vassy. Estas scenas encheram-me de indignação; mas em seguida fui surpreendido agradavelmente pelo espectáculo do magnifico cometa em fórma de sabre de 1577. Em uma planicie

afastada vi Francisco I e Carlos V cumprimentando-se. Luiz XI appareceu-me n'um terraço da Bastilha acompanhado pelos seus dois sombrios compadres. Mais tarde, dirigindo o olhar para uma praça de Ruão, vi muito fumo e chammas; no meio d'estas consumia-se o corpo da virgem de Orléans.

(Continua).

Camille FLAMMARION.

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Continuação)

As ordens secretas de Junot, escriptas pela mão do imperador, diziam-lhe que empregasse todos os esforços para se apoderar, não do principe do Brazil, mas de algumas pessoas designadas por elle: e especialmente dos fortes e da cidade de Lisboa.

Foi, pois, d'essa maneira que elle procedeu, com perigo de vida. O perigo que podia correr não o assustava, o que as tropas iam passar era o que o tornava vulneravel ao medo. durante essa longa serie de dias em que via os homens que lhe eram confiados para os conduzir á gloria, e que uma falsa maneira de encarar essa mesma gloria conduzia a uma morte certa.

Afinal, essa marcha terrivel terminou. Junot viu-se á beira do Tejo e do Zezere. Ahi, teve ainda de mostrar coragem para sustentar a dos soldados prestes a succumbirem ao peso dos seus males. Muitos cahiram desmaiados quando chegaram á praça d'Abrantes; outros pereceram nas torrentes que tinham de atravessar antes de chegarem a esta villa, ponto importante que era necessario tomar para se apoderarem do rio e chegarem facilmente a Lisboa.

Junot chegou a Abrantes mais como fugitivo do que como um homem que quer dizer á povoação inteira :

— Venho tomar posse da terra !

As espingardas não podiam servir ; o que não causará admiração quando se souber que havia muitos dias que os soldados passavam as torrentes encostando-se ás espingardas como os viajantes se encostam a um pau ferrado, nas montanhas. Em Abrantes soube Junot que o principe do Brazil, deixando Portugal como Medea, ordenara ao povo que se revoltasse e oppozesse resistencia ao exercito francez.

Junot contou-me muitas vezes o que soffreu durante a noute que passou em Sacavem. Annunciara a sua entrada e a do seu exercito em Lisboa no dia seguinte, ao amanhecer !

E esse exercito, onde estava elle ?

As aguas, sempre crescentes, innundavam os caminhos ; a artilheria, a cavallaria, estropiadas, perdidas nos desertos onde os guias infieis entregavam os miseros soldados á faca do aldeão, ou detidas por novas innundações que as impediam de avançar. A chuva cahia em torrentes. Cerca da uma hora, chegou um expresso de Lisboa. As noticias eram ainda mais assustadoras ; o povo despertava. A esquadra ingleza estava na barra e offerecia o seu auxilio. Em Lisboa havia treze a quatorze mil homens de tropa de linha e uma população de quatrocentas mil almas, agitada, rugindo e disposta a seguir o primeiro crucifixo que lhe apresentassem.

Não é como mulher de Junot que escrevo estas paginas ; se recordo isto, é para ter orgulho em usar o seu nome, e não para fazer brilhar uma posição que só o seu talento, a sua verdadeira grandeza d'alma conseguiram tornar uma das mais notaveis da nossa historia. Talvez não seja bastante conhecida, o que é uma desgraça para a gloria communum.

— O que podia eu fazer, dizia-me elle, com alguns ho-

mens que queriam disfarçar corajosamente a fadiga, mas cujo andar vacillante, cujas feições alteradas revelavam tudo o que soffriam! Eu proprio só me continha com grande esforço; e, no emtanto, era preciso entrar em Lisboa! Era preciso; e entrei.

Junot partiu de Sacavem antes de romper o dia. Seguiam-o mil e quatrocentos homens, o que restava dos quatro batalhões que formavam a vanguarda. Os desgraçados tinham os pés tão feridos pelas pedras agudas das torrentes, e pelos espinhos, que mal podiam andar, mesmo ao som do tambor, dizia-me Junot! Sahindo de Sacavem, o acaso fez-lhe encontrar uns trinta homens de cavallaria portugueza.

— Sigam-me, disse-lhes elle com voz imperiosa.

Os homens, admirados, seguiram-o sem se atreverem a replicar, e elle entrou em Lisboa rodeado de soldados portuguezes!

Entretanto, não tarda que Junot se installe em Lisboa, com um exercito cujo valor elle conhece bem e exercendo ahí grande influencia moral; e Napoleão sabe tudo isto.

Junot era a pessoa que convinha ali ao imperador: devia deixar-se estar: as questões de Hespanha tomavam um aspecto que avisavam a França de que era necessario acautelar-se. Emquanto nós dançavamos *boleros* e minuetes-fandangos, não suspeitavamos que o sombrio Escurial estivera quasi a presenciar as scenas tragicas de Filippe II e D. Carlos.

Emquanto a Hespanha, agitada por novas discordias; estava prestes a vêr quebrarem-se os diques que ainda continham a revolta, Paris continuava sendo o lugar onde os prazeres e as festas se renovavam de hora a hora. A grã-duqueza de Berg deu um baile de mascaras no qual houve uma quadrilha realmente bonita. O traje escolhido foi o das camponezas do Tyrol.

A saia era muito curta, de uma fazenda de lã encarnada, tendo por enfeite uma larga tira azuloia, com flôres borda-

das a lãs de côr e a ouro. O corpete era formado por largos suspensorios de fazenda encarnada, como a da saia, guarnecidos com um cordão bordado a ouro e assentando sobre uma camisa de *percale* muito fina e franzida. Na cabeça levavamos um véu de musselina da India extremamente fina, bordada a palhetas de ouro. Nenhuma joia. Este vestuario era encantador; completavam-o meias encarnadas com os cantos bordados a ouro.

A grã-duqueza não quiz que a quadrilha se reunisse em casa d'ella, no Elyseu-Napoleão, onde residia n'esse tempo.

Eu estava encarregada de juntar o rebanho mascarado, de guardal-o e conduzil-o ao Elyseu.

Eram dez horas e meia. Aproximava-se o momento de nos dirigirmos ao palacio.

Iamos pôr as mascaras, quando M. Cavagnari veio dizer-me em voz baixa que na sala contigua estava uma dama da quadrilha, que não se atrevia a entrar se eu não fosse buscal-a. Entrei na sala que precedia a galeria. Ahi, no canto mais afastado da casa, vi uma mulher cuja figura curta e atarracada me fez recuar alguns passos. Imagine-se uma pessoa de uma gordura enorme, vestida exactamente como eu e como as outras senhoras da quadrilha.

Quando cheguei ao pé da dama mascarada, o grotesco da sua figura causou-me espanto. Tinha, sobre tudo, uma riqueza de attractivos verdadeiramente admiravel.

— A quem tenho a honra de falar? disse eu encaminhando-me para ella.

A gorda creatura agarrou-me na mão, puxou-me para si e, levantando a renda da mascara, quiz dar-me um beijo. Soltei um grito agudo. Sentira uma barba rude e espessa arranhar-me a cara. M. Cavagnari entrou n'esse instaute, rindo ás gargalhadas.

Mas a mulher gorda ainda ria mais, e, para dizer a verdade, eu tambem ria, apesar de estar ainda encolerisada, porque tinha na minha presença a figura heteroclita e sem mascara, de Sua Alteza o principe Camillo Borghèse.

É difficil dar uma idéa do seu aspecto, do seu andar, sobre tudo; depois de tirar a mascara, via-se-lhe o queixo azulado, as suissas pretas, os cabellos côr de carvão e encarpinhados, dos quaes algumas madeixas rebeldes se soltavam do véu de musselina da India enrolado á roda da cabeça. Vêr aquelle Sosia de nós todas reflectindo a nossa imagem em tão completa caricatura, era caso para rir e tambem para fazer zangar. Emquanto ao principe, julgava-se encantador; meneava-se graciosamente de um lado para o outro.

Logo que o primeiro accesso de riso serenou, dirigimo-nos ao palacio; a grã-duqueza de Berg esperava-nos nos aposentos interiores. Ahi, repetiram-se as gargalhadas á vista da camponeza que eu recrutara. Foi a grã-duqueza que empregou este termo, muito proprio em consequencia do aspecto marcial da camponeza.

Quando iamos a sahir dos aposentos interiores para voltarmos pela galeriá, um pequeno dominó azul quasi que se precipitou sobre mim para entrar n'um gabinete onde se mudava de fato, mas de um modo mysterioso. O dominó azul, que não esperava encontrar tão numerosa multidão, fez ouvir uma expressão muito energica e não foi detido pelas nossas alas femininas, pois a mim empurrou-me para o lado com bastante força para me fazer impacientar; mas, como havia de dizel-o ao pequeno dominó azul? Era o imperador.

Queria divertir se, como elle dizia, e para esse fim, disfarçava-se completamente, encarregando depois alguém de percorrer o baile em seu logar, disfarçado de maneira que se parecesse com elle. N'esse dia, foi a Isabey que coube representar este papel. O que era embaraçoso para Isabey eram as suas mãos enormes, porque as do imperador eram pequenissimas. Para occultar essa dissemelhança, Isabey teve uma boa idéa: poz umas luvas grossas por baixo das luvas brancas; emquanto ao resto, Isabey imitava maravilhosamente o imperador.

O baile estava muito animado e a noute decorria de modo tão agradável e tão alegre, que o espirito adormecia como que embalado por um sonho de fadas. Vagueavamos por essas vastas salas illuminadas por mil velas, trocando algumas palavras com um personagem grotesco, ou então, attrahidos por alguma conversa interessante. O inverno findava...

No dia 28 de maio de 1807, estava eu de serviço junto de Madame, nas Telharias, e acompanhava-a ao jantar de familia que se realisava todos os domingos.

— Participo-lhe que é duqueza, disse-me Rapp, vindo ao meu encontro, e pegando-me amigavelmente nas duas mãos, e ha de permittir-me, por isso, que a beije.

— Com muito gosto, respondi, dando a face a beijar ao excellente homem, encantada com a sua amisade cordeal e franca.

— E outro por Junot? disse elle.

— E outro por Junot, vá lá.

— E, além d'isso, tornou Rapp, tem o nome mais bonito do rancho. É duqueza d'Abrantes.

Descemos para jantar na sala que fica ao fundo da escada do pavilhão de Flora. Era ahi que jantavamos, como Junot disse um dia, gracejando, na cosinha. A nossa mesa era presidida pela dama de honor da imperatriz, então a senhora condessa de La Rochefoucauld, ou pela açafata; ou então na ausencia de ambas, pela dama de serviço do palacio. N'esse dia, M.^{me} de La Rochefoucauld estava no seu posto, honra que ella raras vezes nos concedia, diga-se de passagem.

Vi entrar a maréchala Lannes. Era sempre bemvinda para mim, mas n'esse dia mais do que em qualquer outro. Aproximámo-nos logo e á mesa ficámos ao lado uma da outra.

— Então! disse eu, temos grandes novidades; comtudo, estou certa de que ellas não lhe causam abalo.

— E tem razão em pensar que não dou importancia a

isso. Mas nem todos os que rodeiam o imperador pensam da mesma maneira. Ora veja!

Olhei para defronte e vi o duque de Rovigo ou de *Ravigote*, como lhe chamavam os nossos creados. Estava radiante.

M.^{me} Lannes sorriu.

— E que nome é o seu? perguntei, depois de alguns momentos de conversação.

— É encantador: Montebello! Os nossos são os dois mais agradáveis da lista.

As reuniões dos domingos eram diferentes das outras, nas Telharias. Subiamos aos aposentos do imperador; ás vezes, quando elle estava bem disposto e as damas do palacio e as de companhia lhe agradavam, mandava-as entrar. Foi o que succedeu n'esse dia.

— Então, senhora duqueza governadora, disse elle apenas me avistou, está contente com o seu nome? d'Abrantes! E o que dizem a isto, nos salões do bairro S. Germano? Devem estar um pouco aterrorisados com este reforço que lhes dou! Ainda não fiz nada que mais se aproxime da Revolução franceza do que este restabelecimento das altas dignidades. Os francezes só teem combatido por uma causa: a egualdade perante a lei, e a possibilidade de chegar a tudo o que se faz no governo. A minha nobreza, como hão de chamar-lhe, é uma das minhas mais bellas creações.

Effectivamente, o imperador considerava esta addição ao imperio, bella e util para completar a sua obra.

Pouco depois, partiu para Bayonna.

São conhecidos todos os permenores das differentes entrevistas de todos os soberanos de França e de Hespanha, na cidade de Bayonna; digo os soberanos, porque a Hespanha contava dois, Fernando VII e Carlos IV.

Carlos IV comparece, com seu filho, perante o supremo tribunal de Napoleão, Fernando restitue-lhe a corôa, e o velho monarcha abdica immediatamente a favor do imperador dos francezes.

Dois dias depois, Napoleão recebeu uma carta da junta suprema residente em Bayonna, na qual esta serenissima princeza pedia que o rei José, irmão do imperador, fosse reinar em Hespanha. O conselho de Castella e a municipalidade de Madrid exprimiram o mesmo desejo.

O imperador, em Bayonna, trabalhava a favor de seu irmão José. Murat foi proclamado rei de Napoles. Napoleão julgou consolidar a sua autoridade europea, collocando assim em cada throno da Europa um principe da sua familia. A experiencia foi cruel e demonstrou-lhe que, entre soberanos, assim como na vida privada, as relações de parentesco e os laços de familia são leves barreiras para conterem nos limites do dever quando fala o interesse pessoal.

Murat partiu para Napoles com sua esposa, a qual era bem feliz por ir afinal sentar-se n'um throno.

O imperador regressou a Paris nos primeiros dias de Setembro. Passara em Bayonna mais tempo do que desejava; mas a questão de Hespanha não fôra tão simples como ao principio julgara.

Junot fôra prevenido havia muito tempo de que Portugal estava extremamente agitado pela Inglaterra e pelas juntas provinciaes de Hespanha.

Uma noute, Junot dava uma festa no palacio do governo; um official do estado-maior do general Thomières chega com telegrammas urgentes. Essas noticias eram terribes. Annunciavam que os inglezes tinham desembarcado em numero de doze mil com um comboyo enorme de munições e artilheria. O general Thomières commandava o forte de Peniche, e estas noticias eram positivas Junot ordenou a todos os officiaes do seu estado-maior que conservassem a mesma alegria e que animassem o baile. Entretanto, retirou-se para o seu gabinete e deu ordens para que o general Laborde fosse ao encontro do inimigo, querendo occultar á cidade de Lisboa uma noticia que sempre chegaria cedo de mais.

O effeito d'esta segurança apparente foi grande, durante

alguns dias: mas, apesar da noticia da victoria de Roliça ganha pelo general Laborde contra os inglezes, a de uma victoria tambem alcançada em Hespanha, o annuncio de vinte mil francezes que vinham por Bragança, a entrada de José em Madrid, e as festas dadas por esse motivo, o espirito de insurreição fermentava em Lisboa e só era contido pela presença de Junot. Comtudo, era preciso marchar contra o inimigo. E no dia 15 de agosto, depois da solemnidade da festa dada para celebrar os annos do imperador, um grande jantar e um espectaculo magnifico na grande sala da Opera de Lisboa, Junot regressa, á meia noute, aos seus aposentos, reúne no seu gabinete os ministros e o general Travot, diz-lhes que vae marchar ao encontro dos inglezes, encarrega cada um do que tem a fazer, exhorta-os todos á maior união, e sae do palacio do governo para ir buscar a morte, porque n'essa occasião contava pouco em tornar a vêr a patria, a mulher e os filhos.

Junot marchou ao encontro do inimigo que se dirigia a Lisboa pela estrada de Thomar, tendo em effectivo quatro vezes mais tropa de linha do que nós e um exercito de rebeldes portuguezes e hespanhoes, composto de mais de sessenta mil homens, todo o paiz a seu favor, e todas as probabilidades de exito, enquanto que Junot tinha apenas um exercito de nove mil e duzentos homens e nenhuns recursos.

A batalha realisou-se no dia 21 de agosto.

O procedimento do exercito foi tão admiravel, parecendo que todos queriam contribuir um pouco para manter a gloria das nossas aguias.

O general Kellermann, á frente de um regimento, carregou á bayoneta como se quizesse ganhar uma estrella para as suas dragonas. O general De Laborde, com a ferida ainda aberta, combateu como se estivesse bom de saude; o coronel Prost e o coronel d'Aboville, commandantes, um da artilheria da primeira divisão e outro da segunda, executaram prodigios de valor. O general em chefe, querendo

impedir a retirada e precipitando-se ao encontro das tropas com excessiva impetuosidade, esteve quasi a ser apahado por um esquadrão inglez.

Apesar de tanto valor e tanta dedicação, não se alcançou victoria. Comtudo, ficámos senhores do campo de batalha, circumstancia feliz, pois deu logar a que se protegesse a retirada dos feridos. De mais, dos mil e oitocentos homens que se perderam n'esse dia, mil estavam mortos, e nos oitocentos prisioneiros não havia cento e cincoenta sem ferimentos.

(Continia)

Duqueza d'ABRANTES.

O SILENCIO

«Silencio e Segredo!» exclama Carlyle. Deviamos erguer, em sua honra, altares de universal adoração. (Se os dias d'hoje fossem d'aquelles, em que ainda se erguessem altares). O silencio é o elemento no qual se formam as grandes cousas; para que possam emergir, finalmente, perfeitas e magestosas, à luz da vida que vão dominar. Não foi só Guilherme o Taciturno, foram todos os homens consideraveis que eu conheci, e d'entre estes até os menos diplomatas e os menos estrategicos, que se abstinham de falar no que projectavam e creavam. E tu mesmo, nas tuas mesquinhas perplexidades, experimenta sempre *reprimir a tua lingua* durante um dia; e no dia immediato, verás como os teus designios e os teus deveres se te apresentarão mais claros! Que rebutalhos e que immundicies esses operarios mudos não varreram dentro de ti mesmo, emquanto não podiam já entrar os ruidos inuteis do exterior! A palavra é muitissimas vezes, não como dizia o francez, a arte de occultar o pensamento, mas sim a arte de suffocar e de suspender o pensamento, de modo que elle não tenha mais que occultar. Tambem a palavra é grande, é; mas não é

ella o que ha maior. Como o affirma a inscripção suissa: *Sprechen ist Silbern, Schweigen ist Golden*, a palavra é de prata e o silencio é de oiro, ou como seria melhor dizer: A palavra é tempo, o silencio eternidade.

«As abelhas não trabalham senão na escuridão, o pensamento não trabalha senão no silencio e a virtude no segredo...»

Não se deve acréditar, que a palavra sirva jámais para as communicações verdadeiras entre os sêres. Os labios ou a lingua podem representar a alma, do mesmo modo que um algarismo ou um numero d'ordem representa uma pintura de Memlinck, por exemplo: mas desde que temos verdadeiramente *alguma cousa a dizer entre nós*, somos *obrigados* a calar-nos; e se n'esses momentos resistimos ás ordens invisiveis e instantes do silencio, tivemos com isso uma perda eterna, que os maiores thesouros da sabedoria humana, não poderão reparar, porque perdemos a occasião de escutar uma outra alma e de dar um momento de existencia á nossa; e ha muitas vidas onde taes occasiões se não apresentam duas vezes...

Nós não falamos senão nas horas em que não vivemos, nos momentos em que *não queremos* dar pelos nossos irmãos, e em que nos sentimos á uma grande distancia da realidade. E desde que falamos, qualquer cousa nos previne de que se fecham portas divinas em qualquer parte. Por isso somos muito avaros do silencio; e os mais imprudentes d'entre nós não se calam com o primeiro que apparece. O instincto das verdades sobrehumanas, que todos nós possuímos, adverte-nos de que é perigoso o calar com alguém que se deseja não conhecer ou de quem se não gosta ou se não ama; porque as palavras passam entre os homens, mas o silencio, se teve um momento occasião de ser activo, não se apaga nunca, e a vida verdadeira, e a unica, que deixa algum vestigio, não é feita senão de silencio. Lembrae-vos aqui, n'este silencio ao qual é preciso recorrer ainda, affim de que elle por si mesmo

se explique; e se vos é dado descer um instante, na vossa alma, até ás profundidades habitadas pelos anjos, aquillo que antes de tudo primeiro vos lembrará de um ser profundamente amado, não serão as palavras que elle disse ou os gestos que fez, mas os silencios que vivestes juntos; porque foi a *qualidade* d'esses silencios a unica que revelou a *qualidade* do vosso amor e das vossas almas.

Não me approximo aqui senão do silencio *activo*, porque ha um silencio *passivo*, que não é senão o reflexo do somno, da morte ou da inexistencia. É o silencio que dorme; e enquanto está no somno, é menos temivel ainda do que a palavra; mas uma circumstancia inesperada póde despertalo de repente, e então é seu irmão, o grande silencio activo, que se enthronisa. Estae em guarda. Duas almas vão attingir-se, as paredes vão ceder, vão romper-se diques, e a vida ordinaria vae dar logar a uma vida onde tudo se torna muito grave, onde tudo está sem defeza, onde mais nada ousa rir, onde mais nada obedece, onde mais nada se esquece...

E é por nenhum de nós ignorar este poder sombrio e os seus perigosos brinquedos, que temos um medo tão profundo do silencio. Supportamos, em rigor, o silencio isolado, o nosso proprio silencio: mas o silencio de muitos, o silencio multiplicado, e sobretudo o silencio de uma multidão, é um fardo sobrenatural de que temem o peso inexplicavel até as almas mais fortes. Gastamos uma grande parte da nossa vida a procurar os logares onde o silencio não reina. Logo que dois ou tres homens se encontram, não pensam senão em banir o inimigo invisivel, porque quantas amizades ordinarias não teem outros fundamentos senão o odio do silencio? E se, apesar de todos os esforços, elle consegue insinuar-se entre sêres reunidos, esses sêres voltarão a cabeça com inquietação, para o lado solemne das cousas que se não vêem, e depois ir-se-hão embora o mais depressa possivel, cedendo o logar ao desconhecido, e evitar-se-hão no futuro, porque temem que a

lucta secular se não torne van mais uma vez, e que um d'elles não seja d'esses, talvez, que abrem em segredo a porta ao adversario...

A maior parte d'entre nós não comprehendem e não admittem o silencio senão duas ou tres vezes na vida. Não ousam acolher esse hospede impenetravel senão em circumstancias solemnes, mas quasi todos, então, o acolhem dignamente: porque os mais miseraveis mesmo teem na sua existencia momentos em que sabem proceder como se soubessem já o que sabem os deuses. Lembrae-vos do dia em que encontrastes sem terror o vosso primeiro silencio. Tinha soado a hora espantosa; e elle vinha ao encontro da vossa alma. Vistel-o subir dos abysmos da vida de que se não fala, e das profundidades do mar interior de belleza ou de horror, e não fugistes... Era n'um regresso, no momento de uma partida, no curso de uma grande alegria, ao lado de uma morte ou á beira de uma desgraça. Lembrae-vos d'esses minutos em que todas as pedrarias secretas se revelam e em que as verdades adormecidas despertam em sobresalto; e dizei-me se o silencio, então, não era bom e necessario, e se as caricias do inimigo incessantemente perseguido não eram caricias divinas? Os beijos do silencio infeliz — porque é sobretudo na desgraça que o silencio nos beija — não podem mais esquecer; e é por isso que aquelles que os conheceram mais vezes que os outros valem mais que os outros. Só elles sabem, talvez, sobre que aguas mudas e profundas repousa a delgada crosta da vida quotidiana; foram mais proximo de Deus, e os passos que deram para o lado da luz são passos que se não perdem mais; porque a alma é uma cousa que pôde não subir, mas que nunca pôde descer...

«Silencio, o grande Imperio do silencio», exclama ainda Carlyle — que conheceu tão bem esse imperio da vida que nos leva — «mais alto que as estrellas, mais profundo que o reino da Morte!... O silencio e os nobres homens silenciosos!... Estão dispersos por aqui e por acolá, cada

um na sua provincia, pensando em silencio, trabalhando em silencio, sem que os jornaes da manhã falem d'elles... São o proprio sol da terra, e o paiz que não tem d'esses homens ou que os tem em quantidade excessivamente pequena, não está em bom caminho... É uma floresta que não tem *raizes*, que toda ella é folhas e ramos, e que dentro em breve tem de seccar e deixar de ser uma floresta...»

Mas o silencio verdadeiro, que é maior ainda e que é mais difficil de attingir do que o silencio material de que nos fala Carlyle, não é um d'esses deuses, que podem abandonar os homens. Rodeia-nos de todos os lados, é o fundo da nossa vida subentendida, e desde que um de nós bate tremendo a uma das portas do abysmo, é sempre o mesmo silencio attento que abre essa porta.

Aqui ainda somos todos eguaes perante o objecto sem medida; e o silencio do rei ou do escravo, em face da morte, da dor ou do amor, tem o mesmo rosto, e occulta, sob o seu manto impenetravel, thesouros identicos. O segredo d'esse silencio, que é o silencio essencial e o refugio inviolavel das nossas almas, não se perderá nunca, e se o primeiro homem nascido encontrasse o ultimo habitante da terra, calar-se-hiam do mesmo modo nos beijos, nos terrores ou nas lagrimas, calar-se-hiam do mesmo modo em tudo o que deve ser ouvido sem mentiras, e apesar de tantos seculos, comprehenderiam ao mesmo tempo, como se tivessem dormido no mesmo berço, o que os labios não aprenderão a dizer antes do fim do mundo.

Desde que os labios dormem, as almas acordam e põem-se em actividade; porque o silencio é o elemento cheio de surpresas, de perigos e de felicidade, em que as almas se possuem livremente. Se, em verdade, quereis entregar-vos a alguem, calae-vos; e se tendes medo de vos calar com elle, — a não ser que esse temor seja o temor ou a avareza Augusta do amor, que espera prodigios — fugi, porque a vossa alma sabe já o que a espera. Ha entes

com quem o maior dos heróes não ousaria calar-se, e almas, que não teem nada a occultar, tremem comtudo de que certas almas as descubram. Ha outros, tambem, que não teem silencio, e que matam o silencio em torno d'elles; e são esses os unicos entes que passam verdadeiramente despercebidos. Não chegam a atravessar a zona reveladora, a grande zona da luz firme e fiel. Não podemos fazer uma idéa exacta d'aquelle que nunca se calou. Dir-se-hia que a sua alma não teve rosto. «Ainda nos não conhecemos, escrevia-me alguém que eu amava acima de tudo, ainda não ousámos calar-nos juntos.» E era verdade, já nós amávamos tão profundamente que tivemos medo da prova sobrehumana. E cada vez que o silencio, anjo das verdades supremas e mensageiro desconhecido especial de cada amor, descia ao meio de nós, as nossas almas, de joelhos, pareciam supplicar misericordia, e implorar ainda algumas horas de mentiras innocentes, algumas horas de ignorancia ou algumas horas de infancia... E, não obstante, é forçoso que a sua hora chegue. E' elle o sol do amor e amadurece os fructos da alma, como o outro sol os fructos da terra. Mas não é sem razão, que os homens o temem; porque se não sabe nunca qual será a *qualidade* do silencio, que vae nascer. Se todas as palavras se parecem, todos os silencios differem, e a maior parte do tempo, um destino inteiro depende da *qualidade* d'esse primeiro silencio, que duas almas vão formar. Efectuam-se misturas, não se sabe onde, porque os reservatorios do silencio estão situados muito acima dos reservatorios do pensamento; e o licor imprevisito torna-se sinistrantemente amargo ou profundamente doce. Duas almas admiraveis e de igual poder podem dar nascimento a um silencio hostile, e nas trevas farão uma á outra uma guerra sem mercê, ao passo que a alma d'um forçado *virá calar-se* divinamente com a alma d'uma virgem. Nada se sabe com antecedencia, e tudo isto se passa n'um céu que não previne nunca; e é por isso que os amantes mais ter-

nos retardam muitas vezes até ás ultimas horas a solemne entrada do grande revelador das profundidades do ser...

E' porque elles sabem, tambem — pois o amor verdadeiro reconduz os mais frivolos ao centro da vida — é porque elles sabem tambem que tudo o mais são brinquedos de creança em torno do recinto, e que só agora é que as muralhas cahem e que a existencia se abre. O silencio d'elles valerá o que valem os deuses que elles encerram, e se se não entendem n'esse primeiro silencio, as suas almas não poderão amar-se, porque o silencio não se transforma. Póde subir ou descer entre duas almas; mas a *sua natureza* não mudará nunca; e até á morte dos amantes terá a attitude, a fórma e o poder que tinha, no momento em que, pela vez primeira, penetrou entre elles.

A' medida que se avança na vida, percebe-se que tudo se passa segundo não sei que entendimento ou combinação prévia da qual se não diz palavra, na qual se não pensa mesmo, mas da qual se sabe, no entanto, que ella existe em qualquer parte, acima das nossas cabeças. O mais inefficaz d'entre os homens sorri, aos primeiros encontros, como se fosse o velho cumplice do destino de seus irmãos. E no dominio em que estamos, os proprios que sabem falar mais profundamente são os que sentem melhor, que as palavras não exprimem nunca as relações reaes e especiaes que ha entre dois seres. Se vos falo, n'este momento, das cousas mais graves, do amor, da morte ou do destino, eu não attingo a morte, o amor ou o destino, e apesar dos meus esforços, ha de restar sempre entre nós uma verdade que não é dita, que se não tem mesmo idéa de dizer, e, comtudo, essa verdade que não teve voz, houve um instante em que foi a unica que entre nós viveu, e não pudémos pensar n'outra cousa. Essa verdade, é a *nossa verdade* sobre a morte, o destino ou o amor; e não pudémos entrevel-a senão em silencio. E nada, a não ser o silencio, terá tido importancia. «Minhas irmãs, diz uma creança n'um conto de fadas, cada

uma de vós tem o seu pensamento secreto e eu quero sabel-o.» Tambem nós temos qualquer cousa, que se quize-
ra conhecer; mas isso occulta-se muito mais alto do que o
pensamento secreto; é o nosso silencio secreto. Porém, as
perguntas são inuteis. Toda a agitação de um espirito pre-
cavido torna-se mesmo um obstaculo á segunda vida, que
vive n'esse segredo; e para saber o que realmente existe
é necessario cultivar o silencio entre si, pois não é senão
n'elle que se entreabrem um instante as flores inespera-
das e eternas, que mudam de fórma e de côr conforme a
alma ao lado da qual se está. As almas pesam-se no si-
lencio, como o oiro e a prata se pesam na agua pura, e
as palavras que pronunciamos não teem sentido senão
graças ao silencio em que se banham. Se eu disser a al-
guem que o amo, não comprehenderá o que eu tenho dito
a mil outros, talvez; mas o silencio que se ha de seguir,
se com effeito o amo, mostrará até onde profundaram hoje
as raizes d'essa palavra, e fará nascer a seu turno uma
certeza silenciosa; e esse silencio e essa certeza não serão
duas vezes os mesmos em uma vida...

Não é o silencio, que determina e que fixa o sabor do
amor? Se fosse privado do silencio, o amor não teria nem
gosto nem perfumes eternos. Qual de nós não conheceu
esses minutos mudos, que separavam os labios para re-
unir as almas? E' preciso incessantemente procural-os.
Não ha silencio mais docil do que o silencio do amor: e é
verdadeiramente o unico, que não seja senão de nós só. Os
outros grandes silencios, os da morte, da dôr ou do des-
tino, não nos pertencem. Avançam para nós, do fundo dos
acontecimentos, á hora que escolherem, e aquelles a quem
elles não encontram, não teem que censurar-se. Mas nós
não podemos sahir ao encontro dos silencios do amor. El-
les esperam noite e dia no limiar da nossa porta e são tão
bellos como seus irmãos. Graças a elles, os que quasi não
choraram podem viver com as almas tão intimamente como
os que foram muito desgraçados; e é por isso que, os que

amaram muito sabem também segredos, que os outros não conhecem; porque ha, no que calam os labios da amizade e do amor profundos e verdadeiros, milhares e milhares de cousas, que outros labios não poderão jámais calar...

Mauricio MAETERLINCK.

Trio de poetas

JOÃO DE LEMOS

(AO VISCONDE DE PINDELLA)

Na cidade gentil do austero estudo,
Sobranceira ao Mondego socegado,
Em cuja riba o sinceiral agudo
Toda a noite suspira gorgeado,

Foste erguido no concavo do escudo
Pelos moços de outr'ora e celebrado
Trovador, cavalleiro e namorado...
Tempo de glorias! Como passa tudo!

No emtanto às vezes na provincia, quando
A um doce, honesto e feminino bando,
Digo a *Lua de Londres*, de repente

Da infancia volvo á candida simpleza,
E ondulam na minha alma vagamente
Trémulas notas de fugaz tristeza.

JOÃO DE DEUS

(A AUGUSTO SARMENTO)

Sempre que o leio, sinto-me captivo
De um não sei que, d'infinda suavidade,
E entram comigo uns longes de saudade,
Que me deixam sisudo e pensativo.

Sonho; quizera em triste soledade
Viver das gentes apartado e esquivo,
E erguer-me áquelle mundo primitivo,
Onde resplende a eterna mocidade.

Já o seu nome é tão suave e brando,
Tão euphonico, meigo e delicado
Que fica nos ouvidos suspirando.

Diz a lenda que vive descuidado
Ramos tecendo, e *Flores* emmoitando,
Da Chymera nos seios reclinado.

JOÃO PENHA

(A ANTHERO DO QUENTAL)

Nervoso mestre, domador valente
Da Rima e do Soneto portuguez,
Não te iguala a pericia de um chinez,
Na pintura de um vaso transparente.

Ha no teu verso a musica dolente
Da guitarra andaluza, e muita vez
Rompe em meio da vaga languidez
O silvo estriduloso da serpente.

No *Vinho e Fel* traçaste o escuro drama,
Em que soluça e ri na extensa gamma
Teu desgrenhado amor, doudo e feroz.

Mas se do peito ancioso o dardo arrancas,
Teu canto exhala as alegrias francas
Do antigo poeta da virente Kós.

Coimbra.

GONÇALVES CRESPO.

PRINCEZINHA

SEGUNDA PARTE

IV

(Continuação)

... Até então, elles haviam-se amado secretamente, com um amor a um tempo casto, apaixonado, delicado e subtil — com o susto das separações bruscas que desenlaçam, no meio do melhor sonho. A grande cidade servia-lhes de cumplice, ajudava-os a occultar as suas ternuras, a representar essa comedia de cada hora...

... Conheciam as alamedas solitarias do Bosque, as pequenas veredas estreitas que se prolongam na extensão de alguma ribeira artificial onde se reflectem as manchas verdes das folhas, os talhões azues do céu e os vôos fugazes das aves, — esses caminhos invadidos pelos ramos, onde se ouve ao longe o monotonico rumor das carruagens, vago como um acompanhamento em surdina, onde se tira o véu para melhor sentir o calor dos labios, onde se anda pelo braço um do outro repetindo as mesmas phrases, as doces phrases que fazem pulsar o coração...

... Eram entrevistas nos jardins das Telharias, nas quaes André sempre chegava primeiro, e palpitava de alegria logo que avistava ao longe, debaixo de grandes arvores, entre as estatuas brancas, a ondulosa figura de

M.^{me} de Pardeilhac, andando depressa, e balouçando atraz da sua cabeça loira, como uma aureola, a sua umbella de chantilly. Oh! que sorriso lhe illuminava o rosto, e lhe profundava as covinhas, quando ella o reconhecia, e como apressava o passo, como dizia n'um tom inquieto: «Não me demorei muito, não?...

... Outras vezes encontravam-se nas naves lateraes de alguma egreja, em Santa-Clotilde, ou em Nossa Senhora das Victorias, immoveis, em attitudes de prece pelo prazer de ajoelharem um instante ao lado um do outro, de collocarem o seu amor sob protecções mysticas, de tomarem agua benta ao mesmo tempo deixando encontrar os dedos. E essas esperas na penumbra mysteriosa de uma capella, ouvindo em torno o arder das velas accesas em triangulos, o murmurar de orações, o cheiro dos ramos já murchos, que juncam o altar da Virgem, esses quartos d'hora em que se tem um sobresalto quando a porta se abre, recae nos seus batentes forrados, e de repente sôa o tinir dos soldos nas bandejas extendidas, deleitavam M. de Laumières...

... Eram tambem os longos passeios n'um coupé de aluguer, em que se indica uma direcção inverosimil ao cocheiro; em que, como no fundo de alguma alcova apertada e quente, com as janellas semi-cerradas, os stores meio descidos, se abandonavam á alegria de estar juntos, se inebriavam lentamente de confissões murmuradas a meia voz, de beijos que se perdem no pescoço, nos cabellos, na nuca. Eram partidas de campo nas quaes se viaja na mesma carruagem, sem que se pareça ser conhecido, para logo se juntarem, ao voltar de uma rua da aldeia, rindo á gargalhada como estudantes fazendo uma garotice...

... No baile, tinham signaes para se entenderem e juntarem, certos modos de abrir o leque, de pregar o ramo, certas palavras na apparencia banaes que os reanimavam como um copo de champagne, que os saccudiam no seu aborrecimento de não poderem nem sequer flirtar, nem ao

menos sentarem-se em cantos desertos onde ninguem os espie nem incommode...

... M. de Laumières não ia agora a casa de sua amiga senão nos sabbados — como toda a gente. Ella havia-lh'o pedido por causa do seu pessoal, que se admirava de tão frequentes visitas e as commentava maliciosamente na cozinha; — mas elle chegava muito tarde, quando tinha a certeza de encontral-a sósinha, impaciente, penteada como elle gostava, apenas alumiada pelo clarão das lampadas na tranquillidade soporifera das trevas que cahiam. E collocava-se a pouco e pouco ao lado d'ella, contava-lhe minuciosamente tudo o que tinha feito desde a hora em que, na vespera, se tinham deixado, pegava-lhe nas mãos, acariciava-lhe os cabellos loiros, cabellos finos como seda dourada, perdia a cabeça sob a doçura do seu olhar, não sabia já que dizer, attrahido como era pela mancha rosea dos seus labios e pela covinha que se cavava muito proximo do seu narizinho zombeteiro, cujas narinas tinham uma vibração sensual...

... No momento de se separar de M.^{me} de Pardeilhac, André levantava-se e tornava-se a sentar mais de dez vezes, fazia sahidias falsas, parecia não ter coragem de lhe dizer adeus, tornava a beijal-a, afagava-a mais alguns minutos, enquanto a ella se lhe humedeciam os olhos, e fazia a voz meiga e affectuosa de uma mamã que ralha sem vontade com o filhinho pequeno, chamando-o á razão, despedindo-o...

... Acompanhava-o até á porta da sala, lançava-lhe os dois braços em torno do pescoço, dava-lhe as flores que trazia no peito, perguntava-lhe muito baixo:

— É capaz de amar-me tanto, como eu o amo?

E elle respondia-lhe firmemente:

— Adoro-a com todo o meu ser e cada vez mais...

Ninguem suspeitaria, que a condessa Renata de Pardeilhac, essa impeccavel que tinha resistido a todos os assaltos como um muro de diamante, houvesse deixado tomar

o coração, n'uma tarde de primavera, e amasse outras cousas, que não fossem sua filha, os seus gatos e as suas toilettes.

Nem o marido, que abandonava a casa, e que não apprecia senão para vir procurar cartas ou buscar dinheiro, para figurar em face de sua mulher nos grandes jantares, e que Marietta d'Asti mantinha sob o jugo como um animal submisso.

Nem as ociosas, que se julgam obrigadas a fazer a policia da sua convivencia, que farejam e perseguem, como Madame de Luxille, tudo o que cheira a amor e a felicidade, que espiam, da mesma fórma que um caçador espia a caça, as mulheres excessivamente bonitas cuja reputação se conserva intacta e respeitada a despeito das calumnias más e invejosas...

... Mas a pouco e pouco, como a sua mutua idolatria augmentava, como ella se tornava o seu unico fim, cançaram-se d'esse constrangimento perpetuo, d'essas privações oppressoras que os enervavam, d'essas mentiras prudentes cujo aborrecimento lhes subia ao coração.

Afoutaram-se. Mostraram-se. Zombaram de tudo.

M. de Laumières acompanhava a condessa, a cavallo, de manhã, no Bosque; e bem assim nas primeiras representações, em frisa; no Salão, ás sextas feiras; e nos leilões e vendas de caridade. Quizera ser um d'aquelles angoras pretos que dormiam sobre a cama d'ella, e que ella afagava ao acordar. Vivia no deslumbramento dos seus cabellos de rainha. Não pensava n'outra cousa.

Atirava para o lume todos os convites.

Não ia a nenhum casamento, a nenhuma ceia, abandonava a partida do club, evitava os amigos como importunos, desaparecia completamente do antigo quadro da sua vida, como se se tivesse casado ou andasse viajando...

... Interpretavam no peor sentido, reduziam a uma d'essas aventuras banaes que cada qual teve ou pode ter,

essa delicada e talvez unica communitade de sensações, de sonhos e de pensamentos, onde só o coração e a cabeça estavam em jogo, onde não entravam nem um desejo luxurioso, nem mesmo o atractivo e o engodo da posse.

Era esse o thema de todas as maledicencias crueis, que fluctuam no fumo dos cigarros e no aroma das chavenas de chá.

... E já não podiam dar um passo, sem esbarrar com qualquer amigo, que affectava não os reconhecer ou desviava a cabeça; não podiam apertar a mão n'uma sala sem notarem sorrisos maus que os observavam, nem valsar juntos durante cinco minutos sem surprehenderem na passagem ditinhos murmuradores.

Uns lastimavam hypocritamente M. de Pardeilhac. Outros erguiam os hombros, exclamando: «Dente por dente; elle não tem senão o que merece!»

... Escreviam-lhe cartas anonymas, perfidas e odiosas, que o revoltavam e enfureciam apesar da baixeza em que havia cahido, e esteve a ponto, n'um accesso de cólera espumante, de zurzir a chicote a sua dançarina uma noite em que esta, com o seu pastoso sotaque do Transtevere, lhe disse:

— És um estúpido em não a expremes bem... Devias fazel-a escarrar para ali o bolo todo!

... E inquietos, desorientados, adivinhando tudo o que se tramava contra elles, nas suas costas, as intrigas occultas, os ciumes crescentes, os despeitos cada vez maiores, molestando-se em pleno sonho no reverso do amor, desesperavam-se, não ousavam marcar entrevistas, desalentavam-se como exilados que, sem trégua, teem saudades das alegrias perdidas, dos horisontes familiares, do telhado sobre o qual desciam pela noite as bandadas dos pombos, do fumo que subia no céu d'ouro como um halito azul, e das constellações immutaveis que se viam por entre as arvores do caminho...

.....

... Para não compromettel-a, para salvar o nosso amor e suspender o curso das maledicencias, — escrevia M. de Laumières no seu jornal, — ostentei ligações com uma *cocotte* durante quatro semanas, apresentei por toda a parte a enorme Fancy Sterling, actriz das Novidades, que está muito na voga, e que chama a attenção para um homem.

Tem uma cara comprida e magra onde os olhos chammejam como tições e que os seus cabellos pretos cobrem como uma nuvem de sombra; mãos de vaqueira cheias de anneis, e cintura flaccida, que verga como um vime.

Dou-lhe o que ella quer. Invento-lhe caprichos. Arvoro-a todas as noites por toda a parte onde ha qualquer attracção, onde ha divertimento, onde se encontra um rancho de casacas pretas. Preguei-a na minha botoeira, como uma gardenia.

E todos esses imbecis cahiram no laço, imaginam que tudo é verdade, commentam a aventura. Fancy, ao principio, ficou surprehendida com as minhas reservas, com os meus retrahimentos, com o frio e invariavel aperto de mão, que trocavamos quando nos apeavamos do coupé á sua porta, depois d'essas ceias de companheiros em que as cabeças ficam excitadas, em que os beijos estalam sobre os hombros nus, em que se cruzam as esfusiadas libertinas.

Depois, acostumou-se a isso, com a sua fleugma de inglaterra que se não admira de cousa alguma. Levantei-lhe a cotação. Não lhe recuso uma joia, não questiono uma conta de costureira ou de modista. Póde dormir á sua vontade, attender qualquer apaixonado, se isso lhe der gosto. Não sou nem ciumento, nem embaraçante, nem parcimonioso.

Que mais precisa ella?

M.^{me} de Pardeilhac recompensa-me centuplicadamente d'essa odiosa tarefa a que me condemnei; e quando lhe conto os ditos estupidos de Fancy, as suas perguntas disparatadas, os seus espantos absurdos, ri como uma creança a quem se está ensinando um jogo novo. Vamos en-

commendar, juntos, os açafates de flôres, que as porteiras dos camarotes atiram para a scena, depois de duas coplas que ella tem de cantar, no terceiro acto da sua peça, com voz de borrego. Escrevemos, um ao lado do outro, as cartas quasi galantes que Fancy deixa abertas ostensivamente no seu camarote, por entre os frascos e os boiões de pintura.

Às vezes, Renata torna-se séria e preoccupa-se, mordida no coração por inverosímeis suspeitas, e exclama em voz saccudida de mulher ciumenta:

« — Jura-me que nunca lhe deu um beijo, que isso tudo não passa de uma comedia! »

... E sinto que ella se enerva, se irrita, que o seu orgulho sangra e que preferia muito atirar tudo pela borda fóra, desafiar o mundo a quem despreza, e interromper esta especie de romance equivoco em que soffre de me ver envolvido por sua causa.

... Uma noite d'estas M. de Pardeilhac fazia parte do rancho com a sua desastrada amante. Disse-me com uns ares de creador que faz o seu juiso sobre um animal puro sangue:

— Felicito-o muito, meu caro; aquella Fancy deve ser um pedaço de mulher, de primeira ordem... Bom trabalho, hein?

E Marietta cortou-lhe a palavra, encolhendo os hombros:

— Ah! é vontade de falar... Olha que te havia de servir para muito...

... E tiveram então — quando os seus olhares se cruzaram — um sorriso tão extranho, que me revelou o segredo d'aquella irremediavel decadencia, sorriso de triumpho vibrante e cruel nos labios carminados e volumosos da mulher; sorriso resignado e humilde de mendigo, capaz de beijar o chão para obter a esmola do costume, sorriso pungente na bocca deformada do homem...

.....
 ... Não conheço nada melhor do que as primeiras ternuras, os primeiros beijos, as sensações inacabadas, que

nos derreiam e endoidecem. Toda a felicidade de amar está no desejo, no sonho que enche a cabeça e o coração, no desconhecido que se persegue com angustia, na febre que se procura adivinhar, nas hesitações, nos temores, nas commoções em que nos mergulham o som de uma voz, a apparencia de uma confissão, a doçura brusca de um olhar.

Será possível esquecer as horas em que principiamos a ligar-nos a uma mulher, em que estudamos os seus gostos, os seus caprichos, a sua alma, em que se perde a energia, a razão, o sentido de tudo, a pouco e pouco, como por uma chaga invisível, em que se acaba por ser absorvido, hypnotisado de certo modo n'uma tentação despotica e enervante? Que alegrias quando ha um encontro, por um minuto que seja, quando se conversa mesmo de cousas banaes, quando de repente nos adivinhamos como se fosse por uma influencia magica! É infantil e é delicioso. Nenhum ciume, nenhuma saciedade, nenhum rancor, perturbam essa beatitude absoluta. Escrevem-se longas cartas de uma paixão ingenua e franca, cartas que se cobrem de beijos quando se recebem, se lêem e relêem. Não pôde haver adoração mais alta.

Tudo é bello. Tudo é bom. Tudo é azul.

Os mais banaes apertos de mão impregnam-se não se sabe de que goso. A musica que se escuta na mesma sala, a paisagem que se observa juntos, as impressões que se experimentam na vida corrente, extasiam-nos, embriagam-nos como um licor de um aroma subtil, e as entrevistas tanto tempo esperadas, tanto tempo desejadas, em que se pensa desfallecer de amor por estar alli aquella que se ama, ali perto de nós com o seu perfume, com os seus cabellos, com a sua cabeça adoravel, córando de sobresalto, excitada, commovida, porque se pôde dizer-lhe emfim, que a amamos, que a idolatramos, que é o nosso sonho, e em que ella se cala e se abandona, e não sabe mais do que extender os labios com delicados e renascentes pudores...

... E a gamma dos beijos, primeiramente timidos, inquietos, quasi incertos, tão fugazes, tão furtivos, que apenas se saboreiam, demorados depois, esquecidos e deliciosos, nas covinhas do rosto, na nuca, nos signaes que mancham a pelle branca e rosada, correndo nos cabellos, sobre as palpebras e finalmente na bocca, d'ondo se expandem as ebriedades atordoantes, as delicias inolvidaveis.

... Caricias multiplas, delicadas, sabedoras, que desalteram a sêde como quando em pleno verão se trinca um fructo vermelho e maduro, caricias pelas quaes se daria a vida e de que se guarda o sabor em toda a carne sobreexcitada e possuida!

... Sou feliz; deixo-me viver...

... Retomámos a nossa existencia antiga...

... Ella fará de mim o que quizer. Pertenço-lhe e o meu sonho é amal-a cada vez mais...

... E tenho quasi a apprehensão do que é fatal, do dia de amanhã, que os mais fortes, os mais avisados não lo-gram conjurar, evitar, do que se segue, que tantas vezes desengana e desenlaça tantas vezes...

... Hontem, voltávamos muito tarde do Bosque, pelo caminho da beira d'agua. Cahia a noite. As arvores estremeciam, e das planicies ceifadas erguia-se e dispersava-se o cheiro acre do feno. Renata trazia um vestido de *foulard*, tão ligeiro, que o seu contacto parecia o de uma pelle suave e morna. Apertávamo-nos um contra o outro, com aquelles gósos secretos que nos provêm do menor contacto, da menor provocação, da menor palavra, quando a gente se adora verdadeira e completamente...

... Ella dizia, rindo, gaiatices, como se tivesse medo de se abandonar aos seus pensamentos, á tentação de falar ainda e sempre da nossa querida loucura. Embalsamava o ar, como uma extranha flôr de carne...

... Deante de nós traziamos um grande môlho de lilazes brancos e de rosas-rainha, e de repente, n'um bonito

gesto de creança, pegou no ramo com a sua mãosita enluvada, e mergulhou n'elle o rosto adoravel. Eu não podia ver senão os seus olhos. Afogavam-se n'uma languidez crescente. Sorriam. Fechavam-se um pouco, como se fosse ao peso do somno. E assim encoberta pelas rosas e pelos lilazes, attrahi-a docemente a mim; afastei a pouco e pouco as flores como se levanta a cortina de uma alcôva, e no seu perfume tão intenso e tão subtil, tão penetrante, os meus labios procuraram os d'ella, pela primeira vez ousaram affloral-os, pisal-os, possuil-os n'um longo beijo, delicioso...

... E ella paralytava-se nos meus braços, e eu sentia o seu coração batendo, batendo, como uma ave agonisante...

... As flores haviam cahido sobre os nossos joelhos; mas tinhamos os labios como que sellados, e essa caricia queimava-me, exasperava-me, penetrava-me, endoidecia-me, e eu tinha a sensação de morrer de uma morte lenta, divina como uma apothese, que o meu corpo se despedaçava, se anniquilava, que esse beijo me dava o golpe de misericordia, como uma lamina aguda que se enterra na carne...

... Sou feliz; mas tornarei eu a encontral-os jámais, esses minutos de beatitude absoluta, de delicia sobrehumana, essa inteira posse do sêr por um outro sêr?

.....
Quando ella canta, penso nas vozes timbradas e finas dos pequeninos coristas de igreja, vozes que tremem um pouco, e que no acompanhamento dos orgãos se elevam tão docemente como se fossem musica do paraizo. No meio de uma multidão seria difficil de ouvir; mas na sala silenciosa, do minimo trecho de canção que ella garganteia resalta um encanto indefinivel, que invade o coração e o melancolisa. Escutal-a-hia horas e horas sem experimentar um segundo de fadiga.

Sabe romanzas antigas, velhas arias como as que can-

tam as fiandeiras sentadas á sua roda, estribilhos como os que se escutam ao crepusculo no fundo das aldeias, na provincia. E d'entre ellas, ha umas que eu prefiro, que eu desejava todas as vezes fazer-lhe repetir, candidas e nostalgicas como impregnadas do grande sopro do mar, da immensa tristeza das cousas, e de um tal amor, que se fica commovido, a ponto de chorar.

... Parece-me que na sua voz suggestiva se encarnou a alma de um d'esses pianos-cravos, que nenhuma mão abriu ha muito tempo já, que dorme na sombra entre moveis solemnes, roídos de caruncho, e d'onde escapam sonoridades vagas, vibrações mysteriosas...

... Na hospedaria onde tinhamos parado, havia um piano, uma pobre espineta desafinada cuja historia devia ser lamentavel...

... Nas paredes, em molduras pretas, desenrolava-se a historia de Pyramo e Thisbe, e, pela janella aberta, via-se um lago immovel como um riacho de parque senhorial. A toalha verde, listrada de riscas luzentes, tinha um frémito ligeiro, como o que passa pelos hombros nus de uma mulher, quando se lhe fala de amor, valsando. Espelhavam-se arvores nas profundidades da agua adormecida, onde os frócos das nuvens fluctuavam silenciosamente ao mesmo tempo que um cysne, um bello cysne branco, o qual no seu perpassar lento e doce quasi não enrugava a superficie da agua, tinha qualquer cousa de hieratico...

... Ao longe, pelas collinas, como que desabavam os vinhedos, e os pomares, reluzindo sob as projecções da luz, salpicados de casinholas com os seus telhados de colmo brilhantes como ouro...

... Renata — emquanto uma creada punha a mesa — tinha aberto o piano, preludiara por uma serie de accordes monotonos e languidos, e em seguida principiou, quasi n'um tom de psalmodia, uma canção de guerra, que eu preferia entre todas as outras.

... Eu estava em pé ao seu lado, com a mão apoiada na estante do piano. E muito lentamente, quando a canção acabou, a querida amada inclinou-se, apoiou os lábios sobre os meus dedos, e foi tão bom, de uma ternura tão absoluta, que nunca mais o esqueci, e que me ha de lembrar sempre, sempre...

.....

(Continúa).

René MAIZEROY.

O GAITEIRO GALLEGO

Um repolhudo gaitero
De panno de lan vestido,
Como um principe garrido,
Carinhoso e bandoleiro,
Entre os moços o primeiro,
E nas cidades sem par,
Tinha por uso cantar
Logo pela manhãzinha:
Com esta minha gaitinha,
Meninas heide enganar.

Pela aldeia, quando entrava
Como em proprio senhorio,
Garboso sempre e com brio
No tambor se acompanhava;
Se na gaitinha soprava,
Era tão doce o soprar,
Que bem fazia em cantar
Logo pela manhãzinha:
Com esta minha gaitinha,
Meninas heide enganar.

Todas com elle folgavam,
Todas por elle morriam,
Se o tinham perto, sorriam,
Se o tinham longe choravam:
Mau peccado! não cuidavam
Que elle no seu florear,
Tinha por uso cantar
Logo pela manhãzinha:
Com esta minha gaitinha
Meninas heide enganar.

Caminho da romaria
Debaixo d'uma figueira,
Quanta menina solteira
— Amo-te! — lhe repetia...
Elle a tocar respondia
Para melhor as lograr,
Pois bem fazia em cantar
Logo pela manhãzinha:
Com esta minha gaitinha
Meninas heide enganar.

Ellas louquinhas bailavam
E junto d'elle corriam,
Cegas... cegas que não viam
Os espinhos que as cercavam;
Borboletinhas buscavam
A luz que as ia queimar;
E o moço sempre a cantar
Logo pela manhãzinha:
Ao som da minha gaitinha
Meninas heide enganar.

Nas festas, tudo a contento!
Que riso nas esfolhadas!

Todas, todas lamoradas
Deram-lhe o seu pensamento;
Mas elle d'amor sedento
Quiz a todas enganar;
E ao vel-as depois chorar,
Cantava nas manhãsinhas:
*Não sejam ellas tontinhas,
Não venham ao meu tocar.*

(Traducção de Fernandes Cost).

R. C. de MURGUIA

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Continuação)

Depois da batalha do Vimeiro, Junot perguntou aos generaes Loison, de Laborde, Kellermann e Thiébault, o que lhes parecia mais conveniente que se fizesse. Uma retirada atravez de Hespanha era impossivel, mesmo em marchas forçadas. As circumstancias eram quasi desesperadas.

O resultado da conferencia provocada pelo duque, foi enviar o general Kellermann, com plenos poderes, ao campo dos inglezes, para vêr o que se poderia tratar com elles. O exercito inglez tinha por chefe sir Hew-Dalrymple, e por immediato sir Arthur Wellesley, mais tarde lord Wellington.

No dia 22, ás onze horas da manhã, o general Kellermann dirigiu-se para o Vimeiro.

Só ás tres horas é que avistou os postos avançados dos inglezes, os quaes estavam nos mesmos logares da vespera. A inquietação dos inglezes era tal que, á vista de um official-general e da sua ordenança, não obstante levar o lenço branco na ponta do sabre, dispararam-se uns poucos de tiros de espingarda; afinal, foi reconhecido parlamentar e levado á presença de sir Hew Dalrymple, que chegara

de manhã, e vinha substituir lord Wellington para assignar a convenção de Cintra. Realmente, não valia a pena.

O general Kellermann entende tão bem o inglez como o francez; mas não o deu a conhecer. Na posição do exercito francez, tudo era permittido. Por isso, não teve escrupulo algum em parecer que não comprehendia nada. Este ardil deu-lhe bom resultado, pois, logo que expoz as primeiras bases de uma combinação, viu os dois generaes inglezes retirarem-se para o vão de uma janella e dizerem a meia voz: *We are not in a very good situation; let us hear him.* ¹

N'esse momento annunciou-se que estava o jantar servido, e o general Kellermann, sendo convidado por sir Hew Dalrymple, sentou-se á mesa com elles. O jantar foi alegre, mas extremamente frugal; isto fez pensar ao general Kellermann que era certo o que diziam da penuria de viveres dos inglezes. Enquanto estavam á mesa, chegou um official que tinham mandado á Figueira; como até ahi nada fizesse imaginar que o duque de Valmy falava inglez, sir Arthur Wellesley e sir Hew perguntaram-lhe com interesse, mas em inglez, que novidades trazia. O official respondeu: *«Sir John Moore is not yet arrived at Figuera.»* ²

Ora, este John Moore era o sir John Moore que depois foi derrotado no mar, pelo imperador, e creio que pelo marechal Soult, na Corunha. Devia trazer 14:000 homens a sir Hew Dalrymple, e a sua ausencia ou a sua presença eram muito importantes. O general Kellermann conservou-se sempre na attitude de quem não comprehende uma palavra de uma lingua estrangeira. Isto foi-lhe ainda muito util n'esta mesma conversação.

Afinal, logo que os preliminares foram concluidos e assi-

¹ Não estamos n'uma situação muito boa; ouçamos o que elle diz.

² Sir John Moore ainda não chegou á Figueira.

gnados, o general Kellermann regressou ao quartel general francez, acompanhado até aos postos avançados por milord Burghen, e tratado com a maior amabilidade pelos officiaes inglezes, nos quaes a sua grande reputação militar devia ter causado impressão e que acabavam de obter uma prova evidente do seu talento como homem habilmente politico.

Os dois generaes em chefe, tendo escolhido, para procederem em seu nome, o general Kellermann e sir Jorge Murray, trataram segundo as bases já combinadas.

Apesar da habilidade do general Kellermann, ergueram-se algumas difficuldades. Junot, então, disse :

— Não é um favor que peço. Se me recusam as condições reclamadas para o meu exercito, retiro-me para Lisboa, faço saltar os fortes, queímo os arsenaes, a frota, e, senhor das duas margens do Tejo, retiro-me para Hespanha, deixando signaes terriveis da minha passagem.

Depois ouvi-o lamentar-se por não ter abraçado este partido.

— E, comtudo, dizia elle, arriscava-me a morrer de fome e a fazer perecer o meu exercito, com mais certeza do que á chegada. Em semelhante posição, tudo era desastre.

O general Thiébault considerava isso impossivel, e a sua opinião, como chefe do estado maior, é de grande peso n'esta circumstancia. Emquanto a fazer saltar os fortes e incendiar Lisboa, creio que Junot era capaz d'isso.

Afinal, M. de La Grave, ajudante de campo do duque de Abrantes, partiu de Lisboa no dia 5 de setembro e chegou a Paris nos primeiros de outubro, trazendo ao imperador a convenção definitiva que fóra assignada no dia 30 de agosto pelos dois generaes em chefe ; esta convenção admiravel produziu tal effeito em Inglaterra, que lord Byron compoz com ella as duas mais bellas estrophes de *Child Harold*, e sir Arthur Wellesley e sir Hew Dalrymple foram processados. Tiveram de sujeitar-se a uma devassa. Responderam que o character bem conhecido de Junot tinha

sido a causa principal da sua resolução, porque estavam decididos a conquistar Portugal a todo o custo, e tinham receado uma determinação funesta para o paiz. Junot foi extremamente considerado por esse facto da convenção de Cintra, ainda mais nos paizes estrangeiros que na sua patria; o imperador queria victorias e não queria mais nada. Tudo o que não era um triumpho era para elle uma derrota.

Regressando a França, Junot encontrou o duque de Rovigo.

— Como estás, Savary? disse-lhe Junot encaminhando-se para elle e extendendo-lhe a mão com franca e leal cordealidade.

— Como está Vossa Excellencia? respondeu o duque de Rovigo fazendo um cumprimento até ao chão, mas com expressão evidentemente satyrica.

— Bem, meu caro general, disse Junot mudando logo de tom e de maneiras; e, sobre tudo, muito satisfeito por tornar a vêr a França.

— Que diacho! parece-me que serias ingrato para com a Providencia se não tivesses saudades do Eldorado de onde vens. Dizem que é exactamente como no conto de Voltaire, que as creanças jogam as cinco pedrinhas com esmeraldas e rubis.

Junot conhecia-lhe bem o feitio, mas não o julgava d'esta força.

— Até dizem, continuou o duque de Rovigo, que trouxeste de lá diamantes brutos de um tamanho absolutamente desconhecido em Paris: é verdade?

— Tenho pena, francamente, disse Junot, de não poder mostrar-te algumas das pedras que eu mesmo escolhi n'um grande sacco de panno verde (é assim que as trazem do Brazil); um sacco d'esta altura, palavra. . .

E Junot erguia a mão á altura de tres pés, pouco mais ou menos. O general Savary e uma outra pessoa que talvez se lembre d'isto, escutavam com uma avidez sem igual.

— N'um grande sacco de panno verde, onde havia talvez dez ou doze mil.

— E são muito bonitas, essas pedras?

— São de um tamanho menos mau, disse Junot; uma d'ellas, por exemplo, mandei-a cavar para fazer um copinho para o meu filho.

— Ah! meu Deus!

— Sim, sim, disse um dos ouvintes, a meia voz, voltando-se para o outro; é verdade. Imagine que deram a M.^{me} Junot um collar de pedras tão grandes, *que não pode com ellas.*

Estas palavras foram ditas tão positivamente como as relato. Quem ha de crer que um homem de espirito como o duque de Rovigo repetisse um absurdo de tal natureza? Estas miserias tomaram tal consistencia, que apenas regressei a Paris, não se falou senão n'essa magnificencia oriental, que devia offuscar a imperatriz. Pôde-se calcular que bom pasto isto era para as almas christãs que nunca me tinham perdoado a posição elevada em que o imperador collocara Junot e que eu recebia d'elle! A datar d'esse momento, todos os passos que eu dava eram observados; tudo em que eu tocava se transformava em ouro, como succedia àquelle rei da Lydia; tudo o que eu usava era muito melhor do que o dos outros.

Eu enviara os meus diamantes brutos para a Hollanda a fim de m'os lapidarem. Havia quinhentos Karats; custou-me um luiz cada Karat; ahi estão pois quinhentos luites só para esse trabalho. As saphiras, em numero de vinte, foram cercadas d'essas pedras, e do resto, com as minhas espigas de diamantes, mandei fazer uma grinalda com uma rosa amarella no meio, formada de diamantes amarellos que se achavam por acaso entre as pedras brutas. Essa rosa era chata, e engastada em ouro para se vêr bem que era feita de diamantes amarellos e não coloridos; houve quem dissesse que era um unico diamante. De mais, essa grinalda não tinha nada de extraordinario, e eu podia

citar algumas senhoras que as possuíam mais bonitas do que a minha.

Outra circumstancia attenuante para as más linguas, é que Junot recebia seiscentos mil francos como governador geral de Portugal; tendo parte das despezas pagas, trouxe para França uma porção dos seus soldos. Quando regresssei a Paris, elle disse-me que levasse commigo uma quantia em ouro que possuia e que, como acabo de dizer, provinha dos seus emolumentos.

Eu tinha medo de viajar com um attractivo para os ladrões; Junot, porém, que não era facil de intimidar, riu-se de mim e obrigou-me a levar o cofre com o dinheiro, cujo peso esteve quasi a ser um obstaculo; tinha dentro quatrocentos e trinta mil francos em ouro. Quando se transportou, esse desgraçado cofre, ou porque recebesse um choque ou porque fosse mal dirigido, o que é certo é que se abriu, e de dentro cahiu uma quantidade de moedas de quarenta francos, ás quaes chamavam, no paiz, peças de dois mil e quatrocentos. Imagine-se o effeito que essa chuva de ouro produziu em uma multidão embasbacada e curiosa! a impressão que isso fez nas creadas de quarto, nas governantes e nos homens, pois não eram precisos olhos nem ouvidos femininos para que o caso fosse immediatamente repetido, augmentado, e commentado, sobre tudo! As peças de ouro representaram o papel do ovo posto pelo marido; tinham cahido talvez umas cem; antes do fim do dia, era um milhão!

A imperatriz recebeu-me logo que regressou de Bayonna. Os circulos eram então muito brilhantes, para o que contribuiam as nossas bellas *toilettes* de côrte: os nossos mantos bordados a palhetas de prata e de côres; as nossas pedrarias bem dispostas, as nossas joias com profusão, e nenhuma d'essas horriveis joias falsas de que as mulheres se cobrem actualmente e que revelam uma vaidade estúpida e a falta de dinheiro. Esta ultima não é mal nenhum; mas, n'esse caso, deve-se ter o bom gosto de não consi-

derar como obrigação trazer pedras luzentes nas orelhas. Póde-se estar muito elegante sem diamantes, e sobre tudo sem diamantes falsos, tanto mais quanto é certo que isto se percebe e não se pode occultar.

Uma senhora com quem eu estava em relações amigaveis, sem que fossemos a casa uma da outra, disse-me, um dia:

— Vae amanhã ao circulo?

— Com certeza. Porque é essa pergunta?

— Previno-a de que será convidada para a mesa da imperatriz se levar os seus diamantes. Leva-os?

A pergunta pareceu-me tão singular, que fiquei estupefacta.

— Talvez. Mas gostava de saber por que motivo a imperatriz fará aos meus diamantes a honra de convidal-os para cear?

— Oh! se levar perolas, é o mesmo. Afinal, continuou ella, rindo, talvez seja convidada ainda que não leve nem uma cadeia de ouro ao pescoço.

— Está-me parecendo tão extraordinaria, disse eu, amavel e espirituosa como é, que desejava ter uma explicação d'essas palavras.

Ella desatou a rir.

— E' amavel e julgo-a bondosa, disse-me ella. Por isso as tolas historias que cuço causam-me dó; odeio a gente estúpida. Vá amanhã bonita, peço-lhe.

Esta mulher espirituosa, que me attrahia, não obstante impôr-se a muita gente, e de quem eu gostava por me parecer que ella também gostava de mim, era a senhora condessa de Rémusat; ella e a irmã eram duas mulheres encantadoras, e eu procurava a sua companhia sempre que as avistava. Madame de Rémusat era um pouco fria á primeira vista, mas em seguida apreciava-se tanto mais o seu agrado, quando ella estava disposta a manifestal-o; Madame de Nansouty, boa, espirituosa, mais affavel do que a irmã, possuia então, como sempre, um encanto especial.

Fiz o que tinha dito a Madame de Rémusat; levei os meus diamantes. Levava um manto de tulle branco bordado a prata, e a cauda e a roda da saia tinham uma grinalda de botões de rosa, ainda por abrir. Entre a grinalda de diamantes e o pente estavam collocados alguns botões. Eu pensava em levar botões amarellos, por causa da rosa de diamantes amarellos, mas Leroy, que possui um gosto tão delicado, fez-me notar que, assim como os diamantes diziam bem n'um vestido de velludo ou de setim amarello, uma simples grinalda, cuja debil côr, além d'isso, seria esmagada pelo brilho dos diamantes e dos bordados a prata, ficaria muito mal, mesmo ao meu rosto de hespanhola. Cito esta observação de um homem celebre para instrução das senhoras novas.

N'esse dia havia grande reunião nas Telharias, na sala dos Marechaes, e ceia na galeria de Diana. Fui quasi uma das ultimas a chegar á sala do throno e fiquei muito mal collocada; mas em compensação, e pelo mesmo motivo, fiquei muito bem na sala de concerto, na primeira fila. Madame de Rémusat, que estava de serviço, olhou para mim e sorriu; ao mesmo tempo, pela direcção que tomara o seu olhar, vi que a imperatriz dava ordens a M. de Beaumont.

Effectivamente, alguns momentos antes de findar o concerto, vi-o approximar-se de mim, pois percorrera como uma cobra a distancia que nos separava, avançando sem movimento e sem ruido.

— Sua Magestade a imperatriz convida a senhora duquesa para cear, disse-me elle.

Inclinei-me.

Quando cheguei junto da imperatriz, apenas fiz a minha reverencia. Sua magestade indicou-me um lugar ao seu lado, e os seus olhos dirigiram-se immediatamente para a celebre rosa de diamantes amarellos que estava no meio da grinalda. Depois de olhar para ella duas vezes, viu immediatamente a verdade e sorriu de maneira que mostra-

va comprehender a toleima e a maldade das informações que lhe tinham dado. Soube depois que o imperador a encarregara de uma especie de devassa relativa a essa admiravel rosa feita de uma unica pedra.

A imperatriz era boa, e provou-m'o n'essa circumstancia. Curvou-se para mim e disse-me:

— Sabe que contaram historias ridiculas ao imperador? e Junot vae ainda azedar o caso dizendo disparates! Elle sabe perfeitamente que se não pode cavar um diamante. Para que foi dizer semelhante cousa? Por isso andam espalhando por toda a parte que o pateo da sua casa é calçado a ouro, e que os seus diamantes são tão grandes que não pôde com elles. Fala-se tambem n'um vestido de côrte que tenciona mandar bordar a diamantes!

Não pude conter uma exclamação. A imperatriz fez-me um signal e accrescentou, em voz mais baixa:

— Venha amanhã almoçar comigo, explicar-me-ha tudo isto.

No dia seguinte fui almoçar às Telharias.

A imperatriz contou-me tudo o que lhe tinham dito. Santo Deus! que absurdos! que tolices! Tentaram fazer-lhe acreditar que eu possuia diamantes mais formosos que os d'ella! E, realmente, se a celebre rosa de brilhantes amarellos fosse formada de uma unica pedra, o Regente, o diamante da czarina, o de Portugal, o Saucy, o Grão-Mogol, tudo isso seria missanga comparado com ella.

O imperador estava em Hespanha onde fizera o que realisava em toda a parte. Mal appareceu, o seu nome espalhou o terror, e os Hespanhoes, da mesma maneira que os Inglezes, tinham cedido ao seu genio. Madrid estava dominada por elle: a Hespanha submetera-se aparentemente, e de facto, nada fazia suppor que o incendio ia rebentar com mais violencia quando o soberano de todos abandonasse o foco do perigo.

Emquanto o imperador expulsava os inglezes de Hespanha e perseguia a victoria até ao cume das Asturias, os

negocios não tomavam bom aspecto na Italia, junto do padre santo, e o horisonte escurecia completamente na Allemanha. M. de Metternich era tratado com uma frieza que devia ter motivo, e, para mostrar essa frieza de modo positivo, um dia de grande reunião M.^{me} de Metternich não foi convidada para a mesa da imperatriz nem para nenhuma das mesas das princezas. Era quasi um insulto.

Entretanto, Junot estava em frente de Saragoça, onde o cerco mais extranho que podia haver era dirigido por elle, se se pôde chamar cerco ao ataque successivo de cada habitação. A peste ameaçava espalhar-se para fóra da cidade, como já a devastava no interior. Todos os dias se atacava uma casa: os Hespanhoes defendiam-a de quarto em quarto: cada reducto era sepultura de um dos nossos ou de um hespanhol.

— Não posso supportar este espectaculo, escrevia-me Junot. É preciso ter coração de pedra, ou antes, é preciso não o ter.

Os officiaes que assistiram a esse drama terrivel puderam tambem dar alguma idéa a tal respeito. O general Lacoste, entrando em uma das ruas de Saragoça, onde tu lo era silencio e solidão, disse a Junot, rindo:

— Olha para esta ratoeira; deixamo-nos apanhar?

— Não t'o aconselho, respondeu Junot; a morte está por detraz d'estas paredes silenciosas.

Lacoste olhou para uma janella que os sitiados haviam transformado n'uma setteira, e cahiu no mesmo instante, ferido na testa por uma bala, indo rolar aos pés do seu irmão d'armas. Morrera immediatamente.

Depois de se tomar Saragoça, sendo os cincoenta mil cadaveres empestados atirados ao Ebro ou para os fossos, restabeleceu-se na cidade uma especie de tranquillidade surda, tratando-se então de examinar o procedimento passado dos frades, para se dar um exemplo. Elles tiveram medo, e, uma bella manhã, uma deputação do capitulo da cathedral de Saragoça, que é Nossa Senhora do Pilar, foi

ajoelhar aos pés do marechal Lannes, pedindo-lhe como favor que acceitasse a pequena dadiva que lhe trazia, e que era a terça parte do thesouro da cathedral. Os outros dois terços, diziam elles, tinham-os destinado ao duque d'Abrantes e ao duque de Treviso.

O thesouro de Nossa Senhora do Pilar era uma riqueza e uma raridade. O marechal Lannes trouxe-o para Paris e disse ao imperador :

— Eu trouxe de lá algumas pedras de côr que não valem nada. Junot e Mortier fizeram-se soberbos, eu, censurei-os, e, se Vossa Magestade quizer dar-m'as, causa-me muito prazer com isso.

O imperador deu-lh'as sem saber o que dava.

M. de Metternich deixára Paris como nunca um embaixador deixou a capital do reino onde representa o rei seu amo, ficando sua esposa e seus filhos detidos como refens; e elle, atacado nos seus direitos mais preciosos, obrigado a sahir a toda a pressa de Paris n'uma carruagem com as cortinas corridas.

Durante esse tempo, Massena atravessava o Inn, incendiava Scharding e Passaw, e fazia lembrar o heroe de Genova e de Rivoli. Napoleão espalhava sementes de louro deante de todos aquelles homens, que só tinham de colhel-os. O proprio imperador foi temivel no começo da campanha de Wagram; furioso por o inimigo ter tido a audacia de prevenil-o, cahiu sobre elle e serrou ao meio por assim dizer, o exercito austriaco; obrigou-o a precipitar-se nos desfiladeiros da Bohemia ferido durante dez dias pelos repetidos golpes da mão de Bonaparte, a qual, apesar de pequenina e branca, manejava uma maça fulminante, este exercito mal teve forças para fugir d'esse homem que ia ordenar mais uma vez ás velhas muralhas de Vienna que se afastassem á sua passagem.

Comtudo, essa batalha não foi como a de Austerlitz; o luto seguia os triumphos e cada boletim fazia chorar mil familias!

Trava-se a batalha d'Essling; o archiduque Carlos está em frente de Napoleão, os dois exercitos combatem e a morte cae furiosamente sobre os dois partidos. O nosso perde o seu melhor esteio; o marechal Lannes é ferido mortalmente!

Pobre Lannes! que saudades deixou no exercito, na França! Ainda conservo uma carta de Junot em que me fala n'este acontecimento «que é uma perda, escrevia elle, «para a grande familia militar. Quando receberes esta «carta, manda fazer um fato de luto ao nosso filho e deixa-o andar com elle dois dias, com uma tira de crepe no «bracinho. Eu hei de trazel-o oito dias.»

O imperador, afinal, fez as pazes com a Austria. Foi o duque de Cadore que assignou o tratado com o principe de Metternich, pae do actual principe de Metternich, chanceller da côrte e do Estado. Essa paz era terrivel para a Austria, já acabrunhada por perto de 300 milhões de impostos. Comtudo, assignou sem murmurar! A vingança não vinha longe!

Aos interesses politicos juntava-se outro que tambem lhe dizia respeito: era o divorcio do imperador, no qual ainda se não falava senão em voz baixa, mas falava-se.

Tornei a ver a imperatriz na Malmaison; fui lá almoçar com Josephina, minha filha mais velha, a sua afilhada preferida. Procurava distrahir-se, mas debalde; os olhos arrazavam-se-lhe de lagrimas frequentes vezes, empallidecia e a sua attitude indicava soffrimento.

— Está tanto frio! repetia ella a miudo, embrulhando-se no chale.

Ai! era o seu pobre coração que sentia esse gelo da angustia semelhante ao frio da morte!

Eu contemplava-a em silencio, porque o respeito impedia-me de encetar primeiro esse assumpto. Devia esperar que ella me falasse n'isso; não tardou muito.

Estavamos na estufa; a pequenita corria nas galerias cheias de flores, e a imperatriz e eu seguíamos lenta-

mente e em silencio. De repente deteve-se, colheu algumas folhas de um arbusto que estava proximo, e, fitando-me com uma expressão quasi dilacerante, disse-me:

— Sabe que vem ahi a rainha de Napoles?

D'essa vez fui eu que empallideci.

— Não, minha senhora.

— Pois vem. Chega d'aqui a oito dias.

Novo silencio.

— E Madame-mãe, tem-a visto desde que regressou?

— De certo, minha senhora, e tenho feito o meu serviço junto de Sua Alteza.

A imperatriz chegou-se mais para mim, apesar de já estar muito perto, e, pegando-me nas mãos, disse-me, com uma expressão de dôr que ainda hoje, com vinte e quatro annos de intervallo, me impressiona profundamente:

— Madame Junot, rogo-lhe que me diga tudo o que tem ouvido dizer a meu respeito.

Falava com tal vehemencia, que os labios tremiam-lhe e tinha as mãos frias e humidas.

— Madame Junot, disse-me ella, lembre-se do que lhe digo aqui, n'esta estufa, n'este logar que é um paraizo e que talvez dentro em pouco seja para mim um inferno; lembre-se que esta separação ha de matar-me.

E soluçava. Josephina voltou, correndo, e puxou-lhe pelo chale, mostrando-lhe as flores que acabava de colher, pois a imperatriz gostava tanto d'ella que a deixava colher plantas na estufa; tomou-a nos braços, e, levantando-a do chão, beijou-a, apertando-a convulsivamente ao peito.

— Ah! disse-me ella, se soubesse o que eu soffria todas as vezes que alguma das senhoras me trazia um filho! Vou ser expulsa. E, comtudo, Deus sabe que o amo mais do que á minha vida e muito mais do que a este throno e a esta corôa que elle me deu.

A imperatriz pode ter sido mais formosa durante a sua vida, mas nunca foi mais attrahente do que n'esse instante. Se Napoleão a tivesse visto assim nunca se divorciava.

Estamos no dia 25 de novembro e tudo estava preparado para celebrar dignamente o duplo anniversario de Austerlitz e da coroação. A cidade de Paris queria distinguir-se, e o conde Frochot fizera projectos verdadeiramente phantasticos. A côrte devia ser, como sempre, transformada n'uma enorme sala de dança, e a galeria que existe agora, era apenas uma alameda. O imperador, fingindo uma especie de alegria reprimida, dava o tom de constrangimento; previa-se uma desgraça. E era uma bem grande, a separação de Napoleão Bonaparte e Josephina.

Eu sahira do meu palacio ás tres horas, porque tinham dito, na vespera, que o imperador e a imperatriz jantavam no Hotel de ville, e eu devia servir a imperatriz, se assim fosse. O conde Frochot pedira-me que chegasse cedo, e Frederico coroara-me de diamantes e enchera-me a cabeça de plumas, desde pela manhã.

Os preparativos eram admiraveis. Dirigi-me para a salinha que dava para a escada e vi entrar o sr. conde de Ségur.

— Minha bella governadora, disse-me elle em voz baixa, já não tem aqui nada que fazer. A imperatriz, continuou em voz ainda mais baixa, não deve ser recebida senão por Frochot.

Eu parecia uma estatueta.

— Mas porque é essa prohibição?

— Ignoro-o! Ou antes, sei muito bem porque é; mas não quero dizel-o.

Subimos á sala do throno; mal nos sentámos, rufaram os tambores e chegou a imperatriz.

Nunca a esquecerei, n'esse traço que ella vestia admiravelmente! a sua physionomia, n'esse dia coberta de tristeza, nunca me sahirá da memoria. Era evidente que não esperava encontrar aquella solidão na escada principal. Quando chegou ao salão, quando se approximou do throno onde talvez fosse a ultima vez que ia sentar-se, as pernas vacillaram-lhe e os olhos encheram-se-lhe de lagrimas.

la acompanhada por Madame de La Rochefoucauld, sua

dama de honor, e por duas damas do palacio. Sentou-se apenas entrou. Devia sentir-se desfallecer, e, comtudo, sorria! Oh! torturas de uma corôa!

Os tambores rufaram segunda vez para annunciarem o imperador. Momentos depois, chegou elle, avançando com passo rapido: acompanhavam-o a rainha de Napoles e o rei da Westphalia.

Napoleão tornava a vêr Paris n'uma situação bem estranha para elle; era vencedor da monarchia inimiga, mas a França estava coberta de luto. Os louros começavam a ser menos verdes. Falava-se em divorcio. Josephina era estimada, e esta noticia fazia murmurar o povo e a burguezia de Paris. O imperador sabia tudo isto.

O calor era extremo, não obstante lá fóra estar um frio rigoroso. A rainha de Napoles, querendo ouvir dizer aos parisienses: — Sêde bemvinda entre nós! falava a todos em tom de extrema bondade. O imperador percorria o baile, falando, interrogando, e seguido por Berthier. O nome de Berthier recorda-me uma circumstancia que me incommodou bastante. O imperador levantou-se do seu logar e começou a descer os degraus do throno para visitar pela ultima vez o baile; vi-o curvar-se para a imperatriz, dizendo-lhe que fosse tambem. O imperador levantara-se primeiro; Berthier, que estava atraz d'elle, precipitou-se em seu seguimento, e, como a imperatriz tambem já se erguera, tropeçou na cauda do manto e por pouco não cahiu e não a fez cahir, e, sem lhe pedir desculpa, foi ter com o imperador. Berthier não queria faltar ao respeito á imperatriz; mas estava ao facto do segredo, conhecia o drama que se ia representar! E com certeza que, um anno antes, não teria feito isto. A imperatriz parou immediatamente com extrema dignidade; sorriu, como de uma estouvance; mas tinha os olhos cheios de lagrimas e os labios tremulos.

Não me lembro se foi antes ou depois d'essa festa no Hotel de Ville que Berthier nos deu uma grande caçada em

Gros-Bois. O que me ficou gravado na memoria foi o frio, o aborrecimento que lá senti.

Espero que as damas do palacio e as de companhia não esquecessem os encantos d'aquellas viagens nas quaes se levava uma creada de quarto para tres, e, ás vezes para quatro. A de Gros-Bois, que acabo de citar, é uma das minhas recordações mais detestaveis. Eramos perto de sete a oito mulheres n'um quarto onde eu não alojaria uma pessoa do meu serviço inferior; mas n'esse tempo eramos novas, riamos de tudo, até de não termos espelho para nos pentearmos e vestirmos; porque ter um para oito pessoas é o mesmo que o não ter.

A imperatriz estava muito triste n'essa caçada; todas nós adivinhavamos a causa do seu abatimento, e isso contristava-nos porque lhe eramos afeiçoadas.

O jantar foi triste, apesar de todos estarem alegres. A physionomia da imperatriz e a de Napoleão, n'esse dia, é uma lembrança sempre presente no meu espirito. A imperatriz reprimia-se a custo. Emquanto ao imperador, estava preocupado, de mau humor.

O divorcio, afinal, foi declarado. Já todos o esperavam, e, comtudo, não posso descrever o effeito que esta noticia produziu em toda a França, no povo e na burguezia; foi immenso. Para elles, era a sua estrella que se apagava. Choravam a sua bondade, porque uma voz que nunca será desmentida é a que a proclama boa e indulgente. Eu sentia um desgosto muito profundo, e no dia seguinte ao do acontecimento, dirigi-me á Malmaison. M.^{me} Duchatel pediu-me que a levasse na minha companhia e fomos ambas.

O príncipe Eugenio, cujo amor a sua mãe é bem conhecido, estando então em Paris, teve de exercer as funcções de chanceller do Estado, e foi elle que levou a mensagem do imperador ao Senado.

— As lagrimas do imperador, disse o nobre mancebo, são sufficientes para a gloria de minha mãe.

A imperatriz recebeu todos os que quizeram ir apresen-

tar-lhe os seus respeitos. O salão, a sala de bilhar e a galeria, estavam cheios de gente. Emquanto á imperatriz, nunca se mostrou de maneira tão vantajosa para ella; estava sentada á direita do fogão, por baixo do formoso quadro de Girodet, muito simplesmente vestida, com a cabeça occulta por uma vasta capota verde que podia, em caso de necessidade, servir-lhe para esconder as lagrimas que deslisavam pelas faces apenas via alguém que lhe recordava os bellos instantes da Malmaison; esses tempos do consulado, os quaes, como todos os seus prazeres, tiveram só alguns dias felizes, seguidos por tantos annos de soffrimento; mas o que commovia a ponto de provocar as lagrimas de quem se aproximava d'ella, era a expressão de uma dôr dilacerante. Erguia os olhos para cada pessoa que entrava, sorria-lhe; mas se essa pessoa era da sua intimidade, as lagrimas corriam immediatamente e cobriam-lhe as faces, mas sem esforço, sem nenhuma das contracções que tornam um rosto de mulher tão pouco agradável, quando chora. O desespero da imperatriz Josephina deve ter maguado profundamente o imperador, mas não sei realmente, se elle resistiria áquella expressão muda e pungente de uma alma angustiada.

A alliança estrangeira que o imperador desejava contrahir devia ter resultados funestos, tanto para a França como para Napoleão. Foi em Burgos que recebi a primeira noticia d'essa união singular. Uma carta que recebi de um amigo previdente, falava-me no mal que esse casamento com uma archiduqueza da Austria podia exercer no destino de Napoleão, vencedor, em mais de vinte batalhas campaes, dos exercitos austriacos, tendo obrigado duas vezes a familia imperial a fugir da sua real morada.

Estas offensas são indelevelis.

Era visivel que a Austria, mutilada e ainda vertendo sangue, quizesse que esse casamento da joven archiduqueza Maria Luiza servisse de apparelho, ainda que fosse momentaneo, ás suas feridas. Napoleão julgou que d'esse

modo consolidaria as suas alianças do Norte e continuaria em paz os seus negocios da Peninsula.

Sabe-se que o principe de Neufchatel foi buscar a imperatriz a Vienna afim de conduzil-a a Paris. Depois de ter sido desposada por seu tio, o principe Carlos, e de se concluirem todas as ceremonias da etiqueta, foi necessario tratar da partida. Maria Luiza chorava por ter de separar-se das irmãs e do pae, e talvez tambem da madrasta.

O dia da partida chegou, afinal. A imperatriz despediu-se de seu pae, de sua madrasta, de suas irmãs e de seus irmãos, e, em seguida, retirou-se para os seus aposentos onde Berthier, segundo a etiqueta, devia ir buscal-a para a acompanhar á carruagem. Quando entrou no gabinete onde estava a archidukeza, achou-a banhada em lagrimas, e dizendo-lhe, com a voz quebrada pelos soluços, que estava deveras contrariada por lhe parecer tão fraca:

— Mas, imagine se tenho razão, disse ella; veja, aqui rodeiam-me mil cousas preciosas para mim. Estes desenhos são de minhas irmãs; esta tapeçaria foi feita por minha mãe; meu tio Carlos foi quem fez estes quadros.

E, continuando o inventario do gabinete, mostrava até os tapetes do chão, que eram obra de algumas mãos queridas; e depois, os passaros que estavam no viveiro, um periquito. Mas o mais importante e mais lamentado era um cão.

Na cõrte de Vienna não se ignorava quanto os desgraçados cães de Josephina, começando por *Fortunato*, que teve a honra de fazer uma das campanhas da Italia, e que foi morto por um canzarrão mal creado, eram desagradaveis ao imperador. Por isso Francisco II teve o cuidado de ordenar que sua filha deixasse o cão em Vienna.

Comtudo, essas saudades provavam uma bondade de coração que foi comprehendida por Berthier.

Foi reunir-se ao imperador, a quem confiou o seu plano. Francisco II é o melhor dos homens; comprehendeu perfeitamente o que lhe pediam. Berthier deu as ordens ne-

cessarias, e, passadas duas horas, estava tudo prompto. Foi buscar a imperatriz. Partiram. Ella chegou a França. Ahi viu festas, maravilhas, e esqueceu, por instantes, o cão e o periquito. Depois chegaram a Compiègne. Sabe-se como a carruagem parou, como subiu para ella um homem que, sem dizer nada, tomou logar junto da que era apenas sua noiva. Em seguida veiu a lua de mel para a joven desposada. Foram a Saint-Cloud e, depois, a Paris. Foi ahi que um dos ultimos sorrisos da fortuna cahiu sobre o seu favorito quando elle, pegando na mão d'essa rapariga que julgava um penhor de eterna alliança, a apresentou ao povo reunido em massa por baixo da varanda imperial das Telharias!

— Viva o imperador! viva a imperatriz! gritavam cem mil vozes...

E elle, tremendo de felicidade, apertava nas suas uma pequenina mão que, n'esse tempo, sabia responder-lhe, e respondia-lhe com amor.

Quando se retiraram da varanda, disse-lhe.

— Vem, Luiza; quero retribuir-te a felicidade que acabas de dar-me.

E, arrastando-a rapidamente para um d'esses corredores escuros que, mesmo em pleno dia, são illuminados por um candieiro, fazia-a caminhar a passos largos.

— Onde vamos? dizia a imperatriz.

— Vem sempre.

E aproximava-a d'elle, cingindo-a ao coração. De subito, parou defronte de uma porta fechada; ouviu-se um ruido; era um cão que lhe sentira os passos; rapava do outro lado da porta. O imperador abriu e impelliu brandamente a imperatriz para uma casa onde, á primeira vista a claridade a impediu de distinguir o que a rodeava; depois, os objectos tornaram-se mais nitidos. Ella encostou-se ao peito de Napoleão e desfez-se em lagrimas.

Á imperatriz do primeiro imperio, Maria Luiza, encontrava no meio das pompas triumphaes as alegrias da infan-

cia, as delicias da familia, as quaes lhe garantiam que aquelle a quem seu pae confiara a sua felicidade, lhe saberia dar contas d'ella. Percorria com arrebatamento o gabinete mobilado com as suas poltronas, o seu tapete, os desenhos de suas irmãs, o seu viveiro e até o seu cão! O pobre animalsinho parecia ter medo de se aproximar.

(Continia)

Duqueza d'ABRANTES.

A CUNHADA

I

—Boa saude, D. Clara!

Ella sorria com tristeza a este desejo matinal, porque tinha a certeza de que a saude diminuia pouco a pouco, para sempre talvez.

Teimava em conservar-se ainda em pé, manter de pé a sua grande machina ossuda contra a fraqueza crescente. Parecia tão forte apesar da rede apertada das rugas, apesar do seu bello diadema de neves senis!

E depois tinham começado apenas as delicias da primavera, tão suaves n'esta campina, onde ella vivia ha tantos annos, que a curariam, que a salvariam sem duvida. Bastaria que ella tivesse a energia de não ceder á languidez, de não se deixar abater; bastaria que a brisa nova lhe entrasse nos pulmões e lhe accelerasse a circulação.

Esta confiança revigorava-lhe o espirito, quasi que lhe dava alegria, fazia-lhe ter gosto com os clamores infantis de que Eva enchia a casa, e sorrir de complacencia aos trinados das canções com que sua nora enchia as abobadas.

Este perfume de juventude humana que subia em volta

d'ella, esta benignidade da estação nascente excitavam-n'a, davam-lhe a energia que dão momentaneamente certos licores, o tumultuoso influxo de vida que sente o enfermo quando ouve passar uma fanfarra alegre. E entretanto no fundo de tudo isto, havia alguma cousa de amargo, da amargura que nasce infallivelmente dos conflictos.

Quando sua nora, ao vel-a pallida na zona de sol que atravessava os vidros da janella, suspendia o canto, possuida do respeito compadecido que teem os sãos pelos doentes, e lhe perguntava se realmente ella se sentia bem, D. Clara respondia:

— Sim, Francisca, sinto-me bem. Pode cantar.

Mas o tom surdo da voz revelava uma irritação contida; e Francisca percebia-o.

— Quer que eu mande preparar a sua cama, minha mãe?

— Não, não.

— Não precisa de alguma cousa?

— Não, não, de nada...

Impacientava-se. Abria a janella e encostava os cotovellos ao parapeito, avida de respirar a longos haustos o ar e a saude.

Ou então chamava Eva, a sua neta, que corria para ella com a cega precipitação das creanças entusiastas de ruido, risonha, com o rosto vermelho de calor n'uma abundancia de cabellos louros.

— Oh! avó! gritava a menina, inconsciente do mal que fazia aos joelhos da velha o choque da sua corrida.

E enquanto Eva descanzava, D. Clara deleitava-se a mergulhar os seus longos dedos aristocraticos na vitalidade d'aquella cabelleira, que exhalava o perfume natural da infancia, como n'um banho salutar. Esta expansão de ternura fazia-lhe bem por um instante; sentia repercutir em si propria, vinda d'aquelles pequenos membros, ainda todos vibrantes dos brinquedos anteriores, uma sensação de alegria inconsciente; ou, para melhor dizer, sentia que

n'aquelle pequeno corpo revivia alguma cousa do seu proprio ser por transmissão hereditaria, e isso era um goso para ella. Levantava a cabeça da creança e queria rever-se n'aquelles olhos puros e profundos que augmentava uma admiração quasi continua.

— Ella tem os olhos e a fronte de Valerio, não é verdade, Francisca?

— É, sim, minha mãe; isto é, a sua fronte e os seus olhos.

Na physionomia de D. Clara agrupavam-se as rugas como raios illuminados pela satisfação do sorriso.

Depois, quando a creança, dominada por um frenesi de turbulencia, se subtrahia ás caricias da avó e fugia, D. Clara ficava estupefacta, como se sentisse em alguma parte do organismo dissipar-se uma sensação agradável.

Pouco a pouco ia-se tornando penoso o esforço para resistir ao enfraquecimento, e a obstinação da resistencia cedia lentamente. Então apossava-se d'ella uma inquietação vaga que se transformava gradualmente em receio, depois em terror verdadeiro, no terror de quem, teudo exaurido a sua coragem, se vê sem recursos em face do perigo que lhe contrahe e paralysa a alma. O seu corpo tinha necessidade de se estender para não pezar mais nos musculos debilitados, e encostando a cabeça ao espaldar da cadeira e affrouxando os membros, sentia algum allivio. Gelava-se de terror pensando no grande leito sombrio, encerrado em cortinas de damasco verde, que, só elle, occupava todo o aposento, e no qual tinha morrido seu marido, cinco annos antes. Agora nunca ella consentiria em deitar-se n'elle; ter-lhe-ia parecido que suffocava, que se sepultava para sempre. Pelo contrario, no seu terror, conservava a sêde do ar livre e da plena luz, e aborrecia-se do isolamento, porque tinha a illusão de que o contacto e a vista das cousas fortes, novas e alegres lhe proporcionavam um lento renascimento.

Por isso quando Gustavo, o seu filho mais novo, conse-

guiu convencel-a com brandura, quiz que lhe arranjassem um leito pequeno no quarto da esquina, por cima da estufa das laranjeiras, entre o oriente e o sul, d'onde se via o ceu por duas largas janellas que se abriam ás invasões do sol. Apenas se achou installada ali, teve o presentimento de que nunca mais se levantaria talvez, e então o seu terror foi substituido por um socego singular. Agora, esperava; e nada era mais triste do que esta longa espera, do que este lento deperecimento d'uma creatura humana, do que esta infallivel consagração á morte.

O novo quarto tinha as paredes nuas e o aspecto d'um logar deshabitado até então. Atravez dos vidros de uma das janellas via-se o limite extremo da planicie e a linha sombria das collinas, e atraz das collinas, desenhando-se no ceu, o perfil de Montecorvo, essa doce figura de deusa deitada que, debaixo da neve, parece uma estatua immensa de marmore abatida ao longo dos Abruzzos, a protectora da antiga patria que os marinheiros saúdam da costa com uma effusão de amor, como outr'ora os marinheiros do Pireu saudavam a lança de Athênê. Debaixo da outra janella, uma fila de laranjeiras aquecia-se aos bons soes.

E os dias passavam. Valerio estava ausente e não regressaria antes de dois ou tres mezes talvez. Da cama da doente o silencio propagava-se por toda a casa; era esse abafamento ou esse enfraquecimento de todos os ruidos, de todas as vozes, que se faz em torno dos doentes para não lhes perturbar o repouso. O medico, um homem baixo, de cara toda barbeada, quasi luzidia, vinha todas as tardes á mesma hora, um pouco antes do pôr do sol. As sombras começavam a invadir o quarto, cortadas por uma ultima claridade que entrava pela janella do meio e vinha roçar o leito. O creado trazia uma lamparina coberta com um globo verde. Depois que sahia o medico, Gustavo e Francisca ficavam no quarto assentados ao pé da cama, silenciosos, entristecidos por aquella luz baça, attentos aos sons fracos das vozes que dos campos afastados chega-

vam ali. Eva, curvando a cabeça sob o pezo do somno, inundava os joelhos maternos com uma onda de cabelos atravez dos quaes se exhalava o halito sem se ver a bocca. E sobre estes joelhos immoveis, os cabellos formavam uma massa sedosa palpitante.

— Apalpe-os, disse Francisca uma tarde a seu cunhado, acariciando-os com uma competencia de mãe feliz.

Sem se levantar da cadeira Gustavo inclinou o corpo e mergulhou ligeiramente os dedos n'elles. N'este gesto as mãos de ambos tiveram um encontro fugitivo. Ao contacto, ambos as retiraram por um movimento instinctivo. Depois olharam um para o outro com a curiosa surpresa de pessoas que acabam de descobrir por acaso uma cousa até então imprevisita e occulta; nem um nem outro tinha suspeitado até aquelle momento, que podia saltar uma scintilla d'aquelle contacto de epidermes. E olharam ao mesmo tempo para a velha.

D. Clara dormia; tinha os olhos fechados, devia dormir. Elles ficaram alguns momentos a ouvir aquella respiração um tanto rouca, que perturbava o silencio.

— Oh! mamã! murmurou a voz de Eva, cuja face emergiu da onda loura, estonteada na confusão do primeiro despertar.

II

Nasceu então n'estas duas naturezas diferentes um estranho sentimento, mixto de pezar e de receio, no fundo do qual começava a evidenciar-se uma vaga agitação de cobijas. Era como no somno, quando, das regiões internas onde dormem os phantasmas das sensações passadas e os destroços das imagens esquecidas, começam a surgir visões confusas; era como n'uma agua tranquilla e limpida, quando o choque de um corpo levanta os depositos accumulados durante longo tempo. Então reappareceram na sua memoria, sob uma luz nova, certos factos an-

teriores sem importancia, tomando significações que não tinham na origem, e aspectos desconhecidos no principio.

Havia pouco mais de um mez que Francisca tinha chegado a casa de sua sogra, para ficar ali durante a ausencia de seu marido; era casada ha sete annos e tinha passado este tempo quasi inteiramente em Napoles com Valerio. Recordava-se agora de que no dia da sua chegada, depois de ter abraçado e beijado a sogra, tinha offerecido a frente a Gustavo e que este lhe dera um beijo córando na sua selvageria de eremita. Depois, uma manhã em que ella estava assentada debaixo das laranjeiras, elle lia n'um jornal uma aventura tragica de amor; e ella ria-se, descobrindo com esse riso a côr rosada da sua gengiva superior, e começou a recitar :

«Estavamos sós e sem suspeita alguma...»

por simples brincadeira, rindo com a sua bella indifferença transcendente; e o riso dava uma expressão fina ao seu rosto, a esse puro oval de miniatura indiana aonde a fenda dos olhos se levantava ligeiramente nos angulos para as fontes, e onde as sobranceiras, talvez muito arqueadas e muito afastadas das palpebras, davam á physionomia um ar estranho de infancia.

Outra manhã, Eva n'um d'esses habituaes accessos de turbulencia, quiz que Gustavo a levasse aos hombros correndo pela avenida debaixo das arvores, que principiavam a rebentar; e em seguida logo que viu apparecer a mãe ao fundo, teve um novo capricho: quiz que Francisca entrelaçasse as mãos com as de Gustavo, e sentou-se nas mãos assim entrelaçadas, rodeando com os seus pequenos braços o pescoço de um e o de outro e dando-lhes gritos agudos aos ouvidos.

Todos estes factos insignificantes e outros ainda se representavam agora na memoria de Francisca, modificados e avivados. N'aquella noite, depois da primeira perturba-

ção e da primeira resistencia ás tentações do devaneio doentio, attrahida pelo perfume subtil de culpa que subia do fundo de todas estas cousas para irritar a sua sensibilidade de mulher nova, ella abandonou-se lentamente ao declive.

E, no momento em que cedia ao somno, n'esse minuto em que a actividade da consciencia enfraquece na frouxidão dos nervos e perde o poder de dirigir e de moderar os impetos da imaginação, uma languidez a impelliu a deslizar pelo desejo até o fundo d'esse declive para o doce peccado da filha de Guido.

E demâis, não seria este o primeiro peccado de Francisca. Ella tinha attingido no casamento o ponto inevitavel em que a maior parte das mulheres succumbe, por muitas e alegres razões que o medico Roudibilis expõe ao bom Panurgio. Já tinha passado muito ligeiramente por dois ou tres amores sem deixar na sua passagem mais do que uma irradiação de mocidade, continuando o seu caminho sem macula.

Era uma d'estas naturezas femininas em que a mobilidade do espirito e a facilidade das sensações subitas conservam a paixão afastada, uma d'estas naturezas que se oppõem ao soffrimento pela mesma virtude intima que preserva os metaes nobres da corrosão dos oxydos. Tinha no amor uma sensualidade fina e quasi ingenuamente curiosa da apparencia; e era esta mesma curiosidade que tornava singular o seu character de apaixonada. Quando os homens, — dois ou tres — lhe depuzeram aos pés a banal eloquencia do seu coração, ella fitou-os com os seus bellos olhos do feitio da amendoa, attentamente, não sem uma ligeira ponta de ironia, parecendo escutar se, por acaso, elles descobririam um dia alguma inflexão nova, alguma phrase desconhecida. Depois sorriu e cedeu, ou para dizer melhor, outorgou-se com uma especie de condescendencia descuidada. Os grandes arrojos e os grandes enthusiasmos desagradavam-lhe; não queria a febre,

não comprehendia certas brutalidades do prazer. Preferia a comedia alegre, de bom gosto, scintillante e bem representada, ao dramalhão declamado desastradamente. Era a consequencia de um temperamento feliz e tambem d'uma educação artistica pouco commum; porque, nas mulheres sadias, o gosto perfeito da arte gera com o tempo uma especie de scepticismo amavel e de inconstancia jovial que as defende da paixão.

Gustavo, pelo contrario, com vinte annos feitos ha pouco, tinha vivido quasi sempre junto de D. Clara, obscuramente, sem outro amor que não fosse o dos cavallos fegosos e o do grande lebreu branco herdado de seu pae. Tinha o espirito inculto, irresoluto, entrecortado de melancolias vagas, sacudido por tempestades imprevistas. As asperas effervescencias abafadas da puberdade vinham ás vezes revoltar-se n'elle com uma obstinação vital semelhante á das raizes da grama que rasgam o solo.

Assim, quando a scintilla saltou, tudo quanto havia n'elle de forças latentes se desencadeiou com insolita violencia. Durante a noite uma angustia enorme o esmagou com todo o seu peso, uma angustia em que havia já o dardo agudo do remorso, em que apparecia já um sombrio presentimento de desgraças, em que se erguiam mil phantasmas gigantescos, que o perseguiram sem repouso. Suffocava; ouvia encher-se o quarto com as palpações do seu coração, e no meio do estrondo, o som de vozes, a voz de sua mãe. — Sua mãe tel-o-hia chamado? Tel-o-hia sentido soffrer do quarto contiguo? — Levantou-so sobre os cotovellos nas trevas e applicou o ouvido, sem poder distinguir nenhum som entre o zumbido. Na incerteza, accendeu a véla, transpoz a porta e aproximou-se do leito da doente. E ella impressionada nos olhos pela luz voltou-se para a parede.

— Que queres, Gustave?

— Não me chamaste?

— Não meu filho.

— Pareceu-me ter ouvido...

— Não. Vae dormir. Deus te abençõe, meu filho!

III

No dia seguinte de manhã, Gustavo descia lentamente pela avenida em companhia de Famulo, o grande cão cõr de neve, que o seguia com esse balouço de dança tão agil e tão elegante, peculiar aos lebreus.

Era uma d'essas manhãs virginaes da primavera, em que o campo que desperta tem uma indolencia de convalescente. Alguma cousa de leitoso, uma claridade muito viva circulava na verdura debaixo das arvores; e sobre a massa de folhas, o sol punha uma radiação loura e rosada, um fremito imperceptivel. A velha terra dos Abruzzos enternecia-se.

Lá ao fundo, no fim da avenida, sobre o verde profundo das laranjeiras, Gustavo descobria uma mancha branca semelhante às que fazem as estatuas nos parques. Elle applicou a vista, e ao mesmo tempo o cão, como se farejasse uma presa, deu um salto para a frente com o ardor prodigioso do antilope na carreira.

— Famulo! Aqui, Famulo!

Era a voz de Francisca por entre a ramagem. Esperava em pé que o lebreu chegasse, fazendo estallar os dedos e lançando á brisa este vibrante appello.

Gustavo chegou ao pé d'ella, quando, já curvada para o cão, lhe agradecia a obediencia acariciando-lhe com as mãos o focinho afilado.

No seu vestido da manhã cujas pregas opulentas deixavam adivinhar a viva agilidade do seu corpo; com os cabellos da nuca levantados e atados no alto da cabeça, como em certos retratos do tempo do Imperio; assim curvada para o animal que deitado de costas, agitava as patas delgadas e nervosas mostrando-lhe o seu magro ventre cõr de carne, estava realmente formosa.

— Bom dia, minha senhora.

— Bom dia, Gustavo, respondeu ella levantando-se com um movimento vivo.

Tinha uma ligeira vermelhidão no rosto porque se tinha curvado. E enquanto lhe estendia a mão, observava-o curiosamente com os olhos meio fechados; porque, ao sahir da cama, tinha recuperado a sua bella serenidade habitual. Depois mudando por gracejo a intonação da voz, perguntou:

— D'onde vem o senhor?

Gustavo comprehendeu e sorriu. Por uma timidez de creança, tinha-a cumprimentado sem lhe chamar pelo nome. E lamentava-o agora, e queria falar com firmeza, dizer muitas cousas.

-- Venho de longe, Francisca. Sahi de madrugada e levei o Famulo comigo. O ar estava frio. Metti-me pelos campos e atravessei o bosque de pinheiros... que está todo coberto de violetas cujo perfume se junta ao da resina... Se o sentisse!... Havemos de ir lá a cavallo um d'estes dias, quando quizer... Passei tambem pela herdade, debaixo das collinas; os prados estão todos banhados pelo orvalho. De toda a parte sahiam os coelhos, Famulo apanhou um pelo pescoço, mas eu fiz-lh'o largar. Depois de uma grande volta, chegamos aqui, o cão descobria-a de longe e correu ao seu encontro para lhe lambe as mãos. A Francisca dá muito assucar a este velho guloso e ha de estragal-o...

Falou ainda por algum tempo, porque Francisca o escutava. De repente appareceu Eva gritando com ar assustado:

— Mamã, anda cá depressa! A avó está muito mal!

Correram ambos. Acharam D. Clara na cama com uma d'essas crises algidas que a faziam tremer toda e que lhe saccudiam e desconjunctavam os ossos. Ella não podia falar; cobria lhe o rosto uma pallidez quasi livida; o queixo batia rapidamente; os olhos pareciam perdidos nas orbitas sob as palpebras semi-abertas.

Não havia nada que pudesse aliviar-a, era preciso esperar que aquillo passasse. Gustavo poz-lhe a sua mão quente na fronte gelada, com uma expressão de susto e de ternura; inclinou-se para aquelle pobre rosto empallidecido e lançou-lhe o calor do seu halito; e de tempo a tempo chamava-a baixinho aproximando-lhe a bocca do ouvido. Ella devia ouvil-o, porque no globo amarellado dos olhos, a iris reaparecia então nos angulos, e nos labios, um esforço vão para sorrir luctava com a tremura convulsiva. O sol ainda não entrava no quarto, mas um reflexo de ouro se espelhava nos vidros das janelas. A tremura da doente foi abrandando a pouco e pouco, e ella abriu a bocca duas ou tres vezes para respirar. Á medida que o calor a penetrava ia-se modificando a pallidez do rosto. Olhou para as pessoas que rodeiavam a cabeceira e conseguiu afinal sorrir fechando as palpebras sem falar. Uma lassidão immensa invadiu todo o seu corpo, e n'esta prostração conservava ainda a sensação do frio intensissimo que a tinha tranzido, enquanto que ao aspecto da crescente alegria d'aquella manhã de primavera, um amargo pezar das cousas irremediaveis, soluçava n'ella. Estava tudo acabado; era velha, devia morrer. E a prostração accentuava-se mais por uma perturbação dos sentidos, uma tepidez pezada que a tomava da cabeça até os pés.

— Ella adormece, susurrou Francisca.

— Não, desmaia! disse Gustavo, empallidecendo, porque tinha sentido enfraquecer o pulso de sua mãe.

— Corra ao meu quarto, Gustavo e traga-me um frasco de crystal que está ao pé da cama.

Elle foi; subiu a escada de um salto e entrou no quarto. Não obstante a commoção filial, sentiu uma viva impressão de perfumes e de frescura no rosto, que o fez estremecer; uma impressão de luz rosada, de grande poeira dourada aonde havia ainda as exhalações tepidas do banho, aonde vivia ainda o perfume natural da pelle feminina que perturba os mais castos. Procurou o frasco perto do leito,

mas procurou sem olhar: a cama com a roupa voltada para traz deixava vêr o lençol de baixo muito branco aonde estavam impressos os vestigios do corpo que ali estivera deitado. E d'ali emanava-se o perfume de Francisca, o seu perfume habitual.

A procurar, pôz as mãos sobre alguma cousa molle. Era talvez uma camisa enrolada, uma camisa que ella devia ter vestido já. Nas mãos ficou-lhe sem duvida o cheiro d'ella.

Achou o frasco, sahiu e desceu a correr.

IV

Tinha acabado de dar o meio dia. Na vespera á noite, elles tinham decidido emfim ir a cavallo até o bosque de pinheiros. Aquella tarde do fim de março estava deliciosa.

Foram pela estrada real. Cavalgavam lado a lado, a trote de caça, sem dizer nada. De quando em quando Gustavo sopeava o seu baio e ficava um pouco para traz, para vêr o busto delgado e elegante de Francisca, que, apertada no seu amazona preto, com a massa dos seus cabellos castanhos apanhada debaixo de um chapéu alto, mantinha o seu alazão n'esse passo ligeiro, pelo governo firme da sua mão enluvada. Ia muito embebida no prazer de sentir o vento nas faces, e de vêr o animal bater com o pé nervoso o solo elastico e sonoro. Quando uma madeixa de cabellos lhe cahia nos olhos, ella atirava-a para as fontes com um movimento rapido da cabeça. Deu uma chicotada na sebe que orlava a estrada, curvando-se na sella, e levantou-se um bando de passaros, ruidosamente, no azul, n'esse azul impregnado da mesma suavidade diffusa que depois da tempestade ri entre as nuvens sobre a campina estupefacta.

N'este momento sentia-se no campo como que a influencia pacifica da *Deusa das Neves*, d'essa figura longinqua

que era a linha mais grandiosa da paisagem circumdante. Havia nos campos lavradores dispersos.

— Á direita, Francisca! advertiu Gustavo impellindo o seu cavallo para a frente.

Ao seu encontro vinham duas juntas de bois sob a canga, com bolas vermelhas pendentes nas cabeças, desatrellados pouco antes sem duvida e conduzidos por uma especie de velho fauno que segurava as cordas na mão.

O alazão largou o trote e passou a galopar. Francisca apertava as redeas, inclinada n'uma attitude arrojada para ver as pernas finas do animal n'aquelle jogo cheio de graça.

Gustavo, maravilhado, dizia-lhe que o seu alazão saberia galopar sobre um luiz de ouro. Eatão ella sentiu uma vontade de corrida aventureosa e as suas narinas rosadas dilataram-se aos perfumes da brisa.

Com uma voz breve e quente excitou o cavallo:

— Hop! hop! hop!

Os cavallos acceleraram o galope com o mesmo impeto e animação crescente; os bellos e fogosos animaes tinham tambem farejado a primavera.

— Hop!

A cavalleira animava-se tambem; a brisa fresca, quasi fria, punha um rosado vivo no seu rosto e uma crispação nos seus labios, que deixavam entrever os dentes e um pouco da gengiva superior.

Tinha uma d'essas felizes indolencias que teem as pessoas sadias quando um exercicio de força e de agilidade as anima e agita com vivas sensações.

E como a alegria gera uma disposição natural para a bondade expansiva, ella sentia-se agora attrahida para Gustavo que galopava ao seu lado, e sentia tambem que esta effusão de bem estar creava um laço entre elles.

— Hop!

Elles não olhavam um para o outro, mas sentiam o profundo encanto que se experimenta quando se olha nas

pupillas a pessoa amada. A estrada fazia um cotovello; quando passaram por elle resoou uma pequena ponte lançada no canal; no fundo, a mancha negra dos pinheiros punha no ceu a mesma ondulação ascendente que tem um rebanho de gado em marcha, um rebanho de ovelhas, por exemplo.

— Os pinheiros! exclamou Gustavo estendendo o chicote na direcção do bosque.

A brisa trazia um perfume de resina. E o cavalleiro inclinando-se um pouco para a sua companheira, disse:

— Aspire, Francisca. Este cheiro faz bem.

Elle pronunciou estas palavras tão simples com um accento indescriptivel, como pronunciaria o principio d'uma ode erotica. A festa da sua mocidade scintillava em jactos de luz; elle não a reprimia, já não queria reprimil-a. Ha fórma mais doce da felicidade do que galopar ao lado da mulher amada, atravez da primavera que renasce, para um fim de amor?

Estas insurreições de liberdade selvagem que teem no sangue os homens habituados a viver fóra da communiidade legal dos outros homens faziam-lhe agora esquecer seu irmão. A mulher de seu irmão era formosa, e elle queria conquistal-a.

— Hop'!

Estava proximo o bosque de pinheiros. Na floresta de troncos delgados, o sol penetrava em résteas magnificas, e atravez da claridade dava idéas remotas de porticos fabulosos. Elles entraram a passo e deixaram cair as re-deas nos pescoços dos cavallo, que sopravam ruidosamente, sacudindo as cabeças ou aproximando os freios como para se fazerem confidencias. Bandos de passaros assustados se levantavam diante d'elles. Por cima das suas cabeças abriam-se raros buracos no ceu, aonde o verde se mudava em violeta suave.

Elles exploravam o bosque. No labyrintho de troncos unidos os cavallo não podiam ir a par.

Francisca ia na frente um pouco fatigada, pela corrida, acariciando com a mão aberta o pescoço fumegante do alazão. Gustavo ia mais atrás silencioso. As moitas exhalavam um perfume agudo de flôres que não se viam, um perfume que os perturbava e lhes despertava desejos. Chegaram a uma d'essas clareiras estreitas, quasi sempre em fórma de circulo, aonde se pôde beber o encanto da floresta como um vinho aspero n'uma taça rustica.

— Olhe aquella flôr, Gustavo! exclamou Francisca mostrando-lh'a com o dedo. Se quizer segurar o meu chicote, irei colhel-a.

Ella deu-lhe o chicote, curvou-se, inclinando-se agilmente do alto da sella, enquanto o seu alazão escarvava o solo com a perna arqueada.

— Isto, disse ella, é uma coisa que nunca deixa de acontecer em todas as cavalgadas de dois, romanescas ou reaes. Fazamos pois isto com elegancia.

A flor era uma florinha vermelha, d'um perfume subtil.

— Cheire-a, Gustavo.

E ella aproximou-lh'a do nariz.

Uma tentação. . . Gustavo roçou-lhe os dedos com a bocca ardente, tremendo. Ella não disse nada, mas o seu rosto alterou-se um pouco e metteu o cavallo a galope.

— Escute, Francisca! Um minuto! gritou o mancebo dando tambem a mão ao seu cavallo.

Foi uma especie de perseguição atravez da espessura das arvores, um galopar sonoro sobre as pinhas seccas entre as moitas. Um dos braços de Francisca bateu n'um tronco, um choque secco.

— Pare! Pare! Olhe que se fere!

Ella tinha chegado ao lugar mais denso da floresta aonde o cavallo não podia avançar. Os grandes pinheiros erguiam-se esbeltos e inflexiveis, diante d'ella e em roda, na illuminação verde, arvores, arvores, arvores.

— Pára!

E elles acharam-se ambos face a face, pallidos, hesitan-

tes, enquanto os cavallos faziam piaffés, irritados pelos freios.

— Feriu-se no braço. Doe-lhe muito? perguntou elle com a voz rouca e commovida.

Obrigou o cavallo a approximar-se, pegou carinhosamente no braço de Francisca, desabotoou a manga. Ella deixava-o, olhava. A manga do vestido era tão estreita. Entre a luva e o panno preto appareceu um pulso redondo, côr de neve, raiado de veias como a fonte de uma creança. Gustavo apertava o pulso com uma mão e com a outra tentava arregaçar a manga. O cavallo saccudia as re-deas que elle deixára cahir.

— Aqui está!

(Continúa.)

Gabriel d'ANNUNZIO.

LUMEN

Segunda narração

REFLUUM TEMPORIS

I

(Continuação)

Persuadido de que aquelle correspondia á Terra em sentido contrario, adivinhava com antecipação os factos que ia presencear. Assim, quando, depois de ter visto S. Luiz moribundo sobre as cinzas, proximo de Tunis, assisti á oitava cruzada, depois á terceira onde reconheci Frederico Barba Roxa, por causa da barba, e depois á primeira onde Pedro o Ermita e Godofredo me fizeram recordar do Tasso, nada d'isto me surprehendeu muito. Esperava ver em seguida, successivamente, Hugo Capeto cantar as vespervas com paramentos de officiante; o concilio de Tauriacum decidir que o juizo de Deus se vá pronunciar na batalha de Fontavel, e Carlos o Calvo fazer assassinar ali cem mil homens e toda a nobreza merovingiana; Carlos Magno coroado em Roma, a guerra contra os Saxonios e os Lombardos; Carlos Martel exterminando os Sarracenos; o rei Dagoberto mandando edificar a abbadia de S. Diniz, como já tinha visto Alexandre III collocar a primeira pedra de Notre Dame; os Visigodos, os Vandalos, os Ostrogodos, Clovis, Meroveo, apparecerem no paiz dos Salios, em uma pala-

vra, as origens da nossa historia desenvolverem-se em sentido inverso da sua successão; e foi effectivamente o que succedeu. Varias questões historicas muito importantes, que eu nunca tinha podido desvendar bem, appareceram-me então claras e definidas. Entre outras cousas certifiquei-me de que os Francezes são oriundos da margem direita do Rheno, e que os Allemães não teem razão nenhuma em lhes disputar este rio, principalmente a margem esquerda.

Havia para mim um interesse difficil de descrever em assistir assim a acontecimentos a respeito dos quaes não formava senão uma idea vaga pelos echos, muitas vezes enganadores, da historia, e em visitar paizes de ha muito completamente transformados. A vasta e brilhante capital da civilisação moderna tinha envelhecido rapidamente e diminuido até se tornar do tamanho das cidades mais vulgares, rodeando-se, comtudo, de torres ameiadas. Eu admirava alternativamente a bella cidade do seculo xv, os typos curiosos da sua archeologia, a celebre torre de Nesle, os vastos conventos de S. Germano dos Prados. No sitio onde se vê agora o jardim da torre de S. Jacques, reconheci o pateo sombrio do alchimista Nicolau Flamel. Os telhados redondos e ponteagudos faziam lembrar cogumellos á borda do rio. Em seguida, este aspecto feudal desapareceu para dar logar a um simples castello edificado no meio do Sena, rodeado de algumas cabanas, e, finalmente, a um campo deserto onde se distinguiam apenas algumas grutas de selvagens. Paris já não existia e o Sena corria, silencioso, por entre as ervas e os salgueiros. Ao mesmo tempo notei que o foco d'esta civilisação tinha mudado de logar, e descido para o sul. Confessar-t'o-hei? meu amigo! em nenhuma circumstancia a minha alma sentiu uma alegria tão deliciosa como no momento em que me foi permittido ver a Roma dos Cesares em todo o seu esplendor. Era um dia de triumpho e, com certeza governavam os principes syrios, porque no meio

das magnificencias exteriores, dos carros deslumbrantes, dos estandartes de purpura, de um senado de mulheres elegantes e de ministros de opera, distingui um imperador recostado languidamente n'um carro dourado, vestido de seda clara e coberto de pedrarias, de ornatos de ouro e prata que brilhavam ao sol do meio-dia. Não podia ser senão Heliogabaço, o sacerdote do sol. O Colyseu, o templo de Antinoo, os arcos de triumpho, a columna Trajana, estava tudo de pé, e Roma ostentava toda a sua belleza archeologica, belleza derradeira que não era mais do que uma scena de theatro para bobos coroados. Um pouco mais tarde assisti á grandiosa erupção do Vesuvio, que absorveu Herculanium e Pompeia. Vi Roma em chammas, e posto que não pudesse distinguir Nero no terraço, tive a certeza de estar contemplando o incendio do anno 64 e o começo das perseguições christãs. Algumas horas depois a minha attenção estava ainda occupada a examinar os vastos jardins de Tiberio, e a ver este imperador sentar-se junto ao canteiro de rosas, quando, em consequencia da rotação da Terra sobre o eixo, veio a Judea apresentar-se ao meu olhar ancioso, e fez-me adivinhar immediatamente Jerusalem e a montanha do Golgotha. Jesus subia esta montanha, rodeado de algumas mulheres, escoltado por um exercito de soldados e seguido por uma multidão de Judeus. Este spectaculo é um dos que eu não esquecerei nunca. Não era o mesmo para mim do que para os vivos que assistiam a elle, porque eu estava vendo a gloria futura (e comtudo passada) da Igreja coroar o sacrificio divino... Não insisto; comprehendes os sentimentos diversos que me agitaram a alma n'esta observação suprema...

Voltando, depois, a Roma, vi Julio Cesar extendido em cima da pyra, tendo á cabeceira Antonio que segurava na mão esquerda um rolo de papyro. Os conjurados desciam apressadamente as margens do Tibre. Seguindo, movido por uma curiosidade legitima, a vida de Julio Cesar, tornei

a vel-o com Vercingétorix no meio dos Gaulezes, e pude certificar-me que, de todas as hypotheses dos nossos modernos a respeito de Alesia, nenhuma acerta com o logar verdadeiro, visto que aquella fortaleza era situada em...

Quærens. — Perdoa a minha interrupção, mestre, mas aproveito agora a occasião de te pedir um esclarecimento a respeito de um ponto particular do dictador. Como viste Julio Cesar, peço-te que me digas se elle se parece realmente com o retrato que o imperador Napoleão III, que reina actualmente na Gallia, apresentou na sua grande obra a respeito da vida d'esse celebre capitão?

Lumen. — Com muito gosto, meu velho amigo, te daria esclarecimentos a esse respeito, se fosse possível. Mas lembra-te de que aqui as leis da perspectiva prohibem-me...

Quærens. — Da perspectiva?... Da politica, queres dizer...

Lumen. — Não; da perspectiva (posto que estas duas cousas sejam muito semelhantes,) porque, vendo os grandes homens, lá do ceu, julgo-os de uma maneira muito differente da de quem está na Terra. Do céu veem-se os homens geometricamente de cima, e não de frente, quer dizer que quando estão de pé temos nós d'elles uma projecção horizontal. Deves lembrar-te de um dia em que passeamos juntos de balão por cima da columna Vendôme em Paris, e que tu observaste que Napoleão visto de cima não excedia o nivel dos outros homens. Acontece o mesmo com Cesar. No outro mundo as medidas materiaes desaparecem: ficam apenas as medidas intellectuaes.

De Julio Cesar passei aos consules e aos reis do Lacio, detendo-me um momento com o rapto das Sabinas, que contemplei satisfeito por poder observar esse typo dos costumes antigos. A historia embellezou muitas cousas, e eu reconheci que a maior parte dos factos historicos reproduzidos pelos pintores foram totalmente differentes dos que depois se representaram. N'essa occasião vi o rei Candaulo

na Lydia, na scena do banho que tu conheces, a invasão do Egypto pelos Ethioes, a republica oligarchica de Corintho, a oitava olympiada da Grecia, e Isaias prophetizando na Judéa. Vi edificar as pyramides por bandos de escravos que obedeciam a chefes montados em dromedarios. Appreceram-me as grandes dynastias da Bactriana e da India, e a China apresentou á minha vista as artes maravilhosas que possuia mesmo antes do nascimento do mundo occidental. Tive occasião de examinar a Atlantida de Platão, e vi que effectivamente as opiniões de Bailly a respeito d'este continente não são destituidas de fundamento. Na Gallia já não se distinguiam senão grandes florestas e pantanos; até os druidas tinham desaparecido, e os selvagens pareciam-se muito com os que vivem ainda hoje na Oceania. Era a *idade de pedra* reconhecida pelos archeologos modernos. Depois, d'ahi a algum tempo, vi que o numero dos homens ia diminuindo pouco a pouco e que o dominio da natureza pertencia a uma grande raça de macacos, aos ursos das cavernas, ao leão, á hyena, ao rhinoceronte. Chegou o momento em que me foi impossivel distinguir na superficie d'aquelle mundo não só os homens, mas até os menores vestigios da raça humana. Tudo tinha desaparecido. Os terremotos, os vulcões, os diluvios pareciam senhores da superficie planetaria e não permittiam a presença do homem no meio das ruinas.

Quærens. — Confessar-te-hei, ó Lumen, que esperava com impaciencia o momento de chegares ao paraizo terrestre, afim de saber com cêrteza de que maneira se apresentou a creação da raça humana na Terra? Surprehende-me que nem mesmo te lembrasses d'esta observação importante.

Lumen. — Estou contando unicamente o que vi, meu curioso amigo, e não substituirei o que os meus olhos contemplaram pelos devaneios da imaginação. Ora eu não vi os menores vestigios d'esse Eden tão poeticamente descripto nas theogonias primitivas. Alem d'isso, seria extraordinario que a semelhança entre aquelle mundo e a Terra chegasse

a esse ponto; e depois, meu amigo, se o paraizo terrestre tem razão de ser no berço da humanidade, não acho que tenha a mesma razão no fim da sociedade humana.

Quærens. — Creio, pelo contrario, que seria mais justo suppol-o no fim do que no principio, como recompensa e não como preludeo incomprehendido de uma vida de soffrimentos. Mas se não o viste, não insisto na questão.

Lumen. — Finalmente, terminando a observação d'aquelle mundo singular cuja historia era exactamente o inverso da historia terrestre, vi animaes maravilhosos de monstruosidade combatendo nas margens dos vastos mares. Havia serpentes gigantescas armadas de garras formidaveis, crocodilos que voavam com o auxilio de azas organicas mais compridas de que o corpo, peixes disformes que poderiam engulir bois, aves de rapina combatendo furiosamente nas ilhas devastadas. Havia continentes inteiros cobertos de grandes florestas, arvores com folhas enormes crescendo umas por cima das outras, vegetaes sombrios e severos, porque o reino vegetal já não possuia flores nem fructos. As montanhas lançavam chammas, os rios cahiam em cataractas, o solo dos campos abria-se, e engulia as collinas, os bosques, os regatos, as arvores, os animaes. D'ahi a pouco não consegui distinguir nem a superficie do globo; estava coberta por um mar universal que a envolvia completamente, e, tanto o reino vegetal como o animal desapareceram lentamente, sendo substituidos por uma verdura monotona sulcada de relampagos e de vapores esbranquiçados. Era um mundo agonizante. Assisti ás ultimas palpições do seu coração, reveladas por clarões fulvos intermittentes. Em seguida pareceu-me que chovia em toda a superficie, porque o sol já não illuminava senão nuvens e regos de chuva. O hemispherio opposto ao sol pareceu-me menos sombrio do que d'antes e viam-se alguns clarões por entre a tempestade. Estes clarões foram augmentando de intensidade e propagaram-se por toda a esphera.

Algumas fendas estavam vermelhas como o ferro em

braza. E como o ferro aquecido em fornalha ardente se torna successivamente vermelho claro, côr de laranja, amarello, branco e incandescente, assim o mundo passou por todas as phases do calor progressivo. O seu volume augmentou e o movimento de rotação diminuiu. O globo mysterioso tornou-se semelhante a uma esphera enorme de metal derretido, envolvida em vapores metallicos. Debaixo da acção constante da sua fornalha interior, dos combates elementares d'aquella chimica extraordinaria, adquiriu proporções enormes, e a sua esphera incandescente tornou-se esphera de vapores. Começou então a desenvolver-se sem cessar e a perder a sua personalidade. O Sol que o illuminava primeiro, já não o excedia em brilho, e augmentava tambem a sua circumferencia, tornando-se evidente para mim que o planeta vaporoso ia perder a existencia absorvendo-se na atmospheria do Sol.

Assistir ao fim de um mundo é uma felicidade rara. No meu enthusiasmo não pude deixar de exclamar com alguma vaidade:

«É este o fim do mundo, ó Deus! e é esta a sorte que espera todas as terras habitadas!»

— Não é o fim, respondeu uma voz á reflexão da minha alma: *é o principio.*»

— O que, o principio? pensei eu immediatamente.

— O principio da Terra, sim, respondeu a mesma voz. Viste a historia toda da Terra, *afastando-te d'ella com uma velocidade maior do que a da luz.*

Esta affirmacão não me surpreendeu tanto como o primeiro episodio da minha vida ultra-terrestre; porque, já familiarisado com os effeitos admiraveis das leis da luz, estava preparado para todas as surpresas. Eu já tinha suscitado este facto por causa de alguns pormenores a que não me referi para não alterar a unidade da narraçãõ, mas que eram incomparavelmente mais extraordinarios do que a successão geral dos acontecimentos.

Quærens. — Mas se era realmente a Terra, como é que a

observação astronómica que tinhas feito para a reconhecer na constellação do Altar te indicou, pelo contrario, que o mundo observado não era a Terra, nem um asterismo do Altar?

Lumen. — É porque esta constellação tinha mudado em consequencia da minha viagem no espaço. Em lugar das estrellas de terceira grandeza *alpha*, *gamma*, e *zéta*, e das estrellas de quarta grandeza *béta*, *delta* e *théta*, que constituem esta figura vista da Terra, a minha aproximação da nebulosa tinha reduzido estas estrellas a pontinhos imperceptiveis. Estavam lá collocadas outras estrellas brilhantes, que eram, sem duvida, *alpha* e *béta* do Cocheiro, *théta*, *ióta*, *èta*, e talvez até *épsilon* da mesma figura, estrellas diametralmente oppostas ás precedentes, quando se está na Terra, mas que devem ter-se collocado ali quando eu passei para diante d'ellas. As perspectivas celestes tinham mudado e tornava-se quasi impossivel determinar a posição do nosso Sol.

Quærens. — Não me lembrei d'essa mudança inevitavel de perspectiva para além de Capella. Foi então a propria Terra que viste. A sua historia appareceu-te em sentido contrario á realidade. Viste os acontecimentos antigos *depois* dos modernos. De que processo se serviu a luz para fazer mudar assim o curso do tempo?

Além d'isso, ó Lumen, disseste-me que observaste particularidades curiosas, relativas á Terra. Eu desejava fazer-te algumas perguntas a respeito d'essas particularidades. Ouvirei, portanto, com interesse, as historias extraordinarias que devem completar esta narração, persuadido de que, como anteriormente, corresponderão á minha curiosidade.

II

Lumen. — A primeira circumstancia diz respeito á batalha de Waterloo.

Quærens. — Ninguem se lembra melhor d'essa catastrophe do que eu; recebi uma bala n'um hombro ao pé do Monte-

São-João, e um dos patifes do exercito de Blücher fez-me um golpe com o sabre na mão direita.

Lumen. — Pois bem! meu velho camarada, assistindo novamente a essa batalha, vi-a, não como ella se passou, mas de uma maneira muito differente. Ora ouve:

Quando reconheci o campo de Waterloo, ao sul de Bru-xellas, distingui primeiro um numero consideravel de cada-veres, reunião sinistra da morte extendida no solo. Ao longe, atravez do nevoeiro, via-se Napoleão andando para traz, e trazendo o cavallo pela redea; os officiaes que o acompanhavam andavam tambem para traz! Deviam ouvir-se já alguns canhões porque se viam de vez em quando os seus tristes clarões. Quando a minha vista se familiari-sou com o campo, vi primeiro alguns soldados mortos ac-cordarem, resuscitarem da noite eterna e porem-se em pé de repente. Muitos grupos foram assim resuscitando. Os cavallos mortos accordam como os cavalleiros e estes tor-nam a montar. Depois de despertarem dois ou tres milhares de homens, enfileiraram-se insensivelmente para o com-bate; os dois exercitos collocaram-se em frente um do outro e começaram a combater, com um encarniçamento, um furor, que chegava a parecer desespero. Logo que o combate começou, os soldados que ainda estavam mortos resuscitaram mais rapidamente. Francezes, inglezes, prus-sianos, allemães, hanoverianos, belgas; capotes cinzentos, uniformes azues, tunicas encarnadas, verdes, brancas, le-vantam-se do campo da morte, combatendo. Consigo vêr o imperador no centro do exercito francez; cercava-o um batalhão quadrado; a guarda imperial resuscitara!

Então os batalhões immensos avançaram dos dois cam-pos, precipitando as suas enormes ondas; os espuadrões arremessaram-se da direita e da esquerda. Os cavallos brancos deixavam fluctuar ao vento as crinas aereas. Lem-bro-me do extravagante desenho de Raffet e do epigram-ma espectral do poeta allemão Sedlitz.

Era Waterloo, com certeza, mas um Waterloo phantas-

tico, porque os combatentes eram resuscitados. Além d'isso, espectáculo singular, era andando para traz que marchavam uns contra os outros. Semelhante batalha era de um effeito magico, e ainda me impressionava mais por eu adivinhar que estava vendo o proprio acontecimento, e este estar assim transformado na sua imagem symetrica. Outra observação que fiz, não menos extraordinaria: Quando mais combatiam, mais o numero d'elles augmentava; e a cada brecha que o canhão fazia nas fileiras inimigas, resuscitava immediatamente um grupo de mortos para preencher essas brechas. Depois de passarem o dia despedaçando-se mutuamente com a metralha, os canhões, as balas, as bayonettas, os sabres, as espadas; quando a grande batalha terminou, não havia um morto, nem sequer um ferido; os uniformes, ao principio esfarrapados e em desordem, estavam em bom estado, os homens estavam validos, e os batalhões formados com correcção. Os dois exercitos afastaram-se lentamente um do outro como se aquelle combate furioso não tivesse outro fim senão o de fazer resuscitar os duzentos mil cadaveres que jaziam na planicie havia algumas horas. Era uma batalha exemplar e digna de inveja!

Não pôde haver episodio militar mais extravagante do que aquelle. E o aspecto physico foi excedido pelo aspecto moral, pois aquella batalha teve por resultado, em lugar de vencer Napoleão, collocal-o no throno. O imperador, em vez de perder a batalha, ganhava-a, de prisioneiro passava a soberano. Waterloo era um 18 de brumario!...

Quærens. — Não comprehendo bem, ó Lumen! esse novo effeito das leis da luz, e ficar-te-hia reconhecido se me desses a explicação.

Lumen. — Devias tel-a adivinhado ha pouco, quando te disse que me afastava da Terra com uma velocidade maior do que a da luz.

Quærens. — Mas, de que maneira essa marcha progressiva no espaço te fez vêr os factos na ordem contraria áquella em que se passaram?

Lumen. — A theoria é muito simples. Imagina que partes da Terra com uma velocidade perfeitamente *equal* á da luz; acompanhar-te-ha sempre o aspecto que tinha a Terra no momento em que partiste, porque te afastas do globo com uma rapidez *equal* á que leva esse aspecto para o espaço. Ainda que viajasses durante mil annos, ou cem mil, esse aspecto acompanhar-te-hia sempre como uma photographia que não envelhece, emquanto os annos vão envelhecendo o original.

Quærens. — Já comprehendi esse factó na nossa primeira conversa.

Lumen. — Bem. Suppõe agora que te afastas da Terra com uma rapidez superior á da luz. O que acontece n'esse caso? Á medida que avançaes no espaço, vaes encontrando os raios que partiram primeiro, quero dizer as photographias successivas que, de segundo a segundo, de momento a momento, se lançam no espaço. Se, por exemplo, partires em 1867 com uma velocidade *equal* á da luz, conservas contigo eternamente o anno de 1867. Se fores mais depressa, encontrarás os raios que partiram nos annos anteriores e que levam consigo a photographia d'esses annos.

Para pôr melhor em evidencia a realidade d'este factó, peço-te que imagines uns poucos de raios luminosos partindo da Terra em differentes epochas. O primeiro, supponhamos, de um momento qualquer do 1.º de janeiro de 1867. Percorrendo 75:000 leguas por segundo, já andou um pedaço desde o momento em que partiu e acha-se agora a uma certa distancia, que indicarei pela letra A. Imaginemos agora outro raio que partisse da Terra cem annos antes, no 1.º de janeiro de 1767, está cem annos mais adiantado do que o primeiro, e acha-se n'uma distancia muito maior, distancia que indicarei pela letra B. Um terceiro raio que partiu, supponhamos, no 1.º de janeiro de 1667, está ainda mais longe, a uma distancia *equal* á que percorre a luz em cem annos. Chamarei C ao loga

onde está o terceiro raio. Emfim, um quarto, um quinto e um sexto raio, partindo respectivamente no 1.º de janeiro de 1567, 1467, 1367, etc., estão collocados a distancias eguaes, D, E, F, afastando-se, cada vez mais, no infinito.

Aqui está uma serie de photographias terrestres collocadas na mesma linha, de distancia em distancia, no espaço. Ora o espirito que se afasta passando successivamente pelos pontos A, B, C, D, E, F, encontra successivamente a historia secular da Terra n'essas epocas.

Quærens. — Mestre! e a que distancia estão essas photographias umas das outras?

Lumen. — O calculo é dos mais faceis: o intervallo que as separa é o que a luz percorre em cem annos. Ora, a razão de 75:000 leguas por segundo, vê immediatamente que percorre 4.500:000 leguas em um *minuto*, 270.000:000 de leguas em uma *hora*, 6.652.800:000 leguas em um *dia*, 2.428.272.000:000 em um *anno*, ou, contando com os annos bissextos, 2.429.935.200:000. Por consequencia, o intervallo entre dois pontos partidos a um seculo de distancia é de 242 *trilliões*, 993 *billiões e meio* de leguas, pouco mais ou menos.

Aqui está, repito, uma serie de photographias terrestres collocadas no espaço com estes intervallos reciprocos. Supponhamos, agora, que entre cada uma d'estas imagens seculares se encontram tambem collocadas as imagens annuaes, havendo entre cada uma d'ellas a distancia que a luz percorre n'um *anno*; em seguida, que entre cada uma das imagens annuaes, temos as imagens de cada dia; depois que cada dia contem as imagens das suas horas, cada hora as imagens dos seus minutos, e cada minuto as imagens dos seus segundos, succedendo-se todas segundo as distancias respectivas de cada uma d'ellas: teremos em um raio de luz, ou, para melhor dizer, em um jacto de luz composto de uma serie de imagens differentes juxtapostas, a inscripção fluidica da historia terrestre.

Quando o espirito viaja n'este raio ethereo de imagens, com uma velocidade superior á da luz, vae encontrando successivamente as imagens antigas. Quando chega á distancia em que se acha então o aspecto que partiu em 1767, já viu a historia terrestre cem annos antes. Quando chega ao ponto onde está o aspecto de 1667, já viu dois seculos. Quando chega á photographia de 1567, viu tres seculos, e assim successivamente. Eu dirigia-me, então, como já te disse, para uma nebulosa situada á esquerda de Capella. Esta nebulosa fica a uma distancia incomparavelmente maior do que esta estrella, posto que da Terra pareça estar ao lado d'ella, por causa da proximidade dos dois raios visuaes; proximidade apparente, devida apenas á perspectiva. Para fazeres idéa da distancia em que se acha esta nebulosa, imagina que não é menos vasta do que a via lactea. Ora, a que distancia seria preciso transportar a via lactea para a reduzir ao aspecto de outra nebulosa? O meu illustre amigo Arago fez este calculo, que não ignoras, decerto, porque elle repetia-o todos os annos no seu curso do observatorio, e foi publicado depois da sua morte. Seria necessario transportar a via lactea a uma distancia igual a 334 vezes o seu comprimento. Ora como a luz leva 15000 annos a atravessar a via lactea de um extremo a outro, segue-se que não deve levar menos de 334 vezes 15000 annos, isto é, menos de cinco milhões de annos para chegar á Terra. Eu tinha seguido o raio da Terra até áquella nebulosa distante, e se a minha vista espiritual fosse mais perfeita, teria podido distinguir não só a historia retrograda de dez ou cem mil annos, mas até a de cinco milhões de annos.

Quærens. — Para veres assim os acontecimentos afastando-te no espaço, voavas recuando ou os espiritos são dotados da faculdade de vêr o que se passa atraz d'elles!

Lumen. — Que pergunta! Se eu tentasse explicar-te por meio de que sentido intimo os espiritos vêem, ficarias mergulhado na discussão de um problema, insolúvel para ti.

Para tua satisfação pessoal suppõe que me voltava de quando em quando para examinar a Terra: esta idéa é mais acceptavel.

Quærens. — Quanto tempo durou essa viagem para a nebulosa?

Lumen. — Não te disse já que o tempo não existe fóra do movimento da Terra? No infinito, cem annos não fazem differença de algumas horas.

Quærens. — Mestre! Permittes-me que te communique uma idéa extravagante que me occorreu agora?

Lumen. — É para ouvir as tuas reflexões que estou falando contigo.

Quærens. — Desejava saber se se poderia dar essa inversão com o ouvido, assim como se dá com a vista. Se, da mesma maneira que podemos ver um factó ao contrario da realidade, poderíamos tambem ouvir um discurso começando pelo fim. É, decerto, uma pergunta ociosa e talvez ridicula, aparentemente; mas, no paradoxo parece-me que tudo é digno da mesma attenção. Quando, ha pouco, me falavas da batalha de Waterloo, lembrei-me de te perguntar como terias ouvido a celebre phrase:

A-guar-da-mor-re-mas-não-se-ren-de

se o phenomeno produzido pela luz tambem fosse produzido pelo som.

Lumen. — As leis do som differem essencialmente das da luz. O som não percorre mais de 340 metros por segundo, e os seus effeitos não teem absolutamente nada de commum com os da luz. Comtudo, é evidente que, se caminhassemos nos ares com uma velocidade superior á do som, ouviriamos em sentido inverso os sons que partissem dos labios de um interlocutor. Se, por exemplo, este recitasse um alexandrino, um ouvinte, afastando-se com a velocidade indicada, a partir do momento em que ouviu a ultima syllaba, encontraria successivamente as onze sylla-

bas que tinham partido primeiro, e ouviria o alexandrino ao contrario.

Quærens. — De maneira que voltando á batalha de Waterloo, terias ouvido...

Lumen. — Se o facto que se deu com a luz se tivesse dado com o som, ter-me-ia chegado ao ouvido a seguinte reunião informe de syllabas:

De-ren-se-não-mas-re-mor-da-guar-a.

que me custaria bastante a comprehender. Teria tentado achar sentidos muito differentes a essas syllabas.

Quærens. — Talvez imaginasses, modificando logicamente os sons, que Cambronne, respondendo á provocação do official inglez, o tinha enviado para a morada das sombras.

Lumen. — És sempre o mesmo. Não perdes occasião de fazer trocadilhos. Essa explicação vaga não me teria satisfeito. Procuraria mil interpretações, mais ou menos inúteis. Emquanto á theoria em si mesma, apresenta uma reflexão curiosa; a natureza podia ter determinado que o som não percorresse 340 metros por segundo, e que a sua velocidade, que depende da consistencia e da elasticidade do ar, fosse differente do que é, mais vagarosa, muito mais vagarosa. Podia, por exemplo, transmitir-se no ar com uma velocidade de alguns centímetros apenas por segundo. Ora, imagina o resultado d'isto, sendo assim. Os homens não poderiam já falar quando andassem. Dois amigos conversavam juntos; um d'elles dava um passo ou dois, afastava-se do outro um metro, supponhamos; como o som levava uns poucos de segundos a transpor esse metro, dava em resultado que, em logar de ouvir o seguimento da phrase pronunciada pelo amigo, o passeante ouvia novamente, em sentido inverso, os sons que constituíam as phrases anteriores.

Estas observações, meu amigo, fazem-me propôr para as tuas meditações um assumpto muito digno de attenção

e que temos descuidado um pouco até hoje : o da adaptação do organismo humano ao meio terrestre. A maneira por que o homem vê, por que ouve, as suas sensações, o seu systema nervoso, a sua estatura, o seu peso, a sua consistencia, o seu andar, as suas funcções, todos os seus actos, emfim, são dirigidos, constituídos até pelo estado do planeta.

Nenhuma das tuas acções é absolutamente livre, independente : o homem é a resultante, docil posto que inconsciente, das forças organicas da Terra.

Mas, voltando á minha observação dos pormenores relativos á vida terrestre, vistos ao contrario na minha viagem rapida, vou descrever-te agora o aspecto extraordinario que me apresentaram as existencias humanas. No mundo que eu estava contemplando e que, como já vimos, não era outro senão a Terra, os homens não nasciam da maneira natural que conheces. Era ao contrario...

Quærens. — O que? ao contrario?

Lumen. — Para fazer apparecer um homem no mundo, começava-se por cavar na terra até uma certa profundidade, ou, para falar com mais exactidão, reuniam-se muitas pessoas em uma especie de jardim; alguns operarios deitavam, com o auxilio de pás, uma porção de terra friavel na borda da cova. Em seguida os operarios inclinavam-se e tiravam da abertura feita no solo uma caixa oblonga que era levada — não precisamente em triumpho — para uma igreja. Um pouco mais tarde sahia da igreja a mesma caixa, sempre seguida por grande numero de pessoas, das quaes umas pareciam tristes, emquanto que outras conservavam-se muito indifferentes. O cortejo caminhava para traz, coberto de lucto.

Chegavam em seguida a uma casa, onde entravam tambem de costas, com a caixa de que fallei. O que se passava então no interior da casa? Pude observal-o uma unica vez, em consequencia de uma disposição particular das janellas altas e da luz. Algumas pessoas começavam a des-

pregar a caixa ás martelladas (processo tão extravagante como o resto); em seguida tiravam o objecto que vinha dentro e collocavam-o em cima de uma cama.

Era então que se preparava o momento solemne do nascimento de um ser humano, porque aquelle corpo inerte, que se tinha desenterrado, era um vivo futuro. A familia toda chorava, como para lastimar a chegada de um novo ser a uma vida tão triste; uns despedaçavam o fato, outros, e esses eram mais raros, arrancavam os cabellos, outros estendiam-se como mortos nas suas poltronas; outros, finalmente, ajoelhavam ao pé da cama, e pareciam rezar. Os medicos, sempre faceis de reconhecer, chegavam, não para acabarem com o doente, mas, pelo contrario, para lhe darem vida. Era quasi sempre no dia seguinte ao da exumação que o cadaver despertava. O ministro que tinha dirigido a primeira cerimonia, vinha dar-lhe o baptismo da extrema-uncção. A partir d'este momento, o recém-nascido era cercado de todos os cuidados possiveis.

Camille FLAMMARION.

(Continúa.)

HUMORADAS

(De Ramon de Camposamor)

I

É tanto o que te quero, amor primeiro,
Que o centro puz em ti do mundo inteiro.

II

Crê, piedoso leitor, o que te digo:
Com tudo estou em paz, menos comigo.

III

Para vêr-te, parece que ao teu lado
Admiradas, as horas se hão sentado.

IV

Ao vêr-se tão gentil, córou de pejo,
E no espelho, a si propria, deu um beijo.

V

Cada dia aprendendo, a pouco e pouco,
Cheguei ao grão-saber: Sei que sou louco!

VI

Feliz serás, guardando com prudencia,
No mesmo sacco, o amor e a consciencia.

VII

O tempo que perdi, se bem pensado,
Foi de todo o melhor aproveitado.

VIII

Maldito é o mal que soffro, e sem remedio!
Evite-o quem puder: chama-se tédio.

IX

Deves fugir, e medo ter d'aquellas,
Que eclipsam, sendo feias, as mais bellas.

X

As donzellas devotas com quem trato
Nunca pedem a Deus o celibato.

XI

Com seu noivo traçara o itinerario;
Mas, casada, tomou pelo contrario.

XII

Maria, ainda é mais que sentimento,
Teu olhar, uma luz com pensamento.

XIII

Do seu descanso e paz, eu, invejoso,
Ao vêr um morto, digo: Eis um ditoso!

XIV

— «Ama-me mais!...» a noiva lhe dizia:
Mas elle — «É impossível!...» — respondia.

XV

Sabem bem os amantes instruidos,
Que querem dizer *sim*, tres *nãos* seguidos.

XVI

Por ti, meu coração hoje argumenta
Haver febres d'amor inda aos sessenta.

XVII

Como um doutor em leis, essa perversa,
Transforma o branco em preto e vice-versa.

XVIII

Nasceu, soffreu, morreu. Eis toda a historia.
Destino de mulher! virtude ingloria!

XIX

Ha sêres com a alma mais pesada,
Que o barro vil em que ella está guardada.

XX

Sobra-te coração, e tu, prudente,
Em outro amor collocas o excedente.

XXI

Confesso-te que são os meus sentidos
Só para vêr-te e ouvir-te, olhos e ouvidos.

XXII

Quizeste conquistal-a, e já casado,
Fôste tu, e não ella, o conquistado.

XXIII

Quanta mulher, buscando o casamento,
Cae na rua, no rio, ou no convento.

XXIV

Que esquecimento o meu! que raridade!
Ao vêr-te, não me lembra a minha idade!

XXV

A creança, — mulher que respeitamos,
E a mulher, — a creança que enganamos.

XXVI

E' só para querer-te, vê que sorte!
Que eu alguns dias vou roubando á morte.

XXVII

Cada um dos olhares que me lanças,
Em mim transforma-se em milhões de esperanças.

XXVIII

Crê tu que o meu amor, ardente e terno,
Tão puro é, que deve ser eterno.

XXIX

Disse uma velha feia, mui velhinha:
«No que toca a virtude, creio a minha.»

XXX

Que dita pode haver no ceu profundo,
Se acaso ha lá memoria d'este mundo?

XXXI

Meninas bem sensatas e bem puras,
Em lhe vindo a razão, fazem loucuras.

XXXII

Ao confessar o seu primeiro amor,
Já não pode absolvel-a o confessor.

XXXIII

Deixa voar bem alto a phantasia!
Sem illusões, o mundo o que seria?

XXXIV

Quer seja quem padece ou quem adora,
Crê que tudo no mundo, ou ama ou chora.

XXXV

«Amas-me»? lhe pergunta; e diz a esposa:
«Amo, sim;» mas pensando n'outra cousa.

XXXVI

D'uma antiga coquette a formosura
Tirou-me todo o gosto de ser cura.

XXXVII

Visse eu fugir, do peito meu, ligeira,
A duvida, essa eterna companheira.

XXXVIII

Tem o pobre a certeza que o seu cão
Ha de seguil-o atraz do seu caixão.

XXXIX

Prohibes-me o desejo appetecido...
Não ha Eden sem fructo prohibido.

XL

O berço! o altar! são ambos as moradas
Onde as mães vão rezar, ajoelhadas.

Tradução de **FERNANDES COSTA.**

(Continua.)

NEMROD & COMPANHIA

VIII

(Continuação)

— Strehley, se você me enganou, castigal-o-hei de um modo exemplar; hei de perseguil-o e deital-o a perder. Mas se me apresentar um meio de verificar a verdade do que acaba de dizer-me, terá provas da minha generosidade...

— E' muito facil e responsabiliso-me a fazer surprehen-der M.^{me}...

— Não diga o nome!... interrompeu Nuno brutalmente, maguado por ouvir o nome da mulher que adorava profere-rido por aquelle tratante.

— Diga o sr. conde amanhã pela manhã, que vae a Pa-ris, e, a meio caminho da estação, na Ponte Azul, por exemplo, apeie-se: aposto o que quizer em como os pas-saros estão no ninho... Eu vou buscar o sr. conde e con-duzo-o até lá...

— Seja. Mas, se me engana...

— Não respondo pelos caprichos de ninguem, tornou o guarda audaciosamente; se não fôr d'esta vez, será na ou-tra seguinte... Mas ha grandes probabilidades... Elles não mandreiam, nos dias livres!

— Até amanhã: ha de receber as minhas ordens...

O guarda cumprimentou e sahiu. Nuno, sem voltar á sala, subiu aos seus aposentos. A idéa de se encontrar na presença de Manuela e de Huberto era-lhe insupportavel. Caminhou de um lado para o outro a passos largos, sem pensar em dormir. E' certo que tinha sido enganado muitas vezes na sua vida amorosa, mas nunca sentira semelhante raiva no coração. Outr'ora, com as raparigas a quem pagava, mostrava-se muito philosopho. Explicava a si mesmo que, com a sua figura, a sua cara, a sua voz, a sua idade e a sua riqueza, era impossivel não ser trahido. Fazia gala n'uma especie de indiferença altiva, de cynismo desdenhoso. Dizia ás amantes:

— Não me enganes senão com os meus amigos, para eu gostar de encontral-os cá. E, sobre tudo, faze-me o favor de não acceitares dinheiro aos teus amantes do coração; eu pago por todos!...

Mas, essas raulheres, amára-as alguma vez? Escolhia-as, como convinha a um homem na sua posição, muito formosas, muito caras, muito brilhantes. Faziam parte do seu apparatus, concorriam para a ostentação do seu luxo, serviam de *réclame* ao seu banco, do mesmo modo que a cavallariça de corridas, a caça e as carruagens. Divertiam-o, entretinham-o, faziam-o descançar das preocupações financeiras. Depois d'esta, outra, e estava acabado. Mas Manuela?... Manuela conquistára-o pelo coração e era senhora d'elle. A sua belleza, a sua mocidade, o seu espirito, o encanto incomparavel que d'ella emanava, tinham embriagado Nuno a pouco e pouco, como um veneno necessario e imperioso, e agora, intoxicado, já não podia passar sem elle. Pensando que essa creatura adoravel se entregava a outro, que se fazia *coquette*, risonha, caprichosa, tyrannica e meiga para um homem que não era elle, opprimia-se-lhe o coração, os nervos exasperavam-se-lhe, o cerebro desvairava-se tão dolorosamente, que não sabia o que havia de crer, esperar, temer e decidir.

Sentou-se deante do fogão, onde crepitava um fogo claro, e, profundamente triste, vendo o futuro perdido, a sua felicidade destruída, chorou amargamente. Era tão desgraçado, a solidão parecia-lhe tão horrível, que estava quasi a ir ter com a filha para contar o seu desgosto a alguém, e não estar ali, consumindo o coração no silencio e no isolamento. Mas, como havia de confessar taes infamias a Esther, e, sobre tudo, como havia de dar-lhe aquellas armas contra si mesmo? Não previra ella o que estava succedendo? Não era a confirmação das suas repugnancias, a explicação da sua hostilidade? Não teria de discorrer com ella por muito tempo: comprehendel-o-hia ás primeiras phrases. Comtudo, ella não sabia nada e era por instincto que repellia Brucken, visto que consentia que seu pae casasse com M.^{elle} del Peral.

Um raio de esperança illuminou o espirito de Nuno. Se Esther, intelligente, sagaz, fina, prevenida contra Manuela, não surprehendera cousa alguma das suas relações com Brucken, talvez estas não passassem de garridice. Comtudo, as entrevistas no *chalet*?... E se fosse apenas para conversarem ácerca de negocios e fazerem as suas combinações com vagar? Chegando a este ponto, Nuno envergonhou-se de si mesmo. Encolheu os hombros com ar de mofa. Estou-me tornando estúpido, pensou elle. Pois então não cheguei a acreditar que Manuela e Huberto vão para o meio dos bosques contar um ao outro cousas que podem dizer na sala, á minha vista e no meio de todos os meus amigos? Não! não! enganam-me, os miseraveis!... E como poderia deixar de ser? Ella é tão seductora, essa detestavel creatura, e eu sou tão feio, com esta cara de castanha assada, esta barriga e estes cabellos grisalhos! Querer ser amado por aquelle anjo, e com fidelidade, que loucura!... Sim, engana-me, e era inevitavel. Mas Brucken? Depois do que fiz por elle, depois do que estava prompto a conceder-lhe!... Que infamia e que demencia! E' preciso estar doido para arriscar o que elle arrisca. Ora! se ella o

fitou de certa maneira, elle perdeu a razão. Com certos beijos, resolvel-o-hia a um assassinio!... Oh! que scele-rada, que velhaca! que maldita e perversa creatura!... E foi ella que o trouxe a minha casa, que o apresentou! Já devia ser seu amante ha muito tempo. Devem ter-se rido bem de mim!... Mas acabou-se, não hão de rir mais. Vingar-me-hei e de um modo terrivel!... Elles não sabem a quem se dirigiram... Hei de inventar um supplicio atroz para os torturar! E' preciso que sofram... Mas soffrerão ao menos a millesima parte do que eu estou soffrendo?...

Passou grande parte da noute n'estas agitações, deitou-se quando o dia começava a romper, dormiu duas horas com pesadelos horriveis e ergueu-se com o corpo e a alma despedaçados. Ao almoço mostrou-se sombrio e silencioso. Os seus hospedes attribuiram esse mau humor a preocupações de negocios. Esther accusou-se severamente, pensando que era a sua resistencia que affigia seu pae. Quando Nuno, á sobremesa, annunciou que se via obrigado a ir a Paris, Manuel e Huberto trocaram um olhar que fez empalidecer o banqueiro, tão violento foi o espasmo que lhe opprimiu o coração. Comtudo, Selim julgou necessario enganar um pouco melhor aquelles de quem desconfiava. Abanou a cabeça como que para expulsar as nuvens que lhe escureciam a frente, e, por um esforço verdadeiramente sublime, conseguiu dominar-se e sorrir. M.^{me} del Perál e Termont, animados por essa mudança, dirigiram-lhe a palavra, tentando distrahir-o da sua preocupação apparente. Elle respondeu com grande liberdade de espirito, que a bolsa tinha fluctuações repentinas, havia alguns dias, e queria vêr as cousas de perto.

— Ah! disse Termont rindo, com certeza que o não incommodaram por pouca cousa... Cuidado com a liquidação!...

— Sim, cuidado com a liquidação! repetiu Nuno com um mau olhar, applicando as palavras do rapaz á sua situação dolorosa.

Nem Manuela nem Huberto pareceram desconfiar da ameaça que esta phrase continha. Mostravam-se serenos, indifferentes. Ella conversava com o bello Francfort, emquanto que Brucken estava entretido n'uma conversa com M.^{elle} Faverger. Quasi que desconcertaram Nuno, fazendo-o tornar ás suas duvidas. Se aquelle ignobil Strehley me enganasse? pensou elle. E' possivel mentir tão bem, apresentar uma physionomia tão enganadora? Não tarda que me esclareça a este respeito.

Na sua impaciencia de saber tudo, chegava a temer que elles não tivessem feito nenhum projecto para esse dia. Desejava a entrevista afim de estar certo mais depressa do que tanto receava.

Sua filha, levantando-se da mesa, pegou-lhe na mão, e levou-o para o terraço, interrogando-o meigamente acerca do seu estado de saude. Fitava-o com olhar inquieto e como que supplicante. No estado de agitação em que Nuno se encontrava, essa ternura commoveu-o. Precisava de ser amado, n'aquella derrota da sua felicidade. Apertou a filha ao coração e não pode dissimular uma lagrima que lhe deslisou pela face bronzeada. Esther sentiu-se profundamente perturbada com essa tristeza, accusando-se de ser a causa d'ella. Quiz interrogar, explicar-se, pedir perdão. Nuno, porém, não se sentia com forças para um debate tão delicado. E, além d'isso, para que, visto que todos os seus projectos eram destruidos, visto que o miseravel Brucken o trahia no momento em que elle tencionava defendel-o junto de sua filha?

Beijou Esther, esquivou-se a responder, e, voltando para a sala, despediu-se dos seus amigos. Levou a hypocrisia a ponto de perguntar a M.^{me} del Peral se tinha alguma encommenda a fazer-lhe, e, tendo assim desvanecido todas as desconfianças, partiu.

Apenas a carruagem que levava Nuno para Lapuy desapareceu na volta da estrada, todos os habitantes da Chevrolière se dispersaram. Francfort e Termont foram caçar

para o campo da espera, á entrada da propriedade, do lado dos bosques particulares de Précigny, nos quaes se matavam todos os dias muitos faisões que se afastavam dos tiros.

Brucken deixou-os ir sós, promettendo ir ter com elles mais tarde.

M.^{mo} Francfort devia acompanhar Esther e M.^{elle} Faverger, as quaes tencionavam visitar a fabrica de Noisiel. M.^{mo} del Peral ficou, portanto, senhora das suas acções.

Huberto, aproximando-se d'ella, disse, a meia voz:

— Vem ao pavilhão de caça?

Ella replicou, com ar malicioso:

— Ainda hontem lá estive.

— Ah! sim, mas demorou-se só um quarto d'hora e esteve sempre falando em cousas serias...

— Não tinha razão para isso?

— Não, com certeza! Foi um mau negocio, este em que me mettei... Eu não desejava este casamento... Estava assim perfeitamente: a amizade de Selim bastava-me... Quiz tornal-o meu sogro e agora podemos ficar mal um com o outro se o casamento falhar.

— Está doido!

— Por si, é verdade.

— Cale-se: reserve a sua eloquencia para logo.

Sorriu-lhe, passou ligeira e desapareceu.

Meia hora mais tarde, vestida com um fato escuro, de passeio, embrenhava-se nas largas alamedas do parque que conduziam á floresta.

Brucken tinha ido por outro lado, de espingarda ao hombro. Reinava um grande silencio, interrompido unicamente pelo grito de um lavrador excitando os cavallos, no meio de um campo, á beira da planicie, e, de vez em quando, por uma descarga de tiros de caçadores, na direcção do parque de Pomponne. Por cima das mattas, no ceu azul, pairava, muito alto, um butio, fazendo ouvir, por intervallos, um assobio agudo, e erguendo-se com grande bater de azas, descrevendo vastos circulos nos ares. Depois o si-

lencio dos bosques e dos campos tornava-se mais profundo, mais pesado e mais mysterioso.

Era hora e meia quando Nuno, chegando á Ponte Azul, no momento em que a sua carruagem entrava na estrada da estação, bateu com a bengala nas costas do cocheiro, dizendo:

— Pare ahí. . . Ainda é cedo. . . Para chegar ao caminho de ferro tenho de andar um quarto d' hora a pé: irei passeando.

A victoria voltou para traz e partiu em direcção á Chevrolière. Nuno seguiu-a com a vista, um pouco aturdido, sentindo pulsar o coração, arrependido, quasi, de se ter apeado, e dizendo comsigo mesmo se, em vez de ceder á sua curiosidade furiosa e ciumenta, não teria feito melhor em ir a Paris. Em seguida arguiu-se pela sua fraqueza. O que! desprezar uma occasião de surprehender os culpados e confundil-os? Consentir por mais tempo que o enganassem indignamente, á sua vista, em sua casa? Que homem seria elle n'esse caso? Manuela e Brucken desprezal-o-hiam. Não; era melhor que o odiassem.

Atravessou a Ponte-Azul e entrou no bosque. Caminhava no lado mais baixo da alameda, açoutando as ervas com a bengala. Os seus olhos attentos examinavam o terreno. Receava enganar-se no caminho: era a primeira vez que se via só n'aquelle logar e não o conhecia bem. Um faisão, voando, com grande ruido, do fosso cuja borda seguia, deteve-o, assustado. Chegara a uma linha de corte, marcada por um grande pedregulho. Resolveu não ir mais para deante e esperar. Sentou-se na pedra e, logo que ficou immovel, apoderou-se d'elle uma impaciencia extraordinaria. Emquanto andava, estava hesitante; agora o furor invadia-o, pensando que talvez Manuela e Huberto já se tivessem reunido, e que, se Strehley tardasse em vir ao seu encontro afim de guial-o, os culpados podiam ter tempo de escapar. Reavivavam-se-lhe todas as impressões da noite precedente. A sua colera, adormecida por um instante,

reanimava-se, mais ardente. Não pôde conservar-se quieto e dispunha-se a continuar o seu caminho, quando sentiu um estalar de ramos na matta, e o guarda-chefe appareceu por detraz do fosso.

— Então? perguntou Nuno com voz abafada.

— Então, senhor conde, já lá estão.

O rosto de Selim tornou-se de um vermelho carregado. Cerrou os punhos e disse:

— Vamos!

— Se o senhor conde quizesse ter um incommodo de passar pela floresta? Em primeiro logar, o caminho é mais curto, e depois, não nos arriscamos a ser vistos.

Nuno desceu o fosso, e, agarrando-se ao braço de Strehley, trepou o talude coberto de relva. Seguindo o guarda, que atravessava uma passagem de cabritos, caminhou silenciosamente atravez das arvores tosquiadas, desapparecendo por instantes no meio dos fetos, com o rosto arranhado pelos ramos, mas não recuando nunca. Passado um quarto d'hora, os dois homens desembocaram na grande matta ao centro da qual se achava o pavilhão. Ahi, Strehley redobrou de precauções, avançando de arvore para arvore. O solo, feito de rama de pinheiro, abafava a bulha dos passos, mas era extremamente escorregadio.

Quando se aproximavam da clareira, uma cabrinha deitada no meio do tojo, partiu assustada, e Nuno, estupefacto, olhou para o animal que galopava, com orelhas no ar, atravez das arvores, mostrando a larga mancha branca do trazeiro. O guarda, indicando então ao amo um largo que ficava a trinta metros do *chalet*, disse, em voz baixa:

— Esconda-se o senhor conde ahi; eu vou pela ponte de madeira, para fazer sahir a caça...

— Mas se elles o vêem, não sahem.

O guarda abanou a cabeça, com um sorriso mau:

— Tenho um meio seguro de obrigar-os a desalojarem-se... e depressa!... Esconda-se o sr. conde bem!...

Com um brusco movimento de hombros, fez subir a es-

pingarda, que levava a tiracollo, e, com ar sereno, avançou para a encruzilhada. Tirou o cachimbo do bolso, emquanto caminhava, e encheu-o cuidadosamente. Quando passava junto do pavilhão parou um instante. accendeu um phosphoro, aproximou-o do pipo do cachimbo, tirou duas ou tres fumaças; depois, deitando o bocadinho de madeira a arder em cima de um dos feixes de lenha que estavam empilhados debaixo da balaustrada, viu crepitar as folhas seccas, os raminhos ligeiros, e murmurou:

— Ah! canalha, fizeste-me ser expulso como um ladrão!... Pois agora é tambem como um ladrão que has de fugir, se não quizeres morrer assado!

E, afastando-se uns cincoenta passos, collocou-se á entrada da pontesinha, unica sahida por onde se podia fugir sem passar por deante de Selim.

No pavilhão, Huberto e Manuela havia um instante que estavam em alarme. Tinham sentido os passos do guarda pelas janellas abertas, por detraz das persianas. Brucken, aproximando-se devagarinho, avistara Strehley postado junto do balcão circular, e accendendo o cachimbo, cujo perfume acre se espalhara pela casa. Fizera signal a Manuela para não se assustar, e, quando o guarda, continuando o seu caminho, se dirigiu para a ponte, observara-o pela greta da porta que dava para o rio. A condessa, indo ter com elle, notara a manobra executada pelo espia de Nuno, e vira-o, com espanto, parar á entrada da ponte e sentar-se na balaustrada, com a espingarda entre as pernas, como se estivesse de sentinella.

— O que estará elle fazendo ali? perguntou Manuela a Huberto. Parece espreitar alguém.

— Talvez algum delinquente que gira por este sitios...

— Se fossemos nós?...

— Nós?...

— Eu sei lá?... Este homem tem más intenções, com certeza: quer-lhe mal... Veja se, do outro lado, não está ninguém espreitando...

— Quem ha de estar? disse Huberto encolhendo os hombros. As suas inquietações são sem motivo: a presença de Strehley é um puro acaso... Vae afastar-se, com certeza.

— Veja na direcção do palacio, veja sempre, insistiu Manuela.

Elle foi ás persianas, examinou os arredores e, de repente, recuou, soltando uma exclamação, logo suffocada: vira mexer-se um homem por detraz de uma arvore. Esse grito e esse movimento fizeram approximar M.^{me} del Peral. Elle apontou-lhe para a grande alameda e, em voz baixa, como se receasse que o ouvissem, apesar da distancia:

— Acolá, á direita, perto do largo... Nuno...

— Nuno! repetiu Manuela, empallidecendo. Sabe tudo: o senhor perdeu-me...

— Manuela!

— Ah! como eu fui absurda em ceder aos seus rogos! Desde que estamos na Chevrolière, devia ter quebrado as relações comsigo: a sua obstinação é a causa d'esta desgraça!... Não deviamos subordinar tudo ao nosso interesse?... Selim escondido, aquelle miseravel de guarda á ponte... É habil, o plano: vamos ser estupidamente agarrados, como n'uma ratoeira!...

— Não nos mexemos d'aqui e esperamos que anouteça... Afianço-lhe que havemos de passar ambos sem inconveniente.

— Mas Nuno vae impacientar-se e talvez venha ter comosco: o que fará o senhor, n'esse caso?

Interrompeu-os um silvo extranho, um ronco subito, acompanhado por um cheiro violento a fumo.

— Ouça: o que é isto? disse Manuela. Parece o rodar de um trem...

Um clarão repentino illuminou a casa e as faiscas penetraram pela abertura das persianas.

— É fogo! gritou Huberto, fogo!... O bandido do Strehley deitou fogo á madeira que está debaixo do pavilhão... Vamos morrer queimados, se não sairmos!

— Feche as janellas! disse Manuela com um sangue frio extraordinario... O pavilhão é todo de pedra: perigo, por enquanto, é só lá fóra...

— Mas não podemos ficar aqui!...

— Não nos precipitemos. O que é necessario é que nos não encontrem juntos... Selim não me deixará asphyxiar, descance!

N'esse instante verdadeiramente tragico, conservava uma firmeza de character e uma lucidez de espirito admiraveis.

— Então sou eu que devo partir, disse Brucken.

— Salte para fóra, sem perda de um segundo, vá direito a esse guarda, e, custe o que custar, passe-lhe por cima do corpo.

Brucken, docil, pegou na espingarda e abriu a porta que dava para a ponte. Um turbilhão de fumo negro invadiu a casa, mas elle já saltára por cima da varanda e precipitava-se na alameda. Manuela, fria como um marmore, mas com o coração palpitante de angustia, porque n'esse momento jogava tudo, a fortuna e a vidá, seguiu com os olhos a correria de Huberto.

Vendo-o lançar-se sobre elle como um furacão, Strehley erguera-se e, instinctivamente, pegára na espingarda. Brucken fez um movimento, como para agarrar a sua, mas lembrou-se, de certo, de que não estava carregada, e, atirando-a para o hombro, arremessou-se sobre o guarda. Este não teve tempo do disparar, nem de dizer uma palavra, nem mesmo de gritar. O gigantesco Huberto deitára-lhe uma das mãos á garganta, e apertava-lh'a rugindo como um animal feroz. O guarda largou a arma como para repellir o seu adversario que o estrangulava. Conseguiu soltar-se, deu um grito terrivel e quiz apanhar a espingarda. Mas Huberto, voltando á carga, fez cahir a arma no rio com um pontapé. Depois, erguendo Strehley no ar como se fosse um embrulho, pôl-o ás costas, e, atravessando a ponte, desatou a correr ao longo da praia, tendo já a certeza de não ser descoberto por Nuno. O que o guarda po-

deria dizer mais tarde, não lhe importava. Podiam desmentil-o, compral-o, mesmo. O essencial era passar, e passava.

Transpoz assim quinhentos metros com extrema rapidez e ahí, suffocado pelos esforços que realisára, parou á beira do rio, e depoz o guarda em cima da relva. O homem já não fazia um movimento. Com as faces arroxadas, conservava-se inerte. Brucklen, inquieto, deitou-lhe agua na cara. Mas o corpo, sem consistencia, ia e vinha, molle como um farrapo. O rapaz teve medo, apalpou com a mão o coração do guarda: nenhuma pulsação. A bocca, abrindo-se de subito, deixava passar a extremidade da lingua tumeficada.

— Estará morto? pensou Huberto com angustia.

Os olhos vitreos do seu inimigo responderam-lhe. Um grande calafrio percorreu o corpo de Brucken, o terror agitou-lhe o cerebro. Não pôde supportar a vista d'aquelle cadaver e, agarrando-o pela ultima vez com as suas mãos temiveis, atirou-o para o meio do rio.

No mesmo instante, pareceu-lhe que a floresta era illuminada por um clarão intenso, julgou ouvir gritos horri-veis, nos quaes reconhecia a voz de Manuela, e, aterrado, fugiu atravez da matta. Ao longe, de tempos a tempos, resoavam as seccas detonações das espingardas de Francfort e de Termont. E, na solidão, o bosque animado parecia viver.

XI

Do seu logar, Nuno, torturado pela colera e pelo ciume, cheio de impaciencia devoradora, tinha visto o guarda afastar-se lentamente, para junto do *chalet* com apparente indifferença, accender o cachimbo, afastar-se e desaparecer na alameda que ia ter á ponte. Desejava apressar o desenlace, visto que se travára a acção, surprehender os culpados n'um momento rapido, conserval-os anniquilados debaixo do seu olhar, enche-os de censuras, esmagal-os com o seu desprezo. Estava ancioso por terminar: o aperto

do coração, a obsessão do espirito faziam-o soffrer demasiado. Não poude deixar de mexer-se, de bater com os pés. Foi n'um d'esses momentos que Brucken o avistou. O que seria feito de Strehley? Por que meio tencionava elle obrigar Manuela e o seu cumplice a sahirem do pavilhão? E, se sahissem, teria elle, Nuno, de correr ao seu encontro para os confundir? Esse movimento, a tão grande distancia, preocupava-o. Temia fazer papel de tolo e apparecer de traz da arvore aos culpados, com ar lastimoso.

— E' uma combinação digna da estupidez de Strehley, murmurou elle. Tira-me toda a força que eu teria se os surprehendesse juntos no pavilhão. Mas, quem me obriga a estar atraz d'esta arvore? Se Manuela e Brucken estão ali juntos, não podem fugir-me. Vou arrombar a porta com um pontapé e tenho-os assim á minha discrição. Vou já!

Ser-lhe-hia impossivel conservar-se mais tempo no mesmo sitio: o sangue ardia-lhe nas veias, e parecia-lhe que o cerebro ia estalar. Avançou resolutamente para a encruzilhada, e logo em seguida, soltou um grito: erguera-se um clarão que cingiu a balaustrada da varanda, envolvendo a fiada de pedra do *chalet* em fumo e em chammas.

Nuno adivinhou immediatamente o estratagema empregado por Strehley.

— Ah! miseravel! bradou elle: fogo! deitou fogo ao pavilhão!

E, n'uma visão instantanea, viu Manuela desvairada, com os cabellos soltos, asphyxiada pelo fumo, debatendo-se no meio do incendio, com os olhos cheios de terror, e gritando por soccorro. Um impeto que lhe restituiu a energia e a agilidade de rapaz, fel-o correr para a escada, transportar os degraus em dois saltos e atirar-se, furioso, de encontro á porta, no meio das faiscas que scintillavam como n'um fogo de artificio.

— Manuela, onde está?... gritou elle. Abra! vamos, abra!

A sua voz tinha uma sonoridade assustadora; julgou que

possuía a força de um hercules. Abalava a porta e a parede, de maneira que parecia ir derrubar o pavilhão. Mas a fechadura era boa e o incendio desenvolvia-se com rapidez fulminante. Selim sentiu a varanda arder-lhe debaixo dos pés e respirava uma atmospherá abrazada. Assaltou-o uma raiva intensa. Rugiu, em tom de afflicção e de receio:

— Manuela! Manuela! abra! Está perdida: vae arder tudo!... Abra, peço-lhe, se ainda é tempo!... Eu perdôo-lhe: não lhe faça mal. Mas abra!...

Pareceu-lhe que, do outro lado da porta, uma voz desfallecida acabava de proferir o seu nome. Sentiu os cabellos chamuscados, o fato a arder, a pelle levantando-se em enormes empolas. Fez um esforço supremo, e, solido como no tempo em que era moço de fretes em Lisboa, atirou-se á porta. Esta cedeu e abriu-se. No mesmo instante, um vulto ligeiro correu de entre a escuridão; elle recebeu-o nos braços e levou-o, enquanto que uma voz lhe murmurava ao ouvido:

— Ah! Selim!... Salva por si!...

Arrastou-a para longe do incendio, sem, comtudo, o perder de vista; sentou Manuela n'um banco de pedra, e, vendo-a sã e salva, voltaram-lhe as suspeitas e a colera:

— Mas Brucken, desgraçada? Onde está Brucken?...

A estas palavras, as faces pallidas de M.^{me} del Peral ruborisaram-se, e, com um olhar indignado:

— Brucken?... Mas eu estava só, bem viu!

— Não minta! bradou elle com furor. Brucken estava comsigo, quando eu cheguei... Fugiu por outra sahida...

— E eu fiquei, para morrer queimada, suffocada? N'esse caso tinha fugido com elle!

— O outro lado do pavilhão estava guardado, sabiam-o perfeitamente... Foi por isso que a senhora não o seguiu... Cobarde! Evitou o perigo. Nem sequer teve a coragem da sua infamia!... Mas não poderá roubar-me as provas da traição... As minhas medidas estão tomadas...

— Então foi o senhor que arriscou a minha vida, que combinou a armadilha horrível?... Por uma suspeita?... Uma suspeita infundada, juro-lhe!... Oh! Selim, que amor é então o seu?

— Não inverta os papeis! Não accuse! gritou Nuno. Essa tactica é muito facil e muito conhecida!... Desculpe-se... Eu não sou tão cruel como pensa... Não deitei fogo ao kiosque nem o mandei deitar, para a obrigar a sahir... Mas tinha a convicção de que não estava só... Venha comigo e, a cem passos d'aqui iremos encontrar o seu cumplice...

— Pois seja, disse Manuela com modos resolutos, vamos lá.

Estava perfeitamente descançada. Tinha visto Brucken derrubar o guarda e arrastal-o. Não havia perigo de Selim encontrar algum d'elles á beira do rio. Quando se certificasse de que a sua embuscada falhara, devia pensar que fora enganado, escarnecido por Strehley. Succedesse o que succedesse depois, ainda que o guarda protestasse que tinha sido atacado por Brucken, não era o flagrante delicto, os amantes apanhados juntos e a negação impossivel. Se pudesse ganhar tempo, defender-se com a palavra e a physionomia, estava salva. Passaram junto do kiosque em chammas, e aproximaram-se da ponte. O logar estava deserto. Selim adeantou-se até á outra margem: ninguem. Chamou: não recebeu resposta. O rosto annuveou-se-lhe; desconfiou de que era illudido. Mas por quem?

Voltou-se, encolerizado. O terreno que deixava ganhar a Manuela irritava-o extraordinariamente. Fazer semelhante algazarra para chegar a um resultado negativo, era deploravel. A tentar a aventura, devia ter a certeza de ser bem succedido. O canalha do Strehley metterá-o n'um bonito negocio! Onde estaria elle agora? Na taberna, bebendo decilitros e rindo-se d'elle, Nuno, que fazia uma sentinella ridicula, vendo arder o seu *chalet*. Não era uma peça abominavel que elle lhe pregara? E, comtudo, parecia ter bem

a certeza do que affirmava, estar bem animado pelo odio. E, se não julgasse que o pavilhão estava habitado, para que accenderia os feixes de lenha que o cercavam? Sabia que M.^{me} del Peral estava só? N'esse caso, quereria vingar-se n'ella ou compromettel-a gravemente? Mas, para que estava M.^{me} del Peral n'aquelle logar? O que fazia no *chalet* sósinha, com as persianas fechadas? Não ia ali para meditar. Esperava alguém que ainda não chegara quando aquelle bruto deitou fogo, estúpida e ferozmente. Mas quem era esse alguém?

Revolvia no cerebro este problema sem conseguir resolvê-lo, e, humilhado, furioso, não se atrevia a erguer os olhos para a condessa. Tinham parado, havia um instante, e conservavam-se immoveis, sem falar, como que esperando alguma revelação superior, algum signal sobrehumano. Mas o silencio envolvia-os e o céu não parecia resolvido a intervir na questão. M.^{me} del Peral, então dirigindo-se em tom gelado a Nuno:

-- Onde estão as provas que me annunciou? O seu emissario, o seu espião, onde está elle? E o meu cumplice? Não o vejo.

— Manuela, disse Selim sem responder a estas perguntas ironicas, o que estava fazendo n'esse kiosque? Quem esperava?

— Aquelle que vae agora mostrar-me, supponho eu, depois de tantas ameaças e insultos.

— Manuela, não abuse de mim, continuou Nuno: a senhora esperava alguém!...

Ella fitou-o audaciosamente, e, com voz tremula de indignação:

— Depois do seu procedimento para comigo, tenho bastante pena de não esperar a pessoa alguma!

— Responda-me, rogo-lhe, supplicou elle... Fale... Tranquillise-me...

— Não tenho nada a dizer-lhe, replicou ella, altiva e decidida: o senhor deve estar certo do que pensa, para

ter feito o que fez... Desconfia de mim, faz-me um cerco, quasi que me queima viva e em seguida pede-me explicações. Julga-me alguma imbecil? Ou é o senhor que está doido? O seu procedimento é o de um bandido! Os vadios que deitam fogo a medas de trigo e a celleiros, são julgados no tribunal... e são mil vezes menos culpados que o senhor! Quando penso bem em tal, acho-o verdadeiramente atroz e infame! Arriscar a minha vida! Com que direito? Eu pertencço-lhe? Olhe, inspira-me horror! Adeus!

Afastara-se, dizendo isto, e dirigia-se rapidamente para o palacio. Elle, esquecendo a terrivel scena, pondo as suas desconfianças de parte, todo entregue á inquietação que lhe causava o brusco ataque da condessa, seguia-a, correndo sobre as curtas pernas, arquejante, supplicando:

— Manuela! Ouça, Manuela!

Sentindo-se senhora da situação, a condessa dava largas ao furor. Ah! Nuno tinha-lhe causado aquelle susto, tinha-a envolvido em semelhante aventura! Ah! arranjava incendios para lhe estorvar as aventuras amorosas? Havia de pagar-lh'o! E andava mais depressa, distanceando-se d'elle, ouvindo-o arquejar de fadiga e de angustia, e promettia a si mesma restituir-lhe centuplicadas as commoções que elle lhe fizera ter.

— Manuela! pare, supplico-lhe... Deixe-me explicar...

— Nada, replicou ella com os dentes cerrados. Tudo está acabado entre nós. O senhor não possuia senão uma qualidade, aos meus olhos: A sua bondade. Acaba de perdê-la. Agora não passa de um velho detestavel! Deixe-me em paz! Não posso ouvil-o falar. D'aqui a uma hora já não estarei em sua casa!

— Não! não! gritou elle. Se é culpada, perdoo-lhe!

— Não quero o seu perdão!

— Esqueço tudo!

— E, o que me importo eu com isso? Parece-me que sou livre! Se tenho amantes, é porque elles souberam agradecer-me!

— Manuela, gemeu Nuno, está a dizer isso para me torturar... A senhora não tem amantes...

— Tive-os, tenho-os e hei de tel-os!

— Quer matar-me?

— Se quer morrer, morra! Que grande perda!

— Não me tem nenhuma afeição, visto isso?

— Veja-se a um espelho!

— Nem lhe inspiro dó?

— A victima com dó do assassino? Era novo, agora!

— Mas não fui eu, soluçou Nuno, desesperado... Foi aquelle bruto do Strehley!

— Ah! ahi está por quem o senhor me manda espreitar? disse M.^{me} del Peral com uma risada. Ahi está a quem confia os seus segredos! A um creado despedido, um ladrão apanhado com a mão no sacco... Afinal, ladrão e banqueiro, devem entender-se bem! E' uma boa parelha! E julga que me abranda revelando-me essa ignobil camaradagem. E' ainda mais cobarde e mais feroz do que eu imaginava!

— Mas o que hei de fazer para que se compadeça de mim? rugiu Nuno com um supremo esforço que o levou ao pé de Manuela,

— Nada! nada! nada! disse M.^{me} del Peral rangendo os dentes, exasperada. Alimente incendios, para ter calor no coração!

Caminhavam sempre, ao longo da alameda, trocando estas replicas ardentes, e nada era mais grotesco do que esta scena de ciumes, de censuras, feitas a galope, entre esse homem gordo e esbaforido e essa mulher cheia de irritação.

Esse duello, cujas armas eram os sarcasmos mortaes e a ironia envenenada, não tinha por moldura um salão nem um *boudoir*, mas sim uma estrada de floresta percorrida a passos largos. Como a fadiga physica se juntava á moral, Nuno achava-se n'um abatimento indescriptivel. Percorrera mais de dois kilometros, n'um quarto d'hora, sem

conseguir abrandar Manuela. Já avistava o palacio, e, exaustado de forças e de argumentos, balbuciou:

— Pare, ainda que seja só por um minuto!

Ella não respondeu e acelerou a marcha. Nuno soltou um grito de angustia, ella nem sequer voltou a cabeça. Pelos olhos do banqueiro passou como que uma nuvem, as fontes latejaram-lhe; empallideceu, pareceu-lhe que os joelhos se lhe tornavam molles como esponjas, e que ia cahir no chão. Bradou ainda uma vez:

— Espere!

Manuela, porém, avançava sempre, implacavel; então elle parou, com o coração palpitando como se fosse quebrar-se, a respiração sibilante, e deixou-se cabir n'um banco, murmurando:

— Mata-me!

E, com a cabeça occulta no lenço, o olhar amortecido, os membros tremulos, ficou abandonado, quasi sem sentidos. Passados alguns minutos, voltou a si, viu-se sosinho, e, sombrio, de cabeça baixa, o andar pesado, continuou o seu caminho em direcção ao castello. Fôra da presença de Manuela, recuperava a faculdade de pensar, de raciocinar, de comprehender. Já não era um miseravel escravo á mercê de um tyranno, perseguido, maltratado, atormentado. Tornava a ser quem era. Envergonhou-se de ter descido a dirigir supplicas áquella mulher, sabendo-a culpada para com elle. Porque era culpada, não tinha que duvidar. Sim, a raiva que manifestara, a sua dureza, a sua inflexibilidade eram outras tantas provas contra ella. Estava com um amante ou esperava-o, no pavilhão. Mas quem era elle?

Parando defronte de um dos tanques do jardim, Nuno ficou immovel, contemplando as grossas carpas que nadavam lentamente e faziam bolhas d'agua á superficie, gulosas de um bocado de pão. Elle não as via. Reflectia profundamente; Strehley accusou Brucken, mas talvez não fosse este. Foi vingança d'aquelle homem contra o que o fez despedir, e vingança contra mim, que o despedi. Quiz, so-

bretudo, perder M.^{me} del Peral e comprometter Huberto. Sabia que elle não estava no pavilhão e foi por isso que se safou sem esperar por mim. A não ser que o cumplice lhe pagasse para o deixar fugir. Mas quem seria? Brucken tinha demasiado interesse em não me irritar, para não se envolver n'uma intriga com Manuela, á minha vista. Se é que não foi arrastado por uma paixão violenta... Mas eu tinha dado por isso. Não sou cego, vigiava-os bem e nunca surprehendi nenhum signal de connivencia, nenhuma palavra imprudente, cousa alguma certa e irrecusavel. Quem seria então?

la sempre dar a esta interrogação irritante e dolorosa. Comtudo, no seu espirito começava a desenvolver-se uma idéa, feita de desconfianças antigas e de temores recentes. E a imagem de Clemente de Pont-Croix apparecia, sahindo das brumas da sua indecisão. Esse sempre o inquietara. Farejava n'elle um feliz adorador de Manuela. Esta, conversando com o marquez, tivera um brilho no olhar, uma graça no sorriso, uma tensão de todo o seu ser para agradar, que eram bem significativos. Nunca a tinha visto tão vibrante, tão alegre, parecendo dizer: Vês como eu sou bonita! E é para ti, se quizeres. Lembrava-se da sensação aguda que experimentara. Emfim, ella não tivera recentemente a ousadia de ir almoçar a casa do marquez, á Comenda, com o pretexto de discutir com elle graves interesses e leval-o talvez a sahir da aldeia?

Mas, visto que podia encontral-o em casa d'elle, para que eram as entrevistas no pavilhão? Para isto havia uma resposta facil: Ir a casa d'elle uma vez, não tinha importancia, voltar lá segunda, ainda passa, mas continuar, era comprometter-se abertamente e expôr-se á tagarellice da aldeia. Por consequencia, o mysterio do pavilhão era propicio e as entrevistas explicavam-se. Agora estava a cem leguas de Brucken. Já não desconfiava d'elle. Tinha a convicção de que o amante de Manuela se chamava Clemente. A condessa não tomára até a precaução de desviar para

Esther as suspeitas de Nuno, insinuando-lhe habilmente que sua filha pensava no marquez, e enchendo-lhe o cerebro de inquietações com respeito ás suppostas tendencias mysticas da pobre creança? Como estava tudo bem preparado e combinado, no plano de M.^{me} del Peral! Que profunda astucia e que requintada corrupção! Atemorisava-o, até. Era então essa a mulher que elle adorava, sem a qual sentia que lhe era impossivel viver, a quem acabava de fazer inutilmente as desculpas mais humilhantes, na occasião em que tinha mais razões para desconfiar d'ella? Em que abysmo cahira e como poderia, não sahir, mas achar um meio de ahi viver?

Porque chegára a esse ponto: a procurar, como conclusão unica para a crise, um modo de fazer as pazes com M.^{me} del Peral. Ella declarára que ia partir. No emtanto, estava disposto a crer que seguiria o seu exemplo, reflectindo, e que hesitaria antes de romper com uma affeição como a sua. Recuperou o sentimento do seu valor pensando na sua riqueza. Encostou-se ao cofre e readquiriu alguma energia. Que diabo! não se despedia um millionario como Selim Nuno, como se despede um rapazinho debaixo de tutela. Se fosse necessario dar recompensas a Manuela, dar-lh'as-hia. Mas não queria admittir que fosse impossivel pôr-se bem com ella. Ou então, já a riqueza não era riqueza. N'esse instante fez as suas devoções ao Bezzerro de ouro, deus do mundo, e felicitou-se por ser rico.

Entrando na corrente vulgar dos seus pensamentos. sentiu-se mais sereno e dirigiu-se ao palacio. Chegando ao seu gabinete, chamou o creado de quarto e mandou-o perguntar onde estava M.^{me} del Peral e se queria recebê-lo. Passado um instante, o creado voltou e disse que a senhora condessa estava nos seus aposentos, mas soffria uma enxaqueca horrivel, não podia supportar a luz e pedia ao senhor conde que a desculpasse. Nuno, ficando só, começou a passear no gabinete. Já não sentia a fadiga. «Está amuada, pensou. E' justo, não devo admirar-me. Isso ha de

passar. Desde o momento que não partiu logo, pôde-se concluir que não partirá. Com habilidade, tudo é reparavel.»

A's cinco horas, quando o dia começava a declinar, regressaram os caçadores. Nuno ouviu-os, na sala de caça, proxima da casa onde estava, e Brucken vinha com elles; conheceu-lhe a voz. Desejando esclarecer a situação, no que dizia respeito a Huberto, abriu a porta, atravessou o patamar da escadinha que ia ter ao primeiro andar, e entrou na sala. Os caçadores, nas mãos dos creados, tiravam as botas e os pesados fatos de caça, ficavam de jaquetão e chinellas. Em cima da mesa esperava-cs um *lunch*, e o chá fumegava.

— Ah! ahi vem o patrão, disse Termont alegremente. Fizemos uma raza nas suas propriedades, e os senhores larapios dos arredores não encontrarão grande cousa quando se derem ao trabalho de vir espreitar a sua caça...

— O que foi que mataram? perguntou Nuno, observando Brucken, que viu perfeitamente socegado e á vontade.

— Noventa peças, pouco mais ou menos... Para um simples passeio, não é nada mau! Brucken deu um bello tiro n'um cabrito, quando regressavamos...

— Brucken tambem ia?

Huberto levantou a cabeça, e, com muita naturalidade:

— Fui ter com elles, de tarde... E o senhor, está contente com o seu trabalho? Na Bolsa já está tudo mais tranquillo?

— A Bolsa está bem. Quando foi reunir-se aos nossos amigos, não viu nada que lhe chamasse a attenção?

— Não! Atravessei o bosque de Mau-Plate. Os guardas tinham-me dito que armavam ahi laços aos cabritos. Quiz verificar... Não havia nada... Depois dirigi-me ao encontro d'estes senhores, que caçavam no Gran-Clos... Que horas eram, Francfort, quando eu lá cheguei?

— Não sei, não vi o relógio... Deviam ser duas horas. Talvez um pouco mais cedo...

— Sim, disse Brucken com indolencia, era um pouco mais cedo... Isso, afinal, não tem importancia...

Dizendo isto, deitava chá na chavena.

Nuno pensou: E' impossivel que elle estivesse no pavilhão quando se ateou o fogo, se chegou ao Grand-Clos antes das duas horas.

(Continúa.)

Georges OHNET.

CATHARINA DE ATHAYDE

Não fôra eu cançado peregrino,
Mas virgem de perfil melodioso,
E os destinos me dêsse o Deus piedoso
Para escolher; escolhera o teu destino.

Deu-te o Senhor o Lyrio Crystallino
Que se quebra mal vem o impuro goso;
Tu o tomaste inteiro e luminoso,
E tal o conservaste, ingenuo e fino...

Foi-te a Illusão qual ama carinhosa,
Qual sombra d'ôce de floridos ramos.
Qual mão de fada derramando mimos...

Feliz! Feliz! Tiveste, ó venturosa,
O perfume de quanto ambicionamos
Sem o travo de quanto possuímos.

PRINCEZINHA

SEGUNDA PARTE

IV

(Continuação)

.....

... Marietta d'Asti fechou a sua porta a M. de Pardeilhac. No club não se fala n'outra cousa senão n'essa aventura, e conta-se d'ella o bom e o bonito. Ha mezes que a ligação se estava desfazendo, que a vida d'elles era uma serie de scenas e de disputas, d'aquellas em que se desce aos ultimos insultos, e a dançarina não lhe poupava nenhuma humilhação, nenhum soffrimento. Foi preciso, para elle se decidir a largal-a, que ella o fizesse pôr no meio da rua pelos creados.

O infeliz parece hoje um cão que perdeu o dono, e que por isso uiva desesperadamente, de pescoço levantado para o céu, sem saber onde se abrigar. Envelheceu vinte annos em poucos dias. Abandona-se, não cuida de si, e conhece-se que tem medo de estar só, que é perseguido por idéas sinistras, que quer ser o último a sahir, quando os primeiros raios do dia principiam a coar-se pelas figas das janellas, a illuminar a mesa de jogo abandonada, os salões vasis onde pesam os cheiros acres de charutos,

que tem necessidade de vêr caras, de ouvir barulho em redor de si.

Alcoolisa-se com uma especie de loucura fria, e Bob Shelley exclamava fleugmaticamente hontem quando o via beber o seu sexto «sherry cocktail» :

— Mais um que, não tardará muito, esteja em Charento ou na Morgue!

... E dizer que esse desgraçado tem uma das melhores, das mais intelligentes, das mais bonitas mulheres que existam no mundo, que podia ter tido tanta felicidade. amar e ser amado até ao declinar dos seus dias!

.....

... Pergunto a mim mesmo se eu não sou o joguete de um pesadello, se é verdade tudo que acaba de passar-se, aquella festa, aquelle turbilhão de mascaras, aquelle drama vermelho em que desempenhei um papel e d'onde vae, talvez, depender a minha vida...

A dançarina tomou para amante um yankee millionario, o capitão Harry Hardisson, um gordo, vermelho rubro, com cara de corsario, que apparece em todas as primeiras, que trata as mulheres como gado, e tem uma maneira fria de olhar com os seus olhos pardos os importunos, os desagradaveis, que lhes não dá vontade de tornarem a começar.

Marietta, para festejar o seu novo enlace, deu um baile extravagante copiado pelos figurinos da comedia italiana.

Imaginava-se estar n'um paiz de sonho, ou n'uma d'essas côrtes galantes do seculo dezoito que Casanova descreve, entre a multidão sarapintada das Colombinas de saias curtas, arredondadas em donaires, dos Leandros a cortejar Isabeis por detraz dos leques abertos, Scapinos descarados correndo a respirar, como se fossem ramos, as nuças almiscaradas das mulheres. Os violinos não interrompiam a sua musica arrastada e sensual, e nos beijos bruscos dos

labios, que se prolongavam, nos olhares que se accendiam, no remoinho das valsas e na fuga dos pares que se transviavam pelos gabinetes reclusos, havia como que uma embriaguez contagiosa, que se misturava com os sentidos e com a razão...

Eu tinha ido com Fancy Sterling para me mostrar durante uma hora, como em todas essas festas de raparigas.

... Aquella decoração, aquelle matiz variegado de trages, divertiam-me como uma magica...

... No meio da noite, a dançarina esbarrou com o seu antigo amante. O conde de Pardeilhac, moldado em uma vistosa malha de Arlequim, com a sua mascara de veludo preto nos olhos, tinha entrado sem se fazer anunciar, e seguia havia muitos instantes a esteira do seu vestido. Marietta, quando o viu, teve um gesto de despeito, e mordeu os beiços. O leque agitava-se-lhe no ar com pancadas repetidas como se ella tivesse febre. Encarou-o com um ar insolente e affectou não o conhecer. Elle, muito pallido contemplava-a com as pupillas inflammadas n'um desejo louco. Tinha um tremor inquieto na voz e parecia soffrer:

— Marietta, murmurou elle, abdicando toda a dignidade, perdôe-me ter vindo, ter-lhe desobedecido... Amo-a tanto, e tive esperanza de que não me expulsaria...

Ella interrompeu-o com expressão sarcastica.

— O' meu caro, eu pensava que a sua obrigação era matar-se, — e, voltando-se para um polichinello todo reluzente de vivos e de setins furtacôres que atravessava a sala n'esse momento: — Ora chegue-se aqui, Harry, disse ella, desejo apresentar-lhe o conde de Pardeilhac, seu predecessor honorario, que teve uma grande paixão por mim, e que se mostra disposto a recommençar agora...

... Encostava-se a uma grande urna de Delft d'onde emergiam palmas que emolduravam, como n'um caixilho verde, a sua pesada figura. Os dois homens tinham-se cumprimentado com um imperceptivel movimento de cabeça, mediam-se sem uma palavra como dois dogues, que

vão atirar-se um contra o outro, de dentes arreganhados. O conde rompeu o silencio e encolheu os hombros:

— Meu caro senhor, disse elle, somos ambos muito estupidos em amar esta mulher, mas não me apraz consentir que me tirem mesmo uma amante infiel, — e, friamente, com uma distincção impertinente de clubista, tocou com o seu bastão d'ebano a cara do capitão Hardisson...

... Imaginei que este ia fazel-o em bocados com as suas formidaveis manoplas de jogador de socco; mas, precipitando-se n'um movimento rapido, a dançarina reteve-o, e murmurou-lhe ao ouvido algumas palavras supplicantes. Elle, rubro de sangue, com as faces inflammadas, as veias a rebentar, bateu com o pé no chão, e rosnou:

— Pois bem, mas acabemos com isto quanto antes...

... O duello não se fez esperar...

Mandou-se um creado buscar espadas e, aos primeiros clarões da manhã, os interessados n'elle desceram ao pequeno jardim da casa onde se dera o baile. Como o conde não tivesse encontrado nenhum amigo n'aquella multidão carnavalesca, pediu-me para eu o secundar, e a segunda testemunha era o principezito Barine, um camarada d'aquella partida, cuja amante o esperava ás seis horas, e que pensava mais em ir encontrar-se com ella, do que na questão em que iam ajustar-se aquellas contas de amor...

... Na surpresa d'este imprevisto negocio, não me foi possivel allegar um pretexto, escapar á obrigação de cruzar talvez as espadas, de seguir o combate onde o marido da mulher que eu adoro jogava a sua existencia. Eu tremia de commoção...

... Quizera estar a cem leguas d'esse jardim, correr por uma estrada direita que me levasse para bem longe...

... Não me atrevia a pensar no meu papel, a perguntar a mim mesmo o que eu experimentava n'essa situação inverosimil, e se as pulsações que me suffocavam vinham d'uma sympathia instinctiva, obrigatoria, para o homem

de quem eu era padrinho, ou da idéa, quasi da esperanza, atrever-me-hei a confessal-o, de que o destino intervinha emfim, de que alguma força cega e fatal se preparava para arrebatat uma existencia inutil, para livrar das suas cadeias a honesta e querida creatura, que, durante tanto tempo, tinha sido tão infeliz, tinha desesperado de tudo...

... Oh! as grades doiradas, que os ramos de castanheiros floridos atravessavam com os seus pennachos roseos e brancos, os canteiros de relva com os seus açafates de geranios, que pareciam grandes manchas de sangue na luz tibia da manhã, os melros que assobiavam, que respondiam uns aos outros nas arvores, as janellas ainda illuminadas, por detraz das quaes passavam e repassavam como sombras chinezas as mascaras que dansavam o *cotillon*, depois os compassos de valsa dominando por instantes o chilrear dos passaros, o silencio tranquillo que descia de um céu de nacar humido e cinzento...

... Tinha chovido durante a noite...

... O ar estava fresco. Aniquilavam-se os passos na lama...

... Nada diziamos. Uma das testemunhas do capitão exclamou a meia voz:

— Bom fim de baile!

... Marietta d'Asti puzera uma mantilha pelos hombros nús e, enluvada até aos cotovellos, apanhava as pedras espalhadas, nivelava com os seus sapatos de setim côr de rosa o arruamento do jardim onde os dois adversarios esperavam immoveis. Diria, quem a visse calcar aquelle chão escorregadio, preparar o terreno com uma extranha excitação, que se tratava da sua honra ou da sua existencia. Quando tudo estava prompto, pendurou-se ao pescoço de Harry Hardisson e queimou-lhe a bocca com um beijo furioso...

— Não o has de poupar, promette-me! ordenou ella, muito baixo...

M. de Pardeilhac tinha apertado lentamente o seu cinto

de arlequim, e approximando-se muito perto de mim, disse-me em voz socegada :

— Se, por acaso, eu fôr morto, meu caro, espero que terá a bondade de inventar uma historia que sirva de explicação para minha mulher... Este duello é de tal modo idiota...

Respondi, com a garganta sêcca :

— Esteja descansado...

... Cahiram em guarda, e, enquanto cruzavam os ferros no meio da sua trapagem de carnaval, a dançarina apoiou-se á balaustrada de ferro da escada exterior, e, sem um estremecimento, com os seus olhos ávidos e redondos de ave de rapina, seguia o duello, como se estivesse assistindo ao ensaio de um baile...

... Eu não olhava, teria dado não sei o que para não ouvir aquellas vibrações agudas de laminas que se entrechocavam, aquellas pancadas surdas, como que marcadas a compasso pelo tinir das espadas. pelo escorregar dos pés, passo a passo...

... Pensava em Renata, e sentia-me envergonhado, desolado, como quando se não faz o seu dever. Obstinadamente via-a n'um fato preto de viuva, ou extendendo as mãos, não tendo já na frente a ruga da tristeza que incessantemente a vincava, e sorridente, e feliz; eu não podia repellir esse sonho, essa nostalgia...

... Isto durou tres assaltos...

... Ao terceiro, M. de Pardeilhac, que havia perdido todo o seu sangue frio, que via tudo vermelho, foi esperar-se na espada extendida do capitão, e enquanto o desgraçado cahia sobre a areia como uma massa de chumbo, com o peito traspassado, agonizando já, Marietta d'Asti gritou para o amante, n'um tom triumphal :

— Vamos para dentro... Vae ceiar-se...

... Então — lembrar-me-ha isto até ao fim da minha vida — o conde firmou-se nos pulsos, erguendo parte do corpo, o rosto convulsionado por uma careta medonha, e,

perdendo o sangue em ondas, repellindo-nos como um louco furioso, mostrou os punhos ás janellas illuminadas pelas luzes interiores e emquanto teve forças, repetiu em voz sinistra de agonisante :

— Desavergonhada!... Desavergonhada!...

... E recahiu para sempre, sem ter nem ao menos balbuciado o nome de sua mulher ou de sua filha.

TERCEIRA PARTE

I

... No silencio nocturno tão profundo, tão doce que parecia estar-se em qualquer solidão immaterial, em algum paiz de sonho fluctuando como uma ilha afortunada entre as vastas ondas do céu, arrastava-se simplesmente o vago e monotonico rumor da maré baixando, e esse ruido cada vez mais longinquo, cada vez mais tenue, introduzia n'aquelle quarto fechado como que frémicos d'azas, que se procuram e palpitam, como que lamentos arrastados, que sobem do coração aos labios extasiados.

Não pronunciaram uma palavra, impacientes pelos beijos de que as suas boccas havia tantas semanas estavam sedentas, e sentindo bem que as palavras mais ternas não teriam exprimido a febre que os queimava, o contentamento que os embriagava. E foi essa a caricia suprema, da qual devia morrer-se, porque nunca mais se tem o gosto d'outra tão completa, tão deliciosa, tão dominadora, porque se ha de conservar a sua nostalgia atravez de todos os enlaces e de todas as felicidades. Tinham fechado os olhos. Não sabiam se viviam ou se sonhavam. Possuiam-se absolutamente, na sua carne saccudida pelo mesmo estremeção, no seu coração inundado pela mesma alegria, no seu cerebro occupado pelo mesmo desejo.

E os labios de André collavam-se á boca palpitante de Renata, impregnavam-se d'ella, deleitavam-se, bebiam ali não sabia elle que beatitude desconhecida, que lhe electrivava o corpo, o exauria de prazer, o endoidecia. Eram doces, eram saborosos, davam-se e retiravam-se, eram despoticos e eram submissos. Elle aspirava-lhes a frescura de fructo novo, o succo humido, o halito ancioso. Esmagava-os, depois afagava-os. E de ambos todo o ser se misturava, se fundia n'esse contacto, n'essa embriaguez crescente, n'esse anniquilamento onde mais nada existia de real. E isso ão tinha nem começo, nem fim, e os seus braços tremulos não se descerravam, e as suas bocas não podiam saciar-se de ternuras. Era como que uma resurreição do seu amor, um incendio novo mais vermelho e mais ardente que os consummia, uma serie ininterrupta de delicias onde a sua razão se desvairava.

Foi no fim de uma hora ou de alguns minutos, que Renata entreabriu as palpebras, inconsciente, fatigada, mas por um cansaço tão ineffavel que lhe accendia como que reflexos de céu nos seus grandes olhos? Poderia ella dizel-o, no meio da sua commoção?

Continuava a zumbir no exterior o soluço das vagas ainda confuso e longinquo. O candieiro, de luz diminuida, apenas allumiava o quarto, uma pequena mesa sobre a qual murchava um molho de rosas, uma poltrona para onde tinha sido atirado um penteador de surah, ainda ha pouco, com um gesto brusco, e a cama desmanchada d'onde os lençoes pendiam. E, no meio d'aquella quietação onde lentamente a sua febre se apaziguava, os amantes, como que attrahidos por uma força magnetica, fitaram-se no mesmo instante, e as suas pupillas irradiaram n'um tal extase, em um tal amor, n'um fervor tão cheio de confiança, que estremeceram da cabeça aos pés.

Elle sorria-lhe. Ella contemplava-o, e o longo olhar enternecido, apaixonado, dos seus olhos ainda cheios de languidez, eram um beijo ainda. Ella sentia-o absolutamente

feliz. Elle sentia-a mais feliz do que nunca a vira. E, n'um movimento de creança, Renata ergueu-se então encostando-se a elle, encolheu-se junto do seu peito, apoiou a cabeça no lugar onde o coração d'elle batia, como se ella tivesse querido seguir-lhe as vibrações precipitadas, a carreira louca, e encher os ouvidos d'aquella musica saccudida, que era obra sua, que a inebriava e a enchia de orgulho. André cingira-a nos braços, respirara o cheiro subtil dos seus cabellos loiros, e de repente beijou Renata castamente na fronte, e murmurou esta phrase unica, com uma doçura infinita :

— Amo-te!

De Laumières escrevia no seu jornal :

...Estou meio doido; queria desaparecer n'algum abysmo profundo, não vêr mais, não pensar mais. O excesso d'esta felicidade assusta-me como uma ameaça occulta, e parece-me que, ha dois mezes, tenho vivido mais de vinte annos, que tudo isto é sonho, que M. de Pardeilhac não foi morto em duello no jardim da sua antiga amante, que Renata não veste o lucto de seu marido, que não pôde dispôr ainda da sua existencia, do seu coração, que me não pertenceu, que não estamos ligados um ao outro pelo supremo e irremediavel beijo.

...Estas semanas passaram como uma especie de vertigem, como que levadas do galope furioso de um cavallo, que os moscardos perseguem.

...Seguiu-se tudo n'uma precipitação louca: aquelle corpo transportado para casa em uma maca, o primeiro grito instinctivo de Renata, quando me viu: «Não minta, elle fez-se matar por causa d'essa miseravel,» e depois, como que uma necessidade indefinida de ternuras, de afeição, de amor, uma intimidade continua, a apertar-se, a tabelecer-se, tornando-se habito, projectos de futuro que

se faziam, que mostravam como um espelho o estado do seu coração, inconscientes nervosidades de mulher apaixonada, arrebatamentos, preces, os ultimos sobresaltos de uma alma que se sente presa, que está cansada de lutar, de se defender, que para se entregar toda não espera senão uma occasião, um pretexto, um abraço mais audacioso, supplicas mais enlouquecedoras...

...Eu devia ter fugido, nunca mais tornar a vê-la, ou confessar-lhe tudo francamente, lealmente, como nos confessamos antes de uma batalha mortifera, e não tive coragem de o fazer, fui covarde; e agora que vae ser de mim, como hei de sahir d'este bôco onde me deixei metter, onde me suffoco, onde não vejo outra sahida, senão o céu, lá em cima — senão a morte...

...E adoro-a cada vez mais, e não posso passar uma hora sem ir procural-a, sem lhe falar, sem lhe perguntar se me ama tanto quanto eu a amo.

...E sou todo d'ella, como ella é toda minha, e este amor, que me enchia a cabeça e o coração tornou-se extase, loucura, obsessão, — qualquer cousa despotica, sobrehumana, radiosa, — desde que nos entregámos um ao outro, desde que ella me possuiu com todo o seu ser e que eu a possuí com todas as minhas forças e com todas as minhas ternuras accumuladas e tanto tempo comprimidas...

...Desde essa noite de delicias começou para mim uma existencia nova, e eu tive a visão do que é a felicidade absoluta. D'agora em deante, os meus labios ficarão sem treguas sedentos dos seus beijos, a minha carne será attrahida pelo seu corpo rosado e branco, e o eterno tormento do desejo, esse agulhão, que nenhuma força poderá arrancar do peito onde elle victoriosamente se cravou, ha de roer-me, opprimir-me, lancinar-me de segundo em segundo...

...Estou perdido, e seria preciso um milagre para me salvar, pois cedo ou tarde ver-me-hia forçado a accusar

me, a dizer-lhe a verdade toda, tudo o que eu lhe occulto, a ella, que é tão franca, tão leal e tão amante...

...Parece tão feliz de viver...

...Dir-se-hia uma encarcerada, que finalmente se libertou, a quem tudo encanta, a quem tudo embriaga, o menor sorriso, a menor canção, o menor olhar, e sinto bem que ella ama-me apaixonadamente, que conta os mezes obrigatorios da viuvez, que arranja desde já a sua existencia futura, que nos vê—não longe—usando o mesmo nome, não nos abandonando mais, tendo entre nós ambos a sua Suzaninha, a qual crescerá e se affeiçãoará a mim como se eu fosse seu pae...

...Pobres de nós, pobres de nós, como dizem as camponezas provençaes...

...Esposal-a, tel-a para mim só todo o resto da vida, cercal-a de tanto amor, de tantos mimos, de tanto repouso, que ella se imaginasse em algum paraizo de fábula, onde passam vãos d'anjos no céu immaculado. Dizer no intimo que se foi creado para essa felicidade, para ser terno, para ser honesto, para viver sem abalos, sem soffrimentos, sem peccados, e que tal sonho não ha de realisar-se, não póde realisar-se...

...E quando encontro pares que se apertam um contra o outro, e se sorriem, e parecem alegres, quando vejo, a alguma janella, felizes da vida, que falam baixo entre si, muito inclinados, muito encostados, trocando palavras ternas, enlaçando-se com a luz do céu nos olhos, quando penso que tantos sêres n'este mundo podem adorar-se, deixar-se envelhecer n'uma paz profunda, ter um interior onde irradia aquella que se ama, onde retinem gritos de creança, onde os dias decorrem lentamente, docemente, sem um remoinho, sem um minuto de tristeza ou de decepção, quando digo a mim mesmo que sem a fatalidade das cousas tal deveria ter sido o meu quinhão, sinto os olhos cheios de lagrimas, pela raiva que tudo me causa...

...Cedo ou tarde, Renata ha de saber que eu não tenho

a liberdade dos meus actos, que a arrastei a uma aventura desastrosa e inutil, que um homem honrado como eu sustenta a sua palavra até ao fim, ainda que por isso tenha de morrer de desolação e rancor, e que tendo uma coleira ao pescoço, eu seria o ultimo dos miseraveis offerecendo-lhe o desposal-a...

...Ha de saber que tenho a meu cargo uma alma, que não sou sósinho no mundo, que me devo a uma mulher, a qual outr'ora por mim sacrificou tudo, a sua felicidade, o seu nome, a sua posição no mundo...

(Conclue)

René MAIZEROT.

A CUNHADA

IV

(Conclusão)

Perto do cotovello havia uma nodoa vermelha que principiava a azular-se, uma pequena pisadura na pelle fina e avelludada. Gustavo queria beijar a contusão, mas Francisca, rapidamente, muito bella n'este gesto rapido, offereceu a bocca ao irmão de seu marido ausente, enquanto os cavallos escarvavam o chão, irritados.

Retrocederam para sahir da floresta. O crepusculo illuminava a parte baixa do bosque, aonde as ultimas claridades vinham extinguir-se entre as columnatas dos porticos silvestres. E mais longe, no prado humido, o trote dos cavallos assustou os coelhos brancos e pardos, que fugiram com o rabo arrebitado e desapareceram por entre a herva nova.

V

No regresso, quando entraram no quarto de D. Clara, o cheiro especial que impregna o ar respirado pelos doentes impressionou-lhes desagradavelmente as narinas, porque elles conservavam ainda a impressão viva dos perfumes florestaes e do vento vespertino que soprava nos prados.

D. Clara esteve alguns momentos sem abrir os olhos,

extendida de costas, n'uma d'estas somnolencias agitadas que lhe davam ao cahir da noite.

Ella estava alli; e tinha na physionomia alguma cousa de cavo, uma expressão de allucinado como quando se desmaia. Cobria-lhe a fronte a cabelleira branca, o lençol chegava-lhe ao queixo; de toda esta brancura melancolica sahia um perfil quasi diaphano, de nariz afilado, e as fórmas compridas do corpo iam perder-se debaixo das pregas das coberturas.

Francisca e Gustavo estavam em pé de cada lado da cama, em frente um do outro, sem levantar os olhos; aquelle corpo de mulher velha, quasi agonisante, dividia-os, afastava-os. Mesmo em presença d'aquella angustia sentiam a impaciencia tental-os, a impaciencia de quem está dominado por um desejo e que é obrigado a soffrer uma demora importuna.

D'ali por diante eram impellidos um para o outro por uma força extranha. Mas Gustavo ouvia a voz filial advertil-o secretamente de que aquella impaciencia era cruel; e para lhe fugir dirigia a si mesmo as censuras e as exhortações interiores que os homens possuidos d'um sentimento culpado fazem a si proprios no theatro da sua consciencia. — Aquella pobre doente não era sua mãe? Elle já não tinha por ella a mesma ternura que d'antes? Depois de a ter abandonado durante tantas horas, parecia-lhe muito custoso estar agora um pouco n'aquelle quarto junto d'ella? Que significava isto? Ter-se-ia tornado mau e insensivel assim de repente? — Era isto o que elle perguntava a si mesmo, mas sem attenção do espirito, como se estivesse recitando um papel nobre para illudir a voz accusadora. Os invenciveis phantasmas da recente tarde de amor preocupavam-n'o, absorviam-n'o.

Afinal D. Clara abriu os olhos, lentamente, com difficuldade. Não disse nada; respondeu ás perguntas com um ligeiro movimento de palpebras e com um sorriso logo dissipado.

A presença de Gustavo e de Francisca não a confortava; pelo contrario era uma origem de tristeza que lhe inundava a alma, porque lhe parecia que a tinham abandonado por muito tempo. N'aquelle dia, ella tinha ouvido no vestibulo as gargalhadas de Francisca, a voz de Gustavo, depois o galope dos cavallos perdendo-se ao longe. E tinha ficado sósinha.

Um pouco mais tarde, Eva tinha entrado a correr.

— Escuta, minha filha; abre essa janella.

A creança tinha tomado um ar grave de enfermeira. Mas, mesmo levantando-se nas pontas dos pé, não conseguira chegar ao ferrolho.

— Chama Suzanna, tu não podes.

— Oh! avó, que estás a dizer?

E arrastou uma cadeira para o vão da janella, subiu e abriu-a. A avó olhava para ella sorrindo: no nimbo de poeira luminosa que subia do sobrado, com os bracetos nús, a pequena tinha a graça agil de uma cabrinha que tenta escalar o talude de uma sebe.

Pela janella entreaberta passou uma aragem tepida, e viu-se a campina toda inundada de sol.

— Assim, avó?

— Sim, minha boa Eva. Vem cá.

A pobre senhora sentia-se enternecida; tinha necessidade de apertar sobre o coração aquella doce massa de cabellos e de apoiar n'ella a face por um momento. O seu refugio, unico, era a adoração d'esta cabeça infantil.

Depois Eva tambem tinha ido lá para baixo, para o jardim, correr sobre a relva. A janella deixava entrar um ar demasiadamente vivo; o vento crescia; as cortinas inchavam-se e ondulavam; a luz entrava, limpida e glacial como a agua d'uma nascente. Começou então um estremecimento a sacudir a enferma; sentiu-se invadida por esse frio nervoso que tanto a fazia soffrer. Teve apenas a força de tocar a campainha para chamar alguém. E foi Suzanna, a creada de quarto, cinzenta como uma beguina, que veiu pôr-lhe

a mão secca sobre a fronte invocando todas as virgens do céu...

Francisca e Gustavo voltariam só do passeio? Tão tarde? E não tinham pensado mais n'ella?

Francisca quiz romper um silencio que lhe pezava.

— Olhe, mamã, fomos ao bosque de pinheiros.

— Ah!

— E fez-se tarde sem darmos por isso.

— Ah!

— Eu trouxe-lhe esta flôr.

A ultima palavra fez estremecer Gustavo. Aquella flôr medianeira tinha conservado um perfume subtil que chegou até elle; e este perfume despertou o phantasma do beijo furtado e da clareira secreta.

D. Clara tirou de sob a roupa a sua mão tremula e magra, para pegar na flôr.

VI

N'aquelle momento a lua levantava-se vagarosamente d'entre as arvores, semelhante a um grande fructo côr de rosa prateado; e os seus raios sobre os vidros da janella combatiam victoriosamente a fraca claridade que o *abat-jour* verde espalhava no interior.

D. Clara tornou a fechar os olhos. Alguns minutos depois, como Gustavo e Francisca se conservavam de pé e calados, ella disse-lhes com voz fraca:

— Deveis estar fatigados... Ide para a mesa e mandae-me Suzanna.

Elles sahiram contentes como creanças aliviadas d'um castigo. Olhavam-se sorrindo.

— Oh! mamã, laranjas! gritou Eva correndo ao encontro de Francisca e abraçando-lhe os joelhos n'um impeto de alegria, com uma laranja em cada mão.

E, agil como um gatinho, trepou por ella até á cintura,

lançou-lhe os braços ao pescoço, poz-lhe no rosto um hálito embalsamado pelo suco dos fructos.

— Queres laranjas?

Foram assim até á sala vermelha e puzeram-se á mesa. Eva alegrou a refeição com as exclamações e graças de creança gulosa. Na sua inconsciencia fazia-se cúmplice d'elles.

— Oh! mamã, descasca-me esta laranja!

A mãe, para abrir o fructo, enterrou na casca perfumada as unhas finas côr de rosa. Os dedos molhavam-se com o sumo espremido, e ficava-lhe nas unhas uma ligeira coloração de ouro. Eva seguia-lhe os movimentos com uma voracidade de roedor famelico. Logo que o fructo esteve descascado, ella fez o sacrificio da quarta parte a sua mãe e a Gustavo.

— Metade para cada um, disse ella gravemente. Trinca, mamã.

Francisca cortou metade do quarto com os dentes, sorrindo.

— E tu, come o resto.

Gustavo metteu a outra metade entre os labios, com uma sensação deliciosa.

Na sala de jantar havia a tepidez que emana das iguarias quentes, essa tepidez que, depois das refeições, põe no sangue uma preguiça e uma beatitude inerte. Uma luz branda descia do globo do candieiro suspenso.

Gustavo levantou-se e foi abrir a janella. Tinha comido pouco e a sua sentimentalidade de amante novo commoveu-se com a branca claridade lunar.

— Que maravilhosa lua! exclamou elle.

Francisca teve um movimento de enfado; a entrada do ar frio perturbava aquelle doce calor que lhe dava um bem estar, sacudia a indolencia cheia de phantasias errantes e de desejos mal definidos em que se sentia embalada.

— Por caridade feche a janella, Gustavo.

— Venha vêr um segundo.

Ella levantou-se de má vontade e foi encostar-se ao papeito da janella, tremendo; contrahiou-se toda, metteu as mãos nas largas mangas do vestido, e, instinctivamente chegou-se para Gustavo.

Deante d'elles, na immensidade da noite, era como uma queda lenta de silencio e de luz, que submergindo todas as cousas, evocava a visão indistincta d'um d'esses fundos sub-marinos aonde, entre as grandes flôres animaes, se agita um formigueiro cheio de horror. As altas montanhas cobertas de neve pareciam mais proximas como se tivessem invadido a planicie; podia-se descer pelo olhar a todas as gargantas de sombra, subir a todas as eminencias de luz.

Ellas pareciam as enormes vertebraes d'uma terra cujo sol se tivesse apagado ha seculos; davam a imagem d'um paiz selenita visto atravez do telescopio.

Elles olhavam sem falar. A magestade d'este espectaculo natural dominava-os por um instante. Estavam muito chegados um ao outro tocando-se com os cotovellos, tocando-se com os joelhos.

Atraz d'elles Eva divertia-se a cortar em cima da mesa as cascas de laranja que tinham ficado nos pratos, com uma tagarelice já cançada, esperando que o somno lhe fechasse os olhos.

Gustavo introduziu, de mansinho, os dedos na manga de Francisca e apertou-lhe o pulso nú.

— Deixe, Gustavo, tire os dedos, disse ella.

E, como ella se voltou para traz, assustada por causa de Eva, este movimento fez que lhe tocasse o pescoço com o halito.

Elle não a ouvia; sob a pelle refrescada pelo ar nocturno, sentia subir-lhe ao rosto todo o sangue do coração, uma chamma.

Pegou-lhe nas duas mãos e curvou-se para lh'as cobrir de beijos.

— Não, Gustavo! Aqui, não.

Mas elle não a ouvia. Ella soltou uma das mãos e, para o repellir, metteu-lh'a nos cabellos e levantou-lhe a cabeça. Depois afastou-se e foi assentar-se á meza, toda tremula.

— Que frio! disse ella. Feche a janella, Gustavo.

Elle estendeu a cabeça ao ar. e ficou alguns momentos com o peito inclinado para fóra. Queria serenar assim a sua agitação e a combustão que o abrazava. Depois fechou a janella. Quando se voltou estava pallido e tinha na bocca um tique convulsivo.

Francisca tinha-se refugiado junto da filha.

A creança, vencida pelo somno, deixara cahir a cabeça em cima da meza, sobre a toalha luminosa. Estava rosada, toda rosada, com um sorriso vago espalhado na physionomia; as palpebras fechadas eram tão diaphanas que deixavam quasi transparecer o olhar; a bocca aberta, corolla immovel, estava quasi sem halito.

— Está a dormir, sussurrou a mãe fazendo signal a Gustavo para não fazer ruido.

— Eu vou leval-a ao quarto, respondeu elle em tom baixo.

N'esta resposta percebeu ella uma insidia, e sorriu, com uma imperceptivel ruga de ironia no labio inferior. Mas elle aproximou-se, e, com muito cuidado, levantou nos braços o corpo inerte da creança. Subiram a escada, indo Francisca adeante. A cabeça de Eva pendia para o lado, descobrindo a garganta delicada e deixando chover os cabellos.

Uma lamparina ardia no quarto, no meio da abobada, com uma luz quasi lunar. A roupa da cama, os vestidos, todos os angulos exhalavam perfumes fluctuantes.

— Deite-a n'esta cama, aqui.

Gustavo deitou a menina.

Já lhe tremiam os braços; sentia o perfume que já uma vez o tinha feito estremecer. Francisca inclinou-se para vêr dormir a filha esperando que Gustavo fallasse.

Mas elle não fallou ; de repente agarrou-a pelos braços e collocou-lhe a bocca na nuca no sitio aonde estavam dois ou tres anneis de cabello brancos de pó. Tinha nos olhos esse brilho sombrio, tinha nas faces esse sombrio ardor que Francisca já conhecia ; mas ella não queria isso ; as violencias desagradavam-lhe.

— Não, não, Gustavo. Vá-se embora, disse ella com seriedade, compondo o cabello na nuca. Tenha juizo.

Explodiu então toda a tempestade que elle tinha no coração. — «Elle amava-a, amava-a ! Sentia-se enlouquecer ! Que lhe permittisse ao menos ficar ali uma hora, ajoelhado no tapete, n'aquelle quarto, n'aquelle perfume. Pedia só isso. Que ella tivesse esta condescendencia !»

— Não ; va-se embora. Eva pode acordar.

Elle insistia. — «Eva estava no primeiro somno, não podia acordar. Elle ficaria ali sem se mecher. Que lhe permittisse sómente demorar-se . . . ainda um pouco, só mais um pouco ! — »

Tinha-se approximado, tinha-lhe pegado nos pulsos, supplicava com o olhar, queria subjugal-a lentamente. E ella sentia que cederia, porque uma vaga suavidade e uma vaga frouxidão começavam a invadil-a.

Duas ou tres vezes, cheia de inquietação porque elle a tinha agarrado pela cintura e a puxava para si, percorreu o quarto com o olhar.

Uma suprema revolta lhe restituiu forças contra o desfallecimento.

— Sabe muito bem, Gustavo, que é horrivel o que estamos fazendo !

Elle apertou-a procurando-lhe a bocca.

«Elle amava-a ! Amava-a !

VII

Desde aquella noite deixaram-se envolver e arrastar. Francisca por causa da sua condescendencia e da descui-

dosa frivolidade do seu character, Gustavo por causa do seu cego appetite de amor. E como o amor sobrepuja e anniquilla qualquer outro sentimento humano, elles abandonavam agora a pobre doente.

O que faziam era criminoso, e faziam-n'o naturalmente. Lá fóra attrahia-os a belleza da estação, alegrava-os o ar livre, a exuberante vitalidade da terra vegetal penetrava-os por todos os lados. Em casa o esforço de attenção para abafar a menor palavra, para suffocar o menor ruido, aborrecia-os e irritava-os. Sahiam, esqueciam-se, andavam por fóra muitas horas; preferiam os logares afastados, os passeios abrigados pelas arvores, os caminhos perdidos no meio de plantações. Gustavo levava ás entrevistas o fogo da sua paixão, todas as impetuosidades da sua natureza quasi virgem; Francisca trazia a sua bella mobilidade de attitudes, as pequenas crueldades da sua frieza, o requinte aristocratico da sensação. Por instincto elles fugiam a todas as cousas e a todas as occorrencias que pudessem conduzil-os a fazer um exame de consciencia. No momento de sahir, um d'elles dizia quasi sempre ao outro, a modo de justificação:

— Ella parece que vae melhor, não é verdade? Não se tem queixado.

E partiam.

Mas D. Clara, no seu quarto nu, em face do esplendor que as janellas semi-abertas espalhavam no sobrado, tinha no coração uma grande tristeza sombria que a matava: sentia-se acabar. A principio nada tinha suspeitado; esperava na sua cama, de costas, durante horas, longas horas, entregue ao seu mal, os olhos turvos e quasi já sem vista, as extremidades geladas, como se a morte já tivesse começado para ella n'esta agonia lenta e sem sobresaltos.

A espaços tinha nas mãos um apalpar inquieto e incerto, uma contracção vã de dedos que tentam agarrar. Então tinha sêde, pedia um copo de tisana para mitigar a seccura da garganta. De tempos a tempos Suzanna appa-

recia á porta; approximava-se, levava o copo á bocca da doente segurando-lhe a nuca com a outra mão.

— Aonde estão elles?

— Ora, minha senhora, quem é que o pôde saber?

D. Clara estremeceu. A creada tinha pronunciado estas palavras com um modo ambiguo; depois com um gesto discreto e quasi furtivo persignou-se. — «Onde iam elles? Que faziam tanto tempo lá por fóra? Oh! era então para aquella coisa!...» Esclareceu-a uma luz subita; e com a suspeita que crescia de modo formidavel, uma colera violenta a invadiu bruscamente.

— Oh! Era então para aquella coisa! Oh! os infames, os infames!

N'este momento, Eva entrava com o seu passo ligeiro, trazendo um feixe de flôres nos bracitos nus até os cotovellos. Chegou-se ao leito, com a sua graça de cabrinha agil. Mas quando sentiu a cabeça agarrar-la pelas mãos humidas e ardentes da velha; quando sentiu nos cabellos, no pescoço, nas faces, uma chuva de lagrimas; quando, entre as lagrimas, sentiu que aquella bocca secca, de mau halito, de doente, lhe procurava a fronte; quando ouviu o nome de seu pae entrecortado de soluços despedaçadores; assustou-se, tentou fugir, agarrar as mãos que a prendiam, vêr a cara da pobre velha. E gritava suffocada:

— Que é que tu tens? Que é que tu tens?

G. d'ANNUNZIO

NOITE DE S. JOÃO

Tudo na Serra é triste e grande. Dá a impressão do Atlântico. Homens e arvores são sombrios e fortes. As raízes agarram-se de rijo á terra para resistirem á tempestade — o coração das creaturas é ferreo. As casas dos pastores alapardam-se entre os penedos, protegidas do sul. As mulheres têm na physionomia a serena gravidade de quem está habituado a encarar perigos, e as proprias raparigas se amam é a valer e para toda a vida: têm a singeleza das creaturas primitivas, e muitas vezes pensei, ao vê-las descer a Montanha, aos pares, de mãos dadas, olhos ingenuos, a cantar n'uma toada embaladora e triste:

N'uma caminha de funcho...
O meu amor quer dormir

deparar com mulheres d'uma outra idade arredada, dos tempos idos e simples.

Por duas vezes já que eu me refugiára na Serra: no rude Inverno de noventa e quatro e na Primavera do anno seguinte. Sempre que acontecia a vida despedaçar-me o coração e os nervos, as Montanhas appareciam-me como um eremiterio, um logar de paz e de felicidade. A velha

casa secular desmorona-se: a tempestade tem-n'a ennegrecido e derrocado, a ventania abalado as portas como um saiteador: apenas duas ou tres salas e a grande cozinha são ainda habitaveis. É triste aquillo, mas sereno. Não irrita: a melancholia que sahe das velhas cousas vem amorticida e repousa-nos. Acontecia-me de inverno ficar horas e horas a scismar, vendo arder na lareira troncos de arvore. O João, callado, d'olhos tristes postos em mim, sentava-se do outro lado do lar e accendia, por vezes, o cachimbo com um tição. Fóra ia um ruido de Mar. E as horas seguiam-se mortas: apenas a minha imaginação, presa no lume, construia lindos sonhos d'ouro como o fogo, e que por fim, qual o secco tronco, se reduziam a cinzas frias. Uma aguia, a debater-se no temporal, gritava, ou o vento arrancava com furia os castanheiros dos pincaros...

Este João era um homem calado e rigido. Palavras poucas, fortes sentimentos arreigados e um grande coração. Era pastor: nos mezes de verão perdia-se na Serra com os rebanhos, n'uma vida livre e mysteriosa. Sabia o nome de todas as estrellas e as tocas dos montes, onde é bom dormir. Na sua lingua pittoresca e rude dizia-me, por vezes, admiraveis cousas: como a Serra é bella e grande, como as Montanhas têm coração e como a vida livre, perdida pelas cristas, semanas sem se vêr viv'alma, o enchia de emoção e de idéas, que lhe faziam medo. Punha-se então a fallar sósinho e surprehendia-se a repetir cousas em que nunca pensára — ou então cantava, tolhido pelo luar, com lagrimas nos olhos. Era um poeta. No luar de Agosto acontecia-lhe ter, na bruma luarosa das Montanhas, visões: lindas creaturas a caminharem, pallidas como lyrios, velhos de enormes barbas a fluctuar, com risos doidos... Era valente como poucos, e, por vezes, depois de matar a tiro lobos que o perseguiam, defendera-se do resto da alcatêa a faca de matto.

A Primavera vinha e a terra estremecia vivificada, amo-

rosa, coberta de flôres como uma noiva. Os velhos cada-
veres, o pó dos antigos guerreiros e o cerebro dos gran-
des poetas estremeciam; corações de amantes, corpos de
bandidos e de tyrannos, perdidos nas edades longinquas,
ha mil seculos enterrados, desfeitos em particulas, trepa-
vam na seiva das arvores, cantavam amorosamente nas
flôres d'um espinheiro ou eram simples cardos florindo á
beira dos caminhos. Ella é o berço e a tumba. As civili-
zações mysteriosas das edades passadas e os resequidos
corpos dos mendigos, d'ella sahem e lá vão por fim bater.
Sómente, como n'um cadinho, ella trata-os, depois, com a
mesma dura indifferença: — reis ou monstros são indis-
tinctamente nuvem no céu ou ouro na aza d'um insecto.

Nos crepusculos tristes ella parece dizer-nos; — Toda a
creatura viva, tudo o que existe, de mim sahe, caldeado
do mesmo barro, vivificado pela mesma chimica incessan-
te. — A propria Terra representa na Primavera a imagem
d'um berço florido e alegre, no Inverno um caixão negro
e triste como a morte.

Embora o homem curvado sue, soffra, berre de dôr ou
ria de escarneo — ella, gelada, despedaça civilizações e cor-
pos para lhes dar novas fórmas. Uma transformação ape-
nas: Julietta é agora decerto flôr n'algun lilazeiro e o rei
Lear, de grandes barbas de luar, velho cedro d'uma flo-
resta de ballada.

N'essa Primavera fui encontral-o amoroso. Como as ar-
vores a sua alma florira. A mesma emoção que fazia estre-
mecer as Montanhas e toucaram-se de frageis botões as se-
bes dos côrregos, lhe apressára o pulsar do coração. O
João estava triste e passava o dia a suspirar. Era um mys-
terio identico ao que ao mesmo tempo abala a Serra e os
cardos humildes.

Dava-lhe o amor para ser mudo. Ficava horas sem pa-
lavra ou então refugiava-se nos picos a fallar sósinho. Dean-
te d'ella tremia e olhava-a como um cão.

As noites de luar na floresta são feericas. A lua tece

mysterios em volta das arvores. Ha claridades phantasticas, pualha de nuvens pousadas entre troncos. E n'essas noites o João andava erradio a cantar ou a procurar lyrios que são — quem o nega? — pedaços de luar materializado. Com Abril deu em buscar nas arvores a primeira flôr para lhe offerecer. Toda a floresta tem um pasmo: sente-se os velhos troncos ranger, as raizes soffregas estalarem, o humus, a vida, o amor, galgarem nas veias da Montanha que parece inchar. A primeira flôr! a primeira flôr que rebenta delicada e pequenina, nascida n'um tronco negro que tem seculos!... É miuda e tenue — e parece um sol. Toda a Serra, quando ella apparece, fica estática, se banha d'um grande rio de ternura. Ha alarido nos pequenos bichos: os grilos, os saltões verdes, berram: — Ah! vem a Primavera! ah! vem o sol!... — Era essa flôr que elle queria atirar ao seio de Rosinha, a vêr se lhe fazia estremecer o coração petrificado.

A Rosinha desdenhava-o, Não comprehendia aquelle amor que não se desentranhava em palavras doidas, ditas ao ouvido; nem aquelle moço que passava horas a fital-a d'olhos humildes. O João nem dançava nas eiras, nem nas esfolhadas, quando ha luar e os corações palpitam. Não imaginava que aquelle homem probo e ferreo, austero quasi, seria capaz de matar por causa d'ella. A esse tempo o seu coração pertencia ao Fusca.

O Fusca era deveras uma creatura singular. Da pobre rebecca de serrano tirava sons e modas que endoideciam as pastorinhas trigueiras. A sua musica fazia-as suspirar como o luar phantastico de agosto, e aquelle vadio, mal visto, desprezado pelos homens, puzera do seu lado todos os corações das mulheres. A rebecca velha tinha lá dentro sons de aguas correntes, primaveras, sol, vozes da serra e amores despedaçados. Quantas vezes n'um casalinho arredado uma moça accordando na noite velha, ao ouvir a musica simples e enternecida do Fusca, punha as mãos

no coração e córava como se a enchessem de beijos!...

Raras vezes trabalhava. Encontravam no á certa nos sitios solitarios e tristes, tocando, esguio sonhador, ou perto dos casaes onde viviam serranas bonitas. Morava com uma velha bruxa, n'uma lapa isolada. Ninguem por lá passava sem se benzer. A velha fazia filtros, encantos, com sapos e hervagens colhidas á meia noite nos ermos.

Foi n'uma occasião de zanga entre os dois que os paes de Rosinha a decidiram a casar-se com o João. Rosinha casou, sobretudo para se vingar do Fusca, preso então a certos olhos verdes...

Estremecia-a: tinha sempre para ella carinhós em flôr, palavras ditas ao ouvido, baixinho, com medo de a magoar. As suas mãos callosas e enormes apenas ousavam tocar-lhe e vivia n'um enlevo, horas absorto, horas a cantar por montes e valles. Com o duro aço revolvia a terra ingrata e pedregosa: a sua mão affeita ao cajado de pastor, forcejava por se habituar á rabiça do arado. Apenas nas manhãs gelidas de inverno tomava a clavina e partia a estender com zagalotes um ou outro lobo esfaimado, que se atrevia a abeirar-se da aldeia. Muitas vezes me disse:

— Ouvir o seu nome, apenas o seu nome, é sentir cá dentro uma convulsão. Longe ou perto d'ella estou sempre a dizer, como n'uma resa: Rosinha! Rosinha!...

E nunca voltava para casa sem temer que tivesse acontecido algum desastre. Parece que previa uma catastrophe.

A Rosinha habituara-se assim a manejar-o. Tinha a consciencia da sua força. Com um sorriso desarmava a colera do pastor, com uma palavra tornava inertes as suas mãos de hercules. Era linda, loura, com um sorriso perfido e olhos gelados: pequenos cabellos frisados esvoaçavam-lhe no pescoço e nas fontes lisas.

Nem o respeitava já, nem o temia. Tinha mesmo um certo prazer em o affligir, em despedaçar o rude coração d'aquelle homem feito d'uma só peça e que a adorava.

Gostava de lhe vêr enclavinhar as mãos no peito, de o vêr saccudido pela dôr, de lhe resistir como uma fragil flôr que se oppozesse à queda d'uma montanha. Usava da sua força. As primeiras questões deram-se por causa da velha que vivia com o Fusca. O João não gostava de a encontrar na casa a conversar com a Rosinha.

— Lá está o agoiro da velha! — dizia elle ao dar com ella sentada na soleira da sua casa.

— Põe-me a velha na rua!

A Rosinha resistiu e o João, de cabeça curvada, amouu. Mas uma tarde que as encontrou a cochichar, atirou com um empurrão a velha para a rua. A Rosinha temeu-o, encolheu-se, chorou — e a velha, de fóra, ganiu ameaças e infâmias.

*

* *

N'essa noite de S. João haviam dito ao pastor que um lobo velho apparecera no cardil. Aquella féra era já lendaria e de ha muito que ella e o João se conheciam. Nas lareiras aviva-se a profunda melancholia dos serões, quando o vento desabrido ulula na serra e a chuva desaba às catadupas, com o terror d'esse lobo quasi phantastico que vinha roubar os cabritos dentro dos cerrados. D'elle se narravam prodigios. Apparecia e acompanhava os que se perdiam nos caminhos até os devorar. Era certo nos altos: nas noites algidas de luar destacava-se a sua *silhouette* diabolina nos pincaros. Os olhos luziam-lhe entre os frague-dos à espreita — e nunca zagalote conseguira estendel-o. As suas manhas eram célebres e, estarecidos, os moços contavam baixinho, com medo de o ouvirem raspar nas portas, que elle escutava para depois se vingar dos que diziam mal d'elle.

Já o João por vezes lhe fizera esperas e o perseguira. Assim, quando, n'essa noite de S. João, um pegureiro veiu clamar rouco de terror:

— Olha o lobo velho! olha o lobo velho!...

Tomou da clavina e partiu. Eram umas antigas contas a ajustar. Lá para o fundo do valle ardiavam as fogueiras. Raparigas cantavam e estava um luar de endoidecer. A Rosinha ficára em casa a seroar. O lobo havia de passar, acosado pelos gritos de alarme, por entre as fragas, ao lado da montanha: era aquelle o seu caminho. Foi ahi que o João se agachou resolutu, entre a esteva, de clavina aferada, à espera. Abriu a faca. A penedia convulsionada dir-se-hia rolar em vagas rigidas para o abysmo. Era um sitio ermo e bravio que o luar tingia de mysterio. Nas sombras parecia alapardarem-se creaturas e por vezes ouvirem-se vozes ciciar. O coração do pastor batia sereno e forte. Estrellinhas brilhavam lá no alto e o espinhaço das serras alcantiladas crescia ennevoadu de luar. Do fundo do valle vinham gritos: a luzinha d'um casal, uma fogueira, fel-o pensar na Rosinha e no luar...

Havia uma boa hora que esperava, quando deu com um vulto encostado aos fraguados. Era um tronco, era uma creatura?

— Olá!...

Mas nada mechia. Deslocou-se resolutu, seguro na clavina e na sua força de Hercules.

— Olha o raio da bruxa!...

A velha, curvada, arrimada ao bordão, esteve um pedaço a olhal-o, sem palavra. Só os olhos lhe luziam de maldade. A principio o João voltou-lhe as costas, mas pouco a pouco aquella creatura de pedra e munda impressionou-o.

— Que é que queres, bruxa? que vens aqui fazer?...

Ella teve um riso de escarneo e continuou a olhal-o com odio.

— Vae-te embora! Vae para o diabo que te carreguel! Então a velha, estendendo o braço, tragica, disse:

— Vae tu, vae tu e apressa-te. Olha a tua Rosinha que lá está com o Fusca!...

Ficou como se visse desabar a montanha, e, de subito,

correu para ella para a estrangular. A velha deitou a correr pela vertente, aos berros, a vomitar infamias, rouca de cansaço.

— Vae vêr! vae vêr! A Rosinha! a tua Rosinha!...

Desceu então a correr, suffocado, a encosta. As pedras rolavam-lhe sob os pés e trazia na bocca este grito: — Rosinha! Rosinha! — como se ella estivesse em perigo e elle a quizesse prevenir e salvar. Não raciocinava ainda. Tinha um torvellinho de lagrimas e de desespero represado lá dentro, e parecia-lhe uma galopada de cavallo a perseguil-o. Era o coração a bater-lhe. A velha havia parado e lá do alto insultava-o, atirando-lhe pedregulhos: elle porém cortava a direito atravez da noite e das arvores rigidias e negras como espectros d'afflicção. Torneou o caminho: depa-rou com a casa, e a porta abalou-se sob as pancadas formidaveis da clavina. Dentro um grito e logo a porta despedaçada, levada deante dos seus hombros de Hercules. Entreviu o vulto do Fusca, e a pallidez, o terror de Rosinha, encostada á parede de olhos pasmados e a bocca torcida de pavor. João encontrou emfim a palavra represada na garganta, que o suffocava e lhe fazia de quando em quando lançar as mãos ás guellas n'um desespero:

— Ladrão! ladrão!...

E desfechava-lhe a clavina em pleno peito.

A Rosinha, d'um salto, doida de terror, foi cahir anniquilada a um canto. Nem sequer a ferira. O sangue do Fusca é que alagava o sobrado. A Rosinha tombára desmaiada como um lyrio cortado cerce.

De clavina nas mãos, sem vêr nem ouvir, sahiu para a rua para respirar soffrego. A dôr abanava-o, como a tempestade a um carvalho secular da floresta e outra vez tomou o caminho e se pôz a descer a moutanha. Em cima a velha, na casa arredada, em vão se puzera a clamar. Todos em volta das fogueiras de S. João cantavam. Só o pastor despedaçado monologava, a agitar os braços na noite.

Era a sua Rosinha! a sua Rosinha!... Nem sabia o que havia de fazer, nem o que havia de berrar, tão enorme lhe parecia, tão immerecida aquella desgraça, Era como se lhe tivessem arrancado o coração, para lh'o atirarem á lama.

É n'esta época do anno que se queimam as fogueiras de S. João. As estrellas tem um brilho mais vivo e mais lindo. A cada canto luz a illuminação de uma cascata, humilde e simples, entre a verdura, com agua a correr. Vozes frescas de raparigas cantavam ao desafio:

S. João adormeceu
Nas escadinhas do côro;
Deram as moças com elle
Depenicaram-no todo...

Quem ha ahi que não sentisse n'essas noites pena de não ter uma namorada, de não lhe vêr arder na noite os olhos como fogueiras, de não berrar perdido de emoção:

Orvalheiras, orvalheiras, orvalheiras,
Viva o rancho das moças solteiras!?

Continuava o João a descer. Já a levada rugia entre os penedos a pique — e elle continuava a descer, banhado em lagrimas, sem a poder odiar por mais que quizesse. Tinha a sua imagem cravada no cerebro, a sorrir lhe como na noite do seu noivado, como no dia em que procurára a primeira flôr de toda a floresta para lhe atirar com ella...

O luar maravilhoso entornado sobre as arvores e sobre as cabeças das raparigas embebedava. S. João! S. João! berravam na aldeia. Como ella é linda! Vamos de mãos dadas, moreninha, a cantar por ahi fóra! Não te esqueças de ir á meia noite deitar no copo de agua fria os papeis

com os nomes, a vêr com qual tens de casar; não te esqueças, sobretudo, de não tirares os olhos de mim. Para o anno cantaremos:

Orvalhadas, orvalhadas, orvalhadas,
Viva o rancho das moças casadas!...

Nada bolia. O luar era phantastico, envolvia tudo como n'uma gaze — arvores e corações. Havia bruxas, moiros da Moirama, feitiçarias, um encanto maravilhoso e unico. As montanhas tinham-se vestido de branco para o casamento e no escuro brilhavam luzes: até elle chegavam vozes argentinas, que o luar fazia mais bonitas, cantando:

Orvalhudas, orvalhudas, orvalhudas!...

Quantos beijos dados ou roubados então? quantas mãos a enlaçavam, quantos corações se prendiam para sempre! Era aquelle o dia das raparigas solteiras, o tempo mais encantador de todo o anno. Quantas raparigas suspiravam! A mesma noite, amorosa, suspirava luar. Muitas virgens construiam o seu lindo sonho de amor. Em casa o bragal de linho estava prompto e arrecadado na arca. Só faltava o noivo. Era arranjal-o n'essa noite: prendel-o com a luz dos teus olhos, enlaçal-o de maneira que elle só viva para ti, trigueira!...

Começou o João a entrar no rio devagar, mas com o mesmo passo resolutto e decidido. As lagrimas desabavam-lhe sobre a agua negra e revolta. O coração estalava-lhe de dór: na mão ferrea apertava ainda machinalmente a clavinna. Já tinha agua até ao pescoço, quando a bocca se lhe abriu entre lagrimas, n'um sorriso dolorido e enternece-

dor^e — e disse baixinho para que só elle no mundo ouvisse:
— Rosinha! Rosinha!...

Depois mais nada. A agua negra e revolta correu sobre a sua cabeça...

Julho de 96.

RAUL BRANDÃO.

NEMROD & COMPANHIA

XI

(Continuação)

Não imaginou o esforço physico de que era capaz um homem tão vigoroso como Brucken, n'um momento de excitação extraordinaria. Não discerniu o erro que podia commetter, na apreciação da hora, um apaixonado como Franfort, activo no prazer e esquecendo tudo na perseguição ardente da caça. Não pensou que, se Brucken fôra capaz de transpor uma legua em vinte minutos, seu sobrinho tambem podia ter-se enganado na avaliação do tempo decorrido. E a rapidez de um e a inexactidão do outro, destruiam completamente a concordancia das horas com os factos, de maneira que garantiam a Huberto um alibi momentaneo.

Selim tinha bastantes razões para julgar Huberto innocente, e as suas desconfianças dissipavam se a pouco e pouco. Chegou a pensar se M.^{me} del Peral não teria dito a verdade, affirmando que estava só, e se não seria possivel ella não esperar ninguem. A colera de Manuela, a sua indignação, deviam ser grandes e difficeis de acalmar. Culpada, era capaz de mostrar rigor a Nuno; mas innocente, a que desforras implacaveis não iria entregar-se? O ban-

queiro pensou em fazer novas tentativas para vel-a e diligenciar abrandal-a. Sabiu da sala de caça, deixando os seus hospedes deitados em largos divans, sentados em grandes poltronas, fumando e conversando ácerca dos incidentes d'esse dia, felizes, porque, depois do prazer de matar, não ha outro maior para os caçadores do que o de contar como mataram. Subiu a escadinha, e, batendo á porta do quarto de M.^{me} del Peral, foi recebido pela creada, a qual abanou dolorosamente a cabeça. A sua senhora estava doente, oh! muito doente, e com certeza que não podia receber o senhor conde.

Logo á entrada, um forte cheiro a ether derramado impregnava a atmospha. Nuno insistia, e, a pouco e pouco, ia empurrando a creada adeante d'elle. Pagava com tanta liberalidade á rapariga, que ella não se atrevia a oppor senão uma debil resistencia, mas falava alto para que a ama soubesse que ella defendia a entrada. Nuno, afinal, conseguiu afastal-a e, penetrando ousadamente no quarto de Manuela, ficou desorientado achando-o ás escuras, com as janellas fechadas e as cortinas corridas. Avançava ás apalpadellas, quando um vulto branco se ergueu de cima de um sophá, e, com voz aspera, a sua voz de mau humor, a condessa exclamou:

— O que vem a ser isto? Eu tinha dito que não deixassem entrar ninguem!

— Condessa, murmurou Nuno, suavizando, tanto quanto lhe era possivel, a rudeza do seu orgão, condessa, sou eu...

— O senhor!

Ergueu-se, desvairada, furiosa, e, passando por deante d'elle como um phantasma, correu para a porta como que para pedir soccorro.

— Até aqui vem perseguir-me? O que quer? Isto é demais!

— Queria saber como estava, disse elle, humildemente.

— Mal! muito mal!

— Não é possível tratá-la, allivial-a? Precisa alguma cousa?

— Preciso socego, descanso, e, sobre tudo, a sua ausencia!

— Má! Quer maguar-me... Consegue-o... Estou desesperado...

— É muito justo, isso.

— Deixe-me estar um momento na sua companhia...

— Saia immediatamente, quando não saio eu, mesmo doente como estou.

— Não! não! Vou-me embora!... gemeu o pobre homem, desolado. Socegue, veja se esquece, se me perdoa...

— Póde-se perdoar um impeto de colera, mas um acto premeditado friamente, é impossivel! O senhor ultrajou-me... Deu provas de falta de amisade e de confiança... Nunca poderei esquecer... Fiquemos por aqui.

— Condessa, que promessas quer que lhe faça? Que garantias exige de mim? Não tem mais que falar...

— Exijo que me livre das suas perseguições. Depois de ter sido brutal e grosseiro, não seja ridiculo e falto de intelligencia.

Nuno suspirou. Não se atreveu a insistir, receou que Manuela tivesse algum ataque de nervos. Não tinha força para luctar com ella. Se tivesse tido coragem para lhe dizer claramente e com decisão: Pois bem, é verdade, já nos não entendemos. A senhora não crê na minha affeição, eu não creio na sua fidelidade. Acabemos com isto, já que o deseja... teria presenceado uma mudança repentina. A voz aspera e dura tornar-se-hia branda e lacrimosa; aos sarcasmos offensivos succederiam as meigas censuras. E todos os passos que desse recuando, dal-os-hia ella para a frente. Mas amava, era velho, feio e enganado. Isto é bastante para tornar um homem docil e humilde. Disse, no tom de quem pede de joelhos:

— Ao menos desce para jantar?

— Está doido! Eu penso lá em comer! Mas o senhor até duvida dos meus soffrimentos! Vá-se embora.

Como elle se conservasse immovel no meio do quarto, agarrou-o pelos hombros e empurrou-o para a entrada, com bastante vivacidade para uma mulher tão moribunda. E fechou-lhe a porta nas costas, com estrondo. Elle soffreu a humilhação de se retirar, expulso, deante da creada de quarto, que levantava os braços n'um gesto desanimado, como que para protestar que o avisára do que ia succeder. Desceu a escada, triste, com o sentimento da sua fraqueza e da sua cobardia.

XII

No dia seguinte pela manhã, quando Selim, depois de uma noute horrivel, descia ao seu gabinete, o guarda especialmente consagrado ao seu serviço em dias de caça, pediu para lhe falar. Os serviçaes nunca eram recebidos antes das dez horas. Ao espirito de Nuno accudiu a suspeita de algum acontecimento grave. E ordenou que introduzissem immediatamente o guarda. Logo á primeira vista julgou que as suas previsões não eram falsas. O homem, muito correcto na attitude, tinha a physionomia transtornada. Ficou de kepi na mão, em frente do amo, esperando que este o interrogasse, mas tremulo de impaciencia. Selim, fitando-o com olhar glacial, perguntou:

— Então, o que ha de novo para vir tão cedo?

— Senhor conde, é um caso muito sério. Estavamos muito inquietos, hontem á noite... Mas não quizemos apouquentar o senhor conde... Strehley, desde o almoço, que não apparecia... E ninguem o tinha visto... Afinal, Rigaud, dando o seu giro, veriücara que o kiosque da matta grande estava incendiado... Dos montes de lenha, accesos por malvadez, o fogo communicara-se á varanda e ao telhado... Não restava senão o arcabouço de tijollos... Deve ter ardido como palha, porque, a não ser um nego-

ciante de madeira que avistou uma columna de fumo por cima das arvores, quando ia pela estrada de Précigny, ninguém viu nada nem se deu signal de alarme.

— Ora! talvez fosse um accidente, disse Nuno desejando evitar pesquisas sobre a maneira como principiara o incendio...

— Oh! não foi, senhor conde, porque logo ao romper do dia, como Strehley não apparecesse, fomos explorar os arredores, e Rigaud e eu encontrámos o corpo do guarda-chefe no regato do Mare Plate, por cima da portagem ..

— Afogou-se? interrompeu Selim com um gesto de violenta surpresa.

— Não se afogou... Tinham-o deitado á agua, depois de o estrangularem... Ainda tem os signaes das mãos no pescoço... Foi apertado com alma!...

— Estrangulado! exclamou Nuno, fazendo-se muito pallido. Estrangulado... Mas por quem?

— O tribunal de Meaux já está prevenido, senhor conde. Chamou-se immediatamente a policia. Eram sete horas da manhã... O quartel-mestre de cavallaria passou revista á casa de Strehley... Foi impossivel achar-lhe a espingarda... E temos a certeza de que a levava, quando sahiu... Em casa não havia indicio algum... A mulher d'elle, que está como doida, nada soube dizer-nos... Não percebe nada do que succedeu... Não lhe constava que o marido tivesse inimigos... Comtudo, o quartel-mestre de cavallaria, a quem Strehley entregara, ainda na vespera, um processo verbal contra Rabasson, por delicto de pesca, aggravado por injurias e ameaças de morte...

— Ameaças de morte? repetiu Nuno, estupefacto com a direcção inesperada que o caso tomava.

— Sim, sr. conde, os lenhadores que trabalham no córte da matta Flamant, assistiram á scena e foram citados como testemunhas no processo verbal... De maneira que ha grandes probabilidades de que o culpado seja Rabasson, um bandido capaz de tudo... Elle foi preso immediata-

mente, está em Lagny, á disposição do commissario de policia...

— Andaram depressa, disse Nuno observando o guarda.

— Nós não fizemos mais que avisar a policia, sr. conde. Mas um patife como Rabasson, se lhe dessem tempo de chegar a Paris, era muito difficil de apanhar... Não é a primeira que faz... Foi elle, com certeza, que atirou com uma carga de chumbo ao guarda do principe de Freidland, ha dois annos... Nunca se pode obter provas. Tinha um bom alibi... Mas toda a aldeia está convencida de que elle mata um homem como quem mata um coelho... O perigo está em esses sujeitos irem ao reservado... Teem a espingarda e, que diacho! se o guarda apparece peor para elle!...

O homem podia continuar a falar infinitamente; Nuno já não o ouvia, entregue ás suas reflexões. Se Strehley se afastara do seu ponto de observação depois de accender os feixes de lenha collocados debaixo da varanda do kiosque, não admirava que elle tivesse encontrado Manuela sósinha. Mas, se Strehley tinha sido estrangulado, o cúmplice da condessa devia ser o assassino. Por que razão Strehley, vendo-se atacado, não se servira da espingarda para se defender? Bastava que disparasse para o ar, Nuno chegaria immediatamente. E o guarda sabia-o. Teria então dado passagem ao amante de Manuela? Ter-se-hia feito pagar para trahir o amo em proveito d'aquelles a quem primeiro atraçoara? E seria depois da evasão do culpado que, continuando o seu giro pelos bosques, encontrara Rabasson e tivera uma altercação com elle?

Chegando logicamente a esta conclusão, que estava de accordo com a opinião dos policias e dos guardas, confirmada pelo testemunho dos lenhadores, Nuno abanou a cabeça em ar de duvida. Sentia instinctivamente que não era a verdade. Voltava á hypothese de passagem á viva força, realisada pelo amante, desejando salvar a honra da sua dama. Mas, no emtanto, parecia-lhe improvavel que Strehley

não se pozesse em guarda vendo aproximar Brucken, a quem odeava. E Huberto seria bastante agil para transpor os cincoenta passos que separavam o Kiosque da ponte, e para se arremessar ao guarda antes que elle tivesse tempo de prever o choque? Luctando corpo a corpo com Strehley, a força bem conhecida de Brucken tornava o estrangulamento e a desaparição do inglez muito admissiveis. Levava-o ás costas como um lobo quando furta um carneiro.

Mas ahi, Selim encontrava outra inverosimilhança. Era evidente que Brucken, no momento em que se passava a scena tragica, reunira-se ou estava prestes a reunir-se aos seus companheiros de caça. Por muito habilmente que os tivesse illudido, por muito rapida que fosse a sua corrida, podia ter supprimido a hora grave, a hora criminosa? Isso parecia impossivel. O que restava, então? O recurso de acceitar como verdadeira a historia de Rabasson pondo em execução as ameaças que os lenhadores lhe tinham ouvido proferir, na vespera. Ou então...

E aqui, uma hypothese seductora apresentava-se ao espirito de Nuno. Elle não se atrevia ainda a acceital-a, tão arriscada lhe parecia. Mas, se se realisasse, satisfazia de tal maneira os seus desejos secretos, que sentia um contentamento sombrio só em devisal-a. Era se, em vez de Brucken, fosse outro homem, esse que elle detestava cordalmente porque suspeitava que fôra adorado pela sua amante e que era amado por sua filha, que estivesse com Manuela no pavilhão. Oh! se isso pudesse ser! Se Nuno encontrasse, de repente, uma occasião feliz de se vingar do passado e do presente, de se vêr livre d'aquelle visinho perigoso que lhe tornava inquietadora a estada na Chevrolière! Com que energia implacavel elle a aproveitaria!

E porque não havia de ser elle? O seu vigor não ficava a dever nada ao de Brucken, e a sua agilidade era muito maior. Strehley podia tel-o deixado aproximar a fim de entrarem em ajustes, e o resultado d'isso seria simplesmente

elle desarmar o guarda e leval-o. Era provavel que o fugitivo não quizesse estrangular Strehley: queria unicamente arrancar-o ao seu posto e obrigar-o ao silencio. E, de deducção em deducção, excepto no erro da pessoa, Nuno chegava, por um esforço da sua intelligencia excitada pelo odio, a reconstituir o drama tal como elle se passara.

O banqueiro passeava no gabinete, a passos lentos, esquecendo-se da presença do guarda.

Este, de pé, a um canto, observava-o com admiração. De repente, Nuno levantou a cabeça e fez um gesto de ameaça. N'esse movimento reparou no guarda, e, readquirindo a serenidade:

— Bem! se a policia anda em campo e o tribunal já está prevenido, não temos nada a fazer senão esperar. O que lhe ordeno, a si e aos seus collegas, é a maior circumspecção nas palavras e nos actos, em tudo o que disser respeito a este caso. Já estamos bem mal dispostos com a gente da terra... O accusado é um habitante de Précy-gny, não tomem partido contra elle. Deixem a justiça desembrulhar tudo... É o seu officio... Em primeiro lugar, é possivel que o sujeito esteja innocente...

Como o guarda, apesar do respeito que tinha ao amo, abanasse a cabeça em ar de duvida, Nuno continuou com severidade:

— Sabe que Strehley foi despedido... O seu serviço deixava muito a desejar... Era bebado e tinha maus conhecimentos... Quem sabe se houve algum que teve interesse em fazel-o desaparecer?... Os senhores supportavam-o a muito custo, quando elle era seu chefé... Agora vão ter saudades d'elle, por estar morto? Emfim, era um mau typo...

— Era um guarda, sr. conde. E, na aldeia, quando acontece mal a um guarda, os delinquentes animam-se e não tarda que façam uma partida a outro... Vae por series... Nós bem sabemos isso!...

— Façam as rondas a tres e tres... Emquanto á viuva

de Strehley, encarrego-me do seu futuro... Não se morre inutilmente ao meu serviço.

Tendo assim mudado a questão de sangue em uma questão de dinheiro, Nuno ficou satisfeito.

Disse ao guarda:

— A datar d'hoje, e enquanto eu não tratar de substituir Strehley, é você o chefe.

O homem còrou de alegria, e, cumprimentando militarmente, tendo já esquecido a morte do camarada, na satisfação de orgulho que sentia, sahiu do gabinete.

No momento em que Nuno era informado da peripecia final e mysteriosa da sua emboscada, o marquez de Pont-Croix, conduzindo o seu barco, levantou, ao longo da praia, em frente de Chalifert, redes cuidadosamente collocadas em corredores praticados a golpes de picareta, no meio dos herbarios frequentados pelos lucios. Um pallido sol de outomno dourava as collinas, com os seus raios, e um nevoeiro fino, azulado, arrastava por cima do rio a sua gaze transparente, rasgada de vez em quando por um vento ligeiro. Ajudado por Celestino, acabava de tirar da agua uma enguia monstruosa, que fazia vibrar com os seus saltos desesperados as malhas da rede, quando a ca-lella, deitada na pròa, levantou a cabeça e rosnou surdamente. No mesmo instante, uma voz palpitante de cansaço, gritou da estrada:

— Senhor Clemente! senhor Clemente!...

O marquez olhou por entre os salgueiros da praia, e, vendo um homom correr para elle:

— É Briffaut! O que terá elle? Parece muito agitado... Para terra, Celestino!

O creado metteu a enguia n'uma rede, e, pegando no croque, impelliu o barco para a praia.

— Senhor Clemente! chamou outra vez Briffaut em tom de desespero.

— O que ha de novo? Aqui estou! Parece que vens salvar alguem da forza... Explica-te... É mais simples...

Briffaut aspirou o ar com força e, deixando-se cahir sentado á beira do rio :

— Ah! sempre tenho corrido!... Venho de sua casa... Prenderam Rabasson!...

— Não podia deixar de ser, disse Pont-Croix tranquillamente: eu já te tinha avisado,

— Mas prenderam-o por assassino!

— Por assassino! Dizbo! Isso é mais do que um delicto!... Comtudo, não é impossivel!

— Oh! sr. Clemente! juro-lhe que elle não praticou o crime! Estavamos juntos á hora em que o caso se deu!...

— Imbecil, vaes-te comprometter!

— Foi o que eu pensei logo, disse Briffaut com ingenuidade, por isso vim ter com o sr. Clemente para me dar um conselho... Tenho a cabeça perdida, palavra! Venho de Lagny, sempre correndo... Rabasson está guardado á vista por dois policias...

— E quem é o assassinado?

— É Strehley, o guarda chefe da Chevrolière.

— Ah! diabo! E quem accusa Rabasson?

— Elle fez tudo quanto era preciso para o accusarem... Todos o julgam culpado! A não ser que o sr. marquez se metta n'isto e prove que elle está innocente!...

— E como queres que eu o faça?... Sou advogado, para defender o patife do teu camarada?...

— Se o senhor nos abandona, o que ha de ser de nós?

Briffaut escondeu a cabeça entre as mãos com um desespero tão sincero, que Pont-Croix sentiu-se commovido. Gostava de vêr aquelles homens, que tinham nascido na sua aldeia, procurarem-o como protector, em todas as circumstancias graves. Parecia-lhe vêr n'isso uma das prerogativas do antigo feudalismo exercido por seus paes. E os vassallos emancipados tornarem-se seus clientes, instinctivamente, como que sob a influencia de uma confiança hereditaria. Depois de meditar um instante, disse:

- Onde acharam o corpo ?
- No regato de Mare-Plate.
- E tu e Rabasson onde é que estavam, hontem ?
- No bosque d'Annet...
- Podem proval-o ?
- Não, sr. Clemente: ninguem nos viu.

— Vamos ao lugar onde se praticou o crime, talvez ahí se descubra algum indício... Celestino, continua a levantar as redes e vae guardar o barco.

Saltou em terra, e, seguido pela cadela, atravessando o prado, alcançou a estrada de Précigny e os bosques da Commenda. Pelo caminho ia ouvindo Briffaut que, ao principio, só a muito custo dera informações, como uma garrafa muito cheia, que custa a despejar, mas, agora, era prodigo em pormenores: o pavilhão incendiado, a espingarda desaparecida, o guarda estrangulado.

Como se Rabasson fosse bastante vigoroso para torcer o pescoço a Strehley, quando era notorio que o maldito inglez dava cabo de um homem com tres soccos, de tal maneira sabia jogar o box! Era necessario um pulso superior para vencer aquelle sujeito tão facilmente! Clemente uão respondia, estava reflectindo. N'um momento de silencio, enquanto Briffaut tomava folego, murmurou, sem querer, em voz baixa:

— Mas que interesse podia elle ter?...

Briffaut, contando a scena mais tarde, disse:

— Eu bem sei que elle ruminava alguma cousa para salvar o camarada. Caminhava com os olhos fixos nas pontas dos sapatos, e as sobrancelhas franzidas, como quem faz um esforço violento, exactamente como lá a mãe quando recebe uma carta de minha irmã e teem um grande trabalho para a lêr... Ah! eu já me não atrevia a falar, sentia que era preciso deixal-o entregue a si mesmo!

O marquez examinava, realmente, um problema singular. Occorrera-lhe bruscamente ao espirito que Brucken tinha morto o guarda, e desconfiava que M.^{me} del Peral

— Vês? disse Clemente. O homem, á partida, estava assustado, queria fugir de um perigo, e corria com todas as suas forças. Quando chegou á portagem, ou por estar esfalfado, ou por se sentir mais em segurança, afrouxou a corrida; os seus passos são menos largos...

— Por consequencia vinha da ponte... e vinha só, porque não se veem outros signaes a não serem os dos seus sapatos.

— Vamos andando.

Estavam na ponte. Ahi, já não havia o mais ligeiro indício. A madeira não conservara o menor signal. Para deante da ponte, do lado do kiosque, sempre o mesmo passo de homem, mas mais espaçado, ainda mais largo, e mais ligeiro, como se elle estivesse mais agil, á partida, ou menos carregado. A ponta do sapato marcava-se ahi profundamente e o salto estava menos enterrado, justificando a observação sagaz de Briffaut.

Os dois homens pararam, embaraçados. Clemente reflectiu um bocado, dizendo, em seguida:

— Evidentemente, foi na ponte que houve choque. E' tão certo, isso, que as pégadas modificam-se... Para cá, são superficiaes, para lá, profundas.

Voltou á ponte, e, de subito, reparou na cadella que empurrava com a pata um pequeno objecto, farejando-o com insistencia. Curvou-se e soltou um grito de surpresa:

— Um guarda-matto de espingarda...

Um fragmento de chapa, uma voluta quebrada recentemente e pertencendo, com certeza, á espingarda desapparecida, cahira ali, a alguns centímetros do parapeito. A arma, cahida ou arrancada das mãos do guarda, devia ter rebolado pela madeira e cahido, de certo, no regato.

— Briffaut, disse o marquez, é provavel que vamos descobrir a espingarda na agua. Desçamos para debaixo da ponte.

Chegaram á praia, e com os olhos penetrantes, tentaram sondar á corrente. Mas o reflexo da agua, correndo

em borbotões por cima das pedras, tornava as pesquisas impossíveis.

— E's capaz de te metteres á agua? perguntou Pont-Croix.

— Sou capaz, senhor Clemente?... Para livrar um camarada de afflicções?...

E começou a despir-se.

— Deves procurar em seis metros quadrados. Devias encontrar a arma á direita d'esse pedregulho que faz ahi uma mancha branca... Percebes?

— Percebo, sim, senhor Clemente.

E Briffaut, nú como Adão no Paraizo, metteu-se por entre as ervas e chegou ao meio do rio. Tinha agua até aos sovacos.

— Está quente? perguntou o marquez em tom alegre, porque começava a deslindar o negocio.

— Como um gelo!

E, baixando-se, começou a vasculhar no fundo. Levantou a cabeça tres vezes, com o rosto côr de purpura, por ter contido a respiração. Á quarta, estrebuchou e esteve quasi a perder o pé. Estava tão vermelho, quando tornou a apparecer, e tinha os olhos tão espantados, que o marquez teve dó d'elle.

— Já não podes mais? Queres que lá vá?

— Oh! senhor marquez, que lembrança!

Tornou a mergulhar depois de avançar alguns passos, e ergueu-se com vivacidade. Trazia a espingarda na mão direita.

— Cá está ella! bradou com voz suffocada. Safa, já era tempo!

Não podia mais.

Tornou a subir, ajudado por Pont-Croix, que puxava por elle, e vestiu-se com rapidez. Entretanto, Clemente abria a camara da espingarda, e verificava que os dois cartuchos não disparados estavam nos seus logares. A voluta do guarda-mão estava partida.

— Agora vamos passar revista ao pavilhão, disse Clemente, e está acabado... Já vaes aquecendo?

— Agora estou a arder.

— E' a reacção... repara!

O marquez parara bruscamente e, curvado para o chão, examinava pégadas marcadas na areia.

— O que vês tu ahí, Briffaut?

— Isto, senhor Clemente, parece um pé de mulher... Muito pequeno...

— E ao lado?

— Ao lado é uma pata larga... Também é sapato de pessoa fina... Mas já não é o que corria...

— Bem, meu rapaz. Parece-me que começo a perceber. E, pela raridade do caso, quero provar que o teu camarda não é culpado, d'esta vez.

— Oh! senhor Clemente, se o senhor diz isso... está alle salvo! Porque um homem como o senhor nunca se engana!

Chegaram ao kiosque. As fiadas de pedra tinham resistido, o arcabouço de tijollos estava inteiro. Só o forro de madeira e o colmo é que tinham ardido completamente. Da escada nem vestígios restavam. Mas Clemente e Briffaut não eram homens que se embaraçassem com isso. Saltaram ligeiramente pela janella e entraram dentro. Ahí, tudo se conservara quasi intacto. As persianas queimadas tinham cahido, mas os moveis estavam todos nos seus logares. A esteira que cobria o chão, um pouco chamuscada, espalhava um cheiro acre, e um raminho de violetas, colhidas no camínho e atadas com uma erva, murchava em cima da mesa, ao lado de um par de luvas abandonadas, de certo, na precipitação da fuga. Clemente agarrou n'ellas. Eram umas luvas de pellica amarella, tendo por dentro a marca de Clarens e o numero 8. Pelo rosto do marquez deslisou um sorriso fugitivo. Murmurou:

— Aqui está a prova. O ramo de violetas deixado pela mulher e as luvas esquecidas pelo homem. E luvas cujo

ponto revela umas mãos de gigante... Pobre Manuela! Que massada para ella, o caso vem a tornar-se publico! E como se ha de evitar isso?

Reflectiu um momento, abanou a cabeça, e guardou as luvas na algibeira, juntamente com o ramo de violetas. Depois, voltando-se para Briffaut que o observava em silencio:

— Vamo-nos embora, e não digas uma palavra ácerca do que achámos no regato e aqui.

— Mas, senhor Clemente, sempre livrará Rabasson?

— Quando fôr tempo.

— O que! deixa-o ir preso?

— Por alguns dias. Sempre é bom para elle reflectir. Mas responsabiliso-me a fazel-o soltar brevemente. Deixa-me seguir a minha idéa.

Briffaut suspirou, e acompanhando Pont-Croix, tomou de novo o caminho da Commenda. Por cima das mattas, lá ao longe, deram dez horas no campanario de Précigny.

XIII

Na sala de caça, fumando e conversando, tendo acabado de almoçar, estavam reunidos Nuno, Brucken, Termont, Francfort e o procurador da Republica, que viera proceder a uma devassa com respeito a Strehley. Chegando á Chevrolière, acompanhado pelo commissario de policia e escoltado pelos gendarmes, o magistrado, ao principio, mostrara-se frio e um pouco altivo. Mas a amabilidade de M.^{elle} Nuno, que encontrara em casa da viuva do guarda, a quem Esther tinha ido consolar, modificara as suas impressões. Nuno avisado da presença do chefe do tribunal pozera-se ao seu dispor, e depois de feita a perquirição e terminados os interrogatorios, o procurador da Republica consentira em entrar no palacio. Agora entre elle e os hospedes da Chevrolière, reinava a maior cordialidade. Uma paixão commum, a da espingarda, havia aproximado esses homens. E

a conversação, começada pelo desenvolvimento d'este assumpto: os perigos que corriam os guardas n'uma terra de grandes caçadas, como o districto do Sena e Marne, tornara-se inteiramente particular e intima.

— Meaux é uma bella residencia para o senhor procurador da Republica, disse Francfort, visto que é caçador... E não lhe devem faltar occasiões de disparar...

— De certo, mas as minhas funcções tomam-me muito tempo, não tenho tantas horas livres como desejava.

— N'esse caso, deve escolher as casas onde vae, disse Termont. Sabe que é muito mau a gente dispersar-se? Quando temos tres ou quatro bons terrenos de caça á nossa disposição, devemos conservar-nos n'elles. É o que eu faço. Não vou a parte nenhuma alem da Chevrolière, d'Armainvilliers e de Rambouillet.

— Tu és um homem d'habitos, Termont, disse Brucken com um riso um pouco excessivo.

— E' exacto. E dou-me muito bem com isso. As attenções que me dispensam estão em proporção com a minha fidelidade. Faço parte dos accessorios de caça. Se eu faltasse quando contam com a minha presença, era um acontecimento. Ficava tudo parado. Perguntem a Selim o que elle diria se eu deixasse de vir a sua casa: era capaz de renunciar á creação da caça. Porque toda essa caça que elle sustenta com grandes despesas, não é para elle, santo Deus! é para mim. Quando o anno é mau, quando as chuvas dizimam as ninhadas e fazem morrer os coelhos, pensa elle com desgosto: «O que dirá Termont?» E escreve para a Austria, mandando vir de lá faisões e perdizes. Manda vir coelhos de Bolonha. E, quando chega o dia da abertura, e nós estamos aqui, La Brède, du Tremblays e eu, os tres intimos da Chevrolière, de espingarda na mão abatendo a caça, afim de fazer apparecer nos jornaes uma d'essas listas que se citam com inveja, o nosso querido hospedeiro está satisfeito. Dá por bem empregado o seu dinheiro. E se nós fossemos para a casa fronteira, matar a caça

que não está no canto reservado, ficaria indignado, chamar-nos-hia ingratos, não encontraria nenhum prazer em sua casa e acabaria, tão grande seria a falta que lhe fariamos, por se desgostar da sua propriedade.

— Conclusão, disse Francfort: não se tem caça para si, mas sim para os outros.

Selim, desenrugando a testa pela primeira vez n'essa manhã, concordou com um movimento de cabeça, e disse:

— E' verdade, e a prova é que não se gosta de convidar senão os bons atiradores.

— Afinal, a caça, n'estas condições, é uma grande despesa, tornou Francfort. Vejam Termont, por exemplo, que queima cinco a seis mil cartuxos por anno.

— Pelo menos, disse Brucken. Sem falar no tiro aos pombos...

— Com certeza. Bem, ahi temos já uma conta menos má. Accrescente-se duas espingardas quasi todos os annos...

— Sim, porque eu gosto de variar...

— Quando estás encasquetado com um armeiro novo, já não ha outro que sirva... Quantos homens de genio nos inculcaste, os quaes não valiam nada, no anno seguinte... E, o que é notavel, é que todas as armas eram boas quando eras tu que disparavas...

— Isso o que prova? disse o procurador da República a Termont, em tom amavel; que não ha más espingardas, mas simplesmente maus caçadores. Afinal, meus senhores, onde é que se vendem as melhores armas?

— Em Paris, exclamou Termont com entusiasmo. As armas, inglezas não teem senão uma vantagem para os *snoobs*: custam mais caras do que as outras. Um par de espingardas compradas em Londres custam cem libras, e um armeiro de Paris, seja qual fôr, dá-nos umas tão boas como essas, com os canos de Leopoldo Bernard, ainda por cima, por oitocentos francos cada uma... O defeito dos arcabuzeiros inglezes é não haver fabricas de canos do outro la-

do da Mancha. Todos os canos veem da Belgica ou de Paris. Emquanto aos canos d'aço, não falemos n'isso, que é melhor. Eu já vi canos d'aço de espingardas inglezas estalarem, como se fossem de papel! só por lhe terem qneimado dentro cartuchos de polvora de serradura um pouco apertados.

Com um cano de Paris nunca ha que temer semelhante cousa. Uma falha, ás vezes, uma deslocação dos fechos, e nem isso, se forem triplos! Mas um cano que se abre como a tampa de uma caixa de rapé?... E vá uma pessoa comprar espingardas a mil e duzentos francos para ellas lhe cortarem os dedos!

— Os gatunos que nos matam a caça á nossa vista, servem-se de fecharias velhas, disse Nuno com ar sceptico, o que não impede que acertem de muito longe.

— Essa gente põe seis grammas de polvora negra n'uma carga e cinco grammas de chumbo... disse o procurador da Republica. Não teem medo de ficar sem um braço... Parece que o homem preso, o tal Rabasson, já tivera uma questão com o senhor conde, no dia da abertura?...

— Não foi comigo, respondeu Selim: foi com M. de Brucken, que lhe deu uma boa correcção.

Brucken, que, havia um instante, parecia mergulhado em profunda meditação, estremeceu quando ouviu proferir o seu nome, e, franzindo o sobr'olho:

— Sim, elle mostrou-se insolente e chegou a levantar a mão para mim... Mas não conheço esse homem, nunca mais o tornei a vêr... Não podia accusal-o...

Falara com uma certa anciedade, tornando-se um tanto pallido.

— Oh! temos as peores informações a respeito d'elle, disse o procurador da Republica. O seu cadastro judicial abunda em condemnações, não só por delictos de caça' como tambem por vias de facto... Ha dois annos houve fortes desconfianças de tentativa de assassinio, da parte d'elle... Que interesse teria outra pessoa em matar o des-

graçado guarda? Está apanhado e bem apanhado. Esta noite dormirá em Meaux e ha de ser julgado na proxima sessão.

O magistrado erguera-se.

— Já se retira, senhor procurador da Republica? perguntou Nuno.

— Assim é preciso, senhor conde: tenho de parar em Lagny antes de regressar a Meaux... Vou deveras reconhecido com a sua amabilidade.

— Visto que é caçador, espero que queira dar-me o gosto de vir, um dia d'estes, matar a minha caça.

— É muita bondade, senhor conde.

Quando trocavam apertos de mão, abriu-se a porta e entrou um creado com um bilhete dentro de uma salva. Selim pegou-lhe com um gesto indifferente, mas apenas olhou para o cartão, os olhos brilharam-lhe e uma vermelhidão ardente cobriu-lhe o rosto. Disse, com voz que a commoção tornava ainda mais aspera:

— Uma visita bem inesperada... Nunca imaginei que a pessoa que está agora em minha casa quizesse cá entrar alguma vez...

— Quem é? disse Francfort.

— É o marquez de Pont-Croix.

Ao ouvir este nome, a pallidez de Brucken tornou-se livida. Opprimia-se-lhe o coração e sentia formigueiros nos ouvidos. Teve o presentimento de um grave perigo. Se o homem que elle odiava e por quem se sentia desprezado, se apresentava na Chevrolière, não podia ser senão por sua causa. Apoderou-se do seu espirito um medo atroz. Viu-se perdido, denunciado, preso por aquelle mesmo procurador da Republica que estava ali, de charuto na bocca, tão attencioso e tão amavel, e que, n'um segundo, se tornaria implacavel e terrivel. Pensou em sahir, ir ao seu quarto, levar todo o dinheiro que possuia, e fugir. Mas fugir era confessar tudo. Não seria melhor affrontar a tempestade?... Afinal, o que era que se sabia? Que provas se podiam reunir contra elle? Stre'ley não falava, Manuela

tinha muito interesse em calar-se. Por que razão havia de fugir de Pont-Croix? Serenou, tomou um ar indiferente e atreveu-se a olhar para os seus amigos.

— E effectivamente, só motivos muito graves podiam obrigar Clemente a vencer as suas repugnancias, disse Termont. Supponho que não o fará esperar, Nuno.

— De certo que não. Introduza M. de Pont-Croix no meu gabinete... Meus senhores, confio-lhes o senhor procurador da Republica... Acompanhem-o...

(Continúa)

Georges OHNET.

HUMORADAS

(De Ramon de Camposamor)

(Continuação)

XLI

E' tua vida á minha entrelaçada,
Uma sombra, na sombra condensada.

XLII

Que fórmas de belleza soberana
Que Deus modéla na esculptura humana!

XLIII

Em amor, tudo, tudo, — tudo é triste; —
Mas, triste e tudo, eis o melhor que existe.

XLIV

Para pintar-te o amor que por ti sinto
Hei de mentir; mas sem saber que minto.

XLV

Costumas confessar-te à consciencia,
E absolves-te depois sem penitencia.

XLVI

Embora, por modestia, me não creias,
As flores, a teu par, parecem feias.

XLVII

Sei eu quem uma dita não alcança;
Mas em teus olhos vae bebendo a esperanza.

XLVIII

Quando vaes confessar-te, o cura diz
Que em logar de absolver-te te bemdiz.

XLIX

E', sem réplica, a feia graciosa
Mil vezes mais terrivel que a formosa.

L

Vi-te uma vez apenas; mas na mente
Fiquei-te contemplando eternamente.

LI

Se tua paz não queres alterada,
Crê muito em Deus, e nas mulheres... nada.

LII

Breve ha de ser, este galan tão terno,
Qual todo o esposo, um dissidente eterno.

LIII

Ha falsas, que imperando em seus sentidos,
Não se olvidam de si, nem nos olvidos.

LIV

Pasma vêr a mulher, a mais estulta,
Com que artificio o artificio occulta.

LV

Por tua causa tenho imaginado
Se amor será um odio disfarçado.

LVI

Essa mulher que vês... não te parece?...
Jámais, depois de vista, alguem a esquece.

LVII

Hoje as filhas d'aquellas que amei tanto,
Beijam-me já, como se beija um santo.

LVIII

Escravos, aprendei que na existencia
Póde mais do que a força, a paciencia.

LIX

Pensa só em amar e ser amada,
Porque amor é o que é: o mais é nada.

LX

Ah! se tu, odiando o matrimonio,
Te casas... pois melhor para o demonio.

LXI

Extendendo no campo os seus rivaes,
Com a espada te escreve madrigaes.

LXII

Fiquei sendo, em amor, sempre estudante;
Se sei que sou amado, sei bastante.

LXIII

Vi-te uma vez, Elisa tentadora,
E amei a eternidade n'uma hora.

LXIV

Se te casas, Ignez, tem por seguro
Que todo o noivo é um traidor futuro.

LXV

E' notorio, que todo o ser creado
Gosta, bem como Deus, de ser amado.

LXVI

Tu és fiel; mas conta certa historia
Que entre elle e tu se deita outra memoria.

LXVII

Mulher ha, de cabeça leviana,
Por calculo, mais casta que Diana.

LXVIII

Amei-a, faz um anno, assim que a vi;
Ha cem, ou mais de cem, que eu a esqueci.

LXIX

Foi martyr no passado; hoje, inclemente,
Aspira a ser verdugo no presente.

LXX

Que bem tens aprendido, em teu proveito,
Que o ser má é um calculo mal feito.

LXXI

Como a formiga, junta-se o dinheiro,
E, logo, espalha Deus o formigueiro.

LXXII

Tão forte é minha fé, e tão sentida,
Que adoro a Deus, bem que me dêsse a vida.

LXXIII

Vaes mudando de amor, todos os annos ;
Mas não mudas jámais de desenganos.

LXXIV

Porque esqueceu de todo, na Escriptura,
De se falar nos tristes por fartura ?

LXXV

Feliz se, ainda em ti, só vê teu esposo,
A materia no estado luminoso !

LXXVI

Coitado de quem ama e não alcança
No mundo mais amor que amor sem esperança.

LXXVII

Sei de quem ama uma mulher bonita
Que n'ella crê, e em Deus não acredita.

LXXVIII

Cahida... transformou-se brevemente
Em dever frio o teu amor ardente.

LXXIX

Quanta maldade te diria, quanta
Se em logar de mulher não fosses santa !

LXXX

No amor, na guerra, em ambos é primeiro,
Só dinheiro, dinheiro, e mais dinheiro.

LXXXI

De uma mulher como Virginia, honrada,
O melhor a dizer é dizer nada.

LXXXII

E' tão casta, que ignora, por seguro,
As fézes que ha, até no amor mais puro.

LXXXIII

Vi-te; mas não sei onde, nem sei quando;
Ah! sim! já sei! vi-te uma vez, sonhando.

LXXXIV

A consciencia, ao fim da nossa vida,
E' só um labyrintho sem sahida.

LXXXV

Vou-te dizer uma verdade justa:
«Não val a nossa vida quanto custa.»

LXXXVI

Soffres? Tem paciencia! E' tua sina.
Toda a formosa a martyr se destina.

LXXXVII

Como todas, desejas... Sim, perdôa!
Ser amada por bella e não por boa.

LXXXVIII

A gloria... pouco val perante a historia.
Mas ha cousa que valha mais que a gloria?

LXXXIX

Um olhar, uma vista sendo impura,
Em mulher a creança transfigura.

XC

Em novellas de amor, o sentimento
Vae ao final do conto, n'um momento.

(Continua)

Traducção de FERNANDES COSTA.

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Continuação)

— Estás contente, Luiza? perguntou-lhe o imperador.

Ella, por unica resposta, lançou-se-lhe de novo nos braços; estavam então perto da janella, e, apesar de estar fechada, este movimento foi visto de fóra, e soltaram-se acclamações de fazer tremer as paredes. N'esse momento, ouviu-se um leve ruido na porta entreaberta e a cabeça de Berthier avançou.

O imperador pegou-lhe na mão e fel-o entrar.

— Olha, Luiza, disse elle á imperatriz; fui eu que tive a recompensa, e o merito é só d'elle. Foi elle que se lembrou de transportar para aqui tudo o que pudesse suavisar-te as saudades; abraça-o tambem para o recompensares.

Berthier tinha lagrimas nos olhos; pegou na mão de Maria Luiza, mas o imperador empurrou-a meigamente para elle.

— Não, não, não é assim; abraça-a, meu velho amigo. E é este o homem que um abandonou e que a outra esqueceu, apenas elle chegou á nau do exilio!

Todas as noticias que eu recebia em Portugal me fala-

vam da nova imperatriz, Uma carta singular, a esse respeito, era a do cardeal Maury:

«Seria uma empreza inutil tentar fazer-lhe comprehender quanto o imperador gosta da nossa encantadora imperatriz, escrevia-me elle. Se soubesse como ella é alegre, graciosa, e, sobre tudo, familiar com as pessoas que o imperador admite na sua intimidade! E' encantadora para todos a quem o imperador concedeu o favor de irem visital-os ás Telharias. Vae-se ahi á noite fazer a côrte, joga-se com Suas Magestades, o reversino ou o bilhar; e depois, a imperatriz faz tantas cousas amaveis e graciosas, que se vê no olhar do imperador como elle é feliz!»

Ao mesmo tempo escreviam-me outras pessoas que um dos maiores divertimentos da côrte imperial, enquanto o imperador não entrava na sala, era a imperatriz que o proporcionava, fazendo mover a orelha sobre si mesma. Esta faculdade, afinal, é bastante singular, e não conheço mais ninguem que a possua.

Maria Luiza era nova, ignorava os usos da sociedade, não obstante conhecer a etiqueta da côrte; estava habituada a um grande retiro interior e a uma vida toda de familia, e a que lhe foi prescripta não a admirou nem aborreceu. O imperador ordenara que ella não recebesse nenhum homem nos seus aposentos; o unico exceptuado, era Pauer, por ser professor de piano; e ainda assim, a dama d'annuncio tem ordem para não se afastar da imperatriz nem um momento.

Maria Luiza tinha então dezenove annos. Era de estatura mediana e, se os hombros e o peito fossem menos volumosos, poderia ter uma figura agradável. Mas o que lhe faltava inteiramente, era graça. D'isso nunca houve uma mulher mais desprovida. Havia no seu todo um conjuncto, mas era confuso. Nada se achava em harmonia. Era um olhar kalmuck com uma bocca austriaca. Partes do corpo

á Rubens, e braços e mãos de uma magreza, ou antes de uma pequenez ridicula, logo que se tratava de proporção; uma grande frescura, bonitos cabellos, taes eram os encantos que tinham seduzido Napoleão, o qual, no emtanto, estava costumado a vêr caras bonitas. Fosse como fosse, elle esteve apaixonado, muito apaixonado, mesmo, por Maria Luiza: é um facto certo.

Não tardou que o nascimento de um filho viesse completar a felicidade do imperador.

Que embriaguez para o seu coração! Ha uma poesia admiravel que dá uma idéa exacta de Napoleão contemplando ou afagando seu filho!...

Car les cœurs des lions sont les vrais cœurs de père!...

E depois, era tão bonito, esse filho, quando passeava nas Telharias, n'aquelle *calèche* em fórma de concha, puxado por dois gamos que Franconi adestrara e que lhe dera sua tia, a rainha de Napoles! Parecia-se com os amores de Herculano.

Um dia em que fui visitar o pequenino rei, estava lá o imperador e brincava com elle como brincava com todos que amava, atormentando-o. Vinha de montar a cavallo e tinha na mão um chicote que a creança queria agarrar. Quando conseguiu deitar-lhe a mãosinha, ria ás gargalhadas e beijava o pae quantas vezes este queria. O imperador divertia-se com esta brincadeira, e via-se nos seus olhos quasi humidos, quanto era feliz.

— Não é verdade que o meu filho é bonito, M.^{me} Junot? disse-me elle. Ha de concordar que é bonito.

Eu podia affirmal-o sem lisonja: era bonito como um anjo.

— Não estava aqui quando elle nasceu, continuou o imperador, era um espectáculo magnifico! N'esse dia vi como os parisienses me estimam! Estavam bem contentes. E no exercito, como receberam essa noticia?

Disse-lhe a verdade, isto é, que durante quinze dias os soldados andaram como doidos de alegria. Junot já lh'o tinha dito, mas elle gostava que lh'o confirmassem. Passeava com as mãos atraz das costas, de cabeça baixa, mas sorrindo. Via-se que recordava um momento bem feliz da sua vida. Depois voltava para junto filho, abraçava-o, beliscava-lhe o nariz e as faces; e, quando elle gritava:

— Vamos, vamos, cale-se: o senhor imagina que nunca ha de ser contrariado? E já se viu um rei a gritar?

Tem-se falado muito em Henrique IV perguntando ao embaixador de Hespanha se tinha filhos, porque elle estava brincando de gatas com um dos seus. Quantos quadros no mesmo genero se poderiam fazer com o imperador! Adorava o filho e estava constantemente a entretel-o. Brincava com a creança como se tivesse seis annos; pegava-lhe ao collo, levantava-o no ar, tornava a pol-o no chão, erguia-o outra vez no ar com uma vivacidade que fazia rir a creança a bandeiras despregadas; depois ia com elle para de frente de um espelho e fazia-lhe caretas, o que excitava a alegria do pequeno principe a ponto de o fazer gritar e espernear. A creança tambem muitas vezes chorava quando a brincadeira era excessivamente viva; o imperador, então, dizia-lhe:

— O quê, está a chorar? Oh! um rei a chorar! como é feio! como é feio!

A hora em que o levavam ao imperador não estava positivamente marcada, nem podia estar; o imperador dava-lhe a beber vinho de Bordeus, ou então molhava um dedo no copo e fazia-lh'o chupar. Outras vezes molhava o dedo em môlho e bezuntava a cara do pequenino principe que ria com gosto vendo seu pae tão creança como elle, e se lhe affeioava assim cada vez mais. As creanças gostam sempre das pessoas que brincam com ellas.

Um dia o imperador tinha-lhe posto môlho na ponta do nariz, no queixo e nas faces. O rei de Roma, a quem isto

divertia muito, queria que elle fizesse o mesmo á mamã Quiou. Era assim que tratava M.^{me} de Montesquiou.

Escolhendo esta senhora para governante de seu filho, Napoleão provava como conhecia bem as pessoas. Nobre de nome, nobre de coração, M.^{me} de Montesquiou possuia realmente o que a sociedade não concede muitas vezes senão á fortuna e' ao valimento, a estima de todos.

O seu procedimento admiravel para com o rei de Roma na época das desgraças de seu pae, seria bastante para inspirar amor e respeito.

Maria Luíza não gostava de M.^{me} de Montesquiou, a quem devia estimar com osua irmã, como sua mãe, pelos cuidados que ella prodigalisava ao rei de Roma; a imperatriz dava provas, em tudo, de uma apathia de coração e de affecto, da qual a governante de seu filho não foi mais isenta do que os outros. E esse filho, mesmo, como era tratado? Vi muitas vezes Maria Luíza chegar junto d'elle quando se apeava do cavallo ou quando montava, e fazer-lhe alguns signaes de cabeça; o que, quasi sempre fazia chorar o pobre pequeno porque ella usava um grande penacho de plumas cuja ondulação o assustava; outras vezes quando não sahia, entrava, ás quatro horas, nos aposentos de seu filho. Levava um bordado em que trabalhava por não saber em que empregar o tempo, olhando, de vez em quando, para o pequenino rei, abanando a cabeça e dizendo-lhe :

— Bom dia, bom dia !

E, mal decorria um quarto d'hora, vinham prevenir a augusta mãe de que M. Isabey ou M. Pauer a esperavam nos seus aposentos, um para a licção de desenho, o outro para a de musica. Ella devia demorar-se todos os dias mais algum tempo para receber licções de maternidade da que a substituia tão bem. Mas isso não se aprende.

Todas as manhãs, ás nove horas, levavam o principe ao quarto da imperatriz; ella pegava-lhe um bocadinho, afagava-o e em seguida entregava-o á ama. E, o que pensam

que fazia depois d'isto? lia os jornaes, as folhas, como se diz na Allemanha. E, como a creança se aborrecia de não ser entretido da mesma maneira que o era por seu pae, e se via rodeado de caras sérias, chorava, tinha birras, e levavam-o d'ali.

O pequeno principe tinha os nomes de Napoleão Francisco Carlos José! Estes nomes são dos padrinhos; acham-se na certidão de baptismo e na pedra tumular collocada na sua sepultura, aos vinte e um annos!

O pequenino rei tinha apenas um anno, quando, um dia, em Trianou, no formoso parque que ha em frente do pavilhão, estava o imperador brincando com elle. Tirou a espada, pol-a no filho, e completou a *toilette* pondo-lhe o seu chapéu na cabeça; em seguida estendeu-se no meio da relva, a alguma distancia, e estendeu os braços ao filho que se dirigia para elle, tropeçando, porque os pésinhos embarçavam-se-lhe na espada e o chapéu cahia-lhe até á barba, fazendo-o assim jogar a cabra cega com seu pae; mas este corria com a vivacidade de um rapaz muito novo, para amparar o filho nos braços e evitar que cahisse!

Os camaristas adoravam-o. Um d'elles, falando-me a seu respeito ha poucos dias, chorava como uma mulher, lembrando-se da figura graciosa do rei de Roma, correndo pela manhã todos os aposentos e chegando sózinho á porta do gabinete do imperador. porque M.^{me} de Montequiou não podia acompanhá-lo. A gentil creança erguia para o camarista a sua formosa cabeça loura, e dizia-lhe, com voz argentina, mas imperativa:

— Abra; quero vêr o papá!

— Meu senhor, não posso abrir a porta a Vossa Magestade.

— Porque? eu sou o rei pequenino!

— Mas Vossa Magestade vem só.

O imperador tinha ordenado que não deixassem entrar seu filho senão com a governante. Era impossivel, de certo, a creança ir lá sem ella, mas isto era para dar ao princi-

pe, que mostrava bastantes disposições para ser senhor da sua vontade, uma grande idéa do poder da sua governante. No primeiro dia em que o porteiro do gabinete lhe deu esta resposta, encheram-se-lhe os olhos de lagrimas, mas não disse nada. Esperou por M.^{me} de Montesquiou, que chegou meio minuto depois; então elle agarrou na mão da governante e, olhando com altivez para o porteiro, disse-lhe:

— Abra! é o rei pequenino que manda!

E o porteiro abria a porta do gabinete e annunciava:

— Sua Magestade o rei de Roma!

Falou-se muito na sua violencia, É verdade que era teimoso nas suas vontades e encolerisava-se facilmente, mas isso era um dos caracteres distinctivos de seus primos. Quasi todos eram assim. Achilles Murat tinha accessos de colera tão violentos, que eram seguidos de convulsões, e isto exactamente na idade do rei de Roma. M.^{me} de Montesquiou emendou-o um dia d'essa violencia. Na maior força do accesso, mandou fechar todas as janellas, por dentro e por fóra, apesar de estarem em pleno dia. A creança, admirada por vêr substituir a luz do dia pela dos candieiros, perguntou á governante porque era que mandara fechar tudo.

— Para não o ouvirem, meu senhor. Os francezes não o querem para rei, se fôr mau.

— Eu gritei muito de rijo?

— Com certeza.

— Ouviram-me?

— Receio-o muito, por sua causa.

A creança, então, desatou a chorar, mas arrependida; e deitou os bracinhos ao pescoço da governante.

— Eu não torno mais! mamã Quiou! perdoa-me!

Sucedeu um dia que o rei de Roma, indo vêr o imperador, entrou no gabinete d'este quando o conselho findava. Como era doido por seu pae, correu para elle sem fazer caso de ninguem. Napoleão, não obstante sentir-se

bem feliz com essas provas de afeição natural e vinda do coração, deteve-o e disse-lhe :

— Vossa Magestade não cumprimentou; vamos, cumprimente estes senhores.

A creança voltou-se, e, inclinando-se ligeiramente, enviou um beijo com a sua mãozinha ao bando ministerial. O imperador levantou-o logo nos braços; e disse aos ministros :

— Bem, meus senhores, não hão de dizer que desprezo a educação de meu filho, conhece muito bem a civilidade pueril e honesta.

Os que estavam costumados a viver na intimidade de Napoleão, sabem que uma das suas phrases predilectas, nos momentos de bom humor, era a de civilidade pueril e honesta.

O pequenino Napoleão era bom, e via-se que havia de sel-o ainda mais. Poderia citar d'elle uma quantidade de casos enternecedores, que indicam bom coração.

Quando estava em Saint-Cloud, gostava que o puzessem á janella para vêr quem passava. Um dia avistou, a alguma distancia, uma mulher ainda nova, de luto pesado, levando pela mão um pequenito, tambem vestido de luto, e da idade do rei de Roma, pouco mais ou menos. Trazia um grande papel na mão e erguia-o muitas vezes para a janella onde estava o principe.

— Porque está elle vestido de preto? perguntou o pequenino rei á sua governante.

— Provavelmente porque lhe morreu o pae. Quer saber o que elle pretende?

O imperador ordenara que seu filho fosse accessivel, desde muito novo, a todos os desgraçados que solicitassem d'elle alguma cousa.

A creança e a mãe foram introduzidos.

Era, effectivamente, uma viuva; seu marido fallecera, havia tres mezes, das consequencias de ferimentos recebidos em Hespanha, e ella solicitava uma pensão. O filho

era quasi da idade do rei de Roma. Este, vendo o pequeno pretendente, sentiu-se impressionado.

O imperador tinha ido caçar; não podia entregar-lhe as suas petições, senão no dia seguinte, ao almoço. Esteve triste todo o dia, e na manhã seguinte, quando sahiu dos seus aposentos para ir cumprimentar seu pae, teve o cuidado de separar o requerimento do rapazinho, de todos os outros. E, o que é para notar, é que foi por lembrança propria.

— Olha, papá, aqui tens uma petição d'um rapazinho que anda todo vestido de preto. O papá d'elle morreu por tua causa e a mamã deseja uma pensão porque é pobre e está triste.

— Ah! ah! disse o imperador puxando o filho para si, tu já dás pensões! Diabo! começa cedo! Vamos a vêr quem é o teu protegido.

A viuva do official tinha direito á pensão.

O decreto foi-lhe enviado n'esse mesmo dia, juntando-se-lhe um anno atrasado.

Algum de nós esqueceu o dia em que o imperador apresentou seu filho n'uma revista que se realisou no Campo de Marte? Estava radiante, ouvindo os gritos de alegria dos seus velhos soldados; pois uma parte das tropas era a guarda imperial, esse exercito valente entre os valentes.

— Elle teve medo? perguntou a imperatriz.

— Medo! não, está claro. Sabia perfeitamente que estava com amigos de seu pae!

Uma cousa que se notou, n'esse dia, foi que o imperador teve o filho nos braços durante horas inteiras. Parecia ir buscar aos olhares d'aquelle anjo uma felicidade até ahí desconhecida para elle. Depois da revista, conversou muito tempo com M. Fontaine e falou no palacio para o rei de Roma, que se ia construir em frente do Collegio Militar e do Campo de Marte. E, enquanto conversava, o imperador tinha o filho ao collo e afagava-o, brincando. Falou-se

em Roma; M. Fontaine elogiou-a porque é artista e comprehende-a. Napoleão lamentou não ter ido até ás portas d'essa cidade rainha, elle que ligara a Italia ao seu nome e o seu nome á Italia!

— Mas hei de lá ir um dia, com certeza, disse elle a M. Fontaine, porque é a cidade do meu rei pequenino.

E fixava em seu filho aquellas pupillas ardentes que, n'esse momento, cobriam de amor e de pensamentos vastos a querida cabecinha, objecto de tantos cuidados.

E foi este pae que o carrasco de Hudson-Lowe torturou no carcere de Santa Helena, recusando-lhe durante semanas inteiras o busto de seu filho, o retrato do seu primeiro e ultimo descendente.

O drama politico tomava de dia para dia um aspecto mais activo e, ao mesmo tempo, mais serio.

O céu da França estava brusco. Era de balde que o imperador dava festas, que reunia em torno da imperatriz Maria Luiza uma côrte composta de mulheres novas, encarregadas de a distrahir. Essas mulheres estavam inquietas; tinham irmãos, paes, maridos, e a perspectiva da nova guerra era odiosa. Mas sabe-se que, quando o imperador falava, era forçoso obedecer.

Foi por essa epoca que se realisou na côrte, na sala de espectáculo do palacio, uma quadrilha em que as irmãs do imperador representaram o papel principal: a quadrilha só por si era insignificante; o que tinha que vêr eram apenas as duas princezas; a princeza Borghése estava de uma belleza ideal.

Representava a Italia, e vinha arrebatadora n'esse traje de pura phantasia. Trazia na cabeça um leve capacete de ouro fosco, encimado por ligeiras pennas de abestruz, de alvura deslumbrante; o peito era coberto por uma pequena couraça de escamas de ouro, da qual pendia uma tunica de musselina da India, bordada a ouro; os braços cingidos por largos braceletes de ouro, nos quaes se viam os mais bellos camafeus da casa Borghese, a mais rica

n'este genero de joias; nos pequenos pés trazia borzequins com ataduras de purpura bordadas a ouro e cada volta das quaes, cruzando-se á roda da perna, era marcada por um camafeu. A chapa que reunia o escudo e o segurava no peito, era um camafeu magnifico, representando Medusa moribunda. É, de certo, um dos exemplares mais curiosos da colleção Borghese. Um meio chuço de ouro que levava na mão completava a *toilette* da princeza Paulina.

É impossivel descrever o effeito que produziu á entrada em scena, onde representou uma breve pantomima com sua irmã, que representava a França. Aquella creatura ideal, toda suavidade, com aquelle capacete e aquella lança e a ligeira nuvem branca fluctuando sobre a superficie scintillante do capacete de ouro, e depois, aquelles movimentos brandos e indolentes, tudo n'ella, até essa languidez, era adoravel. A rainha de Napoles tinha um vestido bastante comprido, com um manto de purpura bordado a ouro: a cabeça era encimada por um capacete com um penacho pesado, sem graça; e, se do meio d'esse montão de dourados, de perolas e de joias, não sahisse uma cabeça encantadora, fresca e graciosamente bonita, formaria um contraste excessivamente extranho com sua irmã, cuja apparição causara tão prestigioso effeito. Dançaram ambas um passo que Despréaux lhes tinha composto, e no qual a princeza Paulina teve ainda todas as vantagens pela ligeireza do vestuario e pelo encanto que elle lhe dava ás attitudes.

Depois houve tambem uma outra quadrilha, a das Estações, que foi realmente encantadora pelo cuidado com que tudo era feito; e, o que constituia uma magnificencia impossivel de imitar, era a quantidade de formosissimas mulheres que formavam o grupo das Horas seguindo o Sol.

Esse sol era M. Carlos de Lagrange. Tinha bonita figura e mesmo um bonito rosto, não obstante os seus olhos não estarem sempre de accordo. Figurava Apollo: levava um fato de meia, côr de carne, ia coroado com o alloro obri-

gatorio, e de lyra na mão. Se as mulheres iam encantadoras com os seus trajos, não havia nada mais ridiculo do que os homens. Pareciam uns entrudos.

No meio d'este scintillar de festas, a Europa estava agitada. Os imperios eram abalados e ameaçavam-se de se destruírem mutuamente; a França preparava-se para a lucta; emquanto á Russia, cujas intenções hostis já se não podiam occultar, não só acceitava o combate, mas parecia provocal-o. As outras potencias estavam ainda receosas; as dores das suas feridas recordavam-lhes que Napoleão castigava severamente o perjurio.

Servindo o seu paiz, que teve sempre o primeiro lugar no seu coração, o duque de Bassano empregara todo o anno decorrido em conquistar auxiliares, isto é, leval-os a fazerem promessas positivas.

A Austria, apesar de alliada, parecia ter repugnancia em perseguir o seu irmão da Russia. A Prussia mostrava-se ainda mais rebelde, e M. de Krusmarck, então encarregado dos seus interesses, não queria conceder cousa alguma. No emtanto nada era mais importante do que poder contar com a Prussia; era forçoso que ella fosse a favor de nós, ou então que fosse destruida. Aproximava-se o momento em que o partido se tornava extremo; o duque de Bassano escreveu a M. de Krusmarck:

«Meu caro barão,

«Chegou, afinal, o momento de resolver o destino da Prussia. Não posso occultar-lhe que esta questão é para ella *de vida ou de morte*. Sabe que, em Tilsitt, já as intenções do imperador eram bem severas; essas intenções continuam as mesmas e não podem ser contidas senão no caso de tornar-se a Prussia nossa alliada; e nossa alliada fiel. A circumstancia é das mais graves, pense bem, etc., etc.»

M. de Krusmarck comprehendeu qua a Prussia estava perdida se Napoleão lhe tomasse o telhado de uma choupana que fosse, e no dia 24 de fevereiro, assignou-se em Paris um tratado offensivo e defensivo, entre a França e o gabinete de Berlim; emquanto á Austria, era nossa allia-da natural; mas sabe-se qual foi o resultado d'essa alliança, á qual o imperador se apoiava com uma segurança tão profunda. Depois a Dinamarca, a confederação do Rheno. Tudo era a nosso favor quando se ouviu o primeiro toque de clarim.

Junot solicitara com ardor um commando, fosse qual fosse, comtanto que combatesse; o imperador mandou-o para Milão, afim de tomar a direcção dos exercitos da Italia e conduzil-os para o Norte.

Junot sahio de Paris quando se ia assignar o tratado de paz, offensivo e deffensivo, com a Austria; esta dava um soccorro de 30:000 homens e sessenta peças de artilheria. O principe de Schwartzenberg era quem devia commandar as tropas austriacas.

Na mesma occasião, a Suecia assignava tambem o seu tratado com a Russia! Um antigo marechal de França ia apontar o canhão para os seus compatriotas! Bernadotte regeitara todas as combinações propostas. A Inglaterra, apenas teve conhecimento da deserção de Bernadotte, apressou-se em reconhecer o tratado da Suecia com a Russia.

O imperador, afinal, deixou Paris. Ha lembranças que o tempo não apaga; a que evoco n'este momento é uma d'essas. Vejo ainda o imperador com uma expressão tão commovida como nunca lhe vi. Estava com o filho. A creança passara-lhe os bracinhos á roda do pescoço e parecia querer cingil-o ao coração. Como era formoso! como seu pae gosava com essa belleza! Estava ali como o maior e o melhor dos homens! Primeiro brincou com o filho; em seguida a creança cessou tranquillamente de brincar, e encostou a cabeça loura ao peito largo e forte de seu pae;

depois de algumas meigas caricias, o principe adormeceu, e o pae, fázendo um signal com a mão, sentou-se muito devagarinho para não accorder o filho! E com que cuidado foi deital-o no berço! a ama teria a mão menos leve! Ai! talvez n'esse instante o veu do futuro se erguesse para elle! Assim devia ser, para que as suas ardentes pupillas se cobrissem de lagrimas e o seu nobre rosto fosse animado por uma expressão tão extranha.

Partiu, por fim, e dirigiu-se á Allemanha para dar as ultimas ordens e reunir tudo o que devia marchar; via, com aquelles olhos profundamente habeis, que essa campanha era decisiva, e que nada podia contrabalançar um revez.

Antes de disparar o primeiro tiro de peça, quiz tentar um ultimo esforço, para conhecer as disposições definitivas da Russia. M. de Narbonne, apesar do seu habito de côrte, não podera dar conta de nada, durante a missão de Wilna. Napoleão teve mais esperanza em uma entrevista com o imperador da Austria, agora seu sogro; e, sobre tudo, na entrevista com M. de Metternich, porque o imperador Francisco não guarda para si senão o ministerio do bem que pratica nos seus Estados. Levou, pois, a imperatriz a Dresde, com o fim apparente de reunil-a a seu pae, mas na realidade, para conhecer o caminho do labyrintho em que ia entrar.

A entrevista serviu apenas para tornar a venda mais espessa e mais apertada.

Afinal, abriu-se a campanha da Russia.

Durante as primeiras semanas, o imperador ficou victorioso dos russos.

Comtudo, a batalha de Moscowa, ganha pela bravura e o talento do marechal Ney, foi-nos tão fatal na sua victoria como uma derrota. Que matança n'esse terrivel dia! Affirmaram-me que o numero dos tiros de peça disparados n'essa batalha foi de mais de cento e trinta mil.

Os russos retiraram-se para Moscou. Era ahi que estava

um homem cuja capacidade se occultava sob um involucro de bobo; não o conheciam senão por este nome, na côrte de Paulo 1.º, a quem divertia e fazia rir com historias grotescas, as quaes acompanhava de pasquinadas e de brincadeiras ridiculas. Rostopchin era homem de grande comprehensão, e, quando fez incendiar Moscou, sabia que a corte de Petersburgo lhe faria duplos agradecimentos.

Entretanto, penetrámos em Moscou. Ahi, riu-se! dançou-se! representaram-se comedias!

As noticias que nos chegavam do exercito eram tão raras como assustadoras. As cartas não podiam passar.

Foi então que chegou a Paris o primeiro boato do incendio de Moscou.

Os pormenores d'este desastre são descriptos tão admiravelmente na obra do sr. conde de Segur, que não tento renovar-os aqui. Junot não entrou em Moscou, ficou distante algumas leguas para vigiar as ambulancias, que todos os dias se enchiam de feridos e de doentes. O frio começava a fazer sentir os seus terriveis effeitos, n'esse paiz de gelo. Já não se tratava de lutar com homens. Era um inimigo cuja força desconhecida trazia a morte áquelles a quem o seu halito bafejava o rosto.

Então espalhou-se um desalento mortal por todos aquelles valentes, que tantas vezes tinham affrontado os perigos mais terriveis. Ouvi-os no momento do regresso; a fronte cicatrizada do mais bravo empallidecia quando falava n'essas horas de horror!

Foi então que Napoleão se decidiu a operar a retirada. Depois de quarenta dias de cerco, abandona Moscou.

O marechal Mortier, que ficara na rectaguarda, fez saltar o Kremlin e o arsenal.

No momento de deixar Moscou, o imperador addiou a partida, e, no emtanto, as subsistencias já não chegavam senão com muita difficuldade. Mas, illudido pelas recordações de Erfurt, e julgando que podia contar com a affeição

do imperador Alexandre, propoz-lhe novo tratado. As campanhas de 1805 e 1809 terminaram assim.

Napoleão não conhecia bem a Russia nem o caracter de Alexandre. Perderam-se cinco semanas em negociações inuteis, e no dia 23 de outubro de 1812 começou a celebre retirada, pela evacuação de Moscou, essa retirada em que o marechal Ney foi sublime como soldado, e como general em chefe.

Junot dizia-me, quando regressava da Russia :

— Nunca vi nada tão admiravel como o procedimento de Ney por occasião da retirada de Moscou. É fabuloso de coragem, de talento e de tudo o que o homem pôde obter de Deus, quando commanda um exercito.

Os correios, afinal, sempre conseguiram passar, e o 29.º boletim, datado de Malodeczno, do dia 3 de dezembro, chegou a Paris no dia 18. Então acabou para sempre o encanto que nos fascinava.

Napoleão resolvera regressar a França no meio dos desastres da retirada; primeiro, falou n'isso a Duroc.

— Se o ouvisse, dizia-me o duque de Friul contando-me essa conversação, admirar-o-hia mais do que em outra qualquer circumstancia da sua vida.

No dia 5 de dezembro partiu de Smorgony.

— Hei de pesar mais no meu throno, nas Telharias, do que á frente do exercito, disse elle ás poucas pessoas que o rodeavam no momento da partida.

Nove dias depois chegava a Dresde, onde esteve alguns momentos com o rei de Saxe. De Dresde dirigiu-se a Erfurth. Ahi, deixou o seu trenó para acceitar o trem de viagem de M. de Saint-Aignan, nosso ministro junto do duque de Weimar, e cunhado do sr. duque de Vicenza. Não fez mais do que atravessar todas as cidades das fronteiras; mesmo Moguncia; e, no dia 19 de dezembro, á meia noite e um quarto, chegou em frente da primeira grade das Telharias. A imperatriz acabava de deitar-se quando o *caléche* onde ia o imperador, parou defronte do portão. Ao

principio houve muita difficuldade em fazel o reconhecer, n'aquella simples carruagem onde ia sósinho com o duque de Vicenza, o qual, depois de uma viagem de quatorze dias e quatorze noites, o deixou, afinal, á porta do quarto da imperatriz, e foi tambem descançar, do que tinha bastante necessidade.

É impossivel descrever o excesso de sensibilidade que dominou o imperador quando abraçou Maria Luiza, e o filho, sobre tudo! A creança, accordada áquella hora, estava prestes a chorar. Depois conheceu o pae, cujo retrato lhe mostravam todos os dias, e já não disse nada.

(Continúa)

Duqueza d'ABRANTES.

SEMPER EADEM!

—
a L. G.

Alguem me disse que este amor sagrado
Se irá mais tarde dissipar no olvido.
E' que esse alguem jamais houvera amado
Como eu te amo, meu sonho renascido!

E' que esse alguem, no olhar angustiado,
Nunca sentiu o pranto escandecido,
Que nos meus olhos corre esbrazeado
Se te julgo, meu bem, um bem perdido.

Mas perguntei ao céu, erguendo a face:
— Porque deixastes que eu a visse um dia,
Que a sua voz balsamica escutasse?!

O céu decerto ouviu-me soluçar,
E Deus parece que me respondia
N'uma chuva de estrellas e luar!...

*

O céu me respondeu! — como se andassem
Os anjos todos desfolhando flores...

E' que os anjos protegem os amores
O' minha Amada, quando puros nascem,

E como doces vozes me chamassem,
N'aquella noite cheia de fulgores,
Eu receoso que ellas se calassem,
Parei, prestando o ouvido aos seus clamores.

Eram Santas, que, ouvindo as minhas queixas,
Vinham dizer-me, o rosto dolorido,
Soltas ao luar as pallidas madeixas:

— O' forte coração abençoado,
Bemdito sejas tu, que tens soffrido,
Bemdito sejas tu, que tens amado!

*

Assim as Santas me falaram — e ellas
Que andaram lindas n'este mundo impuro,
E que morreram lindas, como aquellas
Rosas d'algum altar sagrado e puro,

Não foram tão amadas e tão bellas
Como tu, rola voando em céu escuro,
Irmã das açucenas, das estrellas,
Ineffavel visão, que em vão procuro!

Como te não hei de amar, rosa encantada,
Se a minha vida ha tanto que anda presa
Ao teu riso, mais claro que a alvorada.

Oh! pudesse eu, nas minhas agonias,
Abrir-te o coração, gentil princeza,
E apenas tu lá dentro te verias!...

LUMEN

Segunda narração

REFLUUM TEMPORIS

II

(Continuação)

Eram assim todos os nascimentos. Nascia-se velho ou na idade madura. Quasi sempre se soffria uma grande doença antes de se fazer definitivamente parte dos vivos. Algumas vezes não havia doença nenhuma, e sahia-se do seio da morte como por accidente. A vida differia sensivelmente da nossa actual. Os homens, em lugar de envelhecerem, rejuvenesciam; chegavam á força da idade; os craneos calvos cobriam-se insensivelmente; os cabellos brancos faziam-se pretos ou louros; as mulheres eram experientes na sua arte antes de serem innocentes; a natureza reparava o ultraje reparavel dos annos; homens e mulheres chegavam á virilidade, em seguida á adolescencia, depois á infancia, e, depois de terem passado por todas as phases, faziam-se pequeninos, muito pequeninos, até ao momento em que eram levados á igreja pelos paes; depois desapareciam da scena do mundo por um processo facil de adivinhar, reflectindo na symetria...

Quærens.— Confesso, ó Lumen! que nunca ouvi narração mais extraordinaria e mais maravilhosamente insolita. Mas,

se n'esse mundo singular se faz tudo em sentido contrario á natureza terrestre, como é que...

Lumen.— Meu amigo, a aurora avisa-me de que é tempo de voltar para o espaço, povoado de cousas desconhecidas da Terra, mina fecunda onde os espiritos encontram fragmentos de existencias passadas, segredos de muitos mysterios, ruinas de mundos destruidos e geneses de mundos futuros. Mas é superfluo augmentar esta narração com pormenores inuteis. O meu fim era mostrar-te que para se obter o espectáculo de um mundo e de um systema de vida exactamente oppostos a este, é sufficiente fugir da Terra com uma velocidade superior á da luz.

N'este vôo da alma para os horisontes inaccessiveis do infinito, encontram-se os raios luminosos reflectidos pela Terra e pelos outros planetas ha milhares e myriades de annos, e «observando os planetas d'essa distancia longinqua, pode-se assistir aos acontecimentos da sua historia passada.» Percorre-se assim o rio do tempo até á sua origem. Esta faculdade deve illuminar, para ti, com uma luz nova as regiões da eternidade. Far-te-hei conhecer brevemente as consequencias metaphysicas, se, como espero, admittires o valor scientifico dos documentos d'este estudo ultra-terrestre.

Terceira narração

HOMO HOMUNCULUS

Quærens. — Ouvi-te com interesse, ó Lumen! sem estar, é certo, inteiramente convencido de que tudo o que me contaste seja realidade. É muito difficil, realmente, acreditar que se possa vêr assim, directamente, todas as cousas.

Quando ha nuvens, por exemplo, não se pôde vêr atravez d'ellas o que se passa na superficie da Terra. Succede o mesmo com o interior das casas.

Lumen. — Desengana-te, meu amigo, as ondulações do ether atravessam obstaculos que te parecem insuperaveis. As nuvens são formadas de moleculas entre as quaes pôde passar muitas vezes um raio de luz. No caso contrario ha aqui e ali algumas aberturas por onde se pôde ver obliquamente. É raro não poder distinguir nada. Se é essa a tua ultima objecção, debes confessar que está longe de ser invencivel.

Quærens. — Tens uma maneira particular de resolver todas as difficuldades. Isso é talvez privilegio dos seres espirituaes. Tenho de suppôr successivamente que foste transportado para Capella com uma velocidade superior á da luz; que chegaste a um mundo sem te encarnares n'elle; que a tua alma está livre de qualquer involucro corporeo; que os teus olhos ultra-terrestres teem o poder de distinguir lá de cima o que se passa aqui; que pôdes recuar ou avançar no espaço, segundo a tua phantasia; e finalmente, que as nuvens não se oppõem a que possas distinguir a superficie do nosso globo. Debes concordar que são, comtudo, difficuldades muito graves.

Lumen. — Como és terrestre, meu amigo! e como ficarias surprehendido se eu tentasse agora provar-te que nenhuma d'essas difficuldades existe, e que todas as que poderias oppor á concepção do phenomeno, são puros effeitos da tua ignorancia nativa! O que pensarias se eu te dissesse que nenhum homem faz idéa do que se passa na Terra, e que ninguem comprehende a natureza?

Quærens. — Em nome das indiscutiveis verdades da sciencia moderna, pensaria que querias abusar da minha credulidade.

Lumen. — Deus me livre d'isso! Ouve, meu amigo. As descobertas maravilhosas da sciencia contemporanea deviam ter ampliado a esphera das concepções dos homens.

Descobriram ha pouco a analyse espectral! Por meio do exame methodico de um simples raio de luz vindo de uma estrella distante, pódem saber quaes são os elementos que constituem essa estrella inacessivel e lhe alimentam as chammas. Esse factó, meu querido irmão espiritual, é mais admiravel do que todas as conquistas dos Alexandres, dos Cesares e dos Napoleões, do que todas as descobertas de Ptolomeu, de Colombo, de Guttenberg, do que todas as biblias de Moisés, de Confucio, de Jesus! Pois que! o abysmo que separa a Terra, de Sirio, de Arcturo, de Véga, de Capella, de Castor e Pollux, mede trilliões de leguas, e os homens analysam as substancias que constituem esses soes, coms se podessem pegar-lhes e passal-os pelo cadinho do laboratorio! Como pódem então hesitar em admitir que, por meio de processos desconhecidos na Terra, a vista da alma possa observar o aspecto luminoso de um mundo distante e distinguir até as menores particularidades? O telegrapho leva o pensamento em um instante inapreciavel, da Europa para a America, atravez dos abysmos do oceano; dois interlocutores conversam em voz baixa separados um do outro por milhares de leguas, e não és capaz de admitir as minhas relações porque não as comprehendes perfeitamente? Mas comprehendes então como o despacho telegraphico voa e se transmite? Não, não é verdade? N'esse caso deixa umas duvidas que nem teem o valor de serem scientificas.

Quærens. — As minhas objecções, ó meu illustre mestre, não tinham outro fim senão o de levar esclarecimentos novos ao meu entendimento. Não quero, de maneira nenhuma, negar a realidade do que me revelaste; o que desejo é formar a respeito de tudo uma idéa racional e exacta.

Lumen. — Eu não me offendo, meu amigo, e para desenvolver á minha vontade a esphera das tuas concepções, posso no mesmo instante mostrar-te a insufficiencia das faculdades terrestres e a pobreza fatal da sciencia posi-

tiva, fazendo-te reflectir que as causas das tuas impressões são unicamente modos do movimento, e que o que se chama orgulhosamente *a sciencia* não é mais do que uma *percepção organica muito limitada*. A luz, por meio da qual os teus olhos vêem; o som, por meio do qual ouves; os cheiros, os sabores, etc., são diferentes modos de movimento que te impressionam. Tu não podes apreciar senão alguns d'elles por meio dos sentidos que possues, principalmente por meio da vista e do ouvido. Crês ingenuamente que vês e ouves a natureza? Pois não é assim: recibes alguns dos movimentos em exercicio no teu atomo sublunar. Eis tudo. Além das impressões que podes receber, ha uma infinidade d'ellas que não podes imaginar sequer.

Quærens. — Perdoa, mestre! Mas esse novo aspecto não me parece bastante claro para eu poder comprehendel-o. Se...

Lumen. — O aspecto é novo para ti, é verdade; mas uma reflexão attenta far-t'ò-ha comprehender. O som é formado por vibrações, as quaes executando-se no ar, vão ferir a membrana do teu tympano e dão-te a impressão dos diferentes tons. O homem não ouve todos os sons. Quando as vibrações são muito lentas (abaixo de 40 por segundo,) o som é baixo de mais: os ouvidos humanos não o ouvem. Quando as vibrações são muito rapidas (acima de 36:850 por segundo) o som é demasiado agudo; os ouvidos humanos não o apreciam. Comtudo, abaixo e acima d'esses dois limites do organismo humano existem sons que são ouvidos por outros seres, como, por exemplo, os insectos. À luz applicam-se os mesmos raciocinios. Os diferentes aspectos da luz, as diversas côres dos objectos, são tambem devidos a vibrações que atravessam o nervo optico e dão a impressão das intensidades diversas da luz. O homem não vê tudo o que é visivel. Quando as vibrações são excessivamente vagarosas (abaixo de 458 trilliões por segundo,) a luz é fraca em demasia: o olhar humano não a vê. Quando

as vibrações são muito rapidas (acima de 727 trilliões por segundo,) a luz excede a vossa faculdade organica de percepção e torna-se invisivel. Abaixo e acima d'estes dois limites existem outras côres que são vistas por outros seres. Os homens não conhecem, portanto, e não pôdem conhecer senão as impressões que fazem vibrar as duas cordas da sua lyra organica, que se chamam o nervo optico e o nervo auditivo.

Calcula a extensão das cousas imperceptiveis para os homens. Todos os movimentos ondulatorios que existem no universo, entre os que dão a somma de 36.800 e os que dão a de 558,000,000,000,000 na mesma unidade de tempo, não pôdem ser vistos nem ouvidos pelos homens, que os desconhecem, portanto, fatalmente. A sciencia contemporanea começa a entrar um pouco n'este mundo invisivel, e, como sabes, acaba de medir as vibrações inferiores a 458 trilliões (são os raios calorificos invisiveis) e as vibrações superiores a 727 trilliões (são os raios chimicos, tambem invisiveis.) Mas os methodos scientificos não podem fazer mais do que ampliar um pouco a esphera da percepção directa, sem se afastarem muito d'ella. — Tu estás isolado, no meio do infinito.

Ainda mais. Existe na natureza uma infinidade de vibrações, as quaes, *não estando em correspondencia* com a organização humana, não pôdem ser sentidos pelos homens e estes *ignoral-as-hão sempre*. Se os homens tivessem outras cordas na sua lyra, dez, cem, mil... a harmonia da natureza traduzir-se-hia mais completamente fazendo-as vibrar, cada uma da sua maneira; dariam por uma quantidade de factos que se passam á roda d'elles, sem que lhes advinhem, sequer, a existencia; e, em lugar de duas notas dominantes, poderiam obter a harmonia do concerto. Mas os organismos humanos são de uma pobreza de que ninguém faz idéa, porque uma pobreza geral deixa de parecer pobreza, por não ser possivel comparal-a com a riqueza de alguns entes superiores aos habitantes da Terra.

Os sentidos que os homens possuem são bastantes para lhes indicar a existencia possível de outros sentidos, não só mais poderosos, mas até de uma especie completamente diversa. Pelo sentido do tacto, por exemplo, podem reconhecer a sensação do calor; mas é facil imaginar a existencia de um sentido especial, analogo áquelle por meio do qual a luz dá o aspecto dos objectos exteriores, e tornando o homem capaz de conhecer a fôrma, a substancia, a estructura interna e outras qualidades de um objecto pela acção das ondas calorificas que emanam do mesmo objecto. Este raciocinio tambem se podia applicar á electricidade. Os homens pódem, da mesma maneira, conceber a existencia de um sentido que, sendo, por exemplo, para a vista o que o espectroscopio é para o telescopio, desse a conhecer os elementos constitutivos dos corpos. Assim, debaixo do ponto de vista scientifico, já teem as bases sufficientes para imaginarem modos de percepção diferentes dos que caracterisam a humanidade terrestre. Estes sentidos existem em outros mundos e ha uma infinidade de maneiras de sentir a acção das forças da natureza.

Quærens. — Confesso, ó mestre! que o meu entendimento recebeu uma claridade nova e extranha, e que as tuas palavras me parecem uma interpretação verdadeira da realidade. Eu já tinha pensado na possibilidade de todas essas cousas; mas não as podia adivinhar, envolvido, como estou ainda, nos sentidos terrestres. É preciso, decerto, estar fóra do nosso circulo para apreciar verdadeiramente o conjuncto. Não possuindo senão alguns sentidos limitados, não podemos conhecer os factos que não são accessiveis á sua percepção. Estes são desconhecidos para nós. E é muito o que não sabemos comparado com o que sabemos?

Lumen. — É muito, e o que sabeis não é quasi nada. Os vossos sentidos não recebem os movimentos physicos que, taes como a electricidade solar e terrestre, cujos effluvios se cruzam na atmosphaera, o magnetismo dos mineraes, das plantas e dos seres, as affinidades dos organismos, etc.,

são invisíveis para os olhos humanos; e recebem ainda menos os movimentos do mundo moral, as sympathias e antipathias, etc. Repito; o que vós sabeis e tudo o que podeis conhecer por intermedio dos sentidos não é nada comparado com o que ha. Esta verdade é tão profunda, que era muito possivel existirem esses seres na Terra, seres essencialmente differentes dos homens, não possuindo olhos nem ouvidos, nem nenhum dos sentidos humanos, mas dotados de *ouros* sentidos, e capazes de comprehender o que os homens não comprehendem, e, apesar de viverem no mesmo mundo que estes, conhecendo o que elles não pôdem conhecer e formando da natureza uma idéa completamente differente da que os homens formam.

Quærens — Isso agora excede todo o meu entendimento.

Lumen — Pois, meu terrestre amigo, posso ainda accrescentar com toda a sinceridade, que as percepções que vós recebeis e que constituem as bases da vossa sciencia, nem mesmo são percepções da realidade. Não. Luzes, claridades, côres, tons, ruidos, harmonias, sons diversos, perfumes, sabores, qualidades apparentes dos corpos, etc. não são mais do que formas. Estas formas entram no vosso pensamento pelos olhos, pelos ouvidos, pelo olfacto e pelo paladar, e apresentam-vos apparencias, mas não a verdadeira essencia das cousas... *A realidade foge inteiramente do vosso espirito, e sois completamente incapazes de comprehender o universo...*

A propria materia não é o que imaginaes. Absolutamente, não ha nada *solido*: os vossos corpos, um pedaço de ferro e de granito não são mais solidos do que o ar que respiraes. Tudo isto é composto de atomos que não tocam uns nos outros e que estão todos em movimento perpetuo. A Terra, atomo do Ceu, corre no espaço com uma velocidade de 650:000 leguas por dia; mas, em relação às suas dimensões, cada um dos atomos que constituem os vossos corpos e que circulam no vosso sangue, corre muito mais depressa. Se os vossos olhos fossem bastante

penetrantes para verem bem uma pedra, não a veriam, porque passariam aavez d'ella...

Mas conheço pela perturbação intima do teu encephalo, e pelas agitações fluidicas que atravessam os teus lobulos cerebraes, que já não comprehendes absolutamente nada das minhas revelações. Não insistirei, portanto, n'este assumpto, que tinha simplesmente por fim mostrar-te como seria profundo o teu erro se ligasses importancia ás difficuldades suggeridas pelas sensações terrestres, e fazer-te sentir que nem tu nem homem algum na Terra pode formar uma idea, mesmo afastada, do universo. O homem terrestre não passa de um homunculo.

Ah! se conhecesses os organismos que vibram em Jupiter ou em Urano, se te fosse dado apreciar os sentidos que existem em Venus e no anel de Saturno, se alguns seculos de viagem te tivessem permittido observar levemente as formas da vida nos systemas de estrellas, as sensações da vista nos soes coloridos, as impressões de um sentido electrico que não conheces nos grupos de soes multiplos; se uma comparação ultra-terrestre te tivesse fornecido os elementos de um conhecimento novo, comprehenderias que seres vivos podem ver, ouvir e sentir, ou, para melhor dizer, conhecer a natureza, sem olhos, nem ouvidos, nem olfacto; que existe na natureza um numero indeterminado de sentidos essencialmente differentes, dos vossos, e que ha na criação um numero incalculavel de factos maravilhosos que actualmente não podes imaginar. N'esta contemplação geral do universo, meu amigo, vê-se a solidariedade que reune o mundo physico ao mundo espirital; apodera-se melhor a força intima que eleva algumas almas experimentadas pelas grosserias da materia mas purificadas pelo sacrificio, para as regiões solemnes da luz espirital; e comprehende-se a felicidade immensa, reservada para esses entes, que, mesmo na Terra, conseguiram livrar-se progressivamente das paixões corporaes.

Quærens — Voltando á transmissão da luz no espaço, essa luz não se perde, afinal? O aspecto da Terra conserva-se eternamente visível e não é attenuado pela distancia, extinguindo-se n'um certo termo?

Lumen — As tuas expressões «afinal» não teem applicação, attendendo a que não ha fim no espaço. A luz enfraquece, é certo, com a distancia, os aspectos tornam-se menos intensos, mas nada se perde completamente. A Terra não é visível para todos os olhares a uma certa distancia, mas o seu aspecto existe mesmo quando não se vê, e as vistas espirituaes podem distinguil-o. A imagem de um astro, levada nas azas da luz, afasta-se ás vezes para insondaveis profundidades nos desertos obscuros do vacuo.

Ha no espaço vastas regiões sem estrellas, paizes dizimados pelo tempo, de onde os mundos se afastaram successivamente, attrahidos por focos exteriores. Ora, a imagem de um astro, atravessando estes negros abysmos, acha-se em uma condição analoga á imagem de uma pessoa ou de um objecto que o photographo obtem na sua *camara escura*. Não é impossivel que estas imagens encontrem nos vastos espaços algum astro escuro (a mecnica celeste deu a conhecer a existencia de muitos), de condição particular, cuja superficie (formada, talvez, de iodo, a julgar pela analyse espectral), seja sensibilizada e capaz de fixar em si mesma a imagem do mundo distante. D'esta maneira desenhar-se-hiam os factos terrestres em um globo escuro. E se este globo girasse sobre si mesmo, como os outros corpos celestes, podia apresentar successivamente as suas diferentes zonas á imagem terrestre e conservar assim a photographia continua dos acontecimentos successivos. E, subindo ou descendo segundo uma linha perpendicular ao seu equador, a linha onde as imagens se reproduzissem, descreveria, não um circulo, mas uma espiral, e depois de se fazer o primeiro movimento de rotação, as imagens novas não coincidiriam

com as antigas e não se sobreporiam; seguir-se-hiam para cima ou para baixo. A imaginação podia agora suppor que este mundo não era espherico mas cylindrico, e ver assim no espaço uma columna indestructivel onde ficariam gravados todos os factos da historia terrestre... Eu não vi esta realisação; ha tão pouco tempo que deixei a Terra que ainda não pode ver senão o primeiro aspecto das maravilhas celestes. Mas espero saber, brevemente, se este facto não se realisou na riqueza infinita das creações astraes.

Quærens — Se o raio que parte da Terra não é nunca destruido, ó mestre! as nossas acções são, n'esse caso, eternas?

Lumen — Sim, meu amigo. Uma acção depois de feita nunca mais se apaga e não ha poder algum que a possa destruir. Commette-se um crime no meio de um campo deserto. O criminoso afasta-se, fica desconhecido e imagina que a acção acabada de commetter, *passou* para sempre. Passa o tempo, arrepende-se e julga que o crime *desappareceu*. Mas, na realidade, nada está destruido. No momento em que a acção foi commettida, a luz apoderou-se d'ella e levou-a para o céu com a rapidez do relampago. Está incorporada em um raio de luz; é eterna e transmittir-se-ha eternamente no infinito...

Um homem fez uma boa obra e conserva-a ignorada de todos: a luz apoderou se d'ella. Não fica esquecida e subsistirá eternamente.

Napoleão causou voluntariamente, para satisfazer a sua ambição pessoal, a morte de cinco milhões de homens, todos de trinta annos de idade, pouco mais ou menos, e tendo ainda, por consequencia, segundo o calculo das probabilidades e as leis da vida, trinta e sete annos de existencia deante d'elles. Foram, portanto, cento e oitenta e cinco milhões de annos que elle destruiu. O seu castigo, a sua expiação, é ser levado por um raio de luz que partiu dos campos de Waterloo no dia 18 de junho de 1815,

afastar-se no espaço com a velocidade da luz. ter constantemente em frente dos olhos o momento critico em que os planos formados pela sua vaidade foram para sempre destruidos, sentir, sem treguas, a dor do mesmo desespero, e ficar ligado a este raio de luz durante os cento e oitenta e cinco milhões de annos destruidos, pelos quaes elle é responsavel.

Procedendo assim, em logar de cumprir dignamente a sua missão, atrazou todo este tempo o seu progresso na vida espirital.

E se pudesses entrever o que se passa na ordem moral, tão claramente como estás entrevendo o que se passa na ordem physica, conhecerias vibrações e transmissões de outra natureza, que fixam nos arcanos do mundo espirital as acções e até os pensamentos mais secretos.

Quærens. — As tuas revelações são assustadoras, ó Lumen! D'essa maneira os nossos destinos eternos estão ligados intimamente com a propria construcção do universo. Tenho pensado algumas vezes no problema especulativo de uma communicação qualquer entre os mundos com o auxilio da luz. Muitos physicos imaginaram que seria talvez possivel estabelecer, um dia, uma communicação entre a Terra e a Lua, e mesmo entre a Terra e os planetas, por meio de signaes luminosos. Mas, se da Terra se pudessem fazer signaes para uma estrella cuja luz emprega, por exemplo, cem annos para cá chegar, o signal da Terra não chegaria ao seu destino senão depois d'este intervallo, e a resposta não voltaria sem passar o mesmo tempo. Decorreriam, portanto, dois seculos entre a pergunta e a resposta. O observador terrestre estaria morto ha muito tempo quando o seu signal chegasse até ao observador sideral, e este teria soffrido a mesma sorte quando a sua resposta chegasse á Terra!...

Lumen. — Effectivamente, era uma conversa entre vivos e mortos.

Quærens. — Perdoar-me-has, mestre, outra pergunta um

pouco indiscreta... a ultima, porque vejo Venus empallidecer e sinto que a tua voz vae deixar de se ouvir?

Se os actos que praticamos são d'essa maneira visiveis das regiões ethereas, podemos ver, depois da nossa morte, não só as nossas proprias acções, mas até as dos outros; refiro-me ás que nos interessam.

Por exemplo; duas almas gemeas, sempre unidas, gostam de ver durante mil annos as horas agradaveis que passaram juntas na Terra; afastar-se-hão no espaço com uma velocidade igual á da luz, para estarem sempre contemplando a mesma hora de felicidade. Em outro caso, um marido seguirá com interesse a vida toda da sua compaheira, e apresentando-se alguma particularidade inesperada, poderá examinar á vontade os pormenores que o impressionarem mais... E, se a sua companheira desencarnada residir n'algumas regiões proximas, pode chamal-a para observarem em commum esses factos retrospectivos. Não é possivel admittir desculpas perante um facto que se está vendo... Talvez os espiritos examinem assim alguns pormenores intimos?

Lumen. — No céu, meu terrestre amigo, apreciam-se pouco essas recordações de ordem material, e admira-me que ainda te detenhas com isso. O caracter que deve impressionar-te particularmente no conjuncto de factos que constituem estas duas conversas, é que, em consequencia das leis da luz podemos ver os acontecimentos depois de succedidos, e quando já não existem na realidade.

Quærens. — Acredita, mestre! que essa verdade nunca se apagará da minha memoria. Foi exactamente o ponto que mais me maravilhou.

Esquece a minha digressão precedente. Com franqueza, o que excedeu a minha imaginação foi pensar que o tempo da viagem do espirito é nullo, negativo, e, ainda mais, *retrogrado!* «Tempo retrogrado!... estas duas palavras devem estar muito surprehendidas por se encontrarem juntas. Pois é possivel? Partes hoje para uma estrella e che-

gas lá hontem! O que digo, hontem? Chegas setenta e dois annos *antes!* Quanto mais tempo andares mais cedo chegas! A grammatica precisava ser transformada.

Lumen. — É incontestavel. Falando em estylo terrestre, não é erro exprimires-te assim, porque a Terra está em 1793, etc., para o mundo onde chegamos. No teu globo, mesmo, ha alguns paradoxos apparentes que, de longe, dão uma idéa d'este. Por exemplo, o do despacho telegraphico que é enviado de Paris ao meio dia e chega a Brest ao meio dia menos vinte minutos.

Mas não são as applicações particulares nem os aspectos curiosos que debes conservar no espirito; é a *revelação*, da qual elles não são mais do que a forma e a metaphysica, da qual são a expressão sensivel. O tempo não é uma realidade absoluta, é apenas uma medida transitoria causada pelos movimentos da Terra, no systema solar. Contemplado com os olhos da alma e não com os do corpo, este quadro real da vida humana, tal como ella foi, sem dissimulação possivel, pertence, por um lado, ao dominio da theologia, por explicar physicamente um mysterio ainda inexplicado; o do «julgamento particular» feito por nós mesmos, depois da morte. Debaixo do ponto de vista do conjuncto, o presente de um mundo já não é uma actualidade momentanea que desaparece depois de apparecer, já não é um aspecto sem consistencia, uma porta por onde o passado se precipita incessantemente para o futuro, um plano mathematico no espaço. E', pelo contrario, uma realidade effectiva que se afasta d'este mundo com a rapidez da luz, e, mergulhando eternamente no infinito, conserva-se assim um *presente eterno*.

A realidade metaphysica d'este vasto problema é tão certa, que se pode agora comprehender a omnipresença do mundo em toda a sua duração. Os factos desaparecem para o logar onde se passaram, mas ficam no espaço. Esta projecção successiva e eterna de todos os factos succedidos em cada um dos mundos, effectua-se no seio do *Ser*

infinito, cuja ubiquidade conserva todas as cousas em uma permanencia eterna.

Os acontecimentos que teem succedido na superficie da Terra, desde a sua origem, estão visiveis no espaço, a distancias tanto mais afastadas, quanto mais antigos elles são. Toda a historia da Terra e a vida de cada um dos seus habitantes podem, portanto, ser vistas ao mesmo tempo por um olhar que abranja este espaço. Comprehende-se opticamente, por isto, que o Espirito eterno, presente em toda a parte, veja o passado todo em um só momento.

O que succede com a Terra, succede com todos os mundos do espaço. D'esta maneira as historias de todos os universos pôdem estar presentes ao mesmo tempo na ubiquidade universal do Creador.

Posso acrescentar que Deus conhece todo o passado, não só por este meio; mas tambem pelo conhecimento de cada cousa presente. Se um naturalista como Cuvier soube reconstruir especies de animaes desaparecidos com o auxilio do fragmento de um esqueleto, o Auctor da natureza conhece pela Terra actual a Terra passada, o systema planetario e o sol do passado, e todas as condições de temperatura, de aggregações, de formações, por meio das quaes os elementos chegaram a formar os compostos que existem actualmente.

Por outro lado o futuro pôde ser tão presente para Deus nos seus germens actuaes, como o passado o é nos seus fructos. Cada facto está ligado de uma maneira indissolvel com o passado e com o futuro. O futuro será conduzido tão inevitavelmente pelo presente, é uma consequencia tão logica d'este, existe n'elle tão exactamente como o passado que lá está inscripto para quem souber reconhecer-o.

Mas, repito-o, o ponto capital d'esta narração é saber, comprehender que a vida passada dos mundos e dos seres está sempre visivel no espaço, graças á transmissão successiva da luz atravez das vastas regiões do infinito.

Quarta narração

ANTERIORES VITAE

Quærens. — Depois da nossa ultima conversa mystica, ó Lumen, já decorreram dois annos. Durante este periodo, insensivel para ti, habitante do espaço eterno, mas muito sensivel para nós, elevei muitas vezes o pensamento para os grandes problemas que me revelaste, e desenvolveram-se novos horisontes á vista da minha alma. Com certeza que, depois que partiste da Terra, tens augmentado as tuas observações e os teus estudos em um campo cada vez mais vasto. Tens, decerto, maravilhas sem conto para entregares agora á minha intelligencia já preparada. Oh! se eu sou digno de as ouvir, e se posso comprehendel-as, faze-me a descripção, ó Lumen, das viagens celestes que arrebataram o teu espirito para as espheras superiores, das verdades desconhecidas que ellas te revelaram, das grandezas que te fizeram vêr, dos principios que te ensinaram ácerca do mysterioso assumpto do destino dos homens e dos seres.

Lumen. — Preparei a tua alma, meu querido e velho amigo, para receber estas impressões que nenhum espectaculo terrestre produziu, nem produzirá nunca. É, comtudo, necessario que desembaraces o teu espirito completamente de todos os preconceitos terrestres. O que eu vou dizer-te causar-te-ha admiração; mas ouve-o attentamente, como uma verdade confirmada e não como um romance. É um primeiro esforço que reclamo do teu ardor estudioso. Quando tiveres comprehendido — e has de comprehender se conservares o espirito mathematico e a alma livre, ad-

mittirás que todos os factos que constituem a nossa existencia ultra-terrestre são, não só possíveis, mas até reaes, e que, alem d'isso, harmonisam intimamente com as nossas faculdades intellectuaes já manifestadas na Terra.

Quærens. — Affirmo-te, ó Lumen, que o meu espirito está livre de todas as paixões e ardentemente disposto para ouvir essas revelações que ainda não chegaram a nenhuns ouvidos humanos.

(Continúa).

Camille FLAMMARION.

PRINCEZINHA

TERCEIRA PARTE

I

(Continuação)

Ah! quando se tem vinte annos, quando a gente se lança na vida com as suas bellas illusões de rapaz, o coração virgem de todo o amor e prompto a bater á primeira chamada um pouco provocante, como era conveniente pedir conselhos aos velhos, hesitar, pensar que se tem em frente a vida inteira, que certas faltas são irreparaveis, que nos condemnam a galés perpetuas, e que ha muito tempo para amar, para nos prendermos, e para crêr! Como se andaria melhor não tendo senão amantes de cinco minutos ou de uma semana, passando de um capricho a outro, sendo ingenuamente implacavel e rindo na cara d'aquellas que teimam, que imploram, que soluçam e que ameaçam...

... Como seriamos sensatos tratando as mulheres como inimigas, não dando ouvidos ao coração, nem á consciencia, fugindo d'ellas com uma brutalidade de mosqueteiro, que volta para o seu bivaque...

... Porque no regimento quiz levar a palma aos camaradas, fazer-se invejar, não ter as aventuras banaes e vulgares do commum, um homem atirou-se de cabeça para baixo em uma historia romanesca, comprometteu e raptou

uma mulher cujo marido teria talvez fechado os olhos como tantos outros, e porque era sentimental e tímido, e via as realidades da vida como n'uma miragem, acabou comsigo, enterrou-se, varreu-se do mundo, e há de vegetar, idiotisar-se na mesma vereda lamacenta, até que o destino o livre da sua posição, o atire para a cova aonde elle se anniquille na terra fecunda...

... A algema cujo peso vae sendo maior d'anno para anno, o espantoso supplicio da grilhetta que não é mesmo completo, do dever a cumprir se se tem a honra cavilhada ao outro sêr, e mais nada a esperar, mais nada a desejar, pois que no fim de todas as chimeras, de todos os sonhos, de todas as felicidades passageiras, sempre se esbarra na mesma barreira, sempre se recahe no mesmo poço...

... Eis no que eu estou mettido aos trinta e quatro annos — quando amo e quando sou amado pela unica mulher que jámais me fez pulsar o coração...

.....
... Entre Magdalena e eu, tinha havido scenas tão violentas, tão injustas, nascidas a todo o proposito e por qualquer motivo, com uma tal brutalidade, — uma existencia tão odiosa, tão cheia de rancores, — que a pobre mulher, costumada até ahi a um repouso facticio, a apparencias de affec'uosa camaradagem, fugira para longe, para muito longe, para a provincia...

Não me escrevia. Antes de partir, ella tinha regulado todas as contas da sua casa com uma escrupulosa minudencia de burguezinha, que não quer deixar apoz si nenhuma divida. Tinhamo-nos deixado sem um beijo de despedida, sem um aperto de mão, como dois inimigos.

E eu tivera com isso uma alegria doida, inconfessavel, mas que me não era possivel dominar.

Quando se ama, já se não sabe o que se faz, o que se pensa, commetter-se-hia quasi um crime para se chegar mais depressa ao desejado fim, esquece todo o passado,

é-se capaz de todas as vilanias, como de todos os heroismos. Estaria eu finalmente livre, verdadeiramente livre d'aquella mulher pela qual o meu coração já não bate, e que me embaraça a vida como um casco enalhado pôde embaraçar a entrada de um porto? Poderia eu, agora, abandonar-me ao amor, que é o meu unico sonho, a minha unica alegria, a minha unica felicidade?

Desilludida, cançada de tudo, atemorizada pelo desconhecido de amanhã, quem sabe se ella haveria tomado o véu das religiosas, e viveria entorpecida na paz profunda de algum convento, consolando-se no meio das orações piedosas e dos devaneios mysticos, que a pouco e pouco paralytam o cerebro e matam as recordações?

Talvez viesse a encontrar ainda um homem que ignorasse o seu passado, que a amasse, que lhe offerecesse um nome? Talvez tivesse ido lançar-se aos joelhos de sua mãe, e a tivesse apiedado com o espectaculo da sua miseria, da sua desnudez?

Talvez, com o pequeno rendimento que eu lhe assegurei, possa vegetar placidamente ao sabor dos seus desejos, dia a dia, como uma viuva, ou uma solteirona solitaria, cujos habitos depressa se estabelecem, não sahem do mesmo circulo estreito?

... E voltou, pachorrentamente, ao fim de dois mezes d'ausencia, sempre a mesma, sempre egualmente molle, inerte, apathica...

Mas porque me tem ella tanto apego, porque se obstina a fechar os olhos, a não comprehender nada, porque me não detesta e me não despreza? Porque me ama apesar de todos os meus aggravos, de todas as minhas injustiças, de todas as minhas coleras? Porque persiste em não adivinhar que eu soffro um verdadeiro martyrio, que ella é de mais na minha existencia, que me rouba a felicidade, que me mata não quebrando a nossa cadeia de antigos forçados?...

... Eu não sou mau. Nunca fiz mal a ninguem, e quan-

do lhe vejo os olhos vermelhos de ter chorado durante uma noite inteira, quando a ouço fazer-me perguntas timidas, hesitar em dizer-me o que trasborda do seu coração dolorido, tentar inuteis approximações, evocar o passado, quizera ter morrido, porque ha uma cousa que me soffoca, que me opprime o coração sob um peso que o esmaga.

Ella teria vivido pacifica e honestamente na sua cidade de provincia, no meio de seu marido e de seus filhos, guardando no fundo de uma gaveta as reliquias da nossa aventura, as flores seccas, as madeixas de cabellos e as cartas cujas lettras, muitas vezes cobertas de beijos, o tempo amarelleceu. De quando em quando, em certos anniversarios, ella teria aberto o movel, relido algumas paginas, sonhado vagamente nas antigas loucuras, e abanado a cabeça, com um melancolico sorriso nos labios, como se se lembrasse de um amante que partiu para a guerra, e que não mais voltou. Não estaria, como uma pobre alma exilada, n'esta immensa Paris, que ella instinctivamente teme e aborrece, tão sósinha, tão perdida, que algumas vezes ha no seu olhar fixo o espanto de um animal perdido, abandonado, lançando urros aos quatro ventos do horizonte...

... Fui eu que lhe fiz perder a cabeça, eu que fui o culpado, eu que imaginei que nunca deixaria de ama-la, eu que a decidi a abandonar tudo, a arrostar o perigo bem como os ultrajes. Ah! se n'esses minutos de desvairamento a gente pudesse, n'um espelho magico, vêr surgir os annos futuros e tudo quanto o dia de amanhã reserva em desillusões, em pezares, em amarguras áquelles que se abandonam ao futuro, cheios de confiança; se uma especie de dobre funebre então nos saccudisse até ás fibras, nos chamasse á razão, como haveria no mundo menos seres deslocados, infelizes, acabados antes de tempo; como os mais apaixonados, os mais loucos haviam de recuar, hesitariam em dar o ultimo passo, em se atirarem para o desconhecido!

... Quando Magdalena voltou, eu estava bem decidido a regular de um golpe esta falsa situação, como se amputa um membro gangrenado, a confessar tudo a M.^{me} de Pardeilhac, a romper com esse amor que a um e outro nos ia arrastando a pouco e pouco para o Irreparavel.

... Eu teria dado tudo no mundo para resuscitar no meu ser algum bom sentimento, alguma emoção, alguma ternura, para imaginar que entre Magdalena e eu não estava abolido tudo, e que eu experimentava uma alegria secreta em tornar a vel-a. Dir-se-hia que ella tinha tambem a presciencia d'isso.

... A casa estava como que rejuvenescida por toda a especie de flôres.

... Magdalena, com os seus cabellos de um louro cendrado, atados por uma fita de collegial, com a sua blusa cinzenta e as suas mãos pequenas, estava quasi attrahente. Tinha na cintura as rosas que eu prefiro, as Jacqueminot d'onde se evapora um cheiro de mel, e que são vermelhas como sangue...

... O jantar tinha, não se sabia o quê de intimo e de familiar. Ella foi meiga, muito doce, muito amiga, contou a sua viagem com phrases gentis e risos. E no fundo das suas pupillas azuladas irradiava uma tão grande tranquillidade de espirito, um tal prazer de me vêr na sua frente, que tive verdadeiramente dó d'ella, e beijei-a muitas vezes como uma creança...

... Sim, ter-me-hia comportado como um homem de bem, sentia a coragem de cumprir o meu dever até final, de renunciar á felicidade de amar e de ser amado, — a unica invejavel, — de partir, de escapar á tentação, que me persegue noite e dia. e que me enlouquece no sonho de esposar Renata, hoje que ella é viúva, de não continuar a ser batido para a direita e para a esquerda como o resto de um naufragio, de possuir para a eternidade humana a mulher que adoro e á qual pertenço com todo o meu cerebro, com todo o meu coração, com todas as minhas for-

ças, á qual pertencerei d'anno em anno mais ternamente, mais apaixonadamente, mais perdidamente — cada dia...

—...Queria-o, tinha-o ordenado a mim mesmo, pensava que teria coragem para isso...

...E como se a fatalidade se envolvesse n'estas cousas, como se teimasse em separar-nos, em impellir-me para o abysmo, crendo-se victoriosa, Magdalena tornou-se immediatamente a burguezinha vulgar e provinciana, que eu tentava esquecer, teve palavras inhabeis que nos afugentam e gelam, gestos estupidos, perguntas a que eu não sabia o que havia de responder, expulsou ella mesma com a sua voz lenta e calma a chymera que eu tentava reanimar.

Oh! esse vacuo que se sente n'um cerebro, essa visão brusca de um ser que não devaneia, que se não demora senão nos lados pequenos da vida, que se enleia em algarrismos de livro caixa como qualquer caixeira, que vos desencanta do amor, essa derrota dos sentidos e da alma deante d'um coração ponderado, pesado, que não attrahem, que não commovem, que não perturbam nenhum desejo, nenhuma anciedade, nenhum sonho...

...Tive vontade de chorar como um animal, como um collegial...

...E fugi sem mesmo lhe dizer adeus. Corri pelas escadas abaixo. Segui a pé pelas ruas, direito na minha frente, sem saber para onde ia. E repetia, com os dentes cerrados, n'uma especie de raiva:

«Não, não, está tudo acabado, tudo: dar-lhe-hei o que ella quizer, mas nunca mais, nunca mais tornarei a vê-la — e tinha febre, e murmurava n'uma voz surda — nunca mais, nunca mais!»

...E sou tão feliz, que essa felicidade assusta-me como uma ameaça, e não ousou abandonar-me a ella, e tenho pena de não ter morrido quando a querida, a ideal bem-amada me deu o paraíso, a communhão suprema, nos seus labios extasiados...

.....

II

Do terraço onde pavões brancos abriam a cauda sobre as balaustradas abertas, e pareciam, deante do infinito do mar e do ceu, grandes leques de pennas agitadas por mãos invisíveis, — por entre a rama dos tamarindos, — entre-via-se a praia coberta de barracas multicôres, de mastros empavezados e de um vaevem de toilettes claras, d'umbrellas...

...Apoutavam ao longe velas de barcos, como aves adormecidas, e a linha mysteriosa do horizonte era aqui e acolá estriada por fumo negro de vapores...

...Um jardineiro regava canteiros de relva queimados pelo sol, e por instantes, com a manga da camisa, enxugava a testa a pingar em suor...

...Passava no ar o fresco perfume do largo, — o cheiro dos goemons e da agua, que dilata as narinas das mulheres, que põe nos olhos d'ellas não se sabe que enigmatico e perturbante desejo, — e tambem o perfume agudo de uma magnolia cujas flôres radiosas, como se fossem artificiaes na sua madidez, se expandiam, se esfolhavam petala a petala a cada sôpro de vento...

...Era um d'esses dias delicados em que as menores sensações parecem melhores...

...Começava-se a lanchar debaixo de um immenso guarda-sol de lona vermelha, que M.^{me} de Villefort tinha comprado na feira de São João da Luz, e a baroneza de Luxille, mergulhando um biscoito n'um copo de Porto, exclamava, com os labios alargados por um sorriso ironico: «Se eu estou perfeitamente segura do que digo, parece-me que podia bem acreditar-me... Laumières, o reverendo Laumières tem uma amante!» quando Renata appareceu no patamar da *villa*, toda risonha, toda alegre, n'uma adoravel toilette de meio lucto, preta e branca.

...A condessa deteve-se, a seu pesar, e estremeceu como se tivesse recebido um golpe em pleno peito; de-

pois, sentindo que era necessario a todo o custo fazer face ao perigo, reprimindo a sua emoção, adeantou-se, e disse com um ar indifferente...

— Não se interrompa, minha querida; quem está na berlinda?

— Um dos seus melhores amigos, replicou M.^{me} de Luxille, M. de Laumières, o qual, para um prégador de virtude, não dá lá os melhores exemplos; mas, no fim de contas, talvez conheça a historia d'elle e a possa contar melhor que eu... A boa alma deve ter-lhe feito confidencias...

Renata fitou-a primeiro nos olhos com alguma cousa de desvairada, e reprimindo-se logo, impassivel, pegou n'um cacho d'uvas, com um gesto lento, e murmurou:

— Não é uma historia, é um enigma...

...O coração batia-lhe, como se quizesse partir-se...

Teria ella surprehendido o segredo d'ambos? Experimentava ella, com aquellas reticencias perfidas, perturbal-a, arrancar-lhe confissões involuntarias, como um juiz que préga o falso para saber o verdadeiro? Desconfiava ella de alguma cousa? Iria ella ataca-la a fundo, e fazer lhe commetter alguma imprudencia irreparavel? Saberla ella que M. de Laumières era seu amante, que, na vespera ainda, louca de amor, perdida, sem poder resistir mais, havia cedido ás suas supplicas ardentes, que elle só tinha sahido ao romper do dia, febril d'essa primeira noite de delicias?

...O seu amor d'elles, tão terno, tão bello, que elles tinham preservado das curiosidades importunas, rodeado como d'uma barreira impenetravel, — que era semelhante a um jardim de fadas rodeado de altos muros, — quasi no termo das provações, no momento em que chegavam ao porto, em que mais nada os separava um do outro, iria encalhar em tagarellices e maledicencias de mulheres, tornar-se-hia uma especie de escandalo, como os que por ahi se desfolham ás duzias? E essa prova suprema de ternura,

que ella tinha dado a André, esse abandono de todo o seu ser, de todo o seu orgulho, de que não estava arrependida com certeza, que não tinha sido nem uma surpresa dos sentidos, nem um accesso de loucura, assim desnaturada, commentada, seria reduzida ás proporções da mais vulgar aventura?

... Sentiu mais que nunca quanto lhe pertencia e quanto o adorava n'essa onda de pensamentos que bruscamente lhe embateu no cerebro, na angustia que a torturou intensa...

... Ouvia-se a orchestra do Casino, os violinos que tocavam uma valsa, e o ruido monotono do mar, muito suave, muito remoto, vago como o hálito de uma mulher que dorme...

... Madame de Luxille abanava-se com o leque, um pouco nervosa, e o seu sorriso tomava um tom de satisfação e de triumpho...

... Articulou, palavra a palavra, lentamente, e ainda com uma especie de incerteza no olhar ironico:

— O quê? é verdade isso? não sabe?

— Não sei nada, absolutamente nada...

— Que M. de Laumières tem uma amante legitima, o que estes senhores chamam entre si um velho conchego, e isso já ha annos e annos.

... Renata crispou as mãos ambas nos braços do seu cadeirão de verga, — com tal força que elle rangeu, — e desdenhosa, quasi que encolhendo os hombros, e agora tranquillizada, interrompeu-o:

— Então a sua unica alegria é dizer mal de toda a gente, calumniar pelo unico prazer de calumniar?

— Eu não calumnio ninguem, minha querida; e a M. de Laumières menos que a nenhum outro, continuou Madame de Luxille, com um mau olhar, — e estou de tal modo segura do que affirmo, que poderia quasi precisar as datas... O reverendo occultou-lhe esse segredo, como o occultou a todos os amigos d'elle... Ha aventuras de que ninguem,

se gaba, sobretudo quando se anda no mundo, e se ama o fructo prohibido... Naturalmente está com vontade de me perguntar, como é que sou eu só, inteiramente só, a saber taes cousas. Pois não sabe, que eu sei sempre tudo, e que eu sou capaz de ser o mais habil de todos os feitos de policia?... E de mais, não ha nada mais simples, é o caso mais banal do mundo... Quando M. de Laumières era alferes não sei onde, n'uma prefeitura da Lorena, raptou a mulher de um pequeno funcionario, no momento em que foi obrigado a mudar de guarnição... Aquella era a sua primeira mulher casada, amava-a perdidamente, e preferiu leval-a na garupa do seu cavallo, a perdel-a, a deixal-a para traz... No exercito, não applaudem este genero de façanhas, e ali a virtude, ao que parece, não é uma palavra vã... O pobre apaixonado recebeu dos seus chefes intimação explicita para escolher entre as charlateiras e a amante... Naturalmente elle preferiu a amante.

Cá por mim, não o censuro, nem o approvo... Se eu tivesse nascido homem, tenho a certeza que havia de fazer dar agua pela barba a todos os maridos, e que se havia de falar de mim, como do sujeito peor em todo o mundo... Mas tudo passa e tudo vem a quebrar-se, por fim, de encontro ás realidades da vida... Em Paris, ao fim de um anno d'aquella boa vida, elle acabou por comprehender que tinha feito caminho errado, e conservou-a, mas como se conserva um velho movel inutil e embaraçoso, com a religião da lembrança, a tarefa do dever, que é preciso cumprir até ao fim, se se é um homem de bem. A nota afflictiva da historia, o ponto negro, é que a mulher o ama como no primeiro dia, como um cão ama o dono, e que soffre um verdadeiro supplicio sentindo-se assim abandonada, desprezada... Se ficam um com o outro, hão de ter uma bonita velhice... E ahi tem o motivo de sua filha ser muda, o motivo d'esse pobre Laumières ter sempre o ar de quem volta de um enterro, e de procu-

rar moralisar as massas e as doídivanas como eu... E' procurar a mulher!

... Madame de Pardeilhac não a tinha interrompido, distrahida na apparencia, como quando se escuta um trecho fastidioso, n'um concerto. No fim de tudo, que lhe importava a ella toda aquella grasnada de pata ciosa, aquelles disparates sem rima nem razão, aquellas mentiras que não tinham outro fim senão acirral-a, arrancar-lhe alguma palavra imprudente, alguma confissão brusca, que depois não fosse possível reparar?

... André seria capaz de ter procedido com tão pouca franqueza? Não se teria elle atraído mais de vinte vezes, se tivesse no coração o peso de tal segredo, quando, tão provocantemente, como uma mãe inquieta, ella o interrogava por meias palavras, subtis e ternas?

... E vencendo-se, para sorrir ainda, para dissimular as suas angustias, exclamou:

... Se o não affirmasse tão claramente, eu não lhe dava credito... Laumières com uma velha amante... Tem graça!
E falaram d'outra cousa...

.....

(*Conclue*).

René MAIZEROT.

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Continuação)

Na manhã seguinte, 20 de dezembro, o canhão dos Invalidos atrou os ares quasi ao romper do dia, para annunciar o regresso do imperador.

Emquanto Napoleão começava a experimentar em França, que o povo não conserva por muito tempo a lembrança do que fazem por elle, os russos entoavam bem alto o seu canto de victoria. O povo da Russia disse então vulgarmente que não tinha sido o general Kutusow que destruiu o exercito francez: — tinha sido o general Morosow (a geada.)

As noticias que recebiamos da Russia serviam apenas para dar ao futuro uma côr ainda mais sombria! Murat abandonara o exercito que o imperador lhe havia confiado. As necessidades do seu reino chamavam-o lá, dizia elle.

A cavallaria estava totalmente destruida; a artilheria já não apresentava no seu material nada que pudesse merecer este nome; era a reunião de todos os nossos desastres. Essa multidão pallida e quasi moribunda não pedia aos seus chefes senão que a deixasse tornar a vêr a França, para morrer ahi, e não sobre uma estrada coberta de

neve e de gelo, onde os desgraçados expiravam de miseria, depois de serem atravessados pelas lanças dos cossacos.

Murat entregara nas mãos do príncipe Eugenio esses tristes despojos do mais bello exercito do mundo. Que effeito que estas noticias produziam, meu Deus !

O anno de 1813 começára com os mais tristes auspicios ; os desastres do exercito da Russia pareciam attrahir outros.

A nossa posição em Hespanha era tão singular, n'essa época, que um dos meus amigos escrevia-me :

«Os hespanhoes serão vencidos, talvez até se possa destruil-os, mas conquistal-os, subjugal-os, nunca. Nas montanhas de Soria, e dos lados de Zamora, foram desarmados ; tiraram-lhes todas as espingardas ; elles forneceram-se de munições em menos de oito dias ; estabeleceram forjas nas montanhas ; forjaram chuços e sabres, fundiram balas com chumbo que foram buscar não sei onde. Todas as armas lhes servem. Se não tivessem ferro, achariam um meio de fazer machados de pedra e canhões de madeira, com os quaes nos matariam. O assassinio pôde ser executado de tantas maneiras ! No emtanto, lembre-se, de que, quanto mais cruel, mais popular ha de ser.»

Ai ! enquanto nós lamentavamos o que se passava em Hespanha, o norte cobria-se de nuvens de onde devia partir o raio que ia fulminar-nos !

N'essa época realisou-se a viagem do imperador e da imperatriz para Fontainebleau, onde estava o papa Pio VII havia alguns mezes, depois de soffrer uma especie de captivo em Savona. O seu procedimento em Fontainebleau foi admiravel ; o de um apostolo, do verdadeiro Vigario de Jesus Christo. Quando se aproximou d'elle, a imperatriz ajoelhou e pediu-lhe a benção, que o santo padre lhe deu como se ella fosse sua filha.

Prevenido, afinal, do perigo que nos ameaçava, pelo to-

que de alarme que as potencias europeas faziam ouvir de todos os lados, Napoleão reuniu em torno d'elle as forças d'esta França que nunca está exausta de sangue e de riquezas, quando é preciso dar um ou outros para defender a sua gloria e a sua honra. Á proclamação de Alexandre, convidando os allemães a saccudir o jugo da França, responde com um discurso no corpo legislativo.

— Desejo a paz, diz Napoleão, é necessaria para todo o mundo. Depois do tratado de Amiens, propul-a quatro vezes solememente; mas não admitto senão uma paz honrosa e em conformidade com a grandeza do meu imperio.

Afinal, no dia 1 de março, a sexta liga continental contra a França é proclamada na Europa. E, sósinha, pela sexta vez tambem, a França encara os inimigos com altivez. O tratado de alliança entre a Prussia e a Russia é assignado em Kalisch. Ao mesmo tempo, a Inglaterra e a Suecia assignam tambem um tratado para destruirem o inimigo commum.

Censurou-se á França ter abandonado a causa de Napoleão em 1814. Talvez n'essa época se sentisse, com effeito, um desalento que influiu no procedimento dos francezes; mas, o que posso affirmar, é que em 1813, o entusiasmo nacional era admiravel, e lembrava-me o que eu tinha visto em creança, no principio da revolução, isto é, em 1794 e 1795. A patria estava outra vez em perigo; Napoleão dizia-o eom a sua voz poderosa, a França escutava-o. Os revezes da retirada da Russia eram terriveis, de certo; mas, era tal o amor que tinham a esse homem, que não se ouyia nenhuma censura do povo.

A França tornou-se um acampamento; as cidades foram transformadas em arsenaes. O imperador, infatigavel, activava tudo com esse espirito creador e vivificante que nos restituira a existencia desde que nos tinhamos dado a elle. Talvez Napoleão tivesse provocado a deserção da Prussia recusando collocar o seu rei como intermediario entre os dois imperadores. Não era porque o rei da Prussia nos ti-

vesse mais afeição do que anteriormente, depois das nossas guerras com a Russia; mas fôra tão completamente esmagado, que queria impedir outra victoria como a de Friedland e outra derrota como a ultima campanha de Moscou.

Quando soube que o rei da Prussia estava em Breslaw, Napoleão sorriu com essa expressão que lhe conheciamos bem, e que fazia presumir tudo o que elle sentia.

— Não gosto da Prussia; foi-me pessoalmente desleal e sem fé, e, foi sempre uma alliada perfida para a minha patria.

Foi de Breslaw que partiram esses editos chamando ás armas toda a mocidade combatente da Prussia. Antes de decorrerem trinta dias, já 140:000 soldados, possuidos do mesmo ardor militar que tinhamos visto a nossos paes e a nossos irmãos em 1792, estavam promptos para resistirem a Napoleão, não como lena, d'essa vez, mas de sabre nos dentes, pistola em punho e a raiva no coração; esperavam-o na fronteira, resolvidos já a deixarem-a para virem atacar a nossa. Estes armamentos faziam-se todos em silencio e na sombra. O grande golpe d'Estado europeu combinava-se mysteriosamente. O gabinete de Saint-James, com a mesma politica que, em 1782, o levava a receber os exilados de Genebra para os reenviarem, em seguida, como meio de discordia e de agitação, adoptou ainda o mesmo systema. Bernadotte e a Russia, a Prussia e a Austria, submetteram-se á Inglaterra. M. de Stakelberg e sir Horacio Walpole dirigiram-se a Vienna com uma missão secreta da maior importancia, um para a Russia e o outro para a Inglaterra. M. de Lebzelter, filho dos nossos amigos de Lisboa, um dos homens mais habéis que possui a Austria, foi enviado a Wilna para ahí conferenciar com o conde de Nesselro de, e M. de Humboldt procedia em Vienna de accordo com M. de Stakelberg e sir Horacio Walpole. Fouché e M. de Talleyrand não eram extranhos a todos estes negocios.

Havia já algum tempo que o imperador nutria suspeitas muito violentas contra M. de Talleyrand.

No entanto, é positivo que a Europa estava em completo desinteresse da casa de Bourbon.

Todos os dias eu ouvia conversações ácerca dos perigos que corria a França, e nunca se indicava como meio de salvação o regresso dos Bourbons, trazidos pelos alliados. Foi então que appareceu a celebre proclamação de Luiz XVIII, a qual foi lançada nas costas da Normandia e da Bretanha, pelos corsarios inglezes. Não posso descrever o espanto que isso causou em França, Em Paris sobre tudo!

A Inglaterra estava afflicta. O systema continental era, effectivamente, o melhor meio de atacal-a. A Inglaterra, vendo formar-se um exercito de 250:000 homens, á voz de Napoleão, verificou, tremendo, que elle teria recursos eternos no amor da nação. O conde de Lille, retirado em Hartwell, foi convidado a empregar todos os meios que podiam reabrir-lhe as portas de França, com a certeza de ser protegido pela Inglaterra.

Foi então que appareceu a proclamação d'Hartwell. Napoleão via erguer-se de repente na sua presença um inimigo desconhecido, mas cujo direito não o era. Á vista d'esse documento, Junot disse estas palavras memoraveis:

— O imperador deve sentir uma impressão muito viva com este appello feito pelo herdeiro de S. Luiz e de Henrique IV. Estes nomes tem accentos magicos que vibram no coração dos francezes.

Soube, por todos os que rodeavam intimamente Napoleão, que essa proclamação d'Hartwell commoveu mais a sua grande alma do que os revezes da Russia.

O imperador sahira de Paris no dia 15 de abril. No dia 17 chegou a Moguncia, e no dia 25 a Erfurt, de onde se reuniu ao seu quartel general, falando sempre no caminho aos soldados, tão electrizados pelas suas palavras que, não obstante serem quasi creanças, estavam bem decididos a deixarem-se matar pelo imperador e pela patria.

Essa bella mocidade, ardente e resoluta, foi digna das esperanças que n'ella depositaram. Foi no dia 20 de abril, no combate de Weissenfeld, que aprendeu a conhecer o rugir do canhão. E, comtudo, a nossa vanguarda, toda a infantaria, porque já não tínhamos cavallaria depois dos desastres de Moscou, derrubou com a sua impetuosidade a vanguarda russa, quasi toda a cavallaria.

Foi o marechal Ney que conduziu ao combate essa mocidade bellicosa. O inimigo evacuara a margem esquerda do Saale, e era um prelude muito vantajoso para nós. Em Paris havia mappas com pequenas caravelhas de diversas côres, designando as potencias, e seguia-se a marcha do exercito com um interesse que eu nunca tinha visto em mulheres.

Havia encarniçamento de ambos os lados, e a mais leve escaramuça era renhida e sanguinolenta.

O general Witsgenstein estava encarregado de defender os desfiladeiros de Poserna, que Napoleão quiz tomar; era na vespera da batalha de Lutzen.

Bessières foi escolhido por Napoleão para essa missão perigosa.

No dia 1.º de maio, vendo esses desfiladeiros tão bem protegidos e sabendo como era importante para o exercito francez apoderar-se d'elles, desceu do cavallo á entrada do desfiladeiro de Rippach, e, de espada na mão, arrastou os caçadores, animando-os com a palavra e o exemplo. As montanhas foram tomadas, o inimigo derrotado e o desfiladeiro ficou em nosso poder. Foi n'esse momento que Bessières recebeu uma bala no peito, que o derrubou antes que elle tivesse tempo de sentir o encanto glorioso d'essa morte tão bella!

Ao principio, os seus ajudantes de campo, e todos que o rodeavam, occultaram a sua morte ao exercito. Cobriram-lhe o corpo com um capote, e o imperador foi o unico que teve conhecimento d'essa desgraça; ficou aniquilado! Como soberano e como amigo. Era uma perda im-

mensa para Napoleão. Bessières, em Waterloo, em vez de... mas silencio.

O exercito ignorou a sua morte até ao dia seguinte. Era preciso uma victoria para compensar semelhante desgraça. Napoleão escreveu n'essa mesma noute á senhora duqueza d'Istria: «Seu marido acaba de morrer pela França; e terminou sem dôr a mais nobre das existencias.»

Bessières tinha apenas quarenta e cinco annos! A sua physionomia era agradavel, o seu sorriso fino, mas, sobre tudo, de uma meiguice extrema. Era de estatura elevada, esbelta, elegante, principalmente com o uniforme de coronel dos batedores da guarda, que commandou por muito tempo. Não quiz nunca deixar de usar o cabello crescido e empoado.

A esse respeito foi até mais teimoso que Lannes e que Augereau.

Emquanto ás qualidades de coração, á sua bella alma, existe de Bessières um grande numero de factos que fazem d'elle um homem em quem a França deve ter orgulho.

O imperador ficou muito impressionado com essa morte.

No dia seguinte á batalha de Lutzen, atravessava as fileiras de um regimento da guarda, de cabeça baixa, com as mãos cruzadas atraz das costas, e aspecto abatido; um granadeiro quiz dar-lhe uma petição.

— Deixa, disse-lhe um dos velhos rabujentos, não vês como elle vae triste? Perdeu um dos seus filhos!

Essa batalha de Lutzen é um dos mais bellos feitos militares de Napoleão.

— E' uma batalha do Egypto, dissera elle chegando ao terreno. Infantaria e artilheria; nada de cavallaria! Meus senhores, teremos de arriscar as nossas pessoas.

Na maior força do combate, viu-se Napoleão pôr pé em terra e, como elle tinha dito, arriscar a sua pessoa. E ora aos gritos de: — Viva o imperador! que baterias inteiras eram passadas á baioneta.

N'esse tempo succedeu um factó que, só por si, não é nada, mas que, no emtanto, merece ser contado.

Napoleão tinha uma conferencia com o conde de Metternich. Essa conferencia era violenta e o imperador, em taes occasiões, era pouco senhor de si; M. de Metternich, sempre perfeitamente correcto, conservava todo o sangue frio. Napoleão passeava com rapidez, obrigando M. de Metternich a segui-lo, mas não podendo fazer-lhe acelerar o passo. Esse sangue frio que parecia desañal-o augmentou-lhe a colera.

Avançou para M. de Metternich e falou-lhe em voz ainda mais alta. No mesmo instante, a sua pequena mão bateu no chapeu que M. de Metternich segurava, e, como este estava longe de prever o abalo, o chapeu cahiu no chão.

Napoleão viu-o immediatamente; o seu olhar rapido seguiu o chapeu na queda. M. de Metternich continuou o passeio com a mesma serenidade, sem parecer que reparara em tal.

Esta circumstancia influiu evidentemente no espirito e nas disposições de Napoleão. Estava preocupado, olhava para o maldito chapeu todas as vezes que passava junto d'elle.

— Como fará elle isto? pensava M. de Metternich, porque estava resolvido a não levantar o chapeu, ainda que tivesse de sahir em cabello. Afinal, á terceira vez, o imperador arranjou as cousas de maneira que passou mesmo rente ao chapeu, afim de que este lhe estorvasse a passagem. Empurrou-o então levemente com o pé, apanhou-o, e atirou-o com indifferença para cima da cadeira mais proxima. Parece que, n'essa circumstancia, se portou com toda a habilidade e todo o respeito que sabia empregar no que queria fazer bem feito.

Emquanto ao principe de Metternich, a sua attitude foi nobre e digna, como é sempre.

Emquanto o exercito da Allemanha tratava de resistir aos Russos, entre a França e a Austria reinavam as communições mais activas.

Uma cousa que eu nunca pude comprehender bem, foi o motivo porque Napoleão desposou Maria Luiza. Não gostava da Austria, cuja força conhecia, visto que a destruiu tres vezes em nove annos. Esse casamento austriaco, na politica de Napoleão, faz-me lembrar aquelle enigma chinês em que ha uma peça que nunca tem logar. Elle accetara a intervenção armada da Austria, mas não acreditava nas suas promessas. Eis uma prova bem evidente. Enviaram-lhe M. de Bubna a Dresde. Napoleão tornou a envial-o a seu sogro, com instrucções e novas propostas, e, ao mesmo tempo, mandava pedir aos postos avançados russos a admissão do duque de Vicenza junto do imperador Alexandre. Mas este, que, n'essa occasião estava á frente de um exercito de cento e noventa mil homens, e n'uma posição magnifica, addiou a resposta para depois da batalha que se preparava. Essa batalha era a de Bautzen.

Isto passava-se no dia 21 de maio, e a batalha de Lutzen realisou-se no dia 2!

-- Esta noute, ás tres horas, estaremos vencedores, dissera o imperador no dia 2 de maio.

A victoria de Bautzen tambem foi precedida do mesmo vaticinio.

As margens do Sprée viram de novo as nossas aguias triumphantes. Mas a falta de cavallaria detinha as nossas tropas. No meio da victoria foi necessario renunciar a resultados immensos, porque não era possivel alcançar a cavallaria russa, a qual, sem se atrever a aproximar-se de nós, corria pelas montanhas afim de saquear as herdades.

Entretanto, estavamos nós em Paris, esperando noticias com extrema impaciencia. Com Maria Luiza as cousas não se passavam como com a boa Josephina, que sabia prevenir as nossas inquietações. Esta, toda etiqueta, não permitia que ninguem se aproximasse d'ella, a não ser a duqueza de Montebello. Almoçar, fazer um signal de cabeça ao filho, montar a cavallo, bordar, comer leite creme, tocar piano melhor ou peor, tagarellar de maneira muito pou-

co real ácerca do viver intimo de nós todas: eis no que a imperatriz se entretinha depois das questões de Dresde, quando sabia que seu pae e seu marido tinham quebrado todos os laços que os uniam. N'esse tempo correu uma historia que tem bastante voga. Não sei se é exacta.

Conversando um dia com o imperador e falando-lhe em seu pae, como Napoleão estava descontente com elle, respondeu-lhe com mau modo. Maria Luiza, muito admirada por essa aspereza de Napoleão, que lhe falava sempre com ternura, insistiu e continuou a falar em seu pae; o imperador sahio do quarto, atirando a porta com estrondo, e disse á imperatriz:

— Teu pae é um basbaque!

A imperatriz Maria Luiza não aprendera o que taes palavras queriam dizer. Poz-se, portanto, a repetir a palavra basbaque, com medo que lhe esquecesse, até encontrarem a duqueza de Montebello.

-- Querida duqueza, disse ella, explique-me o que significa una palavra que o imperador me disse agora, falando do imperador meu pae: chamou-lhe basbaque!

A duqueza de Montebello ficou muito embaraçada. Esta phrase solemne: O imperador meu pae! detinha a resposta que ia a dar-lhe. Comtudo, receando que outra menos timorata traduzisse grosseiramente o epitheto, respondeu:

— Minha senhora, isso quer dizer: um bom e honrado homem.

Algum tempo depois, a imperatriz é nomeada regente, com um conselho presidido pelo principe archi-chancellor. Querendo dizer uma phrase agradavel ao principe, que estava sentado ao seu lado:

— Senhor archi-chancellor, disse ella sorrindo, espero que, auxiliada por um basbaque como o senhor, não farei cousa alguma que o imperador não approve.

Paris estava deserto. As mulheres que tinham os maridos ausentes, partiam para as suas propriedades no campo, ou para as estações d'aguas, e só ficavam as que tinham,

como eu, uma razão para isso : a falta de saude.

Todas as noites havia reunião em minha casa. Conversava-se, fazia-se musica, jogava-se o bilhar, desenhava-se, n'uma mesa coberta de albuns, de pinceis e de tintas, borborejava-se, até, porque havia bastidores; e depois, a bibliotheca era contigua ao bilhar, e os que queriam lêr ou examinar bellas edições, podiam satisfazer o seu desejo facilmente. A' meia noite servia-se o chá, e quasi sempre com o chá vinha um pastel de Strasburgo, um guisado de Noirac ou alguma ave fria, e ceavamos. Era o melhor momento do dia.

Uma noite, o bom Lavalette entrou em minha casa; vinha com um ar sombrio, quasi feroz.

— O que tem? disse-lhe eu. Está triste como se viesse de acompanhar um enterro.

Elle entregou-me uma carta do exercito: era de Duroc.

Abri-a; a letra era quasi inintelligivel. Escrevera-a na vespera da batalha de Bautzen.

Acabava de lêr a carta, quando, ao voltar-me para mostral-a a Lavalette, já não o vi. Disseram-me que tinha sahido n'um estado de agitação bastante singular.

No dia seguinte, ás dez horas da manhã, annunciaram-me M. de Lavalette; correndo para elle apenas o avistei:

— O que aconteceu a Junot? disse eu.

— Nada! não aconteceu nada! exclamou elle, e, sentando-se ao meu lado, pegou-me nas duas mãos. Minha excellente amiga, continuou, succedeu uma grande desgraça. Morreu Duroc!

Soltei um grito!

Elle, então, contou-me como Duroc, estando atraz do imperador a conversar com o general Kirschner, fôra morto pelo resaltar de uma bala lançada de uma distancia tal, que não se comprehende como produziu effeito.

O imperador foi vê-lo á cabana para onde o transportaram, na aldeia de Markersdorj, á entrada da qual lhe acertára o projectil. Estava deitado n'uma cama, coberto ape-

nas com um lençol e respirando a custo. Quando viu o imperador tão commovido, (tinha os olhos humidos), disse-lhe:

— Meu senhor, afaste-se, a scena que vae seguir-se seria extremamente penosa para Vossa Majestade. Recomendando-lhe a minha familia.

Duroc era um d'estes homens que a natureza raras vezes concede á sociedade. Esta não via n'elle senão um favorito sem arrogancia e conhecia-lhe unicamente o genio obsequiador. Mas aquelles a quem a sua alma foi revelada, aquelles que poderam lêr n'essa alma, quantos thesouros de bondade ineffavel ahi acharam! Dizia-me muitas vezes:

— Se soubesse quantos desgostos me dão os homens que o imperador elevou, lastimar-me-ia. Graças á minha amiga, Junot já não é injusto, mas foi-o, e de que maneira! E Marmont; esse ainda o é. Teem inveja de mim e julgam que eu a tenho dos outros.

Esta especie de hostilidade tacita em que vivia com os seus antigos camaradas, era motivo de verdadeira magua para elle.

O imperador ficou abatido com essa morte, que seguia tão de perto a de Bessières.

Entretanto, Moreau embarcára para a Europa com a vingança no coração. No dia 24 de julho chegou a Gothemburgo, e d'ahi dirigiu-se a Praga afim de vêr todos os soberanos alliados, que o esperavam com impaciencia injuriosa. Satisfeito por voltar a ferro e a fogo á presença d'aquelle de quem sempre tivera inveja, promptificou-se a dirigir as operações da campanha contra a sua patria. Na vespera da batalha de Dresde, o imperador Alexandre foi ter com elle e disse-lhe:

— Venho receber as suas ordens; sou seu ajudante de campo.

Moreau, segundo me disse um official russo addido ao imperador Alexandre, fez-se muito pallido e tremeu com

tanta violencia que se distinguiu isso perfeitamente. Sofria muito.

Sabe-se como Moreau foi ferido. O imperador Alexandre ia com elle e faziam ambos um reconhecimento em frente de Dresde. O czar obrigou Moreau a ir adiante n'uma ponte muito estreita que atravessaram. Uma bala, partindo do exercito francez, acertou em Moreau, esmigalhando-lhe o joelho direito. Depois, atravessando o cavallo, levou-lhe a barriga da perna esquerda. No exercito russo espalhou-se logo um terror profundo. O czar ficou vivamente impressionado. Emquanto a Moreau, soffria dôres extraordinarias. Os cossacos formaram á pressa uma padiola, com as lanças, e foi sobre armas inimigas que Moreau sahiu do campo de batalha! O primeiro cirurgião do imperador Alexandre amputou-lhe a perna direita. O general Moreau supportou a operação corajosamente. Depois disse ao cirurgião:

—E a esquerda, o que lhe ha de fazer?

O cirurgião respondeu que era impossivel conserval-a.

—Então, disse Moreau friamente, corte-a tambem.

E estendeu a perna. O que elle soffreu foi horrivel. O imperador Alexandre ficou extremamente afflicto com a posição dolorosa d'esse homem. Chamára-lhe seu amigo, tomára-o para conselheiro. Chorou sobre o seu leito de dôr.

O exercito alliado foi ferido com o general Moreau. Derrotado em todos os pontos, só lhe restava fugir.

— Foi então, disse-me um ajudante de campo do imperador Alexandre, que os tormentos do general Moreau fizeram pensar n'um castigo da providencia. Atormentado por uma sêde ardente, que lhe dava a illusão do deserto, chamava pela morte; afinal, no dia 1 de setembro, á noute, Deus compadeceu-se d'elle, e chamou-o a si. O seu corpo foi embalsamado em Praga e transportado para S. Petersburgo, mandando o czar que o enterrassem na egreja catholica d'esta cidade. Foi n'essa viagem silenciosa que o corpo de Moreau esteve durante um dia em Varsovia, no mesmo

quarto onde Napoleão, alguns mezes antes, estivera meditando, quando ia abandonar os campos devastados da Russia, tumulto de quatrocentos mil francezes. O imperador já não se lembrava d'aquelle rival que o odio diligenciára oppôr-lhe, durante tanto tempo, e que elle sempre quizera conquistar á força de bondade.

A morte de dois amigos tão queridos, Bessières e Ducroc, tinha causado um abalo terrivel na minha saude.

Um dia estava no meu quarto, dormitando, depois de uma noute de soffrimentos e de insomnia, quando conheci a voz de meu irmão, na casa contigua, falando em tom elevado, e no interlocutor pareceu-me distinguir o duque de Rovigo. No mesmo instante, abriu-se a porta e o duque entrou, quasi detido por Alberto.

— Venho da parte do imperador, disse elle, e todas as portas devem abrir-se ao seu nome.

Alberto precedia-o; dirigindo-se para mim, apertou as minhas mãos nas suas.

— Minha boa irmã, disse Alberto, o senhor duque traz-te uma noticia bem má; Junot acaba de ser atacado por uma grave doença.

Senti uma dôr aguda no coração e não pude dizer uma palavra; mas a angustia que me dilacerava devia estar bem patente nos meus olhos.

— Palavra de honra, não ha novidade alguma além da doença que o atacou no espaço de uma hora, quando acabava de almoçar, disse-me Alberto; socega, em nome de Junot te peço; por elle e pelos teus filhos.

Ai! quatro dias antes recebera eu uma carta de Junot, e tão boa, tão terna, tão razoavelmente boa, sobre tudo! Afinal, pude falar e, olhando para o duque de Rovigo que passeava em silencio, não cõeguei dizer mais do que estas palavras:

— Ah! senhor duque!

Elle entregou-me uma carta do imperador, a qual continha outra. Era a carta que Junot, no primeiro momento

de delirio, tinha enviado por um correio extraordinario, e que Napoleão me enviava a mim, com algumas palavras escriptas pelo seu punho.

«M.^{me} Junot, veja o que seu marido me escreve. Fiquei tristemente impressionado com a leitura d'esta carta. Por ella fará uma idéa exacta do seu estado, e tratará de remedial-o immediatamente. Parta sem um instante de demora. Junot deve estar muito perto de França.»

Deixei cahir a carta do imperador e olhei para meu irmão e para o duque de Rovigo com ar estúpido. N'esse momento era tambem um ser privado de razão.

O duque de Rovigo quebrou o silencio, dizendo-me:

— Tenho ordens do imperador a communicar-lhe.

O imperador encarregára-o de vir ter comigo, de annunciar-me a doença repentina de Junot, e de dizer-me que fosse immediatamente ao seu encontro.

Eu estava perdida n'um mar de pensamentos dilacerantes. Afinal, segui um partido que se me offereceu n'essa especie de desvairamento.

— Ouça, disse eu ao duque de Rovigo, parto amanhã á noute; é preciso esta demora para apromptar a minha caruagem e eu poder metter-me a caminho sem um perigo positivo. Irei sem parar d'aqui até Genebra. Junot preside vitaliciamente o collegio eleitoral de Leman, e eu tenho ahi alguns amigos; além d'isso, Butini é um dos medicos mais habéis da Europa. Alugando uma casa nas margens do lago, na parte mais solitaria, posso levar para ahi o meu doente e estar ao alcance de todos os soccorros possiveis. Escreva para Lyão pelo telegrapho, disse eu a Savary, e ordene que, se o duque d'Abrantes vier pelo Monte-Cenis e por consequencia, por Lyão, o dirijam immediatamente para Genebra, por Nantua. Se vier pelo Simplon, como eu hei de estar em Genebra, achar-me-hei na sua passagem e encarrego-me do resto.

Logo que o duque sahi, encostei-me ao peito do meu pobre Alberto, e chorei; porque era forçoso que chorasse ou morresse.

Sahi de Paris no dia 17 de julho, ás onze horas da noite. Andei sem parar até Genebra, apeando-me em Sécheron, em casa do bom Déjean, ás dez horas da manhã do dia 21.

Estava exhausta de fadiga, e fui descançar um instante. Butini interrogara-me, e dera-me alguma esperança, quando me entregaram uma carta com o sello de Lyão.

Essa carta era de um sobrinho de Junot, que elle tinha comsigo na qualidade de secretario.

«Minha querida tia, dizia elle, chegando a Lyão com meu tio, encontramos ahi uma ordem telegraphica do sr. duque de Rovigo para conduzir o enfermo a Genebra; o official que o acompanha decidiu não seguir essa ordem, e, como o estado de saude de meu tio o colloca na impossibilidade de decidir cousa alguma, partimos para Montbard onde a minha tia pôde vir ter com elle e onde terei o maior gosto em vê-la.

«Seu sobrinho obediente e dedicado.

— «*Carlos Maldan.*»

N'esse instante vi todas as desgraças que iam resultar d'essa fraqueza de um homem que tão mal comprehendera a bella missão que devia desempenhar junto do infeliz duque. Vi o meu pobre amigo chegar a casa de seu pae, causando talvez a morte do desgraçado velho a quem eu occultara, por compaixão, o estado do filho.

Fechei os olhos e atirei-me para cima da cama n'um estado que eu esperava ser bastante violento para pôr termo a uma existencia tão agitada; e, n'esse tempo, tinha apenas vinte e sete annos!

Quiz partir sem demora.

Alberto deu ordens para que tudo estivesse prompto ás quatro horas da manhã; tantos abalos, porém, tinham-me prostrado.

— Ouve, disse-lhe eu, não posso ir, mas morro se tu ficas aqui; parte para Montbard e manda-me noticias.

Alberto partiu e chegou a Montbard n'essa mesma noite.

Não posso falar nas scenas terriveis que se succederam ahi durante as horas que seguiram a chegada de Junot. Quando Alberto lá chegou já não havia remedio. Alberto installou-se á cabeceira do leito do seu cunhado e não o deixou até ao momento em que terminaram essas scenas deploraveis.

Foi no dia 29 de julho, ás quatro horas da tarde.

Antes de sahir de Montbard para vir ter comigo, Alberto escreveu ao imperador annunciando-lhe a perda que acabava de ferir-nos. Era uma desgraça bem grande para Napoleão, a perda de um amigo como Junot, nas circumstancias em que elle se achava, e, sobre tudo, depois da morte de Bessières e de Duroc!

O imperador estava em Dresde, e o armisticio ainda durava.

Quando lhe entregaram o despacho de Alberto, rasgou o sobrescripto e, segurando-o com a mão esquerda depois de ter lido as primeiras linhas, bateu na testa com força; n'esse movimento deixou cahir o telegramina; apanhou-o com a rapidez de um relampago, e exclamou, mas n'um tom dilacerante:

— Junot!... Junot!... Oh! meu Deus!...

E uniu as mãos com tal violencia, que amarrotou o despacho: Junot! repetia elle com essa expressão que vinha do intimo da alma, e que indicava uma dôr verdadeira. Depois accrescentou, com voz alterada:

— Mais um dos meus valentes que perco! Junot! Oh! meu Deus!

Segundo disse uma testemunha ocular d'esta scena, pa-

recia dominado por uma commoção profunda; caminhava com uma irregularidade que impressionava todos que o rodeavam. Falava em voz baixa, sem que se podesse ouvir o que elle dizia; mas a expressão dos olhos e da physionomia revelava que essas palavras vinham do coração. Este estado durou mais de um quarto d' hora; abanou a cabeça suspirando; depois disse, em voz alta:

— Já não tenho ninguem na Illyria; é preciso mandar alguém para lá. Quem? Escrevam ao duque d'Otranto dizendo-lhe que o mando dirigir-se a Dresde com a maior brevidade possível.

As noticias de Hespanha eram bastante assustadoras. Eu desejava ardentemente que o imperador abrisse os olhos e tomasse uma resolução prudente e bem necessaria em vista do perigo que nos ameaçava por todos os lados. Mas, longe d'isso, sustentou sempre a guerra na Peninsula e contentou-se em mandar para lá o marechal Sault; ao mesmo tempo, mandou retirar doze mil homens da guarda e perto de quarenta mil homens de tropas antigas. O resultado d'essa manobra de soldados retirados da Peninsula, foi mandar vir o marechal Suchet de Valença sobre o Ebro. Entretanto, assignavamos um tratado de alliança e de garantia reciproca com a Dinamarca, e realisava-se a abertura do congresso de Praga.

Foi ali que se resolveram os destinos da Europa e que o imperador Napoleão foi vencido na partida que jogava contra todos os reis.

As tres potencias do Norte tinham que retirar-se se a Austria se unisse á França; d'essa união dependia toda a força de Napoleão.

Foram-se demorando as cousas sem se dar resposta positiva, e, no dia 20 de agosto, Napoleão tinha conhecimento da junção das tropas austriacas com as dos alliaados. O principe de Schwartzemberg foi nomeado generalissimo de todos os exercitos da liga.

Napoleão era ainda o mesmo homem: prestigioso e phan-

tastico, á frente do seu exercito. No dia 20, a Austria abandonava-o, no dia 21 tomava elle a offensiva e derrotava Blucher. É prevenido do levantamento dos alliados em Dresde, e corre, é o termo proprio, em auxilio de Dresde. Chega ahi sósinho no dia 26, ás nove horas da manhã. Nos arredores combatia-se. Em vez de esperar o ataque, ordena-o. Os prussianos e os russos, aturdidos pela impetuosidade do movimento, são repellidos a uma distancia fabulosa.

N'essa mesma noite, entrou Napoleão em Dresde. Combatia n'esse dia como um tenente, de espada na mão, sempre á frente, e mostrando o caminho da morte com tanta indifferença como o da gloria.

No dia seguinte, levanta-se antes do amanhecer, depois de dormir duas horas. Colloca-se á frente do seu exercito composto unicamente de cento e dez mil homens; vae no centro, com o rei de Napoles á direita, o principe da Moscowa á esquerda, e ataca cento e noventa mil inimigos. Pega no oculo e olha para a frente. Napoleão improvisa ao mesmo tempo o plano e a victoria. Rapido como o pensamento, o ataque é ordenado, executado e victorioso. Dezesete mil homens prisioneiros; quatorze mil mortos ou feridos, nos quaes a justiça da sorte incluiu Moreau, são o resultado d'essa brilhante e bem dirigida batalha!

Como já disse, foi em setenta e duas horas que Napoleão passou de Goldberg a Dresde (ha quarenta leguas que as tropas percorreram sem distribuição.) Estava senhor de Dresde. Alexandre fugia; mas, entretanto, o destino tirava a sua desforra terrivel no marechal Macdonald, Blucher expulsava-o da Silesia; o marechal Davoust abandonava Schwerin, o general Vandamme era feito prisioneiro nas montanhas da Bohemia, com dez mil homens; o marechal Oudinot era derrotado pelo seu antigo irmão d'armas, Bernadotte, o que salvava Berlim, onde o imperador estava tão certo de chegar, que já estavam preparados os decretos, datados d'esta cidade.

Ao mesmo tempo, lord Weillington passava o Bidassoa e entrava em França!

Havia uma alliança, que, se fosse facil, podia conservar o imperador na Allemanha; era a da Baviera; mas no dia 15 de outubro, o exercito bavaro reunia-se ao exercito austriaco, em Brannan.

Era ahi que Maria Luiza, a filha querida da Austria, tinha sido entregue á França.

Não tardou que circulassem em Paris as noticias mais sinistras. Um dia, Lavalette mandou-me pedir para almoçar em minha casa.

— Meu Deus! disse elle quando entrou, como Junot é feliz por já não existir! Estamos perdidos! Amanhã todos saberão, em Paris, os desastres da batalha de Leipzig. O imperador soffreu uma grande perda, assim como o exercito, e a Polonia, sobre tudo; morreu o principe José Poniatowski.

No dia 2 de novembro, o exercito francez tornou a passar o Rheno!

O imperador chegara a Moguncia no dia 3 de novembro. Era a segunda vez que regressava ao seu imperio como fugitivo. Partiu immediatamente de Moguncia em direcção a Saint-Cloud. A sua viagem foi tão rapida que, tendo sahido de Moguncia no dia 8 de novembro, estava em Saint-Cloud no dia 9!

O dia 1.º de janeiro de 1814 viu, pela ultima vez, cercado de homenagens, aquelle que a fortuna abandonava. A côrte nas Telharias foi numerosa.

Depois de chegarem todos, o imperador sahiu dos seus aposentos; estava tranquillo, sério, mas a fronte assombreava-se-lhe a miudo. Dirigindo áquella multidão um olhar profundo e terrivel na sua eloquencia, fala, e as suas palavras são um improvisado violento dictado por uma alma ferida.

N'esse mesmo dia, o meu valente amigo Rapp era obrigado a deixar os russos apoderarem-se de Dantzic, depois

de uma resistencia heroica, e por meio de uma traição cobarde e perfida!

Durante esse tempo, o inimigo occupava Langres, Dijou, Chalons, Nancy, Vancouleurs, e parecia dever chegar sem demora a Paris; Blucher installava-se em Saint-Dizier e em Joinville.

Sabendo que os austriacos occupavam Bar-sur-Aube, o imperador resolveu-se a deixar Paris.

Não sou bastante competente para avaliar o merito de que o imperador deu provas n'essa batalha de Champagne; mas ouvi dizer que o seu genio militar nunca tinha sido tão brilhante. Apenas chegou, reapossou-se de Saint-Dizier, e logo em seguida, realisava-se o combate de Brienne! Como elle deve ter soffrido, combatendo, para conservar uma corôa, defronte das paredes d'essa antiga escola onde, em creança, era feliz! Na escola de Brienne tambem havia combates, mas, n'esse tempo, eram innocentes como a sua idade. Os soldados eram os seus companheiros; as munições, bolas de neve, e o resgate dos prisioneiros, alguma fructa, ou então um livro ou uma estampa. Ouvi muitas vezes o imperador contar os seus divertimentos de Brienne e descrevel-os como eu acabo de fazel-o. Ria com alegria ingenua, e lembro-me de que, entre outras recordações, nos contou esta: que um dos maiores prazeres da sua vida foi quando os seus camaradas, um dia, o nomearam para commandar e dirigir o ataque do forte de neve que elles tinham construido e que atacavam com bolas de neve.

Falava muitas vezes na felicidade que n'esse tempo gozava, apesar da sua tristeza habitual. Foi ahi que travou relações de amizade com Bourrienne.

A essa batalha de Brienne seguiram-se muitas outras.

Os tres exercitos inimigos avançavam sobre Paris. O imperador dava batalhas, que ganhava com o mais extraordinario dos talentos. Mas, em resumo, a França estava inundada de inimigos; entravam por todos os lados e dirigiam-se a Paris, que tremia!

Depois do combate de Saint-Dizier, o imperador quiz fazer uma diversão, attrahir todo o exercito inimigo, dar uma batalha decisiva e livrar assim Paris.

Aqui devo citar um factó especial, digno de ser indicado em memorias contemporaneas. Nos fins de fevereiro, depois da batalha de Montereau, o general Boyer teve um brilhante e glorioso combate em Mery-sur-Seine, contra o corpo de Saken! O dia d'esse combate era terça feira gorda; os nossos soldados, que sempre teem vontade de rir, acharam mascaras n'uma loja; pozeram-as e combateram mascarados!

Ainsi qu'au bal, ils courent aux batailles,

disse um dos nossos poetas, falando dos francezes. E, realmente, elles dão provas de que vão para o combate como para a dança.

O imperador Napoleão, depois de ter reclamado durante muito tempo, as bases do tratado proposto em Francfort, mandou apresentar pelo duque de Vicenza um contra-projecto dizendo que Napoleão consentia em ficar sendo soberano de uma França, circumscripta nos seus antigos limites, com a Saboya, Nice e ilha d'Elba.

Os alliados regeitaram todas estas propostas e conservaram-se fieis ao que tinham dito em Chaumont, no dia 1.º de março, no seu tratado offensivo e defensivo.

Foi no dia 19 de março que se deu esta resposta definitiva. Travaram-se então os combates d'Arcis-sur-Aube, e ahí como sempre, Napoleão é grande como um deus!

Não se limitou a expor-se como soldado, n'esses dois dias; deu tambem provas de uma coragem bem rara n'um momento em que o seu espirito estava tão perturbado!

A artilheria inimiga dava uma descarga terrivel! N'esse momento chegava um corpo, a velha guarda. Quando chegava ao terreno o fogo inimigo redobrou, e uma granada foi cahir á borda de um dos quadrados. Apesar da coragem

experimentada d'esses bandos de soldados cobertos de cicatrizes e valentes pelo coração e pela vontade, a granada occasionou um movimento nas fileiras. Napoleão lança o cavallo a galope e vae collocar-se á beira do quadrado, defronte da granada; obriga o animal a farejar de perto a espoleta ardente, afaga-o com a mão pequenina, e sorri para os seus bravos:

— Então, o que é? diz-lhes elle... o que teem? é por causa d'isto?

A granada rebenta! o imperador e o cavallo não recebem nenhum ferimento, e mais ninguem é ferido! Ahi está como Napoleão dirigia os homens!

Ao mesmo tempo, Fernando VII entrava no seu reino da Hespanha.

O imperador já não tem alliados. Murat, que o abandonou, torna-se aliado de Fernando IV! As suas bandeiras marcham a par ao encontro dos francezes!

O grande movel de tudo o que então se realisou, era M. de Talleyrand, que o imperador devia mandar para a torre de Vincennes, guardado por bons ferrolhos, por detraz dos quaes todas as suas intrigas seriam inuteis. Não foi o bairro de S. Germano que fez a restauração; os realistas tinham partidos muito activos em Paris; mas esses arsenaes obscuros serviram unicamente para fabricar as armas que feriram o imperador. Foi M. de Talleyraud que os dirigiu: coseu aos chapéus os laços de fita branca já feitos. Eis o que ha de tornar o seu nome celebre. Perguntem o que elle fez, os tratados que impoz ao estrangeiro. as provincias que ganhou para a França. Foi um homem de espirito, disse phrases deliciosas, mas, quando se chega ao resultado, não se encontra nada além d'esse espirito. É uma tela pintada, por detraz da qual nada existe até ao dia 30 de março. N'esse dia torna-se alguma cousa contra a França.

O perigo augmentava de dia para dia. O imperador a cada instante era informado de novas deserções. Os cons-

criptos refractarios e os descontentes multiplicavam-se. Já não se podia recrutar nem administrar; acabavam-se as contribuições e o dinheiro! Illudido em Saint-Dizier por aquelle corpo de cavallaria de Wintzinperode, que tomou pela vanguarda do exercito, Napoleão, desesperado, depois de o ter destruido, não achando nada atraz d'elle, viu que tinha sido trahido ou cruelmente enganado. Vê então a perda de Paris, a sua! a da França! Decide-se a executar um movimento retrogrado, para traz da floresta de Fontainebleau.

Os inglezes chegam pela Guyana, os austriacos pelo Lyonnéz, o Bourbonnez e a Borgonha. Champagne era o theatro da guerra, assim como o Este e Flandres!

No dia 28, depois de um conselho de regencia presidido pela imperatriz, resolveu-se que ella sahisse de Paris, com seu filho, o rei de Roma, e partisse com elle para Blois, levando como escolta 2:600 homens escolhidos. Deixava-nos com o rei José e uma guarda nacional desarmada. Todos os ministros, todos os grandes dignatarios a seguiram, excepto M. M. de Taylleraud e de Savary. As proximidades de Paris eram guardadas pelo marechal Marmont e pelo marechal Mortier; o primeiro tinha comsigo apenas dois mil e quatrocentos homens de boas tropas de infantaria e oitocentos cavallo. A isto deve-se accrescentar as tropas de todas as armas, veteranos, voluntarios, emfim, homens para fazerem numero.

M. de Talleyraud via a sua obra prestes a effectuar-se, concorrendo tudo para o seu bom exito. No emtanto, o que era Napoleão para M. de Talleyrand? Era seu bemfeitor. Os Bourbons não deviam vêr n'elle senão um apostata, um renegado da ordem mobiliaria, e um d'esses emigrados que não querendo combater, fugiam para além da fronteira. Como em 1814, M. de Talleyrand refugiou-se em nova traição para evitar Vincennes ou outro castigo qualquer, se o imperador vencesse.

Logo que Maria Luiza sahisse de Paris com o rei de Ro-

ma, ficava o campo livre para os que quizessem combater, fosse por que bandeira fosse. M. de Tayllerand não arvorou a bandeira tricolor porque, para haver uma revolução é preciso haver uma bandeira differente da que existe. M. de Taleyrand viu na restauração um meio de satisfazer as suas idéas ambiciosas. Enganou-se; mas Luiz XVIII não era facil de adivinhar.

Farei lembrar, em algumas palavras, que o exercito aliado se acercara de Paris pela estrada de Meaux; as alturas de Montmartre, de Belleville e de Saint-Chaumont estavam guarnecidas de artilheria. O marechal Moncey commandava a guarda Nacional; o marechal Marmont commandava o exercito, muito inferior, em numero, ao inimigo. Mas isto era uma medida insufficiente. Esses logares foram atacados no dia 30 de março, ás seis horas e meia da manhã. O fogo continuou com grande vivacidade até ás tres horas e meia.

Ás onze já o rei José ordenara ao marechal que capitulasse, partindo em seguida.

A capitulação assignou-se ás duas horas da manhã, na noite de 30 para 31, em nome dos marechaes Mortier e Marmont.

(Continúa)

Duqueza d'ABRANTES.

HUMORADAS

(De Ramon de Campesamor)

(Continuação)

XCI

Acredite a minh'alma o que deseja;
Que importa que a verdade não o seja?

XCII

Leitor, isto vês tu na consciencia:
São contrarios o amor e a innocencia.

XCIII

Amei essa mulher, tanto ou tão pouco,
Que não enlouqueci... porque era louco.

XCIV

Receia mais o ardor dos teus sentidos,
E o quanto és boa, do que dez bandidos.

XCV

D'este amor, nada temas imprudente,
Porque as santas só se amam santamente.

XCVI

Ai! quanto te amaria, — porque ris? —
Se eu fosse quem já fui... quando Deus quiz?

XCVII

De tudo o que ha, visível e invisível,
Eu creio só no amor, isto é, no incrível!

XCVIII

Ser fiel, quando o queiras, é teu lemma.
Mas quando o quererás? Eis o problema.

XCIX

Se amor, ás vezes, morre de fatura,
Quem nunca se enfastia é a ternura.

C

Morrerias por elle, — prometteste; —
Mas passou tempo e tempo, e não morreste.

CI

Já não leio nem escrevo mais historia,
Que vêr a minha infancia na memoria.

CII

Ouvem-se os sêres, que nos são queridos,
Até pondo nos olhos os ouvidos.

CIII

Emquanto busques comprazer a tantós,
A milhares terás os desencantos.

CIV

Treme, com muitissima innocencia,
De cousas que aprendeu por experiencia.

CV

Quem viu jámais, andando em tal procura,
De mãos dadas, riquezas e ventura?

CVI

Que prazer ha depois do amor primeiro ?
A devoção, pois esse é o derradeiro.

CVII

Colhendo e desfolhando malmequeres,
Cercos de Troia fazem as mulheres.

CVIII

Inda a mulher ha de nascer primeira,
Que emfim o berço deixe toda inteira.

CIX

Eu odeio a sciencia que me imponha
Que o que morre é feliz, dorme e não sonha.

CX

De nada lhe aproveita, a quem não una,
Com o amor, a sciencia e a fortuna.

CXI

A que ama um ideal, e sobe... e anhele...
Vae morrer enforcada n'uma estrella.

CXII

Eu não posso explicar-te em que consiste,
Que ao vêr-te tão feliz me sinta triste.

CXIII

Agitando o teu leque, com desdém,
Tiras-me o pó ao coração, meu bem!

CXIV

Anjo, do céu cahido, me parece;
Mas, talvez, ao cahir, o céu trouxesse.

CXV

Pobre d'aquelle que já tem na vida,
Excepto para ti, a fé perdida!

CXVI

Sê natural, que ao lado da belleza
Não é de desprezar, a natureza.

CXVII

A fronte cinge da mulher que se ama,
Como a Moisés, um resplendor de chamma.

CXVIII

Não morro, embora o queira com ardor,
Para não me esquecer do teu amor!

CXIX

Sempre é consolação que ao pobre assiste,
Que um marido, por sel-o, o ceu conquiste.

CXX

Com tanto empenho a amar-te me abandono,
Que se durmo, não durmo: engano o somno.

CXXI

S. Paulo, ao mesmo tempo que o demonio,
Abençôa, de amor o matrimonio.

CXXII

Teus olhos, com que amor em nós ateias,
São faróes, que allumiam com ideias.

CXXIII

De esperar não cances, porque assim, meu bem,
Quem tudo espera, alguma cousa obtem,

CXXIV

Sei que ao morrer, para alcançar a gloria.
Varreu do coração tua memoria.

CXXV

Que castidade a sua! que receio!
Se um espelho fita, occulta logo o seio!

CXXVI

Acautela-te e teme as illusões.
Que é peor a illusão do que as paixões,

CXXVII

Seja embora enganada com frequencia,
Não deseja curar-se da innocencia.

CXXVIII

Transforma, por ser falsa, sempre que ama,
Cada episodio de comedia em drama.

CXXIX

De confessal-o me envergonho e córo,
Não te amei boa, e perfida te adoro.

CXXX

Desde que vi a tua formosura,
A *amar-te* é que dei mostras de loucura.

CXXXI

Os dois que vão casar, de goso plenos,
O seu ideal vão ter : um sonho menos!

CXXXII

Sou falto de razão, ou não me entendo,
Porque desprezo a vida e a defendo.

CXXXIII

Muito em segredo, Amor diz ás mulheres,
Que ha um dever contrario dos deveres.

CXXXIV

O coração humano é um mysterio,
Como pedra sem nome em cemiterio.

CXXXV

Amas-me ? lhe pergunta; e já a esposa
Lhe diz *sim*; mas pensando n'outra cousa.

CXXXVI

A essencia mais perfeita da belleza
E' o subtil perfume da limpeza.

disse Termont em voz levemente commovida, porque previa que aquelle encontro devia ser terrivel.

— Então abreviemos as formalidades... Eu sou o offendido... escolho a espada... Todos sabem que á pistola teria excessivas vantagens...

— Não acceto as suas generosidades, gritou Brucken furiosamente.

— Não depende do senhor recusal-as, declarou Pont-Croix com altivez. Préfont virá esta noite, o encontro poderá realisar-se ámanhã pela manhã, creio eu. Por motivos que eu e este senhor sabemos, não convem que haja demoras. Adeus, Termont, até á vista. Meus senhores, passem muito bem.

Um ruido de passos, o bater de uma porta, e depois o silencio, e n'esse silencio, o rugir desesperado de Brucken que ficara só, uma blasphemia terrivel e ameaças raivosas contra o seu adversario.

Esther, pallida e gelada, ergueu-se, e, atravessando nervosa e rapidamente a saleta, teve ainda tempo de vêr Pont-Croix, no assento elevado de tilbury, cumprimentar Nuno, sorrindo, e, a trote largo do cavallo, sereno como se fosse dar um passeio, embrenhar-se na alameda principal e desaparecer. Uns passos leves, deslizando pelo sobrado, atraz d'ella, fizeram-a voltar a cabeça. Deu de cara com M.^{me} del Peral. Como antes da entrevista de Clemente e de Huberto, quando, á janella, via com espanto o marquez de Pont-Croix chegar a Chevrolière, a bonita portugueza estava pallida. Teve, comtudo, forças bastantes para sorrir.

— Parece que hoje é o dia das grandes reconciliações, disse ella em tom alegre: o descendente dos antigos senhores do palacio vem visitar o novo proprietario...

— Não era meu pae que M. de Pont-Croix queria vêr, respondeu a filha de Nuno com um olhar hostil, era M. de Brucken. E tratava-se de uma cousa muito differente de uma reconciliação.

— Como estás bem informada! replicou Manuela com ironia.

— Quasi tão bem como a senhora, replicou Esther asperamente.

— Como eu? exclamou M.^{me} del Peral, subitamente perturbada.

— Sim, como a senhora, repetiu Esther, animando-se á medida que Manuela perdia o sangue frio. Não sabe como M. de Brucken se viu obrigado a desfazer-se do guarda Strehley?

— Esther!

— Já morreu um homem, victima das suas intrigas. A'manhã bater-se-hão outros dois, por sua causa... E a senhora ri da aventura? É muito engraçado, com effeito! E, se o sangue de M. de Brucken ou o do marquez de Pont-Croix correr por causa dos bonitos olhos de M.^{me} del Peral, não é uma cousa naturalissima?

— Brucken... Pont-Croix... balbuciou a portugueza. Explica-me... Ah! meu Deus, ahí vem gente. Mas eu preciso saber... Esther, não te contentes em accusar-me. Esclarece-me, ouve-me... Vamos para o teu quarto: é necessario que nos expliquemos sinceramente, uma vez, pelo menos.

— Pois vamos lá.

Nuno appareceu no fim da galeria.

As duas mulheres, desejando, tanto uma como a outra, evitar a sua presença n'aquelle instante, subiram a escada com ligeireza e fecharam-se nos aposentos de Esther.

XIV

Sósinhas na presença uma da outra, as duas ex-amigas contemplaram-se em silencio. Viam bem a gravidade, a importancia das palavras que iam trocar. Nunca, desde as primeiras desintelligencias, tinham conversado francamente. Ambas sabiam o que queriam, o que deviam esperar e te-

mer. O duello entre ellas podia ser tão decisivo como o que ia travar-se entre Clemente e Huberto. Mas, não obstante uma ser temivel pela astucia e finura que possuia, a outra sentia-se bem forte com a sua rectidão e a sua honestidade.

— Esther, disse M.^{me} del Peral com uma impaciencia que a sua respiração entrecortada trahia, é preciso que me expliques as tuas palavras. Tratas-me, ha mais de um anno, com uma injustiça que tenho supportado pacientemente. As tuas insinuações, porém, tornam-se de tal maneira injuriosas, que, não fazer caso d'ellas, seria o mesmo que acceital-as. O que queres dizer? De que me accusas?

— Quero dizer, respondeu Esther gravemente, que no dia em que a senhora entrou n'esta casa, entrou comigo a duplicidade e a corrupção. Accuso-a de ter abusado da minha confiança para me roubar a affeição de meu pae, e, depois de apoderar-se d'ella, de o haver trahido, á sua vista e á minha, com M. de Brucken.

Se M.^{elle} Nuno não tivesse a certeza do que dizia, o horror e o desespero impressos no rosto de M.^{me} del Peral, talvez pudessem commovel-a. Mas conhecia bem os recursos de mimica de que a condessa dispunha e sabia que habil comediante ella era. Recebeu com frieza glacial os seus protestos arrebatados,

— Ah! bem me parecia a mim que me odiavas, exclamou Manuela torcendo os formosos braços, mas como havia de imaginar que te mostrarias tão injusta para comigo?... Sim, cedi á affeição tão convincente de teu pae, deixei-me arrastar pela alegria de viver entre ambos, porque tu, ingrata, entravas por metade, pelo menos, no sentimento que me dominava. E eu seria tão louca que fosse comprometter uma felicidade tão grande, commettendo a falta de receber M. de Brucken?... Accusas-me de calculo? Deixa-me então o beneficio completo do meu procedimento!... Não me julgues habil quando é preciso seduzir M. Nuno e estúpida quando se trata de enganar-o! Concede-me bastante intelligencia para não me prejudicar

d'essa maneira a mim mesma... Além d'isso, para que? Com que fim? Em proveito de quem?...

— Foi o que eu também pensei, disse Esther com os lábios crispados pelo desprezo, sem poder achar explicação alguma além do attractivo do vicio e o gosto de fazer mal.

— Vamos, Esther, continuou Manuela com animação, afasta as prevenções que te perturbam o espirito. Não te deixes inspirar senão pelo teu coração. Lembra-te de que foste minha amiga durante muito tempo, que eu fui para ti uma irmã, uma confidente leal...

— É exactamente quando penso na amisade que lhe tinha e que a senhora destruiu por sua vontade, na confiança de que lhe dava provas, e da qual abusou tão indignamente, que não posso mostrar-lhe indulgencia. Faz mal em appellar para os meus sentimentos antigos, são elles que a condemnam com mais certeza.

— Mas o que é necessario que faça para te convencer e justificar-me? exclamou Manuela pegando nas mãos frias de Esther e apertando-as nas suas, flexiveis, meigas e carinhosas. Se cedi a teu pae, que me adorava, que me supplicava, que era infeliz, deves accusar-me d'isso como de um crime? Elle, afinal, era livre! Preferias que morresse de desgosto?

— Devia quebrar as relações com elle, deixar-me, não me manchar com essa intimidade culpada, á qual parecia que eu prestava o auxilio da minha cumplicidade.

— Tens razão: devia ter-me afastado, como dizes. Mas custava-me deixar de vêr-te. Farás da minha amisade uma circumstancia aggravante?... Emquanto a teu pae, o meu coração foi subjugado pela adoração paciente d'esse homem tão bom, pelos seus cuidados de todos os instantes... E amo-o, entendes? amo-o... Não podes imaginar o mal que me fazes, accusando-me de trahil-o... E com Brucken! O seu amigo... Não, nunca, Brucken nunca!

Parecia tão vibrante de indignação, tão ardente de sin-

ceridadé, que um juiz menos precavido que M.^{elle} Nuno sentir-se-hia abalado nas suas convicções. Mas Esther estava á prova d'estes artificios. Ficou immovel, triste e com os labios desdenhosos, porque tinha o coração cheio de asco.

— Brucken, nunca? repetiu ella com tranquilla ironia. Ouvi-lh'o confessar, a elle mesmo, ainda não ha uma hora.

M.^{me} del Peral ergueu-se de um salto. O seu rosto encantador assombrou-se com uma pallidez plumbea, um furor diabolico convulsionou-lhe as feições e deu-lhe, durante um segundo, uma expressão de malvadez assustadora:

— Mentiu, ouves? Mentiu! É um miseravel!...

— Não mentiu: viu-se obrigado a concordar com a realidade dos factos, a confessar, á vista das provas que lhe apresentavam, que estava com a senhora, no pavilhão, quando meu pae esteve quasi a surprehendel-os ahi.

— E foi a Pont-Croix que elle disse isso tudo, o coarde?...

— Empregou todos os esforços para se esquivar a essa confissão, que o perdia, da mesma maneira que a senhora os está empregando agora... Mas não se triumphá da evidencia...

— Então assististe á entrevista?...

— Não. Mas ouvi todas as palavras que se trocaram.

— Estiveste espreitando? Faça-te os meus cumprimentos! disse Manuela com um sorriso. Não te julgava tão forte.

Esther córou ao ouvir estas palavras zombeteiras:

— Quiz saber a verdade. A lucta entre nós era excessivamente desigual! Agora posso defender-me: sei o que devo pensar.

— Não sabes nada. Brucken respondeu o que quiz... Quem te prova que elle não mentiu?...

— Se negasse, ainda vá!... Podia ser, por brio... Mas elle confessava, percebe? confessava... Apanhado no la-

ço, na impossibilidade de fugir... Com as provas á vista!...

— Que provas?

— As luvas d'elle, que deixara em cima da mesa do pavilhão, ao lado do seu ramo de violetas...

M.^{me} del Peral deixou passar por entre dentes um silvo sarcástico, bateu com as mãos uma na outra, em signal de mofa, as feições distenderam-se-lhe, deu alguns passos na sala, de cabeça baixa, como se reflectisse; depois, em tom muito sereno:

— Então elle deixou-se dominar por Pont-Croix, como uma creança?...

— Gritou, esbravejou, ameaçou, insultou...

— E o outro? Terrivel, hein? E o imbecil do Huberto insultou-o? Então vão-se bater...

— Vão.

— N'esse caso, Brucken é um homem morto.

— E diz isso com essa tranquillidade?

— Julgas que vou chorar por elle?... Pois se eu t'o dava para marido!

— A senhora causa-me horror!

M.^{me} del Peral olhou para M.^{elle} Nuno com ar imperioso; depois, abanando a cabeça:

— Isso é melodrama, minha querida. Deixemo-nos de exaggeros. Não se sabe o que o futuro nos reserva. N'este momento, as minhas combinações parecem disparatadas, mas não é preciso mais do que um instante para que as vantagens sejam minhas. Travámos batalha. Tu hoje és victoriosa; muito bem: expõe as tuas condicções. Pois faço-te a honra de crêr que não me contaste todas estas historias platonicamente, e só pelo prazer de me seres desagradavel...

— Julga-me com mais espirito do que o que eu possuo. O meu primeiro impulso foi instinctivo, e se lhe dirigi censuras, quando a encontrei, foi porque estava dominada pela cólera... Depois reflecti, ouvindo-a, e pensei tirar partido da situação para bem de meu pae.

— O que queres dizer com isso ?

— Que me parece indispensavel um rompimento entre a senhora e elle.

— Julgas esse rompimento possivel ?

— Julgo, se a senhora se prestar . . .

— Pareço-te tão benevola ?

— Eu encarrego-me de dispor-a a isso.

— Ah ! minha Esthersinha, que desembaraço !

Fitaram-se um momento. M.^{elle} Nuno, pallida e resoluta, M.^{me} del Peral, tornando-se de novo graciosa e risonha.

— Ouve, minha filha, não nos zanguemos, disse a bonita portugueza. Não servia de nada n'esta occasião, e incommodava-nos nas nossas relações futuras. Conversemos razoavelmente, como mulheres que sabem o que valem e expliquemo-nos a fundo, para não termos de voltar a este assumpto . . . Queres que me vá embora ? Irei : convem-me, agora. Parece-me provavel que, atravez dos incidentes d'essa questão estúpida em que Brucken se envolveu, teu pae terá a confirmação de certas cousas que já o descontentavam muito quando só desconfiava d'ellas, e que, hão de exasperal-o quando as tiver por verdadeiras. É melhor que eu não assista a essa explosão de cólera, durante a qual pôde chegar a proferir palavras que depois se arrependeria amargamente de ter dito. Bem vêes que estamos de accordo. Além d'isso, minha filha, não é contra mim que terás de lutar, é contra teu pae. Elle está muito costumado comigo, sabes ? e quando lhe passar a colera, quando tiver reflectido, ha de sentir-me a falta. Ahí começam, para ti, as difficuldades. Com o teu rigor vaes envolver-te em complicações deploraveis, enquanto que, se quizeres comprehender as cousas e andar de accordo comigo, nem tu sabes o que podias esperar . . .

Como Esther fizesse um movimento brusco de horrore e de protesto, a condessa fitou-a com attenção penetrante, como se ella fosse uma especie de phenomeno ; em seguida, continuou, muito pausadamente :

— Serás menos intelligente do que eu suppunha? Não ignoras que teu pae é incapaz de viver sem ter umas saias ao seu lado, á roda das quaes possa andar. É um homem dado a mulheres; ha de morrer na impenitencia final. E julgas que elle encontra outra que me valha, não para elle, pobre Selim! mas para ti? Houve um momento em que pensei que tomavas o meu partido e que ias favorecer o meu casamento...

— E' verdade, exclamou Esther, tive essa idéa, e venceria todas as minhas prevenções em interesse de meu pae... Foi a senhora que tornou impossivel a realisação d'esse projecto...

— Por causa de Brucken?...

Manuela ficou pensativa durante alguns segundos:

— Sim, foi uma tolice... Mas, como debes suppor, tratava-se apenas de uma liquidação... Ah! meu Deus! Eu de boa vontade lhe pediria que pensasse em outra coisa... Mas os homens não teem juizo... Quando os contrariam, põem-se logo a soltar rugidos de feras... Se, ao menos o não tivesses recebido tão mal, elle vêr-se-hia obrigado a pensar em ti... E não seria dos peores maridos... Teu pae gostava muito d'elle.. Emfim, agora, já não tem remedio... O imbecil enforcou-se por suas mãos. A unica resolução que resta é a seguinte: seres indulgente, esqueceres o passado, acceitares as minhas promessas para o futuro, e, depois de uma certa ausencia, deixares-me entrar de novo em casa para não tornar a sahir.

— Julga-me capaz de acceitar essas propostas?

— Receio, por tua causa, que não sejas capaz d'isso... E, no emtanto, seria bem habil!

— Seria desprezivel!

— Phrases! Tudo isso são phrases! Não podes ter a monarchia, contenta-te com a melhor das Republicas. Viste, pelo que eu tentei alcançar para Brucken, como sou dedicada aos meus amigos e de que maneira cumpro as minhas promessas... Se me deixares voltar e não te oppo-

zeres aos meus designios, [dou-te a minha palavra de que terás em mim uma alliada fiel, em todas as circumstancias, percebes? mesmo as mais delicadas...

A corruptora seguira com o olhar, no rosto de M.^{elle} Nuno, o effeito das suas palavras. Vira-a tornar-se pallida e tremer, á medida que o seu pensamento se revelava mais claramente. Pareceu-lhe necessario ser ainda mais explicita, e, dando o ultimo golpe, o que ella julgava irresistivel:

— Teu pae mostra-se muito hostile a M. de Pont-Croix... Tornar-lh'o-hei favoravel... Clemente foge de ti... Hei de trazer-t'o affavel e cheio de confiança... Se procederes bem, podes ser feliz, minha Esthersinha: és tão rica!

A indignação tingiu de rubor o rosto de M.^{elle} Nuno; ergueu a cabeça, e, fulminando Manuela com um olhar:

— A senhora ultraja-nos, suppondo que precisamos da sua intervenção, disse ella com voz furiosa. Foi por subordinar sempre as questões de sentimento ás questões de interesse, que ergueu entre nós uma barreira insuperavel. Nem meu pae, nem M. de Pont-Croix, nem eu, pensamos como a senhora pensa. E, digo-lhe com sinceridade, se eu amasse um homem e tivesse de contar unicamente com a sua cobiça para o attrahir, desprezal-o-hia de tal maneira, no mesmo instante, que preferia tudo ao horror de pertencer-lhe.

— Romance! Sempre romance! disse Manuela com um debil sorriso. Ah! que mal que faz aos pobres humanos a ausencia de idéas praticas! Ha de vir um dia em que te arrependers amargamente de não me teres comprehendido... Porque tu ouves-me, mas não me comprehendes.

— Felizmente!

— Bem, bem. Não és tu que falas, são as convenções sociaes, os preconceitos mundanos. Verás o que elles valem quando querem lutar com uma verdadeira paixão. Teu pae encarregar-se-ha de demonstrar-t'o. Vou partir, visto que assim o queres e que isso me convem. Mas, an-

tes de oito dias, Nuno estará de joelhos á minha porta. Não conheces o poder que exerço n'elle, filha: has de aprender a conhecel-o. Não é preciso mais do que um signal para Selim correr a obedecer-me. E então, lembra-te bem d'isto: a sua adoração será duplicada pelo proprio sentimento de sua indignidade. Regra geral: um homem apaixona-se tanto mais quanto maior é o perigo ou a infamia que ha n'essa paixão. Vae aprendendo, menina, e até á vista, pois tornar-nos-hemos a vêr. E serei sempre tua amiga, bem sabes: não sou rancorosa.

Despediu-se de Esther com um signal de cabeça amigavel, e, sem esperar uma resposta que julgava destituida de interesse, sahiu e voltou para os seus aposentos. Esther, ficando só, aproximou-se da janella. Os seus olhos vaguearam pelas arvores do parque, cuja folhagem, avermelhada pelo outomno, começava a pratear-se com uma nevoa ligeira. Sobre a relva, já murcha pelas primeiras geadas, saltavam palrando, algumas pégas; um sol pallido declinava no horisonte. Tudo estava silencioso, triste, frio, e como que prestes a morrer. Esther estremeceu: effectivamente, não estava a morte prestes a ferir? E quem? Brucken, prophetisàra Manuela com ironia lugubre. Mas se ella se enganasse, e fosse Pont-Croix! A esta idéa, apoderou-se de M.^{elle} Nuno uma tristeza immensa. Pareceu-lhe que tudo acabara para ella e que uma linha negra lhe tolhia o futuro. E, no emtanto; quer Clemente estivesse vivo, quer estivesse morto, o futuro de Esther não parecia irremediavelmente perdido? Tudo era ameaça, tudo era inquietação. O que Manuela acabava de dizer a respeito de seu pae, não era cruelmente verdadeiro? Nuno amava sua filha, de certo, e estava prompto a fazer muitos sacrificios por ella. Levaria, porém, a abnegação até ao sacrificio do seu peccado? A maliciosa portugueza conhecia-o bem. Mas elle tambem ia reconhecel-a, e porque razão o desprezo não destruiria o amor? Manuela affirmava que havia de duplical-o. Comtudo, a sua corrupção atilada podia enganar-se.

Esther sentiu-se disposta a lutar furiosamente para tirar seu pae das garras d'aquella creatura perversa. Saliu para o corredor e dirigiu-se aos aposentos da sobreloja habitados por M.^{elle} Favenger. A excellente mulher estava lendo ao pé da janella. Vendo entrar a sua discipula, largou o livro, e, levantando os oculos para a testa:

— Que novidades ha em casa. minha filha? M. de Pont-Croix apresentou-se hoje no palacio, o que me transtorna completamente as idéas... E, facto ainda mais extraordinario, estes senhores não vão á caça!

Por muita confiança que tivesse em M.^{elle} Favenger, Esther não quiz revelar-lhe os graves segredos descobertos havia pouco mais de uma hora. E depois, a idéa de ter de contar aquella historia, tão simples e, comtudo, tão cheia de pormenores horriveis, fazia-a sentir uma fadiga pungente. Respondeu:

— E' por causa d'esse desgraçado guarda, que andam todos fóra de si... A justiça fez esta manhã uma visita judicial, procuram-se provas, invocam-se testemunhas... Deixemos essa preocupação, sim? Está disposta a andar?

— Como sempre.

— Bem! então vamos até Précigny, a pé! Queria dar ao abbade Pierqui os fatos de lâ que mandei comprar para os pobresinhos... Mandar-lh'os-hei por um creado e nós atravessamos o parque passeando.

— Como quizer.

A governante poz o chapéu, a capa, e seguiu M.^{elle} Nuno. Quando chegaram ao rez-do-chão, avistaram o banqueiro que passeava sósinho na galeria, de cabeça baixa e ar preocupado. Sentindo descer as duas mulheres, ergueu os olhos, vivamente, com ar alegre. Mas, vendo que era Esther, o brilho do olhar extinguiu-se-lhe, e o rosto tornou-se outra vez sombrio. Evidentemente esperava que fosse Manuela que se tivesse resolvido a abandonar o seu retiro. Caminhou para sua filha, apertou-lhe a mão, pu-

xou-a para si afim de beijal-a; em seguida, não podendo fugir á obsessão que lhe pesava no espirito:

— Viste M.^{me} del Peral? Ainda agora estavam conversando, ambas... Como está ella?

— Está melhor, meu pae.

— Porque é que não desce para a sala?

— Ignoro.

— Percebes alguma cousa d'isto? Agora mandou chamar Brucken, e estão conferenciando.

Esther dirigiu um olhar expressivo a Nuno e disse:

— Não me admiro. Devem ter bastante que dizer um ao outro.

Selim estremeceu. A clareza da resposta, o tom em que era dada, fizeram-lhe crêr que sua filha sabia, a respeito das questões que o atormentavam, mais do que o que elle suspeitara. Estas pequenas são tão espertas! pensou elle. Talvez esta adivinhasse, ha muito tempo, o que ainda se conserva obscuro para mim. Esteve tentado a pegar na mão de Esther e a leval-a para o seu gabinete afim de confessal-a. Teve medo de expôr-se a criticas severas, de fazer papel de tolo deante d'aquella creança. Suspirou e, abanando a cabeça com enfado:

— Hoje anda tudo com a cabeça perdida... Tudo!

Afagou o rosto da filha com as costas da sua mão grossa e trigueira, e disse:

— Vaes dar uma volta? Vae, vae, diverte-te.

E, como que envergonhado da sentinella que estava fazendo ao pé da escada, voltou para o seu quarto. Esther e M.^{elle} Favarger dirigiram-se para Précigny.

No primeiro andar, na saleta de onde M.^{me} del Peral, na vespera á noite, expulsara Nuno, Brucken e a bonita portugueza estavam em conselho. A situação era mais que séria: era terrivel. O menos que podia succeder ao formoso Huberto era vêr-se perseguido por homicidio devido a imprudencia. A accusação tinha pouca importancia. O que tornava esse processo temivel, era a explicação que seria

preciso dar a respeito do homicídio. Se Huberto pudesse responder: «Tratava-se de salvar a reputação de uma senhora,» tudo se tornava claro e simples. Ora, isso era justamente o que ella quria occultar. Se Manuela entrasse na questão, Brucken tinha um papel possível. Manuela, porém, ficava perdida, desconsiderada, tornando-se preza dos jornaes e assumpto das tagarellices mundanas. Ficando ella na sombra, ao abrigo das suspeitas, Huberto não poderia explicar o motivo porque estrangulara o guarda, e tinha de submeter-se á accusação banal de um assassinio praticado n'um momento de cólera. Eis o doloroso assumpto da conversa de Manuela e Huberto. Nuno não precisava palpitar, nem soffrer, olhando para o tecto e pensando: O que farão elles? « Estavam a cem leguas do amor.

— Então esse infernal Clemente descobriu tudo? disse M.^{me} del Peral.

— Que pena não ser elle quem eu encontrasse na ponte, disse Brucken cerrando os punhos, em vez de Strehley! Já hoje nos não incommodava.

— Sim, mas não podia tel-o incommodado mais, n'essa occasião:

— Tem um pulso diabólico, rugiu Huberto. Ainda agora, custou-me a livrar-me das mãos d'elle. Mas ha dois annos, com certeza, que não péga n'um florete... Deve ter perdido... E eu, tenho ganho muito... Hei de matal-o!

— Isso é um grande adeantamento!

— A Manuela, em todo o caso, não tem nada a temer. Em primeiro lugar, não haverá processo, porque, se eu amanhã ainda estiver vivo, embarco para a America do Sul... Enquanto estiver longe, os nossos amigos trabalharão em meu favor. É questão de um anno ou dois, se tanto. Quem sabe? Talvez eu arranje fortuna, por lá.

— Aqui deixou-a escapar, Huberto.

— Amava-a excessivamente, Manuela.

— Isso sahe-lhe tão caro, que não posso deixar de censural-o.

— Receia alguma cousa de Nuno?

— D'elle não receio nada. Logo que o Huberto estiver ao abrigo da justiça, ha de ser o primeiro a trabalhar para que não me inquietem. Tudo lhe exige esse procedimento: a minha presença em sua casa, as minhas relações amigaveis com a filha, e, finalmente, a afeição que elle me consagra.

— E de M.^{elle} Esther, o que tem a esperar?

— Nada bom. Odeia-me.

— Então sabe o que se passa?

— Sabe tudo.

— Quem lh'o disse?

— Ouviu a sua conversação com Clemente.

Brucken córou de raiva lembrando-se de que a sua humilhação deante de Pont-Croix tivera aquella testemunha. Depois, occorreu-lhe de novo a gravidade da situação: achou a sua preocupação bem futil, e, fazendo estalar os nós dos dedos:

— Bem, já sabe o que ha de pensar, não terá surpresas.

— Agora, diga-me em que estado se acham as suas finanças. Em vesperras de partir, não tem tempo nem facilidade para arranjar uma grande quantia, se não a tiver já prompta... Posso auxiliar-o n'isso?

— Obrigado, minha querida amiga, disse Huberto rindo. Procede como uma cúmplice generosa... Mas eu não preciso de nada... Possuo seiscentos mil francos de valores ao portador e uns cem mil francos liquidos... Com esta quantia vae-se longe...

— É sufficiente para crear uma fazenda modelo nas margens do Texas, ou fundar um banco no Rio de Janeiro... Quem sabe se quererá voltar, depois de ter gosado a existencia d'essas terras? O senhor é novo, forte, livre de preconceitos, enfim, possui tudo o que é necessario para ter bom exito.

— Aceito a prophecia. Mas, primeiro que tudo, é for-

çoso que eu parta, e, para isso, tenho de desfazer-me de Pont-Croix. Não tem mais nada a dizer-me?

— Não!

— N'esse caso, retiro-me. Nuno já deve ter achado a minha visita muito demorada. É conveniente que elle se me conserve favoravel até ao fim. Além d'isso, pôdem vir as testemunhas de Pont-Croix e eu devo estar lá em baixo para as receber.

— Então vá.

Elle pegou-lhe na mão e depoz um beijo no alvo pulso. Ella viu-o afastar-se, e, fechando a porta, dirigiu-se, pensativa, para a janella. Os seus olhos não percorreram a paisagem que se lhes apresentava. Ficaram baixos. Diligencia-va provocar no intimo de si mesma a intuição de uma probabilidade. Brucken sahiria são e salvo da lucta que ia travar-se? Ou seria Clemente que triumpharia? E, apesar da firmeza do que acabava de sahir, apesar do seu vigor, não podia imaginar Clemente vencido. Teve quasi o mesmo gesto de indiferença que Huberto, e, tocando a campainha, murmurou:

— A partida está jogada!

A creada de quarto appareceu.

— Partimos amanhã para Paris, disse Manuela. Arranje as malas. Mas trate de tudo de maneira que ninguem, em casa, saiba as minhas intenções.

— Bem, minha senhora. Vossa excellencia tem razão em querer regressar á cidade. Já começa a haver frio.

— É a minha opinião, disse Manuela com um sorriso.

E, tornando a recostar-se na *chaise-longue*, continuou a leitura do romance interrompido.

XV

Na casa que, no rez-do-chão do presbyterio, servia ao mesmo tempo de sala e de casa de jantar do cura, Esther e M.^{elle} Favenger abriam, em cima da mesa, os pacotes de

fato destinado aos pobres da aldeia. A velha creada do excellente abbade Pierquin, com os olhos muito abertos, apalpava com mão experiente as camisolas de flanela, os barretes de lã, as meias de agulha espessas e rudes, os calções, as camisas, todas as riquezas providenciaes que a filha do banqueiro offerencia para combater a chuva, o vento e a neve.

— Tem aqui um verdadeiro armazem, senhor cura, disse a velha, pode enfarpellar todos esses marotos que andam quasi sempre de rabo á mostra, com licença da meina, e ainda pode ceder alguns aos das freguezias proximas...

— Leve tudo d'aqui, minha senhora, disse Esther.

— E vá já guardal-o, acrescentou o cura com inquietação.

(Continúa). .

Georges OHNET.

DOIS SONETOS

I

A DOMADORA

Perante a grande multidão curiosa
Que doidamente applaude e que condemna,
Ella exhibiu-se, impavida e serena,
Cingido o corpo em chlamyde pomposa.

Entrou nas jaulas e afagou mimosa
De hyrcano leão a turbida melena;
O tigre, o lobo, a carniceira hyena,
Curvaram-se ante a força prestigiosa.

Quando a beijaram cannibaes pantheras,
A turba, n'um transporte delirante,
Fez-lhe ovações estridulas, sinceras.

Porém ella chorava n'esse instante:
Chorava não poder, entre as mais feras,
Domar o fero coração do amante.

II

NO BANHO

Tomba-lhe aos pés a tunica de neve,
E na plena nudez mais provocante,
Approxima-se d'agua murmurante
E quer ao mar lançar-se... e não se atreve.

De pedra em pedra salta, airosa e leve,
Qual gaivota de mimo captivante,
Expondo ao sol que a beija a todo o instante
Mil perfeições que a penna não descreve.

Salta n'agua. Espumantes as ondinas,
Envolvem-n'a de gottas crystallinas
Dos pés á cabelleira negra e basta.

Após ligeiro instante, eil-a! apparece
Tão cheia de esplendores, que parece
A imagem de uma deusa, núa e casta!

(Brazileiro.)

DAMASCENO VIEIRA.

LUMEN

Quarta narração

ANTERIORES VITAE

(Continuação)

Lumen. — Os factos que hão de formar o assumpto d'esta narração não se passam unicamente na Terra e nos astros proximos; abrangem os campos immensos da astronomia sideral, e dão a conhecer as suas maravilhas. Explicar-se-hão, como os precedentes, pelo estudo da *luz*, ponte magica lançada de um astro para outro, da Terra para o Sol, da Terra para as estrellas, — da *luz*, movimento universal que enche os espaços, sustenta os mundos nas suas orbitas, e constitue a vida eterna da natureza. Toma, portanto, cuidado em não te esqueceres da *transmissão successiva da luz no espaço*.

Quærens. — Sei que a luz, esse agente mysterioso, por meio do qual podemos vêr os objectos, não se transmite instantaneamente de um ponto a outro, mas sim successivamente. Sei que anda 75:000 leguas por segundo, percorre 750:000 em 10 segundos, e 4.500:000 em cada minuto. Sei que emprega mais de 8 minutos para transpor a distancia média de 37 milhões de leguas que nos separa do Sol. A astronomia moderna tornou estas questões familiares.

Lumen. — E imaginas com exactidão o seu movimento ondulatorio ?

Quærens. — Parece-me que sim. Comparo-o com o do som, posto que se produza em uma escala incomparavelmente mais vasta. De ondulação em ondulação, o som propaga-se no ar. Quando os sinos dobram, o seu ruido sonoro, que é ouvido na mesma occasião pelas pessoas que moram perto da igreja, não é ouvido senão passado um segundo pelas que estão á distancia de 3 hectometros e meio, 2 segundos depois pelas que estão á distancia de 7 hectometros, 3 segundos mais tarde pelas que estão a 1 kilometro da igreja. D'esta maneira o som passa successivamente de uma aldeia a outra, até poder ser ouvido. Da mesma fórma a luz não passa senão successivamente de uma região mais proxima para outra mais distante do espaço, e afasta-se assim sem se extinguir, indefinidamente. Se nós podessemos vêr da Terra um factó passado na Lua; se tivéssemos instrumentos que nos fizessem vêr d'aqui um fructo cahindo de uma arvore na superficie da Lua, não veriamos esse factó no proprio momento em que elle se desse, mas só passado um segundo e um quarto, porque, para transpor a distancia que separa a Lua da Terra, a luz emprega, pouco mais ou menos, um segundo e um quarto. Se podessemos vêr um acontecimento passado em um mundo situado dez vezes mais longe do que a Lua, não veriamos o factó senão 130 segundos depois; mil vezes mais longe, vêr-se-hia 1:300 segundos ou 21 minutos e 40 segundos depois. E assim successivamente, segundo as distancias.

Lumen. — É exacto, e sabes que é por essa razão que o raio luminoso enviado de *Capella* para a Terra leva 72 annos a chegar ao seu destino. Se, portanto, só hoje recebemos o aspecto luminoso da estrella que partiu da sua superficie ha 72 annos, reciprocamente os habitantes de *Capella* vêem hoje a Terra como era ha 72 annos. A Terra reflecte no espaço a luz que recebe do Sol, e, de longe, parece brilhante como d'aqui parecem Jupiter e Venus,

planetas illuminados pelo mesmo Sol que a illumina. O aspecto luminoso da Terra, a sua photographia, viaja no espaço, percorrendo 75:000 leguas por segundo, e não chega á distancia da estrella *Capella* antes de 72 annos de marcha. Recordo-te estes elementos afim de que, fixando-os no espirito com clareza, estejas apto para comprehender sem custo os factos que me succederam na minha vida ultra-terrestre depois da nossa ultima conversa.

Quærens. — Esses principios d'optica estão claramente estabelecidos. No dia seguinte ao da tua morte, em outubro de 1864, quando te achaste transportado rapidamente para *Capella*, ficaste muito admirado por lá chegares no momento em que os astrónomos philosophos do paiz observavam a Terra de 1793, e um dos factos mais notaveis da Revolução franceza.

Não ficaste menos surprehendido quando te viste creança, brincando nas ruas de Paris. Aproximando-te da Terra e ficando a uma distancia mais pequena do que estava *Capella*, collocaste-te na zona onde chegava a photographia terrestre enviada na época da tua infancia, e tornaste a vêr-te na idade de seis annos, não em recordação, mas em realidade. Das tuas narrações anteriores, foi esta a que me custou mais a acreditar, isto é, a comprehender com exactidão.

Lumen. — A que vaes agora ouvir é ainda mais surprehendente. Mas era necessario ter comprehendido bem a primeira para ouvir esta efficaamente. Partindo de *Capella* e aproximando-me da Terra, vi os meus 72 annos de existencia terrestres, a minha existencia inteira, directamente, tal qual ella se tinha passado; porque, aproximando-me da Terra, ia ao encontro das zonas successivas de aspectos terrestres que levavam comsigo a historia visivel do nosso planeta, comprehendendo a de Paris e a da minha pessoa, que lá estava. Percorrendo retrospectivamente em um dia o caminho que a luz leva 72 annos a transpor, vi a minha vida toda n'esse dia e cheguei na occasião do enterro.

Quærens. — É como se, voltando de Capella para a Terra, tivesses encontrado no caminho 72 photographias collocadas por sua ordem. A mais afastada da Terra, a que partira ha mais tempo e que estava na distancia em que se acha Capella, apresentava 1793; a segunda, enviada um anno depois, e ainda afastada de Capella, continha 1794; a decima, 1803; a trigessima sexta, que estava em metade do caminho, 1829; a quinquagessima, 1843; a septuagessima segunda, 1866.

Lumen. — É impossivel comprehender melhor esta realidade que, á primeira vista parece mysteriosa e incomprehsivel. Agora posso descrever-te o que me succedeu em Capella, depois de ter visto a minha existencia terrestre.

I

Emquanto eu estava, havia pouco tempo (já não sei exprimir este tempo em rotações terrestres,) entretido, no meio de uma paisagem melancolica de Capella e no começo de uma noite transparente, a contemplar o céu estrelado e a estrella que é o nosso sol terrestre, e proximo d'essa estrella um planeta pequenino e azulado, que é a terra; emquanto observava uma das scenas da minha infancia: minha mãe, muito nova, sentada em um jardim, tendo sentada no collo uma creança de mezes (meu irmão,) e junto d'ella uma menina de dois annos (minha irmã) e um rapazinho que não tinha mais de quatro (eu;) emquanto me contemplava na idade em que o homem não tem ainda consciencia da sua vida intellectual, mas traz, contudo, na fronte, o germen de toda a sua existencia; emquanto meditava n'aquella realidade extraordinaria que me deixava vêr a mim proprio no começo da minha carreira terrestre, sentia um poder superior a desviar-me a attenção do vosso planeta e o meu olhar dirigir-se para outro ponto do céu que, n'aquelle momento, me pareceu ligado

à Terra e à minha carreira terrestre por algum laço occulto. Não pude impedir a minha de se fixar n'aquelle novo ponto do firmamento; estava encadeada n'elle por um poder magnetico. Tentei, umas poucas de vezes desviar d'ali o olhar e dirigil-o para a Terra, que amava como d'antes, mas elle voltava obstinadamente para a estrella desconhecida.

Esta estrella, na qual a minha vista procurava instinctivamente adivinhar alguma coisa, faz parte da constellação da *Virgem*, asterismo cuja fórma varia um pouco vista de Capella. E' uma estrella dupla, isto é, uma associação de dois soes, dos quaes um é de uma brancura argentina e o outro de um amarello dourado; estes soes giram á roda um do outro empregando em cada giro cento e setenta e cinco annos. Esta estrella vê-se da Terra a olho nú, e é designada pela lettra (*Gamma*) da constellação da *Virgem*. A' roda de cada um dos soes que a constituem ha um sistema planetario. A minha fixou-se em um dos planetas do sol de ouro.

N'este planeta ha vegetaes e animaes como na Terra; as suas fórmas parecem-se com as fórmas terrestres, posto que os organismos estejam estabelecidos de um modo muito differente. Ha um reino animal analogo ao vosso, peixes nos mares, e quadrupedes na atmosphaera, onde os homens pódem tambem voar, mas sem azas, por causa da densidade d'essa atmosphaera. Os homens d'este planeta apresentam, pouco mais ou menos, a fórma humana terrestre. Apesar de não terem o craneo privado de cabello; de terem nas mãos tres pollegares largos e delgados em lugar de cinco dedos e outros tres nos calcanhaes em lugar de pés; das extremidades dos braços e das pernas serem flexiveis como borracha; teem comtudo dois olhos, um nariz e uma bocca, o que approxima muito as suas phisionomias das terrestres. Não teem duas orelhas de cada lado da cara; teem uma só, em fórma de pavilhão conico, collocado na parte superior do craneo, como um bar-

retinho. Vivem em sociedade e não andam nus. Vês que differem pouco, exteriormente, dos habitantes da Terra.

Quærens. — Os seres que existem nos outrós mundos são, n'esse caso, muito differentes de nós, visto que esses, apesar de tanta dissimilhança pódem comparar-se com os homens.

Lumen. — Uma distincção profunda, que não podes calcular, separa em geral as fôrmas animadas dos differentes globos. *Estas fôrmas são o resultado dos elementos especiaes de cada globo e das forças que o dirigem*: materia, densidade, peso, calor, luz, electricidade, atmosphaera, etc., differem essencialmente de uns mundos para outros. Em um mesmo systema já estas fôrmas differem. Os homens de Saturno e de Mercurio não se parecem em cousa nenhuma com os homens da Terra: quem os visse pela primeira vez não reconheceria n'elles nem cabeça nem membros, nem sentidos. Os do systema planetario da Virgem, onde o meu olhar se tinha fixado com uma persistencia passiva, parecem-se, na fôrma, com os habitantes do globo terrestre. Tambem se aproximam d'estes pelo seu estado intellectual e moral. Um pouco inferiores a nós estão situados nos graus da escala das almas que precedem immediatamente o grau a que pertence a humanidade terrestre.

Quærens. — A humanidade terrestre não é homogenea no seu valor intellectual e moral; parece-me, até, muito diversificada. Os europeus differem muito das tribus da Abyssinia e dos selvagens das ilhas Oceanicas. Que povo tomas para modelo do grau de intelligencia na Terra?

Lumen. — O povo arabe, que é capaz de produzir Keplers, Newtons, Galileus, Archimedes, Euclides, d'Alemberts; por outro lado, pertence ás tribus primitivas ligadas as rochas de granito. Mas não é necessario escolher um povo para modelo. E' preferivel observar o conjuncto da civilisação moderna. Além d'isso, não ha tanta distancia como suppões entre a intelligencia de um negro e a de um cerebro da raça latina. Comtudo, se precisas absolutamente de uma

comparação, dir-te-hei que os homens d'este planeta da Virgem estão, pouco mais ou menos, na situação intellectual dos povos escandinavos.

A differença mais essencial que existe entre este mundo e a Terra é a de *não haver sexos*, nem nas plantas, nem nos animaes, nem na humanidade. A geração dos seres effectua-se espontaneamente, como o resultado natural de certas condições physiologicas, reunidas em algumas ilhas fertéis do planeta e os homens não se formam no ventre das mães, como aqui. Explicar-te o processo seria inutil, attendendo a que não podes julgar nem comprehender senão pelas tuas idéas terrestres e os factos d'este planeta são absolutamente extranhos a essas idéas. O resultado d'esta situação organica é não existir ali o casamento de maneira nenhuma, e as amizades entre os humanos não terem nunca as attracções carnaes que se manifestam na Terra, mesmo nas relações de amizade mais puras, entre duas pessoas de sexo differente. Deves lembrar-te, tambem, de que, durante o periodo protozoico, os habitantes da Terra eram todos surdos-mudos e não tinham sexo. A divisão dos sexos fez-se relativamente tarde na historia da Natureza, tanto nos animaes como nas plantas.

Attrahido, como te disse, para aquelle planeta distante, o olhar da minha alma examinou-lhe attentamente a superficie. Fixou-se particularmente, sem que eu conhecesse a razão predominante d'essa preferencia, em uma cidade branca, que parecia, de longe, uma região coberta de neve, mas era provavel que não fosse porque era para admirar que a agua existisse n'aquelle globo nos mesmos estados chimicos e physicos que na Terra. A' entrada da cidade havia uma alameda que ia ter a um bosque proximo, formado de arvores amarellas. Notei especialmente n'essa alameda tres pessoas que pareciam dirigir-se vagorosamente para o bosque. Este grupo compunha-se de dois amigos que conversavam com intimidade e de um ser que se distinguia d'elles pelo seu vestuario encarnado e pelo

fardo que levava, e que devia ser um creado, um escravo, ou um animal domestico.

Emquanto eu olhava com curiosidade para os dois personagens principaes, o da direita elevou o rosto para o céu, como se o tivessem chamado de um balão, e fixou o olhar na direcção de Capella, estrella que elle não via de certo, porque esta scena passava-se durante o dia. Oh! meu amigo, nunca esquecerei a impressão repentina que me causou aquelle espectáculo... Não posso ainda crêr, quando penso...

Esse homem do planeta da Virgem que olhava para mim sem o saber, era... dir-t'o-hei sem mais preambulos? pois bem: era *eu*...

Quærens. — Tu?

Lumen. — Eu, em pessoa. Reconheci-me instantaneamente, e podes calcular a minha admiração!

Quærens. — Decerto! Porque eu tambem já não comprehendendo absolutamente nada.

Lumen. — Effectivamente esta situação é inteiramente nova e precisa ser explicada.

Era eu, e reconheci, não só o meu rosto e a minha forma de outro tempo, mas tambem, na pessoa que caminhava a meu lado, um amigo intimo, o meu querido Kathlem, que foi companheiro dos meus estudos n'aquelle planeta. Segui-os com a vista até ao bosque dourado, atravez de valles deliciosos sombreados por cupulas de ouro, de arvores cobertas de grandes ramos côr de laranja, e de plantações de carpas com folhas de ambar! Uma fonte corria, murmurando, por cima da areia, e nós sentámo-nos ao lado d'ella. Lembro-me das horas encantadoras que passámos juntos, dos bellos annos decorridos n'aquelle terra longiqua, das nossas confidencias fraternaes, das impressões communs que sentiamos quando contemplavamos as formosas paisagens do bosque, as planicies silenciosas, as collinas cheias de sombra, os lagos que serriam para o ceu. As nossas aspirações elevavam-se para a grande e santa

natureza, e adoravamos Deus nas suas obras. Com que prazer tornei a ver esta phase da minha existencia precedente, e liguei a cadeia de ouro interrompida pela Terra!...

Realmente, meu querido Quaerens, era eu que vivia então n'aquelle planeta da Virgem. Via-me e podia continuar a observar a serie das minhas acções e tornar a ver directamente os melhores momentos d'aquella existencia remota. Além d'isso, se eu tivesse duvidado da minha identidade, teria adquirido a certeza mesmo durante a observação, porque, emquanto me estava contemplando, vi sahir do bosque e vir ao meu encontro o meu irmão d'aquella existencia, Berthor, que ficou conversando comnosco junto da fonte sussurrante.

Quaerens. — Porem, mestre, continuo a não comprehender de que maneira podias ver-te n'esse planeta da Virgem. Tinhas, então, o dom da ubiquidade? Podias estar, como Francisco de Assis ou Apollonio de Tyana, em dois logares ao mesmo tempo?

Lumen. — De maneira nenhuma. Examinando as coordenadas astronomicas do Sol Gamma da Virgem, conhecendo a sua parallaxe, vista de Capella, cheguei a certificar-me de que a luz d'aquelle sol não podia empregar menos de 172 annos a atravessar a distancia que o separa de Capella.

Eu recebia portanto actualmente o raio luminoso que partira d'aquelle mundo 172 annos antes. Ora, n'esta epoca vivia eu exactamente no planeta de que se trata, e tinha já chegado aos vinte annos.

Verificando as edades e comparando os differentes estylos planetarios, reconheci que tinha nascido n'aquelle mundo da Virgem no anno de 45904, (que corresponde ao anno de 1677 da era christã terrestre), e que morrera, de accidente, no anno 45913, que corresponde ao anno de 1767. Cada anno d'aquelle planeta é igual a dez dos nossos. No momento em que me vi como te disse agora, parecia ter vinte annos, falando terrestremente. Mas, no estylo do

planeta, tinha apenas dois; chega-se, ás vezes, á idade de quinze annos, que passa por ser o limite da vida n'aquelle globo, e que equivale a 150 annos terrestres.

O raio luminoso, ou, para falar com mais exactidão, o aspecto, a photographia d'aquelle mundo da Virgem levando 172 annos terrestres a atravessar a grande distancia que o separa de Capella, resulta d'ahi que, achando-me eu n'este ultimo astro, só agora recebia a imagem que partira 172 annos antes da constellação da Virgem. E, posto que as cousas tivessem mudado muito, que muitas gerações se tivessem succedido, que eu proprio tivesse deixado de existir e, depois d'essa epoca, tivesse tempo para tornar a nascer e viver 72 annos na Terra, a luz, comtudo, empregara todo esse tempo a percorrer a distancia que separa a Virgem de Capella, e trazia-me o aspecto d'aquelles factos passados havia tanto tempo.

Quærens. — Estando demonstrada a duração da viagem da luz, não tenho objecções a fazer. Não posso deixar de confessar, comtudo, que semelhante extravagancia excede tudo o que eu podia esperar da faculdade creadora da imaginação.

Lumen. — Não ha aqui imaginação, meu amigo. Ha apenas uma realidade eterna e sagrada que tem o seu lugar respeitavel no plano da criação universal. A luz de cada astro, directa ou reflectida, ou, falando de outra maneira, o aspecto de cada sol e de cada planeta, lança-se no espaço com a velocidade que conheces, e o raio luminoso contem tudo o que é visivel. Como nada se perde, a historia de cada mundo, contida na luz que sahe d'elle incessantemente e successivamente, atravessa o espaço infinito sem nunca poder extinguir-se. O olhar terrestre não poderia lèr n'ella. Mas ha olhos superiores aos terrestres. Mas, na Terra, mesmo, quando se examina com o telescopio, ou antes, com o espectroscopio, a natureza de uma estrella, sabe-se que não é a sua natureza actual que se está contemplando; que é o passado, transmittido por um

raio de luz que partiu de lá, talvez ha dez mil annos. . . Não se ignora que um certo numero de astros dos quaes os astrónomos da Terra procuram agora determinar os elementos physicos é numericos, e que brilham com esplendor, podem não existir desde o começo do mundo terrestre.

Quærens. — Sabemos isso tudo. Assim, viste passar debaixo do teu olhar a tua penultima existencia, 172 annos depois de ella ter acabado.

Lumen. — Ou antes uma phase d'essa existencia. Mas poderia evidentemente vel-a toda aproximando-me d'aquelle planeta como o fiz quando vi a minha existencia terrestre.

Quærens. — De maneira que viste na luz as tuas duas ultimas encarnações?

Lumen. — Exactamente, e, o que é mais ainda, vi-as e vejo-as ainda juntas, *simultaneamente*, uma ao lado da outra, por assim dizer.

Quærens. — Podes vel-as *ao mesmo tempo*?

Lumen. — O facto é facil de comprehender. A luz da Terra leva 72 annos para chegar a Capella. A luz do planeta da Virgem emprega 172 annos. Como eu vivia ha 72 annos na Terra, e cem annos antes no outro planeta, chegam precisamente *juntas* a Capella. Tenho, portanto, defronte de mim, olhando simplesmente para esses dois mundos, as minhas duas ultimas existencias, que se desenvolvem naturalmente, como se eu não as estivesse vendo e sem que eu possa mudar cousa nenhuma ás acções que vou praticar tanto n'uma, como na outra, visto que essas acções, ainda que presentes e futuras para a minha observação actual, na realidade já passaram.

Quærens. — É extraordinario! na verdade. Muito extraordinario!

Lumen. — O que me impressionou mais n'esta observação inesperada das minhas duas ultimas existencias desenvolvendo-se ao mesmo tempo e presentemente, para mim,

em dois mundos differentes, o que surprehendeu mais singularmente a minha attenção foi estas duas existencias parecerem-se excessivamente. Vi que tinha, pouco mais ou menos, os mesmos gostos em ambas, as mesmas paixões, os mesmos erros. Nem criminoso, nem santo, em nenhuma d'ellas. Além d'isso, (coincidencia extraordinaria!) vi na primeira paisagens analogas ás que vi na Terra. Explica-se d'esta maneira o gosto innato que eu trouxe para o mundo terrestre, pela poesia do Norte, pelas narrações de Ossian, pelas paisagens sonhadoras da Irlanda, pelas montanhas e pelas auroras boreaes. A Escocia, a Escandinavia, a Suecia, a Noruega com os seus fiordes, o Spitzberg com as suas solidões, attrahiam-me. As velhas torres arruinadas, os rochedos selvagens, os pinheiros sombrios sob os quaes murmura o vento do norte, tudo isto na Terra me parecia ter algumas relações occultas com os meus pensamentos intimos. Quando vi a Irlanda, pareceu-me que já lá tinha vivido. Quando fiz, pela primeira vez, a ascensão do Rigi e do Finsteraarhorn e assisti ao nascer esplendido do sol nos cumes, cobertos de gelo, dos Alpes, pareceu-me que já tinha visto tudo aquillo em outro tempo. O aspecto do Brocken não me pareceu novo. É porque eu tinha estado anteriormente em regiões analogas no planeta da Virgem. A mesma vida, os mesmos trabalhos, as mesmas circumstancias, as mesmas condições. Analogias, analogias! Quasi tudo o que vi, fiz e pensei na Terra, ja tinha visto, feito e pensado cem annos antes n'aquelle mundo anterior.

Sempre o tinha suspeitado!

O conjuncto da minha vida terrestre é comtudo superior ao conjuncto da precedente. Cada creança traz, quando nasce, faculdades differentes, predisposições especiaes, dissemelhanças innatas e incontestadas que não se podem explicar perante o espirito philosophico e a Justiça eterna senão por trabalhos feitos anteriormente pelas almas livres. Mas, posto que a minha vida terrestre fosse superior á precedente, principalmente por ter um conhecimento mais

exacto e mais profundo do systema dos mundos, devo, comtudo, notar que na Terra me faltavam algumas faculdades physicas e moraes, possuidas anteriormente. Em compensação, no globo terrestre possuia faculdades que não tinha recebido no outro planeta.

Entre as faculdades physicas que me faltavam na Terra, citarei com especialidade a de voar. No planeta da Virgem voava sempre que queria, sem apparelho aeronautico e sem azas, simplesmente com os braços e as pernas, como se nadasse. Examinando bem este modo de locomoção, reconhecia sem custo que não tinha azas nem balão, nem helice. Em um momento qualquer arremessava-me do solo com um movimento vigoroso da curva da perna, e, estendendo os braços, nadava sem fadiga no ar. Em outra occasião, descendo a pé uma montanha escarpada, arremessava-me no espaço, a pés juntos, e descia devagar e obliquamente, por minha vontade, até ao ponto em que tocava com os pés no solo, ficando direito e firme. Outras vezes voava lentamente, como uma pomba que descreve uma curva para entrar no pombal. Observei-me distinctamente fazendo isto tudo n'aquelle planeta.

Pois bem! Não foi uma vez; foram cem mil vezes, talvez, que me senti assim arrebatado nos meus sonhos terrestres; assim exactamente, com suavidade, naturalmente e sem apparelhos. Por que motivo se apresentarão tantas vezes semelhantes impossibilidades nos nossos sonhos? nada pode justificar-as; não existe nada igual no globo terrestre. Para obedecer instinctivamente a esta tendencia innata, arremessei-me muitas vezes na atmosphaera, preso á bola de gaz de um aerostato; mas a impressão não é a mesma; *não nos sentimos* voar, e chegamos a parecer immoveis. Agora já tendes a explicação d'esses sonhos: durante o somno dos meus sentidos terrestres, a alma tinha reminiscencias da sua existencia anterior.

Quærens. — Mas eu tambem muitas vezes me tenho sentido e visto voar em sonhos, e exactamente assim, com

um movimento do corpo devido unicamente á vontade, sem azas e sem apparatus. Viveria eu tambem no planeta da Virgem?

Lumen. — Ignoro-o. Se tivesses bons olhos ou instrumentos poderosos, poderias, mesmo do teu globo, distinguir este planeta, examinar-lhe a superficie, e, se, por acaso, lá tivesses existido na epoca em que partiram os raios luminosos que chegam agora á Terra, poderias ver-te a ti proprio. Mas tens o olhar muito fraco para tentares esta observação. Além d'isso, não é necessario teres habitado aquelle mundo para possuires a faculdade de aviação. Ha um numero consideravel de mundos onde o vôo constitue o estado normal, e onde toda a raça humana vive por intermedio d'esta faculdade. Realmente, ha poucos planetas onde os sêres rastejem como na Terra.

Quærens. — Resulta da tua visão precedente que a tua existencia terrestre não é a primeira, e que antes de viveres na Terra, viveste em um outro mundo. Crês então na pluralidade das existencias da alma?

Lumen. — Esqueces que falas a um espirito desencarnado? Devo render-me á evidencia estando a ver a minha vida terrestre e a minha vida anterior no planeta virginal. Recordo-me, além d'isso, de muitas outras existencias.

Quærens. — Ah! eis exactamente o que me falta para possuir essa convicção. Não me recordo absolutamente de nada que pudesse preceder o meu nascimento terrestre.

Lumen. — Estás ainda encarnado. Espera a liberdade para te recordares da vida espirituál. A alma não tem a memoria perfeita, não está em plena posse de si mesma, senão na vida normal, na vida celeste, isto é, entre as suas encarnações. Vê então não só a vida terrestre, mas tambem as outras existencias anteriores.

Como poderia uma alma envolvida nos laços grosseiros da carne e ligada á Terra para um trabalho transitorio, recordar-se da sua vida espirituál? E como essa recordação a prejudicaria! Que obstaculos oppunha á liberdade das

acções se mostrasse á alma o seu começo e o seu fim! Como mereceria cada homem o seu destino, se soubesse qual era? As almas encarnadas na Terra não chegaram ainda a um estado de adeantamento bastante elevado para que a recordação do seu estado anterior lhes possa ser util. A permanencia das impressões animicas não se manifesta n'este mundo de passagem. A lagarta não se lembra da sua existencia rudimentar dentro do ovo. A chrysalida adormecida não se lembra dos dias empregados no trabalho em cima das plantas rasteiras. A borboleta que vóa de flôr em flôr não se recorda do tempo em que a sua mumia dormia suspensa da teia, nem do crepusculo em que a sua larva se arrastava nas ervas, nem da noite em que estava sepultada na casca de uma semente. Isto não impede que o ovo, a lagarta, a chrysalida e a borboleta sejam um unico ser.

Quærens. — Comtudo, mestre, se já tivéssemos vivido antes de esta vida, ficar-nos-hia alguma cousa do passado. De outra maneira era como se essas vidas anteriores não tivessem existido.

Lumen. — Então não é nada chegar á Terra com aptidões innatas? Nascem duas creanças do mesmo pae e da mesma mãe, recebem a mesma educação, são creados com os mesmos cuidados, vivem no mesmo meio. Agora, examina-os ambos. São eguaes? não, de forma nenhuma. A egualdade das almas não existe. Um d'elles possui instinctos pacificos e muita intelligencia; hade ser bondoso, instruido, prudente, talvez illustre entre os pensadores. O outro tem instinctos dominadores, invejosos, brutaes. A sua carreira, accentuando-se cada vez mais, conduzil-o-ha á primeira classe dos exercitos e dar-lhe-ha a gloria (pouco para desejar, mas muito admirada na Terra) que anda ligada ao titulo de assassino official. Pouco ou muito accusada, esta differença de character, que não depende da familia nem da raça, nem da educação, nem do estado corporeo, manifesta-se em todos os homens. Podes reflectir á vontade

a este respeito : chegarás á convicção de que isto é absolutamente inexplicavel, — e não pode encontrar solução, a não ser nos estados anteriores das almas.

Quærens. — Muitos philosophos e doutores theologicos declaram, comtudo, que a alma é creada ao mesmo tempo que o corpo.

Lumen. — E em que momento preciso, não me dirás? E' na occasião do nascimento? Mas, tanto a legislação como a physiologia anatomica sabem perfeitamente que a creança vive antes de sahir da prisão uterina, e destruir um feto de oito mezes é já um assassinio. Em que epoca supões então que a alma apparece no craneo fluido do feto ou do embryão?

Quærens. — Alguns padres da Egreja indicaram a sexta semana da gestação. Outros preferiram o momento em que a concepção se produz.

Lumen. — Que amarga irrisão ! Querias que os designios eternos do Creador estivessem submettidos aos desejos, aos caprichos, á chamma intermittente de dois corações amorosos ! Ousas admittir que o nosso ser immortal seja creado pelo contacto de duas epidermes ? Estás disposto a acreditar que o pensamento que governa os mundos esteja á disposição do acaso, da intriga, da paixão e, ás vezes, do crime ? Pensas que o numero das almas depende do numero de flôres tocadas pelo pó fecundante do pollen com azas de ouro ? Mas semelhante doutrina, semelhante supposição não é blasphematoria para com a dignidade divina, para com a grandeza espiritual da nossa alma ? E não é além d'isso, a materialisação completa da nossa faculdade intellectual ?

Quærens. — Effectivamente seria muito extraordinario que um facto tão importante como a criação de uma alma estivesse submettido a um motivo carnal, fosse o resultado fortuito de uniões mais ou menos legitimas. Tambem me parece que a differença de aptidões que nasce comnosoo não é explicada por causas organicas. Mas, para que ser-

vem muitas existencias se, quando se recomeça uma nova já não ha memoria das precedentes? Não acho muito agradavel uma viagem sem fim atravez dos mundos e uma transmigração eterna. Porque, finalmente, é necessario que haja um termo em tudo isto e que, depois de tantos seculos de viagem, acabemos por descançar logo em seguida á primeira existencia. . .

Lumen. — Mas, lembra-te de que és homem, que não conheces o espaço nem o tempo; não sabes que fora do movimento dos astros o tempo não existe e a eternidade não se mede; não sabes que, no infinito da extensão sideral o espaço não é mais do que uma palavra vã; ignoras tudo: principio, causa, fim, tudo te passa despercebido; atomo collocado sobre um atomo mobil, não fazes nenhuma apreciação exacta do universo; e, n'uma tal ignorancia, n'uma tal obscuridade querias comprehender, apreciar e abranger tudo! Mas era mais facil fazer entrar o Oceano em uma casca de noz do que fazer comprehender a lei dos destinos ao teu pobre cerebro terrestre. Não podes, fazendo um uso legitimo da faculdade de inducção que possues, deter-te nas consequencias directas que resultam da observação calculada? Esta observação prova que não somos eguaes quando chegamos ao globo terrestre; que o passado é semelhante ao futuro, e que a eternidade que está deante de nós é a mesma que nos precede; que, nada se cria na natureza e nada se extingue; que a natureza se espalha por todas as cousas que existem, e que Deus, o espirito, a lei, o numero, não pertencem menos á natureza do que a materia, o peso, e o movimento; que a verdade moral, a justiça, a prudencia, a virtude existem no mundo exactamente como a realidade physica; que a justiça ordena a equidade na distribuição dos destinos; que estes não terminam no planeta terrestre, que o ceu empyreo não existe e que a Terra é um astro do ceu; que ha outros planetas habitados que pairam, como este, no espaço, abrindo aos vãos da alma um campo inexgotavel; e que

o infinito do universo corresponde, na criação material-à eternidade das nossas intelligencias na criação espiritual. Estas certezas, acompanhadas das inducções que nos inspiram, não são sufficientes para desembaraçar o teu espirito dos prejuizos antigos e entregar ás tuas idéas livres um panorama digno dos desejos vagos e profundos das nossas almas?

Poderia illustrar este esboço geral com exemplos e pormenores que te impressionariam, talvez, mais. Contento-me em accrescentar que ha na natureza outras forças além das que conheces, cuja essencia assim como o modo de acção, são muito differentes da electricidade, da attracção, da luz, etc. Ora, entre estas forças naturaes desconhecidas ha uma, particularmente, cujo estado ulterior apresentará descobertas singulares para elucidar os problemas da alma e da vida. Esta força fluidica invisivel é o laço mysterioso que une alguns sêres vivos sem elles proprios o saberem e que já se tem manifestado em muitas circumstancias. Ha dois seres que *se amam*. Não podem, de maneira nenhuma, viver separados. Se a força dos acontecimentos traz uma separação, os nossos dois amantes ficam desorientados e as suas almas estarão constantemente ausentes dos corpos para se reunirem apesar da distancia. Os pensamentos de um são os mesmos do outro; as commoções que um d'elles sente são tambem sentidas pelo outro; e vivem juntas apesar da separação. Se alguma desgraça fere um d'elles, o outro resente-se d'ella.

Algumas d'estas separações teem causado a morte. Quantos factos estão provados, por testemunhas irrecusaveis, da apparição espontanea de uma pessoa a um amigo intimo, de uma mulher ao marido, de uma mãe a um filho. e reciprocamente, exactamente na occasião em que a pessoa que apparecia estava a morrer, ás vezes a uma grande distancia kilometrica? A critica mais severa não pode hoje negar estes factos, provados authenticamente. Duas creanças gêmeas, vivendo a dez leguas de distancia uma

da outra, soffrem ao mesmo tempo a mesma doença, ou, se uma d'ellas se fatiga em excesso, a outra sente um mal estar que não tem explicação. Estes factos multiplos provam que existem laços sympathicos entre as almas e mesmo entre os corpos, e fazem-nos pensar, mais uma vez, que estamos longe de conhecer todas as forças em acção na natureza.

Se te revelo estas cousas, meu amigo, é para te mostrar, sobre tudo, que podes presentir a verdade antes de morreres e que a existencia terrestre não é tão desprovida de luz que não se possa, por meio do raciocinio, chegar a reconhecer os factos principaes do mundo moral. Além d'isso, todas estas verdades devem revelar-se no seguimento da minha narração, quando te disser que não foi só a minha penultima existencia que vi assim, directamente, graças á demora da luz; tambem vi a precedente e, até agora, mais de dez existencias anteriores áquella em que nos conhecemos na Terra.

II

Quærens. — A reflexão e o estudo, ó Lumen! já me tinham aproximado da crença na pluralidade das existencias da alma. Mas esta doutrina está longe de ter a seu favor provas logicas, moraes e até physicas, tão numerosas e tão evidentes como a da pluralidade dos mundos habitados, e confesso que, até hoje, tinha sempre conservado duvida a esse respeito. A optica moderna e o calculo transcendente, que nos permitem quasi tocar nos outros mundos, mostram-nos os seus movimentos, os seus annos, as suas estações e os seus dias, fazem-nos assistir ás variações da natureza na sua superficie; todos estes elementos concorreram para que a astronomia contemporanea fundasse a doutrina da existencia humana nos outros astros sobre uma base solida e indestructivel. Mas, não se dá o mesmo caso com a palingenesia, e posto que esteja muito

inclinado a crêr na transmigração das almas no verdadeiro céu, visto que é esse o unico meio de representar a vida eterna, as minhas aspirações precisam, para se sustentarem e consolidarem, uma luz que ainda não possuem.

Lumen. — E' precisamente essa luz que fórma hoje o assumpto da nossa conversa, e espero que a has de vêr. Eu tenho, confesso-o, uma vantagem sobre ti; falo depois de ter visto e limito-me rigorosamente a ser o interprete exacto dos acontecimentos terrestres que pertencem actualmente á minha vida espiritual. Mas como a tua intelligencia pôde sentir a possibilidade, a verosimilhança da explicação scientifica da minha narração, á medida que a fôr ouvindo, aclarar-se-ha e augmentará a facilidade em comprehender.

Quærens. — Fala, estou sempre ancioso por te ouvir.

Lumen. — A luz, como já comprehendeste, encarrega-se de dar á alma desencarnada a *vista directa* das suas existencias planetarias.

Depois de ter visto a minha existencia terrestre, vi a minha penultima vida em um dos planetas da Gamma Virginis. Como a luz me mostrava a primeira setenta e dois annos antes, e a segunda cento e setenta e dois, via, de Capella, o que eu era na Terra ha setenta e dois annos e o que era no mundo virginal ha cento e setenta e dois. Aqui estão, portanto, duas existencias *passadas e successivas* que se tornaram para mim *presentes e simultaneas*, em consequencia das leis da luz que as transmite.

Ha quinhentos annos, pouco mais ou menos, vivia eu em um mundo, cuja posição astronomica, vista da Terra, é precisamente a do seio de Andromeda, o seio esquerdo. Os habitantes d'aquelle mundo não imaginam, decerto, que os habitantes de um planetasinho do espaço reuniram as estrellas por meio de linhas ficticias, traçaram figuras de homens, de mulheres, de animaes, de objectos differentes, e incorporaram os astros (para lhes dar um nome) n'estas figuras mais ou menos originaes. Os homens planetarios

ficariam bem admirados se lhes dissessem, que na Terra, algumas estrellas tem os nomes de Coração do Escorpião (que coração!) Cabeça do Cão, Cauda da Úrsa Maior, Olho do Touro, Pescoço do Dragão, Fronte do Capricornio! Não ignoras que as constellações desenhadas na esphera celeste, as posições das estrellas n'esta esphera não são reaes nem absolutas, são unicamente causadas pela situação da Terra no espaço, e, assim, não passam de uma questão de *perspectiva*. Uma pessoa que, do cume de uma montanha, tomar o panorama circular e fixar no seu plano a posição respectiva de todas as elevações que lhe apparecem, das collinas, dos valles, das aldeias, dos lagos, fórma um mappa que não pôde servir senão para o lugar onde está. Se se transportar a uma distancia de vinte leguas, as elevações estarão visiveis ainda, mas situadas em posições reciprocas, completamente differentes, resultantes da mudança de perspectiva. O panorama dos Alpes e do Oberland, visto de Lucerna e do Pilatos, não se parece nada com o que se observa do Faulhorn ou da Scheinige Platte por cima de Interlaken. São, comtudo, as mesmas elevações e os mesmos lagos. Dá-se exactamente o mesmo caso com as estrellas. Vêem-se as mesmas da estrella Delta de Andromeda que se vêem da Terra. Mas as constellações são completamente differentes; todas as perspectivas celestes se mudam; as estrellas de primeira grandeza tornam-se de segunda ou de terceira; algumas de ordem inferior, vistas ao pé, tornam-se brilhantes, e sobretudo a situação respectiva das estrellas umas com as outras varia completamente em consequencia da differença de posição entre esta estrella e a Terra.

Quærens. — D'esse modo, as constellações que, durante tanto tempo temos imaginado traçadas indelevelmente na abobada celeste, são devidas, apenas, à perspectiva. Mudando de posição, mudam as perspectivas e o céu não fica o mesmo. Mas, n'esse caso, não devia haver para nós uma mudança de perspectivas celestes com seis mezes de in-

tervallo, visto que n'esse intervallo a Terra muda muito de posição e vae collocar-se a 74 milhões de leguas de distancia do ponto que occupava seis mezes antes?

Lumen. — Essa objecção prova que comprehendeste perfeitamente o principio da deformação das constellações á medida que se avança, no espaço, para qualquer lado que seja. Seria assim effectivamente se a orbita terrestre fosse de dimensões bastante vastas para que os dois pontós oppostos mudassem a vista da paisagem celeste.

Quærens. — Setenta e quatro milhões de leguas. . .

Lumen. — Não são nada na ordem das distancias celestes, e mudam tanto as perspectivas das estrellas como um passo dado na lanterna do Pantheon muda para o observador a posição apparente dos edificios de Paris.

Quærens. — Alguns mappas da edade média fazem do zodiaco o arco do empyreo, e collocam algumas constellações, taes como Andromeda, a Lyra, Cassiopea, a Aguia, na mesma região que os Seraphins, os Cherubins e os Thronos. Tudo aquillo era grande phantasia, se as constellações não existem na realidade, e são aproximações apparentes devidas á perspectiva.

Lumen. — Evidentemente. O antigo céu theologico não tem hoje razão de ser, e o simples bom senso prova que elle não existe. Duas verdades não pôdem ser oppostas uma á outra, é necessario que o céu espiritual corresponda ao céu physico: provar-t'o-hei nas minhas narrações.

No mundo de Andromeda, que já citei, não existe nada da constellação de Andromeda. As estrellas, que, vistas da Terra, parecem estar reunidas e serviram para desenhar na paisagem celeste a filha de Cepheo e de Cassiopea, estão disseminadas no espaço, a todas as distancias e em todas as direcções. Não se poderia encontrar ali, nem em outra qualquer parte, os menores vestigios dos traços da mythologia terrestre.

Quærens. — A poesia perde muito com isso. . . Eu sentia uma alegria suave se soubesse que tinha residido durante

uma existencia inteira no seio de Andromeda. Havia n'isso um perfume mythologico e uma sensação vital. Gostava de ser transportado para lá, sem temer o monstro nem me importar com o joven Perseu acompanhado pela cabeça de Medusa e pelo celebre Pegaso. Mas agora, graças ao escarpello da sciencia, já não ha a princeza exposta ao furor das ondas, nem a virgem da espiga de ouro, nem Orion perseguindo as Pleiades; Venus desapareceu do firmamento da tarde, e o velho Saturno deixou cair a fouce na escuridão da noite. A sciencia fez desaparecer tudo! Chego a lastimar que haja progresso.

Lumen. — Preferes, n'esse caso, a illusão á realidade? Não sabes que a verdade é incomparavelmente mais bella, mais sublime, mais admiravel e mais maravilhosa do que a phantasia mais adornada? que comparação existe entre todas as mythologias passadas e presentes e a simples contemplação scientifica das grandezas celestes e dos movimentos da natureza? Que facto poderia commover a alma mais profundamente do que o do espaço occupado pelos mundos e a immensidade dos systemas sideraes? Que palavras ha mais eloquentes do que o silencio de uma noite estrellada? Que imagem poderia transportar o pensamento a um abysmo de admiração mais implacavel do que a viagem intersideral da luz tornando eternos os factos transitorios da vida de cada mundo? Despoja-te, portanto, meu amigo, dos teus erros antigos e sê verdadeiramente digno da magestade da sciencia. Ouve a continuação.

Em consequencia do tempo que a luz emprega para passar do systema de *delta* de Andromeda para Capella, vi n'este anno, em 1869, a minha antepenultima existencia passada ha 550 annos. Aquelle mundo é singular, em relação á Terra. Ha apenas um reino: o reino animal. O reino vegetal não existe. Mas este reino animal é muito differente do nosso, posto que a sua raça superior, a raça intelligente, possua cinco sentidos como na Terra. É um mundo sem somno e sem fixidez. Está completamente envolvido em

um oceano rosado menos denso do que a agua terrestre e mais denso do que o ar. E' uma substancia que, como fluido, fica entre o ar e a agua. Não tentes imaginar exactamente a sua qualidade; não o conseguirias, porque a chimica terrestre não apresenta nenhuma substancia igual a esta. O gaz acido carbonico, que se conserva invisivel no fundo de um copo e que se entorna como a agua, pôde dar-te uma idéa d'esta substancia. Este estado é devido a uma quantidade de calor e de electricidade em permanencia n'este globo. Não ignoras que não existe na Terra, na textura de todos os seres, mineraes, vegetaes e animaes, mais do que tres estados de corpos: o solido, o liquido, e o gazoso, e que estes tres estados teem por causa unica o calor derramado pelo Sol na superficie terrestre. O calor interior do globo não exerce senão uma acção insensivel na mesma superficie. Menos calor solar tornaria liquidos os gazes e solidificaria os liquidos. Mais calor derreteria os solidos e evaporaria os liquidos. E' sufficiente suppor mais ou menos quantidade de calor para fazer ar liquido (ar liquido, comprehendes?) e marmore gazoso. Se, por um motivo qualquer, o planeta terrestre fugisse um dia sobre a tangente da sua orbita e se afastasse na obscuridade gelada do espaço, verias a agua terrestre tornar-se solida, os gazes tornarem-se liquidos e esses liquidos tornarem-se solidos... verias! não, não verias nada se ficasses na Terra, mas poderias, no espaço, assistir a este espectaculo curiosissimo, se o globo terrestre se lembrasse de fugir pela tangente. E nota, que se a chegada d'este frio colossal fosse repentina, os seres ficariam gelados immediatamente, e o globo levaria para o espaço o panorama extravagante de todas as raças, humana e animal, fixas e immoveis, para sempre nas posições variadas em que cada individuo e cada ser estivesse no momento da catastrophe.

Ha alguns mundos assim. São cometas habitaveis, cujos seres, detidos insensivelmente na vida pela fuga rapida do

cometa para longe do Sol, ficariam parados como milhares de estatuas. Quasi todos estão deitados, porque esta mudança profunda da temperatura leva muitos dias a produzir-se. Estão em montão, aos milhões, mortos, ou antes adormecidos n'uma lethargia completa. O frio conserva-os. Tres ou quatro mil annos mais tarde, quando o cometa voltar do seu aphelio escuro e gelado para o seu perihelio brilhante, proximo do Sol, o calor fecundo acaricia esta superficie com os seus raios protectores; vae augmentando rapidamente. Quando chega ao gráu que caracteriza a temperatura natural d'esses seres, fal-os resuscitar com a idade que tinham no momento em que adormeceram. Continuam então os seus negocios da vespera (antiga vespera!) sem saberem que estiveram dormindo (sem sonhos) durante tantos seculos. Alguns continuam uma partida de jogo começada e acabam uma phrase cujas primeiras palavras foram ditas quatro mil annos antes. Tudo isto é muito simples. Já sabemos que o tempo não existe, na realidade.

(Continúa)

Camille FLAMMARION.

PRINCEZINHA

TERCEIRA PARTE

II

(Continuação)

.....
... Muito direita e pallida, como se tivesse perdido o sangue gotta a gotta, por alguma ferida mortal, M.^{me} de Pardeilhac, sem pronunciar uma palavra, fitava André, e nas suas pupillas fixas, quasi hypnotisadas, pesava uma tal aniedade, uma desolação tão pungente, tão profunda, que elle sentiu frio no coração e presentiu immediatamente o inexoravel desenlace — esse fim de tudo, do qual tinha em vão adiado o termo, durante mezes e mezes...

... Era o olhar supplicante, desvairado, de um naufrago que fluctua agarrado a um madeiro nos remoinhos das grandes vagas, que desfallece e estremece de terror, tanto como de frio e de fome, e procura no horisonte alguma vela, alguma luz, algum fumo, vindo a perder-se sempre na linha immutavel do céu e da agua, na solidão do infinito desolada e silenciosa...

... Elle, por sua parte, illudia-se ainda com um resto de chimera, empenhava-se em duvidar, em conservar um resto de esperanza, um resto de sonho, deante d'aquelle

olhar onde se reprezavam lagrimas que não podiam correr, e M. de Laumières sentia-se abalado até ao mais fundo do seu sêr, vacillava como um accusado exausto de forças, do qual se prescruta a consciencia, do qual se escava o passado, e afastava a cabeça, não ousando supportar-lhe a oppressiva fixidez...

... O que devia acontecer cedo ou tarde, tinha acontecido. Como? Por que causa, por que crueis revelações? Elle ignorava-o e ignoral-o-hia sempre, na sua vontade absoluta de desaparecer, de se sumir sob aquelle choque fatal...

... Já que o odioso destino o havia marcado na fronte para ser desgraçado, já que se não havia erguido um instante, nem transposto o caminho dos paraizos, nem saboreado o mel ineffavel da ventura, senão para recahir mais fundo, para succumbir na vespera da libertação sob o peso do antigo jugo, já que M.^{me} de Pardeilhac acordava do seu bello sonho, media a indignidade do homem, ao qual se havia entregue toda inteira, — sem pensar no dia seguinte, sem receiar nenhuma traição, — submetter-se-hia, abandonaria a lucta, acabaria com uma existencia onde tudo o esmagava, onde expiava tão caras algumas horas de repouso, de ternura e de alegria...

... De repente, Renata aprumou-se, e n'uma voz de agonisante que já não tem vibração, murmurou apenas:

— E' verdade?

... E M. de Laumières, como um condemnado que se accusa no momento de morrer, respondeu-lhe com inflexões surdas, inintelligiveis:

— E' verdade!

... Não trocaram nenhuma outra palavra, e calaram-se ambos depois d'essas duas phrases breves, d'essa pergunta e d'essa resposta que decidiam da sua vida, que despedaçavam o seu amor.

... Ella poupou-lhe a tortura de se amesquinhar, de se humilhar, de confessar, que tinha quasi mentido. Não lhe

dirigiu nenhuma recriminação, nenhuma queixa. Teve dó do sofrimento por que elle estava passando, que lhe contrahia e enrugava o rosto, como uma mascara, que lhe inchava as palpebras.

... Elle não implorou a sua clemencia, não tentou vencer o seu orgulho, desculpar-se, procurar rasões inuteis, atormental-a com rogativas vãs, e foi essa a ultima prova de amor, que um ao outro deram, — a ultima prova d'essa ternura tão delicada, tão exquisita, tão absoluta, que subsistia n'esse dilacerar de um rompimento, que era como que o adeus desesperado de dois viajantes, que o acaso juntou por alguns mezes no mesmo porto, e que um dia teem de partir, cada um para seu lado, e para nunca mais se vêrem...

... Não se abraçaram...

... Não se olharam mais...

... M. de Laumières, de cabeça baixa, com as orelhas cheias de zumbidos, a garganta secca como depois de uma longa jornada, sahiu da sala, atravessando a saleta a passos largos.

... Mas no jardim, no momento de transpór a grade, o infeliz teve um momento de recuo, voltou-se para a casita branca, rejuvenescida e alegrada por trepadeiras e stores de lona branca e côr de rosa, contemplou-a com uma nostalgia desesperada como um eden para sempre perdido, esperou não sabia o quê, talvez um grito de adeus, talvez um chamamento, talvez um beijo que lhe fosse atirado com as pontas dos dedos — no vago...

... As portas janellas estavam abertas de par em par...

... Elle distinguia M.^{me} de Pardeilhac como em um nimbo de luz, seguia-lhe os gestos, os movimentos, distinguia-lhe as alterações do rosto, e, quando a viu tão aterrada, tão prostrada, que se apoiava a cada movel para não cahir, e bruscamente, agitando no ar as duas mãos, precipitar-se para a porta como uma louca, julgou-se salvo, teve a tentação de correr para ella, de se deitar aos seus

joelhos, de lhe dizer tudo quanto tinha soffrido, e que não era tão culpado, que a sua felicidade tão nova lhe tinha feito perder a razão, que a adorava, que não podia viver sem ella, sem o seu amor, sem os seus beijos, que ella devia perdoar-lhe, que aquella mulher não era para elle senão uma recordação odiosa, que se livraria d'ella honestamente, lealmente, e que ella jámais se ergueria entre ambos como um mau phantasma...

... E, n'esse momento, Suzanninha, que voltava da praia com um grande arco, as faces vermelhas de ter corrido, agarrou-se a sua mãe, e esta, febrilmente, levantou-a, apertou-a junto ao peito, com tanta força, com uma tal paixão, com uma tal necessidade de se anniquilar em qualquer ternura, de se prender a qualquer cousa, que a creança debateu-se, chegou a chorar com aquellas festas que a incommodavam, que a assustavam, e gritou:

— Tu fazes-me mal, mamã, fazes-me mal!

... Então, M. de Laumières abriu a grade e fugiu correndo a direito na sua frente pela estrada fóra, como um animal perseguido por uma matilha voraz e aos uivos.

... Tudo estava acabado, tudo estava morto...

... E aquelle mar tranquillo como um lago adormecido, aquelle sol que descahia como uma toalha azul e côr de rosa, aquelles perfumes errantes no ar, aquellas canções que subiam das villas com accordes de piano, pareceram-lhe uma zombaria sinistra e implacavel, irritaram-o a tal ponto, que blasphemava a cada passo, chegando a ponto de mostrar ao céu o punho cerrado, como um doido, e exclamando:

— Foi então para isto que nós fomos creados, para soffrer, soffrer ainda e sempre, foi para isto que no meio de angustias e agonias nossas mães nos dão á luz... Não ha, então, nada lá em cima, nada, nada!

... E penetrou nos pinhaes, d'onde se elevava, como um vago gemido monotono e embalador, o surdo palpar dos ramos, que o vento do largo agita e espalha pela areia...

III

... No passeio publico doirado pelo sol, uma mulher de idade indefinida, com os seus grandes olhos empallidecidos, cujo olhar fluctua átono e vago, sem se fixar em cousa alguma, sem se atear em nenhum clarão passageiro, com os seus bandós quasi inteiramente brancos, e o rosto doentio, como que cavado e deformado por irremediaveis angustias...

... De lucto, com o lucto severo das viúvas, que cerraram para sempre o coração cheio de lembranças e que não querem consolar-se mais, o negro que entristece como um mau presagio, que evoca não se sabe o quê de hermetico, de fervente, e faz pensar nos psalmos dolorosos, nas eternas nostalgias, no desconhecido da morte...

... A elegancia innata que persiste a despeito das proações onde a alma sossobrou como n'um naufragio, a despeito do tédio, da absoluta indiferença em que se compraz, em que se afunda todo o ser — essa elegancia da parisiense que se vae encontrar mesmo no talhe do vestido mais simples, nas inflexões de uma phrase, no pregar de um chapéu, no menor gesto...

... Qualquer cousa ainda nas linhas, nas feições, — o que fica, em uma medalha, do cunho e da effigie antigas, — que surprehende, que as outras mulheres notam immediatamente, e saudam n'uma acclamação brusca: «Deve ter sido uma bonita mulher!»

... Em outro tempo, quem sabe há quantos annos longinquos e fugitivos... E, comtudo, essa enigmatica conduz pela mão uma pequenita, que nem mesmo tem ainda idade para entrar no convento, uma desenvolta magrinha que grita e ri correndo, que volta atraz assustadiça logo que se afastou de mais do vestido preto, e sente-se bem que essa creança lhe pertence, pelo modo como ella a envolve no olhar das suas pupillas baças, como ella segue os seus movimentos, a affaga, e a chama para ao pé de si.

... Adivinha-se que ella não se resignou a viver, que não supporta a cruz das suas afflicções, que não lucha contra o seu mal, contra os seus rancores, senão por causa d'aquella cabecita loira cujo riso a encanta e por instantes a tranquillisa como um balsamo...

... Uma viuva ou uma abandonada, uma alma ferida pela vida e cuja sangrenta chaga jámais ha de cicatrizar, cujo coração recebeu o golpe de misericordia...

... Segue-as a passo o *landau* cheio de almofadas e agasalhos...

... E' em Cannes, ao longo da Croisette...

... Um dia de fevereiro suave e tépido, com gaiivotas brancas redemoinhando por cima do golpho palhetado de scentelhas, e ramos de mimosas em flor, cujos cachos d'ouro pendem por cima dos muros dos jardins, embalsamando os ares e a poeira impalpavel, de perfumes subtis, quasi inebriantes.

... Grandes barcos deslisam, traçam longos sulcos brancos sobre a agua setinosa...

... O mar embate no muro do caes, n'um murmurio de adormecer, cortado pelo sibilar d'apitos, pelo estalar de chicotes e pelos gritos das creanças brincando...

... Tudo isso n'uma claridade radiosa, n'uma apotheose de sol que recorta ao longe, no porto, vultos de navios ancorados, velas, mastros, vergas encruzadas e, mais longe ainda, o esbatido de uma velha cidade provençal, colorida, alegre, attrahente, com terraços, uma torre de tijolos côr de rosa perfilada como uma sentinella, e ao lado a igreja cujos vitraes teem esplendentes vibrações de luz... e depois os cimos recortados, roxos, do Esterel, que se prolongam e correm no horisonte...

... E carrinhos de mão, impellidos a passos meudos por alguma irmã da caridade, com o seu grande lenço branco, dê largas azas fluctuantes, ou por algum creado indolente de labios molles abertos por continuos bocejos — carrinhos onde algum pobre doente contempla com uma

especie de loucura o ceu azul, o mar, as mulheres e as flores, como se visse tudo isso pela ultima vez...

... Uma alegria facticia onde estala, como uma advertencia desesperante, a tosse violenta e rouca dos tísicos que vão e vêm, com as pernas vergadas pela fadiga, a cabeça emmagrecida, abrigada sob um chapéu de sol, branco...

... O ruidoso sotaque da Provença, fazendo estostrar aqui e acolá a sua fanfarra, entre o arrastar de vozes apagadas, tagarelices de raparigas inglezas flirtando, e a musica langorosa das phrases italianas...

... A pequenita voltou-se e, obstinadamente, como se procurasse na memoria alguma figura familiar já vista, encara com os seus grandes olhos claros um passante, cuja alta estatura vae muito dobrada, e que caminha pelo braço d'um amigo, com paragens para tomar alento, trocando ambos breves farrapos de conversa immediatamente interrompidos...

... Sim, ella encontrou já esse homem, ouviu já o som d'essa voz, recorda nomes um a um, e não consegue desembaraçar uma idéa nitida na confusa baralhada que perturba a sua pequenina cabeça d'arveloa...

... Tambem elle foi vencido, deixado apoz a batalha no montão dos moribundos que agonisam em convulsões; arrasta, apesar da sua vontade, os restos do seu sêr, e bem diria a Inexoravel se ella lhe trouxesse finalmente o repouso, o somno de que ninguem acorda...

... Que historia lamentavel é a sua? D'onde vem elle? Queimou, acaso, a sua vida como tantos imbecis, cavalgou as chimeras impossiveis sobre as quaes a gente se embala, e d'onde se é derrubado cedo ou tarde, tendo exaurido até á saciedade todos os gosos? Foi, por ventura, enganado? Sentiu o seu coração parar de repente como quando se vae morrer, e a cabeça vasar-se-lhe como por uma fenda, uma noite em que a sua felicidade desabou, em que elle duvidou de tudo, das suas adorações, dos seus

sonhos, das suas esperanças? Errou o caminho quando se aventurava à procura dos paraizos fabulosos d'onde se quizera nunca mais voltar!

... Ou cançado, subverteu-se em todas as embriaguezes funestas e artificiaes, ou então, até ao momento em que a machina, tendo trabalhado de mais, se desconjuncta e desfaz, proseguiu elle o esquecimento absoluto, o torpor em que se fica preso como n'um lago de lama, em que se perde a noção do tempo, do presente, do passado e do amanhã?

... Separado de uma mulher que elle adorava, por qualquer injustiça do destino, — esse caçador malfasejo que não poupa nem os bons, nem os maus, nem os fortes, nem os fracos, — tentou elle arrancar essa teimosa imagem, da sua cabeça e do seu coração? Desceu aos peores deboches, mendigou caricias que anniquilam, desperdiçou as forças, a intelligencia e a energia por todos os leitos, por todas as alcovas onde se encontram vendedoras de esquecimento?

... Nos sulcos profundos das rugas que lhe vincam a testa, nos cantos das suas palpebras e da sua bôca, na amargura do seu olhar embaciado e doloroso, nos tremores friorentos do seu corpo e dos seus dedos, accusam-se todos os pormenores de uma existencia abortada e lamentavel, de uma d'essas tragedias humanas nas quaes se desempenhou a parte mais cruel...

... O amigo quasi que lhe metteu um cigarro na bôca, e dir-se-hia que no fundo azulado evolando-se em espiraes no ar ligeiro o infeliz doente segue contornos, um perfil, um vulto — a visão com que ha de ser perseguido sem treguas...

... Passaram mesmo junto d'aquella mamã, que leva a filha pela mão...

... Elle olhou-a distrahidamente, como olhava para as carruagens que atravessam o passeio, e para as outras mulheres que o roçam com os seus vestidos...

... Nem um estremecimento; quasi espanto e um recuo

brusco deante d'aquella mancha negra, que lhe mette medo como um signal funebre.

... E a pequenita exclama, alegre porque finalmente o reconheceu:

— Olha que é verdade, maman, é o nosso amigo André; eu vou falar-lhe!

... E M.^{me} de Pardeilhac puxou-lhe quasi brutalmente pela mão; e voltando-se, caminhou a grandes passadas como quando se foge de um perigo, arrastando Suzanna, que não comprehende nada d'aquillo, e cujos olhos se enchem de lagrimas.

René MAIZEROT.